

Os profetas previram episódios da vida de Jesus?



O profeta Isaías prediz o nascimento de Cristo,
por Harry Anderson (1906-1996)

Paulo Neto

Os profetas previram episódios da vida de Jesus?

(Versão 21)

*“Vale mais repelir dez verdades do que admitir
uma só mentira, uma só teoria falsa.” (Erasto)*

Paulo Neto

Copyright 2018 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:
<https://history.churchofjesuschrist.org/exhibit/harry-anderson-legacy-in-the-making?lang=eng#mv20>

Revisão:
Hugo Alvarenga Novaes
Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira
Rosana Netto Nunes Barroso

Diagramação:
Paulo Neto
site: <https://paulosnetos.net>
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, janeiro/2018.

Índice

Prefácio.....	4
Introdução.....	12
Informações a respeito dos profetas e das profecias.....	30
Quais são os livros considerados proféticos?.....	54
a) Salmo.....	54
b) Isaías.....	64
A opinião de alguns renomados estudiosos e pesquisadores da Bíblia.....	86
Eventos ocorridos com Jesus que são considerados como previstos no Antigo Testamento.....	122
a) Evangelho Segundo Marcos.....	126
b) Evangelho Segundo Mateus.....	151
c) Evangelho Segundo Lucas.....	283
d) Evangelho Segundo João.....	312
e) Atos dos Apóstolos.....	329
f) Romanos.....	343
g) 1ª Coríntios.....	349
h) 1ª Carta de Pedro.....	352
O precursor do Messias.....	357
Opinião de Allan Kardec a respeito de predições.....	362
Predições de Joel e João que Allan Kardec viu se cumprir com o Espiritismo.....	377
Conclusão.....	400
Referências bibliográficas.....	407
Apêndice: Bíblia Thompson – Profecias.....	418
Dados biográficos do autor.....	429

Prefácio

Nunca li um opúsculo com tanta avidez e rapidez e vamos agora ao trabalho, mas, pela minha maneira contestadora, não sei se conseguirei atender às expectativas do amigo Paulo Neto.

Vamos começar comentando algumas passagens da Introdução do trabalho em tela:

1ª) *“Faremos uma análise de várias passagens bíblicas, tidas como profecias a respeito de Jesus, o Messias, considerado o enviado de Deus **com a missão de libertar os judeus, do domínio estrangeiro**, povo esse que teria supremacia em relação aos demais.”*

2ª) *“Uma coisa, que nos chama a atenção, é o fato de que **o povo da época, a quem todas essas profecias teriam sido dirigidas, não aceitou Jesus como sendo o Messias**; daí estranharmos por conta de que as correntes religiosas ditas cristãs o têm nesse conceito. Ao que tudo indica, houve, nos evangelhos, uma preocupação, por parte de seus seguidores, de colocar Jesus como sendo o Messias esperado.”*

O Paulo Neto já sabe muito bem o que penso do falso “deus” hebreu-judeu, que, aliás, é o que ele pensa também, encerrando um trabalho dele, “Uma História de Estarrecer”, com a locução: *“É por esse e outros muitos absurdos que não posso, em sã consciência, aceitar a Bíblia como sendo mesmo a palavra de Deus. Os que assim acreditam, de duas uma: leram e não entenderam nada ou estão evolutivamente próximos desse bárbaro deus tribal.”*

Somado a isso temos também: “O Divino Mestre Yeshu’a” (O Divino Mestre Jesus) havia tratado o “falso deus” hebraico, não o verdadeiro, que é o mesmo de toda a humanidade, é claro, como sendo o próprio diabo e repreendido os judeus por terem feito dele o seu “deus único”. Traços claros desse fato são encontrados, ainda hoje, no Novo Testamento, no Evangelho de João, onde ele diz aos judeus: *“Fizestes do diabo, vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque nele não há verdade: quando ele mente, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira”* (João 8,44).

Dá para entender agora porque Yeshu’a era

contra a maneira como se procedia no Templo de Jerusalém e a pressa de Caifás em conseguir que o Divino Mestre fosse condenado à morte, não? A trapaça toda iria ser revelada! Toda a infiltração caída, que foi imposta à Casa de Israel, e que era alimentada pelos sacrifícios no Templo de Jerusalém, iria ser colocada abaixo!

O Paulo Neto gosta sempre de citar as fontes, mas eu já disse a ele que dentro das ordens esotéricas, e eu pertenci a várias delas, nem tudo é colocado por escrito! Muita coisa vai sendo passada de boca para ouvido ao longo dos séculos!

Dentro dessa realidade e sabendo-se que os documentos dos Templários nunca foram encontrados, só podemos passar adiante o que nos contaram, mas não pediram segredo. Os Cavaleiros Templários, conforme é sabido, foram alojados pelo rei de Jerusalém, Balduíno II, em dependências situadas junto à Cúpula do Rochedo, onde o rei Salomão sediara o seu templo, daí a denominação de Templários. Durante escavações no local eles encontraram manuscritos hebraicos que foram enviados ao erudito Etienne Harding, que os

traduziu. Verificou-se, então, que eles haviam sido escritos pelos espiões judeus, relatando ao clero judaico o procedimento do “maldito manzer” (filho de meretriz) Yeshu’a e suas blasfêmias contra o “deus” de Israel, exatamente pela postura já citada do Mestre. O que se compreendia do documento estava em completa contradição com os ensinamentos da igreja romana (minúsculas propositais), que é uma grande falsificação dos ensinamentos do Cristo! Aliás, não deveria se chamar Cristianismo, mas sim Paulinismo e o Paulo Neto também sabe disso!

Contestar ou não escritos feitos em torno de 50 a 70 anos depois da Ascensão do Divino Mestre Yeshu’a, e muito provavelmente por escribas, já que os ditos Apóstolos eram, em sua grande maioria analfabetos, eu deixo para aquele que é considerado o maior biblista do mundo, o Dr. Bart D. Ehrman. Eu vou mais pela intuição, pela canalização e pelo coração!

Quanto ao fato dos judeus nunca O terem aceitado como Messias, eu não posso culpá-los, uma vez que **a missão colocada era a de libertar o**

povo do jugo romano! Isso foi cumprido? Não, não foi! Então...

Agora vou formular algumas perguntas:

1º) Mohandas Karamchand Gandhi (1869-1948), mais conhecido por Mahātmā Gandhi, que foi o idealizador e fundador do moderno Estado Indiano, ressuscitava os mortos? Andava sobre as águas? Multiplicava pães e peixes? Transformava água em vinho? Curava os doentes? Não, ele não fazia nada disso, mas expulsou os ingleses da Índia de forma pacífica e sem empunhar qualquer tipo de arma!

2º) E Yeshu'a com todos os citados poderes, por que não fez o mesmo com os romanos?

3º) Por que permitiu que Seu Santo Nome fosse usado pela desqualificada igreja (minúsculas propositais) de Roma para coisas do tipo Guerras Santas (?), Santa (?) Inquisição, massacre dos Cátaros e outras? Isso sem falar no comércio da fé em que Seu nome é usado a torto e a direito pelas maliciosas e lucrativas seitas neopentecostais! Quem cala...

4º) Por conta do grande erro de Sua

crucificação, que teria sido evitada se todos a quem Ele curou estivessem presente em Jerusalém e da extrema covardia de Seus Apóstolos – Pedro, por exemplo, o negou três vezes –, os judeus continuaram se revoltando e acabaram sendo dispersos pelo mundo, no que se conhece como diáspora. Passaram o “*pão que o diabo amassou*” e terminaram sendo trucidados no holocausto. Depois da Segunda Grande Guerra, com o clamor mundial, acabou sendo criado o Estado de Israel, com a espoliação de vários territórios palestinos. Pronto, daí para frente o mundo mergulhou no terror, com os atentados em todos os lugares!

Creio que muito mais do que pesquisar as intenções das adulterações para que Ele fosse considerado o Messias, temos é que pedir que sejamos esclarecidos quanto a tantas falhas gritantes cometidas tanto nesse plano da fisicalidade, quanto nos mais sutis!

Albert Einstein dizia: “*Deus não joga dados com o Universo*”, ou seja, nada ocorre ao acaso, portanto, precisamos saber o que realmente fizemos para estarmos em um planeta decimal e onde uma

espécie tem que devorar outra para se alimentar. E não vale dizer que o problema está só em vidas passadas, não! A coisa é muito mais complexa!

Cumpre também notar que a maioria dos avatāras foi martirizada: Osíris foi crucificado e despedaçado, Mitra foi crucificado de cabeça para baixo, Kṛṣṇa (Krishna) foi flechado, Siddhārta Gautama (Buddha) foi envenenado, e por aí vai...

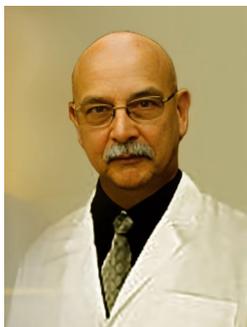
Por tudo isso e pela minha grande ignorância – Isaac Newton dizia: *“O que sabemos é uma gota e o que desconhecemos é um oceano.”* – creio que a pesquisa do Paulo Neto vai nos abrir as portas em um mergulho profundo em questões que fingimos desconhecer!

Façamos que nem o beija-flor no incêndio da floresta; realizemos a nossa parte! Sim, pois somos Servidores do Mundo, ou seja, os verdadeiros Guerreiros da Luz, trabalhando bravamente para a Ascensão coletiva de nosso planeta: combatemos o “bom combate”, ou seja, empunhamos a espada de Luz sem nos escandalizarmos, apoiados na trilogia composta pelo “Caduceu de Mercúrio”, pela

“Lanterna de Hermes Trismegistus” e pelo “Manto de Apolônio de Tiana”. Quem sabe com isso as ditas Hierarquias de Luz não reveem seus pontos de vista e passam a realmente nos ajudar de forma mais eficaz na luta inglória contra as hierarquias caídas que já duram éons! Com uma ajuda mais efetiva poderemos levar esse planeta para a Luz, conforme já fizemos com outros no Multiverso!

Àqueles que entenderem a mensagem eu desejo: paz profunda e até sempre, em unidade plena, na Luz Infinita do verdadeiro Pai-Mãe do Cosmos.

Que assim seja feito, mantido, selado e autossustentado nesta Luz Infinita!



Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira

(Eng. eletricitista
aposentado, prof. universitário e
mestre em Reiki)

Introdução

Nas versões da Bíblia utilizadas pelos cristãos vamos encontrar duas partes principais: o Antigo e o Novo Testamento ⁽¹⁾:



No Antigo Testamento, encontramos a história dos hebreus, incluindo informações a respeito de sua

crença religiosa, e no Novo Testamento, temos os Evangelhos relatando fatos da vida de Jesus, episódios do cristianismo primitivo, as cartas contendo orientações de Paulo e de outros autores e, finalizando, o livro de viés profético intitulado Apocalipse, que, conforme os teólogos, contém revelações sobre o fim dos tempos.

Nos Evangelhos, segundo conseguimos apurar, há somente duas passagens em que se vê Jesus fazendo referência a textos do Antigo Testamento, conseqüentemente, tornando-os válidos:

1ª) Na parábola do bom samaritano, narrada em Lucas 10,25-37. Vejamos somente o trecho que nos interessa na presente pesquisa:

Lucas 10,25-28: *“Então, levantando-se, disse-lhe um doutor da lei, para o tentar: 'Mestre, que preciso fazer para possuir a vida eterna?' - Respondeu-lhe Jesus: 'O que é que está escrito na lei? Que é o que lês nela?' - Ele respondeu: **'Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e de todo o teu espírito, e a teu próximo como a ti mesmo.'** - Disse-lhe Jesus: 'Respondeste muito bem; faze isso e viverás.'”*

A resposta, considerada como correta por Jesus, do doutor da Lei à sua pergunta: “*Que é o que está escrito na lei?*”, ele provavelmente, tenha se utilizado do teor das duas seguintes passagens:

Deuteronômio 6,5: “*Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força.*”

Levítico 19,18: “*Não te vingará, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor.*” (Bíblia Shedd)

Em uma oportunidade, veremos que é o próprio Jesus quem as citará:

Mateus 22,34-40: “*Os fariseus se juntaram em torno dele. E um deles, doutor da Lei, perguntou: 'Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?' Ele lhe disse: '**Amarás ao Senhor teu Deus, com todo teu coração, com toda tua alma e com toda tua mente.** Este é o maior e o primeiro mandamento. Mas o segundo é semelhante a este: **Amarás o próximo como a ti mesmo.** Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas'.*” (Bíblia Sagrada - Vozes) (ver Marcos 12,28-31 e Lucas 10,25-28)

2ª) Na passagem em que se narra o diálogo de Jesus com o jovem rico:

Mateus 19,16-22: *“Um jovem se aproximou, e disse a Jesus: ‘Mestre, que devo fazer de bom para possuir a vida eterna?’ [...] Se você quer entrar para a vida, guarde os mandamentos.’ O homem perguntou: ‘Quais mandamentos?’ Jesus respondeu: **‘Não mate; não cometa adultério; não roube; não levante falso testemunho; honre seu pai e sua mãe; e ame seu próximo como a si mesmo.’** O jovem disse a Jesus: ‘Tenho observado todas essas coisas. O que é que ainda me falta fazer?’ Jesus respondeu: ‘Se você quer ser perfeito, vá, venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois venha, e siga-me.’ Quando ouviu isso, o jovem foi embora cheio de tristeza, porque era muito rico.” (Bíblia Sagrada - Pastoral)*

Entendemos que Jesus está validando os dez mandamentos, enviados do plano espiritual a Moisés, que os apresentou ao povo como de origem divina.

Em nossa percepção, temos aí tudo quanto Jesus achou importante no Antigo Testamento para

aplicarmos em nossas vidas.

Não temos dúvida que poderão nos responder usando a seguinte frase de Jesus: *“Não pensem que eu vim abolir a Lei e os Profetas. Não vim abolir, mas dar-lhe pleno cumprimento.”* (Mateus 5,17)

É certo que é um questionamento inteligente, porém a grande questão é: Jesus veio *“dar pleno cumprimento”* especificamente ao quê? Observe, caro leitor, os seguintes trechos do capítulo 5 do Evangelho Segundo Mateus, nos quais ele ao dizer *“você ouviram o que foi dito aos antigos”*, entenda-se por Moisés, altera, amplia e até modifica algumas coisas ditas por esse profeta dizendo *“Eu, porém, lhes digo”*:

1º) 21-26. ***“Vocês ouviram o que foi dito aos antigos: 'Não mate! Quem matar será condenado pelo tribunal'. Eu, porém, lhes digo: todo aquele que fica com raiva do seu irmão, se torna réu perante o tribunal. Quem diz ao seu irmão: 'imbecil', se torna réu perante o Sinédrio; quem chama o irmão de 'idiota', merece o fogo do inferno. Portanto, se você for até o altar para levar a sua oferta, e aí se lembrar de que o seu irmão tem alguma***

coisa contra você, deixe a oferta aí diante do altar, e vá primeiro fazer as pazes com seu irmão; depois, volte para apresentar a oferta. Se alguém fez alguma acusação contra você, procure logo entrar em acordo com ele, enquanto estão a caminho do tribunal; senão o acusador entregará você ao juiz, o juiz o entregará ao guarda, e você irá para a prisão. Eu garanto: daí você não sairá, enquanto não pagar até o último centavo.”

2º) 27-30: **“Vocês ouviram o que foi dito:** *‘Não cometa adultério’.* **Eu, porém, lhes digo:** *todo aquele que olha para uma mulher e deseja possuí-la, já cometeu adultério com ela no coração. Se o olho direito leva você a pecar, arranque-o e jogue-o fora! É melhor perder um membro, do que o seu corpo todo ser jogado no inferno. Se a mão direita leva você a pecar, corte-a e jogue-a fora! É melhor perder um membro do que o seu corpo todo ir para o inferno.”*

3º) 31-32: **“Também foi dito:** *‘Quem se divorciar de sua mulher, lhe dê uma certidão de divórcio’.* **Eu, porém, lhes digo:** *todo aquele que se divorcia de sua mulher, a não ser por causa de fornicação, faz com que ela se torne adúltera; e quem se casa com a mulher divorciada, comete adultério.”*

4º) 33-37: **“Vocês ouviram também o que foi dito aos antigos: 'Não jure falso', mas 'cumpra os seus juramentos para com o Senhor'. *Eu, porém, lhes digo*: não jurem de modo algum: nem pelo Céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o suporte onde ele apoia os pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. Não jure nem mesmo pela sua própria cabeça, porque você não pode fazer um só fio de cabelo ficar branco ou preto. Diga apenas 'sim', quando é 'sim'; e 'não', quando é 'não'. O que você disser além disso, vem do Maligno.”**

5º) 38-42: **“Vocês ouviram o que foi dito: ‘Olho por olho e dente por dente!’ *Eu, porém, lhes digo*: não se vinguem de quem fez o mal a vocês. Pelo contrário: se alguém lhe dá um tapa na face direita, ofereça também a esquerda! Se alguém faz um processo para tomar de você a túnica, deixe também o manto! Se alguém obriga você a andar um quilômetro, caminhe dois quilômetros com ele! Dê a quem lhe pedir, e não vire as costas a quem lhe pedir emprestado.”**

6º) 43-48. **“Vocês ouviram o que foi dito: ‘Ame o seu próximo, e odeie o seu inimigo!’ *Eu, porém, lhes digo*: amem os seus inimigos, e rezem por aqueles que perseguem vocês! Assim vocês se tornarão filhos do Pai**

que está no céu, porque ele faz o sol nascer sobre maus e bons, e a chuva cair sobre justos e injustos. Pois, se vocês amam somente aqueles que os amam, que recompensa vocês terão? Os cobradores de impostos não fazem a mesma coisa? E se vocês cumprimentam somente seus irmãos, o que é que vocês fazem de extraordinário? Os pagãos não fazem a mesma coisa? Portanto, sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu.”
(Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Ora, quem altera, amplia ou modifica algo que alguém disse não está “*dando pleno cumprimento*”, então, surge uma contradição? Só que não há contradição, ela é apenas aparente, pois se levarmos em conta que Jesus veio cumprir apenas o que é de origem divina na “Lei de Moisés”, entenderemos que houve mesmo necessidade de fazer essas “adaptações” nesses ensinamentos mosaicos.

Assim, fica bem claro que Jesus não sancionou tudo quanto consta no Antigo Testamento, somente o que acima ressaltamos. Sabemos que isso irá “doer” em algumas pessoas, mas são os fatos que dizem, não nós.

Nessa pesquisa, o nosso objetivo é fazer uma análise de várias passagens bíblicas do Novo Testamento que são consideradas como sendo o cumprimento de (supostas) profecias constantes do Antigo Testamento a respeito de Jesus, o Messias, visto como um enviado de Deus com a missão de libertar o povo judeu do domínio estrangeiro, que a partir daí passaria a ter supremacia sobre os demais povos.

Vejamos no **Dicionário Prático**, que consta da *Bíblia Sagrada - Barsa*, a definição do vocábulo “Messias”:

Messias. Palavra hebraica que significa *ungido*. No Antigo Testamento, os sumos sacerdotes, os reis e outros que tivessem cargos importantes como profetas eram ungidos. **Quando porém os israelitas falavam em “O Messias” i.e. “o ungido” se referiam àquele que fora prometido a Adão e Abraão como Salvador e bênção para todas as nações (Gen 3,15; 12,3; 22,18). Em todo o Antigo Testamento vão sendo dadas profecias para sustentar a esperança e o desejo de sua vinda. Haveria de ter um precursor (Mal 3,1), seu nascimento virginal foi predito (Is 7,14; Jer 31,22); como também o tempo de sua vinda**

(Dan 9,24); e mesmo o lugar de seu nascimento (Miq 5,2); e o reino que fundaria (Jer 23,5); haveria de entrar no Templo reconstruído (Ag 2,8; Mal 3,1); haveria de morar entre os homens e de sofrer cruel paixão e morte para remir a humanidade (Is 42,1-4; 53,1-12); e haveria de ressuscitar dos mortos como prova de sua divindade (Sot 3,8).

Quando apareceu foram de fato se realizando nele todas as profecias que lhe diziam respeito. Foi chamado Jesus, i.e., Salvador que vem a ser mesmo que o Emanuel (Deus conosco) de Is 7,14, e denominado também Cristo que é o equivalente em grego de messias em hebraico (Mt 1,21.25; 26,68; Jo 1,41; 4,25) e o Cordeiro de Deus (Jo 1,29, 56).⁽²⁾

A crença de que Jesus teria vindo cumprir profecias fica evidenciada nessa definição constante de uma Bíblia de cunho católico, entretanto, os protestantes também comungam dessa ideia.

No tópico “A reação judaica às alegações cristãs” do capítulo cinco intitulado “Falsificações em conflitos com judeus e pagãos”, constante da obra ***Quem Escreveu a Bíblia? Por que os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São*** (2011),

de autoria de Bart D. Ehrman, *“um estudioso da Bíblia com foco em crítica textual do Novo Testamento, o Jesus histórico e a origem e desenvolvimento dos primórdios do cristianismo”* (3), que esclarece:

Muitos cristãos evangélicos conservadores hoje não conseguem entender por que os judeus não aceitam a alegação de que Jesus é o messias. Para esses cristãos, tudo parece bastante óbvio. O Antigo Testamento previu como seria o messias. Jesus fez e experimentou as coisas previstas. Então, claro, ele é o messias. [...].

Jesus fez tudo o que foi previsto. Por que os judeus não veem isso? Está nas suas próprias Escrituras! Eles não sabem ler? São cegos? São idiotas?

A verdade, claro, é que, ao longo da história, os judeus não foram mais analfabetos, cegos ou idiotas que os cristãos. **A típica resposta dos judeus às alegações cristãs de que Jesus cumpriu profecias é que as passagens das Escrituras que os cristãos citam não falam de um futuro messias ou não fazem nenhuma previsão.** E, é preciso admitir, apenas acompanhando esse debate de fora, parece que os leitores judeus têm alguma razão. Nas passagens que supostamente preveem a morte e a ressurreição de Jesus, por exemplo, o termo

“messias” de fato nunca aparece. Muitos cristãos ficam surpresos com essa alegação, mas **basta ler Isaías 53 e comprovar.**

A maioria dos judeus antigos rejeitava o messianismo de Jesus pela simples razão de que Jesus não era de modo algum o que a maioria dos judeus esperava de um messias. Muitos judeus do mundo antigo não estavam ansiosos em seus assentos esperando um messias, não mais que a maioria dos judeus está hoje. Mas havia grupos de judeus muito religiosos, na época de Jesus, que achavam que Deus enviaria uma figura messiânica para livrá-los de seus problemas muito graves. Todos esses grupos baseavam suas expectativas na Bíblia hebraica, claro; mas havia diferentes expectativas de como seria esse salvador messiânico. ⁽⁴⁾

O termo “messias” vem da palavra hebraica que significa “o ungido”. Originalmente, na Bíblia hebraica, era usada em referência ao rei de Israel, uma figura como o rei Saul, o rei Davi ou o rei Salomão. O rei era literalmente “ungido” com óleo em sua cabeça durante a cerimônia de posse, para mostrar que o favor especial de Deus estava sobre ele de uma forma única (ver, por exemplo, Sl 2). Após algum tempo, quando não havia mais reis em Israel, alguns judeus achavam que Deus mandaria um futuro rei, um ungido como o grande rei Davi de antigamente que, assim como ele, lideraria os Exércitos de

Israel contra seus inimigos e restabeleceria Israel de novo como um Estado soberano na Terra. Esse futuro rei, portanto, foi o messias, um ser humano que era um guerreiro poderoso e um grande governante do povo de Deus.

Outros judeus de postura mais celestial achavam que esse futuro salvador seria uma figura sobrenatural enviada do céu, uma espécie de julgador celestial da Terra que enfrentaria o inimigo com uma força esmagadora antes de estabelecer aqui um reino a ser governado por um escolhido de Deus. E havia judeus preocupados principalmente com o que poderíamos chamar de “religião” de Israel, em oposição a sua situação política. Esses judeus achavam que o futuro governante do povo seria um poderoso sacerdote que fortaleceria o povo de Israel ensinando a ele a correta interpretação da lei judaica. Ele governaria o povo de Deus cobrando a observância do que Deus exigira nas Escrituras.

Em resumo, havia uma série de expectativas de como seria uma futura figura “ungida”, um messias. A única coisa que essas concepções do futuro salvador tinham em comum era que **todas esperavam que fosse uma figura grandiosa e poderosa, fortalecida por Deus para derrubar os inimigos e governar o povo de Deus com autoridade.** ⁽⁵⁾

Ora, se no judaísmo existia a crença na vinda de um Messias, os cristãos logo trataram de apresentar Jesus como sendo ele. É crença mesmo, porquanto, não existe nenhuma passagem do Antigo Testamento que venha mencionar isso.

Observamos que todo o teor do Evangelho Segundo Mateus, por exemplo, é perceptivelmente voltado para provar que Jesus teria vindo cumprir as supostas profecias engendradas dessa expectativa de um Messias guerreiro e não *“um príncipe da paz”*. Dizemos supostas, porque, na realidade, elas são apenas criações teológicas dos escritores bíblicos.

Em ***O Livro das Religiões*** (1989), os autores Jostein Gaarder, escritor e professor de filosofia, Victor Hellern (1928-2016), historiador, e Henry Notaker, jornalista, no capítulo “Religiões surgidas no Oriente Médio: monoteísmo”, no tópico “Judaísmo”, nos informam:

Durante milhares de anos os judeus esperaram um Messias que viria criar um reino de paz na Terra. **As raízes históricas dessa expectativa datam da idade de ouro de Israel, no reinado de Davi**, quando os reis eram ungidos ao subir ao trono. Na

verdade, a palavra *Messias* significa “o ungido”. **Desde a época do exílio babilônico os judeus alimentaram a esperança e a crença de que chegaria um Messias, um novo rei saído da linhagem de Davi.** Esse rei ideal **iria restabelecer Israel como uma grande potência,** e seu povo passaria a viver em eterna felicidade. ⁽⁶⁾ (itálico do original)

Embora essa informação dos autores, a nossa percepção é a de que, as supostas profecias atribuídas a Jesus, foram elaboradas posteriormente, pelos seus seguidores.

Assim, o que mais nos parece é que elas são apenas produto de uma criação teológica de algum cristão, provavelmente, um judeu convertido, que tentava estabelecer uma conexão direta de Jesus a textos do Antigo Testamento.

Se considerarmos o termo profecia como previsão de evento que acontecerá no futuro, nós só vemos sentido se esse tiver relação direta com a(s) pessoa (s) a que ela, a previsão, foi dita.

Se, por exemplo, há uma profecia a respeito da morte de Antíoco IV Epífanes (ca. 215-162 a.C.), por

lógica, esse fato teria que acontecer quando as pessoas, às quais foi dirigida a profecia sobre ele, ainda estiverem vivas.

Inclusive, muitas delas incentiva o povo a mudar de comportamento, caso contrário os fatos previstos, geralmente, são vistos como “punição divina” que o faria voltar à trilha.

Caso uma profecia se referir a um evento em futuro distante - anos, séculos ou milênios à frente, em relação às pessoas a que ela foi dirigida - e se antes da ocorrência do fato previsto nela essas pessoas já estiverem mortas, que valor teria a profecia? Especialmente as profecias que tinham por objetivo a mudança de comportamento dos judeus, e que foram transmitidas oralmente ao longo do tempo.

Acontece que boa parte das “profecias” só foram escritas, após a ocorrência dos fatos a que se pretende atribuí-los como sendo os que nelas foram descritos, como no caso das relativas a Jesus.

Em ***A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*** (1993), o autor

Julio Trebolle Barrera, falando sobre a datação dos Evangelhos, informa que:

1º) Marcos (anos 65-70);

2º) Mateus (anos 70/80);

3º) Lucas (anos 70/80) e

4º) João (anos 90) (7).

Consultando a [Wikipédia](#) a respeito da segunda destruição do templo de Jerusalém, encontramos:

Com a derrota da Grande Revolta Judaica contra o domínio romano, **em 70, Jerusalém foi tomada pelas forças do comandante romano, Tito**. Outra vez, as muralhas e o Templo de Jerusalém [...] foram destruídos, e o resto da cidade voltou a ficar em ruínas. **A destruição de Jerusalém**, também conhecida como Cerco de Jerusalém, ocorreu durante o governo do imperador romano Vespasiano. (8)

Percebe-se que os Evangelhos foram escritos muito próximo ao ano 70 d.C., o mais possível é que os seus registros teriam ocorrido depois da destruição do templo de Jerusalém.

Vejam, por exemplo, esta seguinte passagem com teor da **Bíblia Shedd**:

Marcos 13,1-2: “Ao sair Jesus do templo [de Jerusalém], disse-lhe um de seus discípulos: Mestre! Que pedras, que construções! Mas Jesus lhe disse: Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada.”

Acreditamos que é bem provável que esses dois versículos tenham sido escritos pouco tempo depois da destruição de Jerusalém.

Não podemos deixar de ressaltar que não estamos dizendo que não há profecias nos textos bíblicos, conquanto elas, de fato, existirem, porém, é preciso “*separar o joio do trigo*”, ou seja, aquilo que é verdadeiramente profecia do que apresentam como tal para justificar pontos teológicos.

O nosso foco será somente as profecias que supõem se relacionar a episódios da vida de Jesus.

Informações a respeito dos profetas e das profecias

O prof. Jonathan Matthies, pesquisador em cultura e tradição religiosa judaico-cristã, no vídeo intitulado “A origem da Bíblia Hebraica / Antigo Testamento” ⁽⁹⁾, publicado no **YouTube**, apresenta este quadro, em que constam listados os livros da bíblia hebraica que são considerados proféticos:



PENTATEUCO:	PROFÉTICOS:	ESCRITOS:	DEUTEROCANÔNICOS:
1.000-400 Gênesis	750-540 Amós	600-540 Lamentações	200 Tobias
1.000-400 Êxodo	750-540 Oséias	500-400 Jó	190-180 Eclesiástico
1.000-400 Números	740-450 Isaías	500-400 Rute	160-50 Baruc
720-400 Deuteronômio	740-450 Miquéias	500-250 Cânticos	120 2 Macabeus
580-400 Levítico	680-630 Sofonias	330-250 1 Crônicas	100 1 Macabeus
	614-612 Naum	330-250 2 Crônicas	100 Judite
	610-600 Habacuc	330-250 Esdras	50-20 Sabedoria
	605-500 Jeremias	330-250 Neemias	
	600-540 Ezequiel	300-250 Eclesiastes	
	580-450 Abdias	250-150 Ester	
	520 Ageu	167-164 Daniel	
	520-300 Zacarias		
	500-450 Malaquias		
	500-400 Jonas		
	400-350 Joel		

A ORIGEM DA BIBLIA HEBRAICA / ANTIGO TESTAMENTO – Professor Responde 50 🎓



Prof. Jonathan Matthies
310 mil inscritos

Inscriver-se

👍 8,3 mil



🔗 Compartilhar



Percebe-se que, em relação aos livros

proféticos, existe diferença entre a Bíblia hebraica e a cristã, julgamos oportuno deixar isso registrado.

Inicialmente, cumpre-nos ressaltar que, por mais paradoxal que seja, cada uma das tradicionais correntes religiosas cristãs tira da Bíblia aquilo que melhor lhe convém, principalmente, o que parece justificar os seus dogmas. O problema é que se esquecem de que, se, como advogam, a sua origem é divina não deveriam fazer isso, ao contrário, todas elas se manteriam na mesma linha de pensamento.

Julgamos que se a fonte de inspiração é única – Deus ou o Espírito Santo, segundo dizem –, não poderia haver nenhuma divergência no teor das narrativas e muito menos nas suas interpretações.

Como comentaremos algumas passagens que não são propriamente uma profecia, entendemos que se torna necessário trazer a definição do vocábulo profecia:

a) Segundo o ***Dicionário Aurélio***:

“**Profecia**: Predição do futuro feita por um profeta; oráculo, vaticínio, presságio”.

b) No ***Dicionário Prático***, constante da *Bíblia*

Sagrada – Barsa, temos a seguinte explicação:

Profecia: Propriamente é o ato ou efeito de falar em nome de outrem. Assim Aarão é chamado, por Deus, o profeta de Moisés, por falar em nome deste (Ex 4,10-15; 7,1), mas, em geral, o nome de profeta é reservado ao que fala em nome de Deus. **Hoje, porém, entende-se por profecia apenas a predição de algum acontecimento futuro**, que depende da livre vontade de Deus ou do homem, e que, por conseguinte, só pode ser conhecida por divina revelação. Esta predição do futuro entrava nas profecias antigas apenas como prova de que o profeta era autêntico e que suas palavras, ordens ou conselhos provinham, de fato, de Deus, uma vez que só Deus pode conhecer o futuro. Com o decorrer do tempo, a palavra profecia passou a designar apenas esta parte da *profecia*.

As profecias podem ser: *condicionais*, por ex.: a cidade de Nínive teria sido destruída se seus habitantes não tivessem feito penitência à pregação de Jonas (Jon 3): *absolutas*, por ex.: Cristo predisse sua morte e ressurreição. As duas espécies de profecias podem ser encontradas no Antigo como em o Novo Testamento. As profecias que anunciam a vida de Cristo são chamadas *Messiânicas*. **O livro de Isaías abunda em profecias messiânicas** e, por esta razão, é algumas vezes chamado o *quinto evangelho*. O

próprio Jesus, frequentemente, apelou para as profecias como prova de sua divindade e de sua missão divina: “Investigai as Escrituras... São elas que dão testemunho de mim” (Jo 5,39). ⁽¹⁰⁾

Portanto, as profecias, no sentido bíblico, tratam-se de previsões de acontecimentos futuros, que são reveladas por Deus aos homens através dos profetas. A principal questão é saber se a predição que fazem tem relação com o futuro próximo ou um longínquo.

Em nossa opinião, como já dissemos, só faz sentido se os que ouvem a profecia ainda estiverem vivos, porquanto, é a única maneira deles ter como comprovar a realização dos fatos relacionados à predição.

Quanto à afirmação de que “*O livro de Isaías abunda em profecias messiânicas*” trata-se tão somente de uma crença teológica, uma vez que a perspectiva do profeta Isaías tinha relação direta com os acontecimentos de sua época, jamais de algo para um futuro longínquo como, equivocadamente, sempre interpretam.

Julgamos oportuno lembrar esta frase de Bart D. Ehrman: *“Toda vez que se tira algo do contexto, entende-se errado. Para situar qualquer personagem histórico, o contexto é tudo.”* (11)

Consultando a ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, a respeito dos “Livros Proféticos”, encontramos na sua “Introdução” a seguinte explicação:

Pela sua coragem de questionar a situação presente e vislumbrar um futuro diferente para o seu povo, os profetas sempre exerceram atração fascinante. Muitos chegam até a confundir profeta com adivinhador do futuro. Outros chegam a pensar que eles ensinavam coisas absolutamente novas. O verdadeiro profeta, no entanto, é aquele que preserva a tradição autêntica do seu povo, perdida ou deformada em meio a tantas “tradições” criadas para defender interesses, legitimar poderes e sustentar sistemas. O núcleo central da tradição autêntica é a *fé exodal*, ou seja, o reencontro com o verdadeiro Deus revelado a Moisés: “Eu sou Javé seu Deus, que fiz você sair da terra do Egito, da casa da escravidão” (Ex 20,2; Dt 5,6). Portanto, profeta é aquele que se inspira na ação libertadora do Deus do êxodo e, a partir daí, **analisa a situação presente e mostra o projeto de Deus para o futuro do seu povo.**

As atividades do profeta variam de acordo com seus ouvintes e com o momento histórico em que ele vive. Cada profeta tem o seu estilo próprio, e **pronuncia anúncios e denúncias diante de situações bem determinadas.** No entanto, podemos perceber duas grandes vertentes na atividade dos profetas:

– *Exigência de conversão*, para mudar o sistema social, **a fim de que o julgamento de Deus não recaia sobre o povo.** Esse tema é predominante nos profetas que exerceram sua atividade antes do exílio na Babilônia.

– *Anúncio de esperança*, para encorajar e estimular o povo, que tinha perdido sua terra e corria o perigo de perder a própria identidade. Esse anúncio fazia retomar a caminhada da reconstrução, **recuperando a fé em Javé** e os valores históricos alcançados em nome dessa mesma fé.

Os livros proféticos testemunham a vida e atividade de homens que possuem fé profunda e vigorosa; **homens que procuram levar o povo a um relacionamento sempre renovado e responsável com o Deus que julga e salva.**

A literatura profética pode ser dividida de várias maneiras. A mais tradicional e comum é a divisão em **profetas maiores e profetas menores.** Não porque uns sejam mais importantes que outros, mas simplesmente

pela extensão de seus escritos. **Os profetas maiores são quatro: Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Os menores são treze: Baruc, Oseias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.** ⁽¹²⁾

Pelo que conseguimos compreender os tradutores viram os profetas preocupados com a situação presente do povo e ao predizerem o futuro sempre traziam soluções para a sua própria época, não para gerações vindouras, séculos ou milênios à frente.

Na ***Bíblia de Jerusalém***, em “Livros Proféticos”, lemos:

Chamam-se comumente “profetas escritores” aqueles aos quais se atribui um livro no cânon da Bíblia. O que foi dito do ministério profético mostra que esta denominação é inexata: **o profeta não é escritor, ele é antes de tudo orador, pregador.** A mensagem profética, em sua origem, é falada, mas resta explicar como, desta palavra pronunciada, passou-se ao livro escrito.

Encontram-se nestes livros três espécies de elementos: 1º “**ditos proféticos**”, que são oráculos onde, umas vezes, é o próprio Deus

quem fala, e outras, é o profeta quem fala a em nome de Deus, ou peças poéticas, que contêm ensinamento, anúncio, ameaça ou o promessa...; 2º **relatos na primeira pessoa**, em que o profeta narra a sua experiência, em particular sua vocação; 3º **relatos na terceira pessoa**, que descrevem acontecimentos da vida do profeta ou as circunstâncias do seu ministério. Estes três gêneros – podem combinar-se e acontece, com frequência, que os relatos incluem oráculos ou discursos.

As passagens na terceira pessoa indicam outro redator, distinto do profeta. [...].

Circunstâncias análogas podem explicar a composição dos outros livros. **É provável que os profetas mesmos tenham escrito ou ditaram uma parte de suas profecias** ou o relato de suas experiências (cf. Is 8.15 30,8; Jr 30,2; 51.60; Ez 43,11; Hab 2,2). Parte desta herança pode também ter sido conservada fielmente só pela tradição oral do círculo dos profetas ou dos seus discípulos (parece haver alusão aos discípulos de Isaías, Is 8,16). Estes mesmos grupos conservaram recordações da vida do profeta as quais também incluíam oráculos, como as tradições sobre Isaías, recolhidas nos livros dos Reis (2Rs 18-20) e daí transferidas para a livro de Isaías (Is 36-39), ou o relato do conflito entre Amós e Amasias (Am 7,10-17).

A partir desses elementos, formaram-se coleções, que reúnem os **oráculos** do

mesmo estilo ou as peças que tratam dum mesmo tema (por exemplo, as secções contra as nações em Isaías, Jeremias, Ezequiel), ou contrabalançam **os anúncios de infortúnio com promessas de salvação** (por exemplo, Miqueias). Estes escritos foram lidos e meditados e contribuíram para perpetuar as correntes espirituais originadas dos profetas: os contemporâneos de Jeremias citam uma profecia de Miqueias (Jr 26,17-18); é frequente a alusão aos antigos profetas (Jr 28,8), que é como que um estribilho em Jr 7,25; 25,4; 26,5 etc.; depois em Zc 1,4-6; 7,7.12; Dn 9,6.10; Esd 9,11. Nos círculos fervorosos que alimentavam sua fé e sua piedade com as profecias, os profetas permaneceram como algo vivo e, como aconteceu com o rolo de Baruc (Jr 36,32), “acrescentaram-se àquelas palavras, outras do mesmo gênero” sob inspiração de Deus, **para adaptá-las às necessidades presentes do povo** ou para enriquecê-las e, em certos casos, como veremos nos livros de Isaías e de Zacarias, tais acréscimos podem ter sido extensos. Fazendo isso, os herdeiros dos profetas tinham a convicção de estarem preservando e fazendo frutificar o tesouro que receberam deles. ⁽¹³⁾

O fato de os livros terem o nome dos profetas não significa que foram eles mesmos que os escreveram, conforme o que pode compreender

dessas explicações.

E o trecho “*para adaptá-las às necessidades presentes do povo*” deixa-nos a nítida impressão que vai ao encontro do que pensamos, ou seja, as predições têm relação direta com o futuro das pessoas às quais se dirigiram os profetas.

Ainda destacamos da ***Bíblia de Jerusalém*** a seguinte explicação do tópico “O profetismo” da Introdução de “Os Profetas”:

Sua mensagem refere-se ao presente e ao futuro. O profeta é enviado a seus contemporâneos, transmite-lhes as ordens divinas. Mas, na medida que é o intérprete de Deus, transcende o tempo, e suas “predições” vêm confirmar e prolongar suas “pregações”. **Pode anunciar um acontecimento próximo como sinal**, cuja realização justificará suas palavras e sua missão (1Sm 10,1s; Is 7,14; Jr 28,15s; 44,29-30); prevê o castigo como punição das faltas contra as quais ele brada, e a salvação como recompensa da conversão que pede. **Nos profetas mais recentes, o véu pode-se descerrar até aos últimos tempos, até ao triunfo final de Deus, mas sempre resulta daí um ensinamento para o presente.** No entanto, como o profeta não é mais que um instrumento, a mensagem que ele transmite

pode ultrapassar as circunstâncias em que foi pronunciada e até mesmo a consciência do profeta, permanecendo **envolta em mistério até que o futuro a explicita realizando-a.**
(¹⁴)

Apesar de ser afirmado que um profeta “*Pode anunciar um acontecimento próximo como sinal*” (o que, para nós, é verdadeiro), ao ajustar à teologia vigente, abre espaço para “*pode-se descerrar até aos últimos tempos [...], mas sempre resulta daí um ensinamento para o presente*”. Não sabemos como que os que viviam no “presente”, mas que morreram faz tempo, poderiam aproveitar algo das profecias.

Vejamos, por exemplo, este curioso trecho de Joel:

Joel 2,13-14: “*Rasgai vossos corações e não vossas vestes; **voltai ao Senhor vosso Deus**, porque ele é bom e compassivo, longânime e indulgente, **pronto a arrepender-se do castigo que inflige**. Quem sabe se ele mudará de parecer e voltará atrás, deixando após si uma benção, ofertas e libações para o senhor, Vosso Deus.*” (texto da Bíblia Sagrada - Ave-Maria)

As predições de Joel têm relação direta com o

proceder do povo, caso tomasse o caminho de Deus, que sempre estaria “*pronto a arrepender-se do castigo que inflige*”.

Ora, nisso vemos a confirmação de que as profecias eram direcionadas aos da própria época do profeta, não teriam como destinatário uma humanidade do futuro longínquo.

A lista das **47 passagens** do Novo Testamento que alegam ser o cumprimento de profecias do Antigo Testamento a respeito de Jesus, teve como principal base a ***Bíblia Sagrada - Ave-Maria*** e algumas poucas da ***Bíblia Shedd***. Eis o quadro, que elaboramos, com o resumo delas por livro:

Passagens do NT que citam profecias do AT		
Evangelhos/cartas	Quant.	Percentual
Marcos	7	14,9%
Mateus	16	34,0%
Lucas (inclui Atos)	11	23,4%
João	7	14,9%
Pedro e Paulo (cartas)	6	12,8%
Total	47	100%

Elaboramos também este outro quadro em relação às passagens do Antigo Testamento que são citadas no Novo Testamento como profecias:

Passagens do AT que se cumprem no NT	
*Profeta ou Livro	Quant.
Gênesis	03
Êxodo	01
Deuteronômio	03
2 Samuel	02
Salmos	23
*Isaías	28
*Jeremias	02
*Ezequiel	01
* Daniel	02
*Oseias	02
*Amós	01
*Miqueias	03
*Habacuc (Habacuque)	01
*Zacarias	04
Não especificada	03
Não existente	02
(49 profecias NT → 23 AT ¹⁵)	81

Sem entrar nos detalhes das supostas predições de cada um dos nove profetas, focando somente na quantidade relativa a Gênesis, Deuteronômio, Êxodo, Salmos, 2 Samuel somadas às que classificamos como “não especificada” e “não existente” perfazem a quantidade de 37 citações do AT (fundo verde), ou seja, 45,7% do total, não são propriamente profecias, uma vez que o teor desses livros da Bíblia não têm esse viés, assim, por lógica, nenhuma passagem deles deveria ser considerada como uma predição, a não ser por dogmatismo teológico.

Na ***Bíblia de Jerusalém***, encontramos algo interessante na “Introdução aos Profetas”, sobre o pensamento do povo hebreu; vejamos:

Para estabelecer e governar seu reino na terra, **o Rei lahweh terá um representante**, cuja unção o fará um vassalo seu: **ele será o “ungido” de lahweh, em hebraico seu “messias”**. Foi um **profeta, Natã, que, ao prometer a Davi a permanência da sua dinastia** (2Sm 7), apresentou a primeira expressão deste messianismo régio, **cujo eco reencontramos em certos Salmos**. Entretanto, **os fracassos e a má conduta da maioria dos sucessores de Davi pareciam**

desmentir esse messianismo “dinástico”, e a esperança concentrou-se num rei particular, cuja vinda era esperada para futuro próximo ou longínquo. É este salvador que vislumbram os profetas, sobretudo Isaías, mas também Miqueias e Jeremias. O Messias (podemos agora escrever com maiúsculas) será da estirpe davídica (Is 11,1; Jr 23,5 = 33,15) e sairá como ela de Belém de Éfrata (Mq 5,1). Receberá os mais magníficos títulos (Is 9,5), e o Espírito de lahweh repousará sobre ele com todo o cortejo de seus dons (Is 11,1-5). Para Isaías, ele é Emmanuel, “Deus conosco” (Is 7,14); para Jeremias, lahweh *çideqenu*, “lahweh é nossa justiça” (Jr 23,6), dois nomes que resumem o puro ideal messiânico.

Esta esperança sobreviveu ao desmoronamento dos sonhos de dominação terrestre e à dura lição do Exílio, mas as perspectivas mudaram. Apesar das esperanças que por um momento Ageu e Zacarias colocaram no davidita Zorobabel, **o messianismo régio sofreu um eclipse: nenhum descendente de Davi estava mais no trono e Israel estava submetido à dominação estrangeira**. Ezequiel, sem dúvida, espera a vinda dum novo Davi, mas chama-o de “príncipe” e não de “rei”, e descreve-o antes como mediador e pastor do que como soberano poderoso (Ez 34,23-24; 37,24-25); Zacarias anunciará a vinda dum rei, mas ele será humilde e pacífico (Zc 9,9-

10). **Para o Segundo Isaías, o Ungido de lahweh não é um rei davídico mas Ciro, rei da Pérsia, (Is 45,1), instrumento de Deus para a libertação do seu povo;** mas o mesmo profeta coloca em cena outra figura da salvação, o Servo de lahweh, que é o mestre do povo e a luz das nações, pregando com mansidão o direito de Deus; não terá projeção humana, será rejeitado pelos seus, mas alcançará a salvação deles ao preço de sua própria vida (Is 42,1-7; 49,1-9; 50,4-9 e principalmente 52,13-53-12). Enfim, Daniel vê chegar sobre as nuvens do céu um como que Filho de homem, que recebe de Deus o domínio sobre todos os povos, um reino que não passará (Dn 7). **Houve, entretanto, uma reaparição da antiga corrente: nas vésperas da nossa era, a espera dum Messias régio estava largamente difundida,** mas certos meios esperavam também um Messias sacerdotal, e outros um Messias transcendente. ⁽¹⁶⁾

Aqui temos a confirmação do que sempre estamos dizendo a respeito do que os hebreus pensavam de um personagem ungido enviado de Deus que esperavam como sendo um novo messias que seria um rei que libertaria o povo e lhe daria a supremacia sobre todas as outras nações.

Aos que usam desse fraco expediente de

argumentação, sentimos em informá-los que o caminho não é bem esse, conforme nos esclarece Julio Trebolle Barrera, em ***A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*** (1993) e ***A Origem do Cristianismo*** (1961), respectivamente:

Durante muito tempo os evangelhos circularam separados, independentes uns dos outros. Mais tarde começaram a ser utilizados dois ou mais evangelhos ao mesmo tempo. Costumava-se dizer que a coleção dos quatro evangelhos canônicos ficara estabelecida nos tempos de Irineu (Von Campenhausen 1972). Tende-se a considerar, contudo, que em meados do século II a situação era ainda bastante fluida; em algumas igrejas discutia-se a aceitação de um ou outro dos que não chegaram a entrar no cânon. **A coleção dos quatro evangelhos não logrou impor-se definitivamente até o final do século II.** ⁽¹⁷⁾

Assim, **cada evangelho era endereçado a um meio determinado, e tinha limitada, desse modo, sua esfera de ação a uma ou outra região.** Sua inclusão no cânone deu-se mais tarde, como consequência de uma escolha dos escritos cristãos mais autorizados aos olhos dos crentes. ⁽¹⁸⁾

Ora, se os Evangelhos não circularam ao mesmo tempo, não se pode tomar algo de um para justificar ou completar o que falta em qualquer um dos outros, por absoluta questão de lógica e de bom senso.

A não ser que os copistas, aproveitando o fato deles terem sido escritos em épocas distintas, tenham feito alguns “complementos”, visando “uniformizá-los doutrinariamente”, o que até seria aceitável; mas não com relação à descrição de situações ou de fatos acontecidos como, por exemplo:

1º) em relação a quem carregou a cruz;

2º) o que aconteceu ao bom ladrão; e

3º) quanto à quantidade de mulheres que foram ao sepulcro de Jesus no domingo pela manhã.

Vejamos cada um desses três exemplos.

1º) Quem carregou a cruz?

Mateus 27,32: *“Ao saírem, encontraram um cireneu, chamado **Simão, a quem obrigaram a carregar-lhe a cruz.**”*

Marcos 15,21: “E **obligaram a Simão Cireneu**, que passava, vindo do campo, pai de Alexandre e de Rufo, **a carregar-lhe a cruz.**”

Lucas 23,26: “E como o conduzissem, constringendo um cireneu, chamado **Simão**, que vinha do campo, **puseram-lhe a cruz sobre os ombros**, para que a levasse após Jesus.”

João 19,17: “Tomaram eles, pois, **a Jesus; e ele próprio, carregando a sua cruz**, saiu para o lugar chamado Calvário, Gólgota em hebraico.”

Mateus, Marcos e Lucas dizem que o cireneu chamado Simão foi obrigado a carregar a cruz de Jesus, enquanto que João diz que foi o próprio Jesus quem levou a cruz.

2º) O que aconteceu com o bom ladrão?

Mateus 27,38.44: “E foram crucificados com ele dois ladrões, um à sua direita e outro à sua esquerda. E os **mesmos impropérios lhe diziam também os ladrões** que haviam sido crucificados com ele.”

Marcos 15,27.32: “Com ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita, e outro à sua esquerda. Também **os que com ele foram**

crucificados o insultavam.”

Lucas 23,39-43: “**Um dos malfeitores, ali crucificados, blasfemava contra ele:** ‘Se és o Cristo, salva-te a ti mesmo e salva-nos a nós! Mas o outro o repreendeu: ‘Nem seque temes a Deus, tu que sofres o mesmo suplício? Para nós isto é justo: recebemos o que mereceram os nossos crimes, mas este não fez mal algum.’ E acrescentou: ‘Jesus, lembra-te de mim, quando tiveres entrado no teu reino!’. Jesus respondeu-lhe: **‘Em verdade te digo, hoje estarás comigo no paraíso’.**”

João 19,18: “Onde o crucificaram, e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio.”

Não fugindo das narrativas, para justificar essa contradição, temos que Mateus, Marcos e João nada relatam sobre qualquer diálogo entre os três crucificados. Os dois primeiros, ou seja, Mateus e Marcos, dizem que eles, os malfeitores, estavam, isto sim, entre os que escarneciam de Jesus. Só Lucas diz que Jesus teria dito para um deles que “*hoje estarás comigo no Paraíso*”.

Se na frase “*Em verdade te digo, hoje estarás comigo no paraíso*”, mudássemos só a posição da vírgula: “*Em verdade te digo hoje, estarás comigo no*

paraíso”, o entendimento mudaria radicalmente. Lembre-se, caro leitor, que os textos dos Evangelhos não tinham pontuação, essa era colocada ao sabor do tradutor.

Ademais, se Jesus, três dias após sua morte, ainda não havia subido ao Pai, como ele poderia ter afirmado ao “bom ladrão” que “**hoje** *estarás comigo no paraíso*”, ou seja, justamente no dia de sua morte na cruz?

Essa promessa também não deixa de ser algo estranho, já que Jesus negou a uma mãe, no caso, a mulher de Zebedeu, um lugar à sua direita e outro à sua esquerda, para seus dois filhos, alegando que só ao Pai cabe fazer isso (Mateus 20,20-23).

Como agora ele promete um lugar ao “bom ladrão”, que nem mesmo se arrependeu confessando os seus pecados, mas apenas reconheceu que ele e seu companheiro tinham motivos para serem condenados, enquanto que Jesus não?

3º) As mulheres junto ao sepulcro

Mateus 28,1-3: *“Depois do sábado, ao amanhecer do primeiro dia da semana, Maria*

Madalena e a outra Maria foram ver a sepultura. De repente houve um grande tremor de terra: **o anjo do Senhor** desceu do céu e, aproximando-se, **retirou a pedra**, e sentou-se nela. Sua aparência era como a de um relâmpago, e **suas vestes eram brancas como a neve.**”

Marcos 16,1-5: “Quando o sábado passou, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram perfumes para ungir o corpo de Jesus. E bem cedo no primeiro dia da semana, ao nascer do sol, elas foram ao túmulo. E diziam entre si: ‘Quem vai tirar para nós a pedra da entrada do túmulo?’ Era uma pedra muito grande. Mas, quando olharam, viram que **a pedra já havia sido tirada**. Então entraram no túmulo e viram **um jovem**, sentado do lado direito, **vestido de branco**. E ficaram muito assustadas.”

Lucas 24,1-4: “No primeiro dia da semana, bem de madrugada, as mulheres foram ao túmulo de Jesus, levando os perfumes que haviam preparado. **Encontraram a pedra do túmulo removida**. Mas ao entrar, não encontraram o corpo do Senhor Jesus, e ficaram sem saber o que estava acontecendo. Nisso, **dois homens, com roupas brilhantes**, pararam perto delas.”

João 20,1.11-12: “No primeiro dia da semana,

*Maria Madalena foi ao túmulo de Jesus bem de madrugada, quando ainda estava escuro. Ela viu que a **pedra tinha sido retirada do túmulo**. Maria tinha ficado fora, chorando junto ao túmulo. Enquanto ainda chorava, inclinou-se e olhou para dentro do túmulo. Viu **então dois anjos vestidos de branco**, sentados onde o corpo de Jesus tinha sido colocado, um na cabeceira e outro nos pés.”*

a) Afinal quais mulheres foram ao túmulo?

Mateus – Maria Madalena e outra Maria;

Marcos – Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé;

Lucas – mulheres sem especificar;

João – Maria Madalena.

b) Afinal quem retirou a pedra do sepulcro?

Mateus – o anjo retirou a pedra;

Marcos – a pedra já havia sido retirada, não diz por quem;

Lucas – encontrou-se a pedra removida, sem dizer quem a retirou;

João – a pedra havia sido retirada, ninguém foi

apontado como responsável.

c) Afinal foram vistos um ou dois anjos, um ou dois homens?

Mateus - um anjo com vestes brancas como a neve;

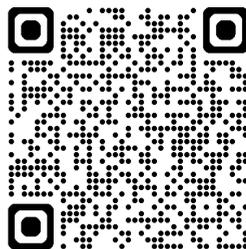
Marcos - um jovem vestido de branco;

Lucas - dois homens com roupas brilhantes;

João - dois anjos vestidos de branco.

Se afirmam que sua origem é de total inspiração divina, como pode essa mensagem, provinda de fonte única, causar tantos desentendimentos e divergências entre as pessoas, quando, na verdade, deveria ser justamente o contrário, ou seja, deveria uni-las?

Há muito mais coisas que comprometem sobremaneira a questão da inspiração divina dos textos bíblicos, porém ficaremos apenas com esses três exemplos, retirados do nosso texto **“*Inspiração dos Textos Sagrados*”** ⁽¹⁹⁾.



Quais são os livros considerados proféticos?

Os tradutores da *Bíblia de Jerusalém* listaram como livros proféticos os seguintes títulos: Isaías, Jeremias, Lamentações, Baruc, Ezequiel, Daniel, Amós, Oseias, Miqueias, Sofonias, Naum, Habacuc, Ageu, Zacarias, Malaquias, Abdias, Joel e Jonas, ao todo 18 livros. Comparando com os da imagem do início da “Introdução”, tem-se o acréscimo de Baruc.

Quanto ao livro de Salmos, que, com razão, nem é citado como profético, e ao de Isaías acreditamos que ambos merecem explicações um pouco mais desenvolvidas, uma vez que ambos são citados em listas de profecias do Antigo Testamento que se cumpriram no Novo Testamento, ainda que neles não tenham o que querem usar como base.

a) Salmo

Mas o que é um Salmo? Vamos buscar a resposta iniciando pelo ***Dicionário Prático*** da *Bíblia*

Sagrada - Barsa, no qual lemos:

Salmos.

1. **Hinos cantados ao som de instrumentos de corda.** Estes hinos ou poemas religiosos eram patrimônio comum dos povos do antigo Oriente.

2. **O Livro dos Salmos é uma coleção de 150 salmos**, chamada, em hebraico, *Tehillim*, i.e. **hinos de louvor**. Muitos deles **são manifestações de louvor a Deus, outros, expressões de arrependimento, de súplica, de ações de graças, ou recordações históricas** de acontecimentos sagrados em Israel. **Davi compôs muitos deles**. Outros autores são também mencionados em seus títulos. Os salmos eram usados nas funções litúrgicas públicas do Templo e na vida privada de todos os israelitas. [...]. ⁽²⁰⁾ (itálico do original)

De pronto, já vemos que o teor de Salmos nada tem a ver com profecias, são apenas hinos litúrgicos compostos por diversos autores, em sua maioria por Davi, alguns até mesmo desconhecidos. ⁽²¹⁾ Inclusive há registro no Novo Testamento, no qual Jesus e seus discípulos cantaram salmos: *“Depois de terem cantado salmos, foram para o monte das Oliveiras.”* (Marcos 14,25)

Aproveitamos para citar estas três passagens que comprovam que Davi, de fato, não foi um profeta:

1ª) 1 Samuel 22,4-5: *“Davi os deixou com o rei de Moab, e eles ficaram com o rei durante todo o tempo em que Davi esteve escondido. **O profeta Gad, porém, disse a Davi:** ‘Não continue no esconderijo. Vá para o território de Judá’. Então Davi foi e se escondeu na floresta de Haret.”*

2ª) 2 Samuel 7,4-5: *“Nessa mesma noite, porém, a palavra de Javé foi dirigida a **Natã [profeta]:** ‘Vá dizer ao meu servo Davi: Assim diz Javé: Você quer construir uma casa para eu morar?’”*

3ª) 2 Samuel 24,11-12: *“Quando Davi se levantou de manhã, Javé havia transmitido esta mensagem **ao profeta Gad, vidente de Davi:** ‘Vá e fale a Davi: Assim diz Javé: Proponho a você três coisas; escolha uma, e eu a executarei’.”*

Na última passagem, Davi já havia sido ungido como rei de Judá (2 Samuel 2,4), seu reinado durou sete anos e meio (2 Samuel 2,11).

Naquele tempo, era comum os reis utilizarem-se de um vidente a “tiracolo”: *“Antigamente, em*

Israel, quando alguém ia consultar a Deus, dizia: 'Vamos ao vidente', porque, **em vez de 'profeta', como hoje se diz, dizia-se 'vidente'.**" (1 Samuel 9,9)

Na sequência, no **Dicionário Prático** são listados os três tipos de salmos:

1º) **Salmos Graduais:** Série de 15 salmos (119-133) que no Livro dos Salmos, têm, cada um, o título de *salmo gradual* ou cântico das ascensões. Eram usados pelos peregrinos que subiam a Jerusalém, para as festas. Pode haver também uma referência, no título, aos quinze degraus do Templo, que conduziam de um pórtico a outro. Os escritores cristãos de todas as épocas têm visto neles uma ascensão espiritual da alma, deste vale de lágrimas, para a Jerusalém celeste.

2º) **Salmos Imprecatórios.** São salmos nos quais o autor expressa maldição sobre outrem. Devemos nos lembrar que ele não fala como indivíduo particular mas como representante de Deus, ou como representante do Povo Escolhido, cujos inimigos são os inimigos de Deus, por ex. 34, 51, 53. 54. 57, 68, 78, 93, 108. **Às vezes, o salmista fala como profeta, predizendo castigos em forma de ameaças e de imprecções.** Além disto, a forte linguagem

semita usada é cheia destes recursos para dar uma expressão viva ao pensamento. Devemos rezar estes salmos com o espírito de quem sabe que sua luta não é contra meros braços de carne e de sangue ou contra armas de aço, mas contra o espírito de maldade e os invisíveis poderes do mal que militam contra o reino de Deus, em nós mesmos e nos outros.

3º) **Salmos Penitenciais.** Sete salmos que exprimem dor e tristeza, principalmente por causa do pecado. São eles os salmos 6, 31, 37, 50, 101, 120, 142. Pelo século V A.D. foram agrupados desta maneira. Talvez até muito antes. ⁽²²⁾

Percebe-se, claramente, que o tema do livro de Salmos refere-se à realidade da época; um ou outro pode, muito raramente, ter algum caráter de profecia, ao prever, por exemplo, castigos em forma de ameaças e de imprecações, segundo consta na transcrição.

O exegeta Russell Norman Champlin (1933-2018), em ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 6***, no verbete “salmo”, explica-nos:

II. Caracterização Geral

“O livro de Salmos, tradicionalmente

atribuído a Davi é uma antologia de cânticos e poemas sagrados dos hebreus. Aparece na terceira seção do Antigo Testamento, chamada os Escritos (no hebraico, *Ketubim*). A palavra salmos é de origem grega e denota o som de algum instrumento de cordas. Seu nome, em hebraico, é *tehillim*, 'louvores'. **Os temas dos salmos envolvem não somente louvores ao Senhor, mas também alegria tristeza pessoais, redenção nacional, festividades e eventos históricos.** O seu fervor religioso e seu poder literário têm conferido a essa coletânea uma profunda influência através dos séculos, e não menos no mundo cristão”.

“Tem havido intensa disputa entre os eruditos acerca da antiguidade e autoria desses salmos, e acerca de sua conexão com o rei Davi. **Provavelmente foram compostos durante um período bíblico de mil anos** ou mesmo mais. Dentre os **cento e cinquenta** salmos, setenta e três têm, no seu título, as palavras de Davi; e muitos deles foram compostos na primeira pessoa do singular. Alguns desses, ou porções dos mesmos, parecem ser de data posterior à do reinado de Davi. Entretanto, o cotejo com outras peças poéticas religiosas do Oriente Próximo e Médio da mesma época geral sugere que alguns dos **poemas atribuídos a Davi** datam, realmente, do tempo dele. Sem importar o que os especialistas digam, é apenas natural que a crença popular tenha atribuído a obra inteira ao maior dos reis de

Israel, um poeta e um músico que se sentia em íntima comunhão com Deus” (WW).

Os salmos reverberam as mais profundas experiências e necessidades do coração humano, e assim exercem uma atração permanente sobre as pessoas de todas as religiões. **Incorporaram o que havia de melhor nas formas poéticas dos hebreus**, tendo-as desenvolvido, e eram acompanhados por um surpreendente desenvolvimento musical, com frequência usado para acompanhar a recitação dos salmos na adoração formal de Israel.

Tem-se tornado comum aos eruditos liberais – aludirem aos salmos como o hinário do segundo templo, o que serve de uma boa descrição. Contudo, não há nenhuma razão constrangedora que nos force a duvidar de que, pelo menos, muitos dos salmos, bem como a música que os acompanhava, já faziam parte da liturgia do primeiro templo de Jerusalém. [...] Esse hinário do segundo templo contém **muitos elementos antigos que correspondem ao que se conhece sobre a poesia antiga de outras culturas, e não somente da cultura hebreia**; e isso favorece a antiguidade pelos menos de uma parcela razoável da coletânea.

Seja como for, a fé religiosa viva resplandece através desses hinos e poemas. **O Saltério é o hinário do antigo povo de Israel**; e, posteriormente, veio a ser o livro veterotestamentário mais constantemente

citado no Novo Testamento. Os primeiros hinários cristãos, em vários idiomas, incorporaram muitos dos salmos, que então foram musicados. [...] **Os principais tipos de salmos são os de louvor, lamentação, confissão, júbilo, triunfo, agradecimento, salmos reais, imprecações contra os inimigos, história sagrada, sabedoria, liturgias, cânticos festivos.** O livro de Salmos **reflete muitos aspectos da vida religiosa e das aspirações do antigo povo de Israel**, e é dotado de uma profunda beleza e percepção espiritual, que tem feito do livro uma parte imortal literatura religiosa.
(²³)

Consultamos as respectivas Introduções ao Salmos em várias Bíblias, eis o que encontramos:

1^a) ***Bíblia Sagrada – Santuário:***

Os salmos dizem-se, em geral, de Davi. Não é que Davi seja o autor de todos eles. Alguns são atribuídos pelo próprio texto sagrado a Azaf, aos filhos de Coré etc., e outros são simplesmente anônimos. Porém, **quer sejam do Santo rei Davi, quer de outro de menos nome ou até desconhecido, o principal autor dos salmos é o Espírito Santo.** Foi ele quem atuou nos autores sagrados, quer disso tivessem consciência, quer não, levando-os a escrever tudo e só o que lhe aprouve,

deixando a cada um o seu estilo pessoal e a urdidura literária do assunto. ⁽²⁴⁾

2ª) **Bíblia Sagrada – Ave-Maria:**

O Saltério é o **livro de oração** dos antigos judeus. Também para os cristãos ele tornou-se o livro de enlevos espirituais, depois de o ter sido para o próprio Jesus Cristo.

A palavra salmo (*psalmus*) é a tradução do termo hebraico que quer dizer louvores. Entretanto este termo exprime apenas um aspecto do conteúdo deste livro, **no qual se encontram lamentações, cânticos de penitência e de reconhecimento, poemas didáticos e súplicas ardentes.** Os salmos eram cânticos destinados principalmente ao uso litúrgico do Templo de Jerusalém, mas **neles percebe-se muitas vezes o eco de sentimentos religiosos inteiramente pessoais.** ⁽²⁵⁾

3ª) **Bíblia Sagrada – Vozes:**

3. Classificação dos Salmos: *Classificados por seu tema e forma, pertencem os Salmos a quatro categorias: Salmos de Louvor, Salmos de Ação de Graças no hebraico, ação de graças também significa louvor, Salmos de Lamentação e Súplica e Salmos Sapienciais. Os Salmos Sapienciais caracterizam-se como instrução ou exortação: palavra dirigida aos homens; os outros, como oração: palavra dirigida a Deus.* ⁽²⁶⁾ (itálico do original)

4ª) **Bíblia de Jerusalém:**

Uma classificação melhor se obtém pelo estudo das formas literárias e deste ponto de vista estilístico, distinguem-se **três grandes gêneros: os hinos, as súplicas e as ações de graças**. Esta divisão não é exaustiva, por que existem formas secundárias, aberrantes ou mistas e ela nem sempre corresponde a uma classificação dos salmos que se faria segundo seus temas ou suas intenções. (27)

Com tudo isso queremos deixar bem claro que os autores de Salmos não eram profetas, razão pela qual não existir “Salmos Proféticos” como alguns teólogos querem sustentar, para defender a ideia de que alguns trechos desse livro sejam profecias. Vejamos, por exemplo, isto que consta na **Wikipédia**:

O Salmo 91 e muitos outros são considerados proféticos ou messiânicos pela Teologia cristã, pois apontam para a vinda do Messias, sendo com frequência citados no Novo Testamento da Bíblia com o objetivo de identificar Jesus Cristo como o cumpridor da promessa. (28)

No fundo, o que vemos nessa explicação, e nas congêneres, é que “forçam a barra” para justificar

sua crença teológica.

Parece-nos que comentaristas e/ou tradutores bíblicos não possuem senso crítico, pois afirmar, como na *Bíblia Sagrada - Santuário*, que “o principal autor dos salmos é o Espírito Santo” demonstra ignorar que esse personagem é inexistente no Antigo Testamento. A verdade é que ele foi criado quando da instituição do dogma da Trindade.

E aí, caímos no ridículo: o próprio Deus inspirando o salmista a cantar hinos de louvor, fazer agradecimentos, ações de graças e súplicas a Ele mesmo. Haja coerência!

b) Isaías

Na *Bíblia Sagrada - Vozes*, colhemos estas informações:

A. O LIVRO DO PROFETA ISAÍAS (Is 1-39):

Nos 39 capítulos relacionados com a missão do profeta Isaías [cap. 1 a 39] encontramos textos de épocas posteriores, ajuntados pelos discípulos aos oráculos autênticos do mestre. **Os textos autênticos** revelam-se na linguagem clara, nobre, vigorosa e concisa, que inspira

autoridade, fé em Deus e compaixão pelo povo.

B. O LIVRO DA CONSOLAÇÃO (Is 40-55):

O livro é de um profeta anônimo, chamado Dêutero-Isaías.

Merecem destaque os “Cânticos do Servo do Senhor” (42,1-4; 49,1-6; 50,4-9a; 52-13-53,12). Neles se descreve a vocação do Servo, sua missão de pregador, sua função mediadora da salvação para os homens e, especialmente, o caráter expiatório de seus sofrimentos e de sua morte. **O Servo às vezes parece ser Israel como povo**, ou enquanto elite; outras vezes um personagem qualquer. Seja como for, o Novo Testamento viu no Servo sofredor o tipo por excelência dos sofrimentos e da morte redentora de Cristo.

C. O RETORNO DOS PRIMEIROS CATIVOS (Is 56-66);

A última coleção de oráculos é atribuída a um profeta anônimo, chamado Trito-Isaías, cuja atividade provavelmente se coloca em Jerusalém, entre os anos 537 a 515 a.C. [...]. ⁽²⁹⁾

Então temos informações de que o livro de Isaías pode ser dividido em três partes, sendo que as duas últimas – Isaías 40-55 e Isaías 56-66 – são de escritores anônimos, conseqüentemente não há base

lógica e racional para afirmar que tenham sido profetas.

A primeira parte – Isaías 1-39 –, possui erva daninha, uma vez que *“encontramos textos de épocas posteriores, ajuntados pelos discípulos”*, o que torna seu teor comprometido quanto a sabermos o que de fato veio de Isaías.

Na ***Bíblia de Jerusalém***, em “Profetas”, os seus tradutores, em se referindo a Isaías, explicaram:

O profeta Isaías nasceu por volta de 765 a.C. Em 740, ano da morte do rei Ozias, ele recebeu, no Templo de Jerusalém, sua vocação profética, **a missão de anunciar a ruína de Israel e de Judá como castigo das infidelidades do povo (6,1-13)**. Exerceu o ministério durante quarenta anos, **dominados pela ameaça crescente que a Assíria fazia pesar sobre Israel e Judá**. Distinguem-se quatro períodos entre os quais se pode, com maior ou menor certeza, distribuir os oráculos do profeta. – 1º Os primeiros datam do período de poucos anos entre sua vocação e a subida de Acaz ao trono em 736. **Isaías preocupava-se então sobretudo com a corrupção moral que a prosperidade tinha provocado em Judá (1-**

5 em boa parte). – 2º O rei de Damasco, Rason, e o rei de Israel, Faceia, quiseram arrastar o jovem Acaz a uma coligação contra Teglath Falasar III, rei da Assíria. Diante de sua recusa, atacaram Acaz, o qual recorreu à Assíria. Isaías interveio então e debalde tentou opor-se a esta política por demais humana. Desta época data o “livrinho do Emanuel” (7,1-11,9 em grande parte, mas também 5,26-29 [?]: 17,1-6; 28,1-4). Após a falência de sua missão junto a Acaz, Isaías retirou-se da cena pública (cf. 8,16-18). – 3º O recurso de Acaz a Teglath Falasar colocou Judá sob a tutela da Assíria e precipitou a ruína do reino do Norte. Depois da anexação duma parte do seu território em 734, a pressão estrangeira se agravou e, em 721, a Samaria caiu em poder dos assírios. Em Judá, Ezequias sucedeu a Acaz. Era um rei piedoso, animado do espírito de reforma. Mas as intrigas políticas renasceram e desta vez buscaram o apoio do Egito contra a Assíria. **Isaías, fiel a seus princípios, queria que recusassem toda aliança militar e que confiassem em Deus.** Com este começo do reinado de Ezequias estão relacionados 14,28-32; 18; 20; 28,7-22; 29,1-14; 2 30,8-17. Após a repressão da revolta e a tomada de Azoto por Sargon (20), Isaías voltou ao silêncio. – 4º Voltou a pregar em 705, quando Ezequias deixou-se levar a uma revolta contra a Assíria. Senaquerib assolou a Palestina em 701, mas o rei de Judá quis defender Jerusalém. **Isaías sustentou-o em**

sua resistência e prometeu o socorro de Deus; a cidade foi salva efetivamente. Deste último período datam pelo menos os oráculos de 1,4-9 (?); 10,5-15. 27b-32; 14,24-27 e as passagens de 28-32 que não foram associadas ao período precedente. **Nada mais sabemos da carreira de Isaías depois de 700.** Conforme uma tradição judaica, ele teria sido martirizado no tempo de Manassés.

Esta participação ativa nos assuntos de seu país faz de Isaías um herói nacional. É também poeta genial. O brilho do estilo, a novidade das imagens fazem dele o grande “clássico” da Bíblia. Suas composições têm força concisa, majestade e harmonia que jamais serão igualadas. Mas sua grandeza é antes de tudo religiosa. Isaías foi marcado para sempre pela cena de sua vocação no Templo, na qual teve a revelação da transcendência de Deus e da indignidade do homem. Sua ideia de Deus tem algo de triunfal e também de pavoroso: Deus é o Santo, o Forte, o Poderoso, o Rei. O homem é um ser manchado pelo pecado, do qual Deus pede reparação, pois Deus exige a justiça nas relações sociais e também a sinceridade no culto que se lhe tributa. Quer que o homem seja fiel. Isaías é o profeta da fé e, nas graves crises que a nação atravessa, pede que confiem só em Deus: é a única oportunidade de salvação. Sabe que a provação será dura, mas espera que sobreviva um “resto”, do qual o Messias será o rei. Isaías é o maior dos profetas

messiânicos. **O Messias que ele anuncia é um descendente de Davi, que fará reinar sobre a terra a paz e a justiça, e difundirá o conhecimento de Deus** (2,1-5; 7,10-17; 9,1-6; 11,1-9; 28,16-17).

Gênio religioso tão grande, marcou profundamente sua época e fez escola. **Suas palavras foram conservadas e sofreram acréscimos.** O livro que traz o seu nome é o resultado de um longo processo de composição, **impossível de reconstituir em todas as suas etapas.** [...].

O livro recebeu acréscimos mais consideráveis ainda. Os caps. 40-55 não podem ser obra do profeta do século VIII. Não só nunca é mencionado aí o seu nome, mas também o contexto histórico é posterior cerca de dois séculos: Jerusalém foi tomada, o povo se acha cativo em Babilônia, **Ciro já está em cena e será o instrumento da libertação.** Sem dúvida, a onipotência divina poderia transportar um profeta a um futuro longínquo, retirá-lo do presente e alterar as imagens e seus pensamentos. Mas isso supõe o desdobramento dos contemporâneos – para os quais ele foi enviado – os quais não têm paralelo na Bíblia e são contrários à própria noção de profecia, a qual não faz intervir o futuro senão como ensinamento para o presente. **Esses capítulos contêm a pregação dum anônimo, continuador de Isaías** e grande profeta, como ele, o qual, na falta de um

nome melhor, **chamamos de Dêutero-Isaías ou de Segundo Isaías**. Pregou em Babilônia entre as primeiras vitórias de Ciro, em 550 a.C. – que levam a adivinhar a ruína do império babilônico – e o edito libertador de 538, que permitiu os primeiros retornos. [...].

[...] Os oráculos dos **caps. 1-39** eram geralmente ameaçadores e cheios de alusões aos acontecimentos dos reinados de Acaz e de Ezequias; os dos **caps. 40-55 estão desligados deste contexto histórico** e são consoladores. O julgamento cumpriu-se na ruína de Jerusalém, **o tempo da restauração está próximo**. Será uma renovação completa e este aspecto é sublimado pela importância dada ao tema de Deus criador, unido ao de Deus salvador. **Um novo êxodo, mais maravilhoso do que o primeiro, reconduzirá o povo a uma nova Jerusalém, mais bela que a primeira**. [...].

A última parte do livro (caps. 56-66) tem sido considerada como obra de outro profeta, denominado “Trito-Isaías”, Terceiro Isaías. Hoje, geralmente se reconhece que é uma coletânea diversificada. [...]. ⁽³⁰⁾

O messias esperado por Isaías viria em breve, não tem nada a ver com Jesus, como os tradutores querem nos levar a crer.

É oportuno vermos dos trechos citados no final

do 2º parágrafo este que não listaremos no capítulo “Eventos ocorridos com Jesus que são considerados como previstos no Antigo Testamento”, na parte em que analisaremos as (supostas) profecias:

Isaías 2,1-5: ***“Visão de Isaías, filho de Amós, sobre Judá e Jerusalém: No final dos tempos, o monte do Templo de Javé estará firmemente plantado no mais alto dos montes, e será mais alto que as colinas. Para lá correrão todas as nações. Para lá irão muitos povos, dizendo: ‘Venham! Vamos subir à montanha de Javé, vamos ao Templo do Deus de Jacó, para que ele nos mostre seus caminhos, e possamos caminhar em suas veredas’. Pois de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra de Javé. Então ele julgará as nações e será o árbitro de povos numerosos. De suas espadas eles fabricarão enxadas, e de suas lanças farão foices. Nenhuma nação pegará em armas contra outra, e ninguém mais vai se treinar para a guerra. Venha, casa de Jacó: vamos caminhar à luz de Javé.”***

Na ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, encontramos a seguinte explicação:

2,1-5: **Este oráculo é um acréscimo posterior** e relembra os temas do Terceiro

Isaías (Is 56-66): **no futuro, os povos pagãos se dirigirão a Jerusalém para participar da Aliança, e então haverá paz definitiva.** O Novo Testamento retoma o tema em Ap 21,1-22,5. A paz é imaginada pelo profeta como transformação total em Israel e no relacionamento entre as nações. Os instrumentos de destruição serão transformados em instrumentos que produzem vida. ⁽³¹⁾

Se “*Este oráculo é um acréscimo posterior*”, nada temos a considerar sobre; o descartamos por falta de comprovação de seu autor, seja ele quem for, ter sido “inspirado”.

E, finalmente, os editores da *Revista das Religiões*, publicaram o livreto intitulado “***Coleção Grandes Heróis Bíblia I: Profetas: Oseias, Amós, Isaías, Miqueias, Daniel, Jeremias, Ezequiel, Jonas, Zacarias***” do qual transcrevemos este segmento, que trata do profeta Isaías:

ISAÍAS

(Séc. 8 a.C. e 7 a.C.)

SITUAÇÃO

A paz no reino de Israel termina em 721

a.C., quando os assírios subjagam Samaria. Com medo da ameaça externa, o reino de Judá, ao sul, começa a pagar tributos aos assírios. Entre 705 a.C. e 701 a.C., Judá é invadida, mas Jerusalém é poupada.

ENSINAMENTOS

Isaías diz que Jerusalém não foi destruída graças a Javé, mas suas palavras não surtem efeito. O profeta também se coloca contra os abusos cometidos pelos poderosos do reino.

No século 8 a.C., o império assírio empreendeu diversas investidas militares por toda a Palestina. Conquista cidades, deporta à força os conquistados para outras regiões e incendia casas. Nos últimos anos desse século toda a região estava sob domínio assírio. Quase toda. Restava um local, talvez o mais importante de todos Jerusalém, capital do reino de Judá, ao Sul. Em 701 a.C. os assírios, equipados com carros de combate e cavaleiros com couraças, colocam-se às portas das muralhas da cidade, cercando-a. Quando tudo levava a crer que a destruição viria em breve. inesperadamente o exército inimigo bate em retirada. Aliviado, o povo sai às ruas para festejar aquilo que acreditava ser um milagre. Apenas uma pessoa não entra na festa, o profeta Isaías: “Não olhem para mim porque choro amargamente e não queiram me consolar”, pronunciou o poeta (Isaías 22,4).

Mesmo tendo sido incompreendido muitas vezes, Isaías teve grande influência em diversos acontecimentos históricos. Ao longo de sua pregação, teve acesso aos grandes sacerdotes e falou diretamente com os reis. Era um homem culto e, segundo algumas teorias, tinha parentes na esfera monárquica. “Às vezes, a ideia que nós temos de um profeta é de alguém que veio do deserto, com roupas meio sujas, cheirando mal”, diz o teólogo Landon Jones, da Faculdade Teológica Batista He São Paulo. “Não foi o caso de Isaías.” **O profeta está entre os que mais deixaram páginas no Antigo Testamento, embora a autoria delas seja atribuída também a outras duas pessoas.** Atualmente, grande parte de sua fama está nos seus vaticínios sobre o nascimento de um príncipe. **Suas palavras foram muito utilizadas pelos cristãos para reforçar a chegada do Messias, Jesus Cristo.** ⁽³²⁾

É interessante que a maioria dos defensores da inspiração divina dos textos bíblicos parece não saber nada disso que se fala sobre o livro de Isaías. Se nem se conhece quem foi o verdadeiro autor de certos trechos, como então considerá-lo como sendo inspirado?

O que nos chama a atenção, é o fato de que o povo daquela época, a quem essas (supostas)

profecias foram dirigidas, não aceitava Jesus como sendo o Messias, Eis o motivo de estranharmos por qual razão ou justificativa plausível as correntes religiosas ditas cristãs o têm nesse conceito.

Ao que tudo indica, houve, nos Evangelhos, uma preocupação, por parte de seus autores e, possivelmente, também seguidores, de colocar Jesus como sendo o Messias esperado. Isso ocorre de forma mais evidente com o autor de Mateus.

Somos forçados a voltar à questão do messias, tomando da obra ***Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?: Mais Revelações Inéditas Sobre as Contradições da Bíblia***, onde Bart D. Ehrman explica:

AS EXPECTATIVAS JUDAICAS QUANTO AO MESSIAS

Por que a imensa maioria dos judeus sempre rejeitou Jesus como aquele previsto — um salvador mandado por Deus para sofrer pelos outros, de modo a trazer a salvação e então ressuscitar dos mortos?

Na verdade, a resposta é bem simples. **Segundo a tradição judaica, antes do surgimento do cristianismo não havia a expectativa de um Messias sofredor.**

Mas a Bíblia não fala o tempo todo sobre o Messias que irá sofrer? A resposta, de fato, é não. Desde o início, **os cristãos com frequência citaram certas passagens do Antigo Testamento como profecias claras do futuro Messias sofredor, passagens como Isaías 53 e o Salmo 22**, nas quais alguém sofre muitíssimo, algumas vezes explicitamente pelos pecados de outros. Os cristãos alegaram que esses trechos eram afirmações claras sobre como seria o Messias. Contudo, judeus que não acreditam em Jesus sempre tiveram uma resposta muito eficaz: **o Messias nunca é mencionado nessas passagens**. Você pode verificar por si mesmo: leia Isaías 53 ou o Salmo 22 (vou citar os versículos relevantes mais à frente). O termo “Messias” nunca aparece neles. Segundo a tradição judaica, **essas passagens se referem não ao Messias, mas a outras pessoas** (há muitas outras pessoas).

Antes do cristianismo, não sabemos de nenhum judeu que antecipasse um Messias que fosse sofrer e morrer pelos pecados de outros e depois ser ressuscitado dos mortos. Como, então, seria o Messias? Sabemos por documentos judaicos escritos aproximadamente na época de Jesus que havia várias expectativas sobre como ele seria. Em nenhuma delas ele era algo como Jesus.

O termo “Messias” significa literalmente “o

ungido”. Ele foi usado em relação a vários personagens no Antigo Testamento – sacerdotes e reis, por exemplo – que eram cerimonialmente ungidos com óleo como símbolo de graça divina, indicando que Deus os selecionara para fazer suas tarefas (1 Samuel 10:1; Levítico 4-3, 5). A visão judaica clássica do Messias derivava da antiga visão israelita de rei.

Segundo tradições encontradas no antigo Israel, Deus prometera ao rei Davi que sempre haveria um de seus descendentes sentado no trono de Israel (1 Samuel 7:14:16). Mas as vicissitudes da história não confirmaram a promessa. A nação de Judá, que o monarca davídico governara por mais de quatrocentos anos, tinha sido destruída pelos babilônios em 586 a.C. Já não havia um rei davídico sentado no trono. Mas Deus havia prometido que sempre haveria. Como essa promessa podia ser ajustada à realidade histórica?

Alguns judeus achavam que Deus cumpriria sua promessa restaurando um rei ungido para governar Israel quando houvesse acabado de punir seu povo por sua desobediência. **Esse seria o Messias, o novo ungido, um grande rei-guerreiro como Davi que iria derrubar os inimigos de Israel e restabelecer o país como um Estado soberano na Terra.** Essa esperança aumentou e diminuiu ao longo dos anos, com os babilônios sendo substituídos pelos

persas, depois pelos gregos, pelos egípcios, pelos sírios e pelos romanos: todos eles controlando a terra de Israel, sem nenhum descendente de Davi no trono, até a época de Jesus.

Na época de Jesus, muitos judeus provavelmente não pensavam tanto em um futuro Messias, assim como a maioria dos judeus atualmente não pensa. Aqueles judeus que estavam esperando o Messias, porém, acreditavam que Deus iria cumprir sua promessa, encontrada em passagens messiânicas como o Salmo 2:1-9 da Bíblia hebraica:

Por que as nações se amotinam e os povos planejam em vão? Os reis da terra se insurgem, e, unidos, os príncipes enfrentam Iahweh e seu Messias: “Rebentemos seus grilhões, sacudamos de nós suas algemas!” O que habita nos céus ri, o Senhor se diverte à custa deles. E depois Ihes fala com ira, confundindo-os com seu furor: “Fui eu que consagrei o meu rei sobre Sião, minha montanha sagrada!” Publicarei o decreto de Iahweh: Ele me disse: “Tu és meu filho, e hoje te gerei. Pede, e eu te darei as nações como herança, os confins da terra como propriedade. Tu as quebrarás com um cetro de ferro, como um vaso de oleiro as despedaçarás.”

A expectativa óbvia é de um rei grandioso

e poderoso da linhagem de Davi que será o Filho de Deus, assim como os sucessores de Davi foram (ver 2 Samuel 7:14). Que essa expectativa de um futuro Messias político estava viva, e bem na época de Jesus fica evidente a partir de textos judaicos da época. Uma afirmação particularmente clara da expectativa desse Messias está fora da Bíblia, em um livro chamado Salmos de Salomão, escrito algumas décadas antes do nascimento de Jesus. Veja que tipo de pessoa seria o Messias:

Veja, senhor, e erga para eles seu rei, o filho de Davi, para reinar sobre sua serva Israel em seu tempo, ó Senhor. Sustente-o com a força para destruir os governantes ímpios, expurgar Jerusalém dos gentios, que a levam à destruição; com a sabedoria e a justiça para expulsar os pecadores da herança, para esmagar a arrogância dos pecadores como um vaso de oleiro; para esmagar toda a sua substância com uma vara de ferro, destruir as nações ímpias com a palavra de sua boca (...) Ele reunirá pessoas santas que irá liderar na justiça (...) E fará as nações gentias servirem a ele sob seu jugo, e irá glorificar o Senhor em um [lugar] de destaque [acima] de toda a Terra. E irá purificar Jerusalém e torná-la santa como era desde o princípio (...) e será um rei justo para com eles, ensinado por Deus. Não haverá impiedade entre eles em seus dias, pois todos serão santos, e seu rei será o Senhor Messias (Salmos de Salomão 17:21-

32).

A expectativa de muitos judeus na época de Jesus era a de que o Messias seria um poderoso rei-guerreiro.

Mas havia outros judeus que tinham outras expectativas sobre como seria o futuro libertador de Israel. Especialmente na tradição apocalíptica, da qual Jesus e seus seguidores faziam parte, costumava-se acreditar que o futuro salvador não seria meramente um rei terreno. Ele seria um juiz cósmico da Terra, mandado por Deus para derrubar as forças do mal com uma demonstração de força. Esse personagem divino era chamado de muitas coisas em diferentes textos, incluindo “o Filho do Homem” (com base em uma leitura de Daniel 7:13-14). Considere os dois textos judaicos seguintes, que datam aproximadamente da época do início do cristianismo:

E eles [o povo de Deus] têm grande contentamento, e abençoam, e louvam e exaltam porque o nome do Filho do Homem foi revelado a eles. E ele se senta no trono de sua glória, e todo o julgamento é dado ao Filho do Homem, e ele faz com que os pecadores caiam e sejam destruídos da face da terra. E aqueles que tiraram o mundo da rota serão encontrados em correntes, e serão trancados no local de reunião para sua destruição, e suas obras desaparecerão da face da terra. E a partir de então não

haverá nada corruptível, pois que o Filho do Homem surgiu e se sentou no trono de sua glória, e tudo de mal desaparecerá e sumirá perante ele (1 Enoque 69).

Enquanto eu olhava, o vento fez algo como que a figura de um homem surgindo do coração do mar. E eu vi que esse homem voava com as nuvens do céu; e para tudo o que ele voltava o rosto para ver, tudo sob seu olhar tremia (...) Depois disso eu olhei e vi que uma inumerável multidão de pessoas estava reunida dos quatro ventos dos céus para fazer guerra ao homem que vinha do mar. (...) Quando ele viu a multidão se aproximando nem levantou sua mão nem segurou uma lança ou qualquer arma de guerra; mas eu vi apenas como ele lançou de sua boca algo como uma torrente de fogo, e de seus lábios um hálito de chamas (...) [que] caiu sobre a multidão que se aproximava e estava preparada para lutar, e queimou todos eles, de modo que de repente ninguém se via na inumerável multidão, apenas o pó das cinzas e o cheiro da fumaça (4Esdras 13:1-11).

Um grande e poderoso rei-guerreiro, ou um ainda mais poderoso juiz cósmico da Terra – isso era o que alguns judeus esperavam do Messias. Outros judeus tinham ainda outras expectativas sobre como seria um futuro salvador.¹ Mas algo que todas as expectativas tinham em comum era isso: ●

futuro Messias seria uma figura grandiosa e de verdadeiro poder, que iria derrubar os inimigos de Deus em uma demonstração de força e governar seu povo, e as outras nações da terra, com uma vara de ferro.

E quem era Jesus? Um pregador itinerante do interior da Galileia praticamente desconhecido que vivia do lado errado da lei e que foi crucificado como um insurgente político. Jesus não derrubou os romanos. Os romanos o esmagaram como um mosquito. Para a maioria dos judeus, chamar Jesus de Messias era mais do que risível; era praticamente (ou verdadeiramente) uma blasfêmia contra Deus. Jesus é o Messias? O pregador que foi crucificado? Esse é o Messias de Deus? Então tá.

Quando tento explicar a meus alunos como a alegação soava absurda à maioria dos judeus, costumo apelar para uma analogia. A reação instintiva que a maioria dos judeus tinha à ideia de que Jesus era o Messias é comparável à reação que você teria caso eu insistisse sinceramente em que o líder do Ramo Davidiano David Koresh, que foi morto pelo FBI em Waco, é o Senhor do universo. David Koresh? Sim, ele é o salvador do mundo e o Senhor de tudo! Ah, claro – você é o quê, seu maluco? (Todo semestre tenho problemas com essa analogia; no mínimo um aluno diz em sua avaliação do curso: “Não consigo acreditar que Ehrman acha que David Koresh é o

Senhor do universo!”) ⁽³³⁾

Assim temos uma visão mais completa sobre o messias esperado.

Após essas explicações a respeito desses dois livros – Salmos e Isaías –, que com a quantidade de 51 citações, ou seja, 63% das passagens do Antigo Testamento que são consideradas como profecias, sigamos em frente.

Tivemos uma enorme surpresa ao navegar pela Internet, pois, acredite, caro leitor, encontramos uma quantidade de profecias 7,2 vezes maior que essa.

Em sites, que nos pareceu serem de cunho protestante, vimos postada uma lista com **312 profecias** ⁽³⁴⁾ e até, um com nada menos que **365 profecias** ⁽³⁵⁾, na prática, querem nesse caso, sem razão alguma, diga-se de passagem, estabelecer uma correspondência ao total de dias no ano.

Isso é como que uma espécie de “canto da sereia” que hipnotiza os adeptos de forma tal que eles passam a não ter dúvida alguma quanto à inspiração divina da Bíblia.

É visível a divergência a respeito das profecias entre católicos e protestantes; se num ponto tão importante como esse, aqueles que se consideram cristãos verdadeiros não se entendem, imagine quanto ao resto...

Comparamos a lista de 38 profecias inserida na *Bíblia Thompson*, de cunho protestante (³⁶), com o que levantamos na *Bíblia Sagrada Ave-Maria*, de viés católico, e constatamos que há diferenças significativas entre as passagens que atribuem como sendo profecias. A divergência entre elas não se resume apenas a cerca de sete passagens, pois existem profecias citas em cada uma delas que não constam na outra.

Além disso, vamos nos deparar com a situação em que o mesmo episódio do Novo Testamento tem citação divergente de passagem do Antigo Testamento, tornando-se bem complexa a análise comparativa. No final desse ebook, incluímos um Apêndice com o levantamento das profecias constantes da *Bíblia Thompson*.

Para nós é inusitado o fato de que nas

narrativas de um mesmo episódio as profecias correspondentes não são citadas por todos os autores do Evangelho. Supondo-se que os quatro autores – Mateus, Marcos, Lucas e João – tenham sido inspirados pelo mesmo “Espírito Santo”, isso nos parece sem lógica e bem estranho.

Julgamos que será surpresa para muitos o fato de que os nomes constantes dos títulos dos Evangelhos, na verdade, não designam os seus autores.

Recomendamos a nossa pesquisa sobre o tema intitulada **Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?**, que está disponível em nosso site ⁽³⁷⁾, a todos aqueles que duvidarem, atitude que julgamos natural.



Alguns crentes, às vezes, justificam certas contradições bíblicas que lhes apontamos dizendo que um Evangelho completa o outro, como se isso fosse realmente uma verdade.

A opinião de alguns renomados estudiosos e pesquisadores da Bíblia

Geza Vermes (1924-2013), foi um acadêmico britânico, estudioso bíblico e judaísta de ascendência judaica húngara, em ***A Religião de Jesus, o Judeu*** (1993), deixa bem claro que:

Uma das formas mais comuns de utilização da escritura nos Evangelhos Sinóticos é a que costumava ser chamada, em tempos passados e menos refinados, de argumentação profética. **Um versículo do Antigo Testamento é citado para indicar que um evento associado com a vida de Jesus tinha sido vaticinado, de modo que agora ser reconhecido como a realização de um pronunciamento de Isaías, Daniel ou Davi, o salmista, ou seja, o cumprimento de profecia messiânica. Com a chegada da idade da crítica, estas profecias passaram a ser consideradas como posteriores aos fatos, *prophetiae ex eventu*, outra maneira simplista de tratar um importante fenômeno cultural. [...].** ⁽³⁸⁾ (itálico do original)

Assim, após qualquer evento acontecido com

Jesus, os dogmáticos logo esquadrihavam todo o Antigo Testamento em busca de alguma passagem que pudesse se ligar a ele.

Bart D. Ehrman, em *Evangelhos Perdidos* (2003), percebeu muito bem isso:

Com bons motivos, pensa-se no Evangelho de Mateus como o mais “judaico” dos Evangelhos do Novo Testamento. Esse relato da vida e morte de Jesus vai longe ao destacar o judaísmo de Cristo. O texto começa fornecendo uma genealogia de Jesus que se estende, passando por Davi, o maior rei Judaico, até Abraão, o pai dos judeus. **Frequentemente, as Escrituras judaicas são citadas para mostrar que Jesus era o Messias judeu enviado pelo Deus dos judeus em cumprimento das Escrituras judaicas** (cf. Mt 1:23; 2:6;18). [...].⁽³⁹⁾

Por esse motivo, apoiar-se nos Evangelhos para sustentar essa hipótese não vemos como sendo uma boa alternativa.

Não sabemos como foi possível encontrar tantas profecias; inclusive, diga-se de passagem, que a sua esmagadora maioria não são propriamente o

que se pode entender como profecia, já que são passagens relacionadas a fatos corriqueiros do dia a dia dos que viviam nas respectivas épocas, não sendo, portanto, no sentido literal, uma previsão para um acontecimento futuro longínquo.

No desenrolar dessa pesquisa, ressaltaremos algumas delas, a fim de que você, caro leitor, possa ter elementos suficientes para tirar suas próprias conclusões.

Ademais, temos vários questionamentos. Se considerarmos o termo profecia como a previsão de evento que acontecerá no futuro, só vemos sentido nisso se o que for ocorrer tiver relação direta com a(s) pessoa(s) a que ela, a previsão, foi dita.

Se, por exemplo, há uma profecia a respeito da morte de Antíoco IV Epífanes (ca. 215-162 a.C.), por lógica, esse fato deveria acontecer quando as pessoas, às quais foi falada, ainda estivessem vivas.

Caso uma profecia se refira a um evento em futuro distante - anos, séculos ou milênios à frente, em relação às pessoas destinatárias - e, se antes da ocorrência do fato previsto nela, essas pessoas já

estiverem mortas, que valor teria a profecia? Especialmente as profecias que tinham por objetivo a mudança de comportamento dos judeus, e que foram transmitidas oralmente ao longo do tempo.

Acontece que uma boa parte das “profecias” só foram escritas, após a ocorrência dos fatos a que se pretende atribuí-las como sendo os nelas descritos, como no caso das relativas a Jesus.

Então, julgamos que, por lógica, uma profecia feita para um grupo de pessoas deve interessar a esse mesmo grupo que vive; e não a outro do futuro; é isso que, segundo entendemos, deveria valer.

Se houver alguma profecia para um futuro longínquo, ela somente terá sentido se, repetimos, tivesse sido escrita antes do acontecimento dos fatos a que ela se refira, não como se vê com profecia que foi criada para apoiar eventos já acontecidos.

E, assim mesmo, torna-se duvidosa, como no caso das “profecias” de Nostradamus (1502-1556), renomado astrólogo francês, que, os mesmos seguimentos religiosos que justificam a existência

das profecias relativas a Jesus, negam as dele ainda que feitas e escritas antes dos acontecimentos dos fatos a que o astrólogo se refere.

O curioso é que, com o tempo, acabamos por encontrar respaldo para os nossos questionamentos. Vejamos o que Geza Vermes, na obra **O Autêntico Evangelho de Jesus** (2003) e Bart D. Ehrman, em **O Problema com Deus** (2008), disseram:

a) Geza Vermes

É bem sabido, o principal método adotado pelos porta-vozes da igreja primitiva para provar a sua mensagem sobre a messianidade de Jesus foi mostrar que a sua história estava prefigurada na Bíblia, sendo, conseqüentemente, predeterminada por Deus. Os mestres do Mar Morto usaram a mesma técnica, conhecida como interpretação *pesher*. Nas pessoas e acontecimentos da comunidade de Qumrã, as antigas predições eram realizadas. **Retrospectivamente, uma exegese de cumprimento semelhante foi inserida pelos evangelistas na narrativa do Evangelho em relação ao sofrimento de Jesus, à sua morte e ressurreição.**

Além dos próprios anúncios de Jesus quanto ao seu fim, Marcos e Mateus o fizeram aludir a profecias que prediziam a

sua prisão: “Porque, na verdade, com o Filho do Homem vai acontecer *conforme está escrito sobre ele*, mas ai daquele por quem o Filho do Homem for entregue” (Mc 14,21; Mt 26,24). **Eles puseram palavras na boca de Jesus:** “*Mas é para que as Escrituras se cumpram*” (Mc 14,49); ou “E como **se cumpririam então as Escrituras**, segundo as quais isso deve acontecer?” (Mt 26,54). Em outra passagem, o Jesus de Marcos pergunta de maneira ambígua: “Mas como *está escrito* sobre o Filho do Homem que deverá sofrer muito e ser desprezado?” (Mc 9,12). O Jesus de Lucas, por sua vez, observa: “*Cumprir-se-á tudo o que foi escrito pelos Profetas a respeito do Filho do Homem*” (Lc 18,31), e o seu Jesus ressuscitado também declara: “*Assim está escrito* que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia” (Lc 24,46). **É muito notável, contudo, que nenhuma dessas alusões na verdade cite passagens bíblicas em que a morte e a ressurreição de Jesus estariam previstas.** Tampouco Paulo reproduz qualquer citação dos Livros Sagrados para apoiar a afirmação de que “Cristo morreu por nossos pecados, *segundo as Escrituras*” (1Cor 15,3). Isto apenas demonstra que a aceitabilidade do ensinamento relativo à morte e à ressurreição de Jesus aumenta se for presumido que esses acontecimentos tenham sido vaticinados não só por ele, mas também pelos Profetas muito antes dele.

Em consequência, predições adequadas de Jesus foram incorporadas à narrativa do Evangelho. A interpolação foi depois acompanhada por ajustes para fazer o comportamento dos apóstolos parecer menos desconcertante. Os evangelistas buscaram justificá-los observando que não podiam compreender Jesus, e que o significado das palavras dele era-lhes oculto (Lc 18,34). Os textos fazem os apóstolos fingirem que não tinham nenhuma ideia sobre o que significava ressuscitar dos mortos (Mc 9,10), apesar de o conceito de ressurreição ser de uso corrente entre os judeus do primeiro século d.C. O fato de os discípulos não pedirem uma explicação é atribuído a estarem muito tristes (Mt 17,23) ou com medo (Mc 9,32; Lc 9,45). Espantosamente, chega-se a sugerir que tivessem simplesmente esquecido as predições! Somos informados de que os mensageiros angélicos que encontraram as mulheres no sepulcro vazio tiveram de evocar as profecias de Jesus e, subitamente, “elas se lembraram de suas palavras” (Lc 24,6-8). Para dar uma aparência de coerência à sua versão da história, os evangelistas cobraram um alto preço dos apóstolos: eles são retratados como pessoas obtusas e sem força moral.

À luz dos indícios citados e examinados, o veredicto mais provável é que os apóstolos nada soubessem por antecedência sobre as etapas finais da

carreira de Jesus. Na verdade, “*Eloi, Eloi, lamá sabachtháni?*” (“Deus meu, Deus meu, por que me abandonastes?”), entendido no seu sentido mais óbvio (ver capítulo 5, nº 19, e capítulo 6, nº 4), sugere que, até o momento da crucificação, o próprio Jesus não esperava qualquer interrupção de sua missão, e ansiava por participar ele mesmo da cerimônia de inauguração do Reino de Deus.

Outros indícios indiretos reforçam a opinião de que Jesus esperava completar a tarefa a que estava predestinado. Vale a pena notar que, nas parábolas da semente germinando secretamente (Mc 4,26-29; ver capítulo 4, nº 2) e do joio (Mt 13,24-30; ver capítulo 4, nº 17), o semeador também é o ceifador, e nenhum hiato é antevisto entre os dois eventos. E mais significativamente, com uma exceção, nenhuma das parábolas, a mais típica forma literária utilizada por Jesus, tem nada a dizer sobre a cruz. A exceção é a alegoria dos vinhateiros homicidas que matam o filho amado do proprietário (Mc 12,1-9; Mt 21,33-41; Lc 20,9-16; ver capítulo 4, nº 4). E nenhuma delas faz alusão à ressurreição. ⁽⁴⁰⁾

b) Bart D. Ehrman:

[...] **Muitas pessoas hoje**, principalmente os cristãos conservadores, **leem os profetas como se eles fossem videntes prevendo em bolas de cristal acontecimentos ainda**

por vir em nossa própria época, mais de 2 mil anos distante da época em que os profetas estavam falando. Essa é uma abordagem absolutamente egocêntrica da Bíblia (tudo diz respeito a mim!). [...].

[...] Eles não estavam falando sobre o que iria acontecer a longo prazo, milhares de anos depois de sua época. Estavam falando para as pessoas que viviam em sua própria época e dizendo a elas o que Deus esperava delas e o que faria caso não obedecessem.

Como regra, os profetas acreditavam que haveria terríveis consequências para aqueles que não seguissem suas instruções, dadas por Deus. Para eles, Deus era soberano sobre seu povo e estava decidido e determinado a garantir que se comportasse adequadamente. Se não fosse assim, ele iria puni-lo – assim como tinha punido antes. Ele podia provocar secas, fome, dificuldades econômicas, revezes políticos e derrotas militares. Acima de tudo, derrotas militares. O Deus que tinha destruído os exércitos egípcios quando resgatara seu povo da escravidão iria destruí-lo caso não se comportasse como seu povo. Portanto, para os profetas, os revezes que as pessoas experimentavam, muitas das dificuldades que enfrentavam, muito de seu sofrimento, eram impostos diretamente por Deus, como uma punição por seus pecados e um esforço para levá-las a mudar. [...]. ⁽⁴¹⁾

[...] É importante lembrar, porém, que eles **[Isaías e Jeremias], e todos os profetas, estavam falando ao povo de sua própria época**, orientando-o na palavra do Senhor, estimulando-o a retornar a Deus e recitando o destino terrível que esperava pelo povo se não fizesse isso. [...]. ⁽⁴²⁾

Devo insistir em que os próprios profetas nunca afirmam isso como um princípio universal, como uma forma de explicar *todos* os casos de sofrimento. Ou seja, **os profetas estavam falando apenas a seus contemporâneos sobre seu sofrimento específico**. [...]. ⁽⁴³⁾

Os escritores Geza Vermes e Bart D. Ehrman são respeitáveis estudiosos da Bíblia e, certamente, encabeçam a lista dos que se dedicam a esse ofício, cujas opiniões vêm reforçar aquilo que já intuitivamente suspeitávamos faz algum tempo.

O escritor, jornalista e historiador, Paul Johnson (1928-2023), católico conservador, é o autor do livro ***História do Cristianismo*** (1976), no qual nos dá conta das manipulações dos textos bíblicos, visando ajustá-los a supostas profecias do Antigo Testamento:

Manipulações manifestas como essa não devem ser consideradas uma fraude deliberada, perpetrada com a intenção de iludir e ofuscar a verdade. **Elas ocorrem ao longo de toda a história do cristianismo, até a Renascença e mesmo depois**, e derivam de um conceito da natureza da prova documental que nos é alheio. Assim, um escriba zeloso, crendo sinceramente que a doutrina da Trindade era verdadeira, acreditava não passar de um acidente ou lapso o fato de não ter sido explicitada em 1 João, e, portanto, considerava seu dever remediar a questão. Estava apenas realizando um trabalho construtivo em favor da verdade! Quando esses acréscimos são tardios o bastante, são facilmente identificados e removidos pelos estudiosos de hoje. Quanto antes tivessem sido inseridos, mais difícil tornar-se-ia sua detecção. E, claro, depois de certo ponto, que tem lugar no princípio do século II, já não há qualquer possibilidade de limpar o texto. Ademais, mesmo que se dispusesse dos textos perfeitos e originais dos evangelhos, estes não nos protegeriam dos esforços de criar uma “verdade construtiva” por parte dos próprios evangelistas, bem como de suas fontes orais. **Tais tentativas ficam particularmente óbvias quando os evangelistas põem-se a alinhar ou modelar acontecimentos da vida de Jesus a fim de enquadrarem nas profecias do Antigo Testamento: aí, a tentação de criar**

– e, portanto, de falsificar – é clara, e estamos em guarda. Também somos felizardos por dispor, mesmo dentro do cânon, **quatro narrativas evangélicas, extraídas de uma variedade de fontes, cujos conflitos escandalosos são indicadores de áreas de verdade dúbia.** O mais óbvio refere-se às origens de Jesus: assim, sua linhagem davídica, necessária para seu papel, **é traçada por meio de José, muito embora isso seja incompatível com a teoria ou fato do nascimento pela virgem.** Há, ainda, contradições importantes quanto aos movimentos de Jesus durante sua missão, sobretudo sua visita ou visitas a Jerusalém, e tampouco os diversos relatos da Última Ceia podem ser conciliados com facilidade. ⁽⁴⁴⁾

Para nós, isso é algo importante, pois demonstra que o caminho que estamos tomando, ao fazer uma análise crítica do tema, já foi trilhado por outras pessoas bem mais competentes que nós; portanto, se somos heréticos, estamos em boas companhias.

Digressionando, mas dentro do tema, trazemos más notícias aos que confiam plenamente nos Evangelhos como obra totalmente inspirada por Deus.

Sempre nos apresentam a seguinte passagem bíblica para referendar os textos bíblicos como de inspiração divina:

*“Toda **Escritura** é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda boa obra.”* (2 Timóteo 3,16-17)

É oportuno lembrarmos aos desavisados que Paulo tinha em mãos a Torá, ou seja, Escritura dos judeus e não a Bíblia cristã dos dias atuais. Não se pode fugir desse contexto histórico, sob pena de falsear a verdade dos fatos.

Oportuno trazermos o seguinte trecho do livro ***A Bíblia: Uma Biografia*** (2007), autoria de Karen Armstrong, estudiosa do judaísmo, do cristianismo e do islamismo:

[...] **Paulo** viajou muito na diáspora e fundou comunidades na Síria, na Ásia Menor e na Grécia, determinado a disseminar o evangelho até os confins da Terra antes que Jesus retornasse. Ele **escreveu cartas** a seus conversos, respondendo às suas perguntas, exortando-os e explicando a fé. **Paulo nem por um instante pensou que**

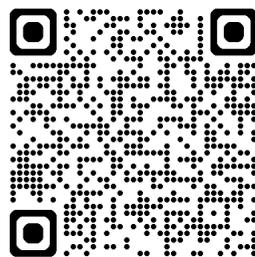
fazia uma “Escritura”; como estava convencido de que Jesus retornaria ainda durante a sua vida, nunca imaginou que as gerações futuras estudariam cuidadosamente suas epístolas. [...] não era apreciado em toda parte. Contudo, suas cartas às igrejas de Roma, Corinto, Galácia, Filipos e Tessalônica ⁽⁴⁵⁾ foram preservadas, e, após sua morte, no início dos anos 60, escritores cristãos que o reverenciavam escreveram em seu nome e desenvolveram suas ideias em cartas às igrejas de Éfeso e Colossos, e redigiram cartas supostamente póstumas dirigidas a Timóteo e Tito, companheiros de Paulo. ⁽⁴⁶⁾

Certamente, que se apoiar em carta que hoje sabemos não ser de autoria de Paulo de Tarso é uma alternativa, totalmente, ineficaz para se justificar que todo o conteúdo da Bíblia é de inspiração divina. Se querem manter essa ideia, é preciso que busquem outra fonte para se apoiarem.

E, no caso específico das cartas dirigidas a Timóteo e a Tito, tem-se a agravante de que foram escritas após a sua morte. Será que elas não se tratam de psicografias? Mas, biblicamente não é proibido se comunicar com os mortos, ou essa

proibição não vale mais?

Aproveitamos para sugerir aos possíveis interessados o nosso ebook ***Toda Escritura é Mesmo Inspirada?*** ⁽⁴⁷⁾, no qual abordamos esse tema com maior profundidade.



Entretanto, há mais alguma coisa que também vem derrubar a tese da inspiração divina dos textos bíblicos. Trata-se da forma como eles foram escolhidos.

Nossa fonte de informação é o espanhol Pepe Rodríguez, destacado jornalista de investigação, especializou-se em religiões comparadas. Da sua obra ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*** (1997), transcrevemos:

A seleção dos evangelhos canônicos foi feita no concílio de Niceia (325) e ratificado no de Laodiceia (363). O *modus operandi*, ou o processo utilizado, para distinguir entre textos verdadeiros e falsos, foi, segundo a tradição, o da “eleição milagrosa”. Foram apresentados, de facto,

quatro versões para justificar a preferência pelos quatro livros canônicos: **1)** depois de os bispos terem rezado muito, os quatro textos voaram por si sós e foram pousar-se sobre um altar; **2)** puseram todos os evangelhos em competição sobre um altar e os apócrifos caíram ao chão, enquanto os canônicos não se mexeram; **3)** depois de escolhidos, os quatro foram colocados sobre o altar e foi pedido a Deus que se neles houvesse qualquer palavra falsa os fizesse cair ao chão, o que não sucedeu com nenhum deles; **4)** o Espírito Santo, na forma de uma pomba, penetrou no recinto de Niceia e pousando no ombro de cada bispo sussurrou a cada um deles quais eram os evangelhos autênticos e quais os apócrifos. Esta última versão revelaria, além do mais, que uma boa parte dos bispos presentes no concílio eram surdos ou muito incrédulos, visto ter havido grande oposição à selecção – por voto maioritário, que não unânime, dos quatro textos canônicos actuais. ⁽⁴⁸⁾

Se nem ao menos sabemos ao certo como foram escolhidos e o porquê de ser Mateus, Marcos, Lucas e João, e não outros, como querem que acreditemos piamente neles?

Fora isso, temos que a votação não foi unânime, mas majoritária; teríamos bispos surdos

como argumenta Pepe Rodríguez?

A “votação maioritária” do Concílio de Niceia, como teremos oportunidade de ver num capítulo posterior, **foi imposta pelo imperador Constantino que ameaçou os bispos presentes com destituição e desterro**, caso não aceitassem que Jesus Cristo era “consustancial ao Pai” (*homoousios*). **Não foi, portanto, a inspiração do Espírito Santo que elevou à categoria de “verdade revelada” a crença oficial da Igreja Católica actual quanto à consustancialidade do Pai e do Filho, mas a vontade caprichosa de Constantino** – um monarca cruel que, apesar de ter contribuído decisivamente para o nascimento do cristianismo, acabou por abraçar o arianismo, em cuja fé veio a morrer. ⁽⁴⁹⁾

Está aí o que aconteceu nos bastidores do Concílio de Niceia, no qual foram escolhidos os Evangelhos e também tratada a tese da divindade de Cristo.

E, especificamente, quanto à questão das profecias sobre Jesus, esclarece-nos Pepe Rodríguez:

[...] A figura mítica de Jesus era demasiado frágil para dispensar toda e qualquer base *profética*. Se o deus bíblico

não permanecia constante, tornava-se, de facto, impossível fazê-lo prometer nuns livros o que havia de realizar nos subsequentes. **Convém não esquecer que o maior trunfo que jogou o judeo-cristianismo primitivo junto das massas incultas, e lhe garantiu uma efectiva expansão no seu seio, foi a demonstração de que em Jesus se haviam realizado as promessas divinas mais importantes de todas quantas os profetas haviam anunciado, ao longo dos séculos precedentes.** ⁽⁵⁰⁾ (itálico do original)

Vemos que a tentativa de ligar Jesus aos textos do Antigo Testamento tinha o objetivo de conquistar a “*massa inculta*”, fato que, parece-nos, está refletindo até os dias atuais.

O historiador das religiões Paul Du Breuil (1932-1991), em **Zoroastro: Religião e Filosofia** (1964), apresenta-nos essas curiosas informações:

a) Capítulo: O universalismo masdaico

São numerosas as ideias mago-zoroástricas que encontramos transpostas no profetismo deutero-canônico, sob o lirismo insubstituível dos livros de **Isaías**, de **Jeremias**, de **Ezequiel**, de certos **Salmos**, **Provérbios**, **Cânticos**, do **Eclesiastes**, da **Sabedoria**, de

Daniel, do **Siracida** (Eclesiástico), de **Oseias**, de **Baruch**, de **Amós**, de **Zacarias**, de **Malaquias**, bem como em Tobias e Ester e **na literatura apócrifa** dos milenaristas do livro de Enoch e dos essênianos. **As principais marcas desta herança esotérica surgiram sob os seguintes traços:** sabedoria monoteísta que cede, de maneira crescente, o mal ao dualismo, no qual o Tandem Yahe-Satã corresponde ao de Ahura Masda e de Ahriman – rejeição dos sacrifícios (Isaías, Oseias) –, teologia acentuada sobre a oposição da Luz e das trevas. Isaías (45.7) afirma que Yahvé fez tão bem a luz como as trevas, a felicidade como a desgraça, em reação contra a introdução do dualismo zoroástrico, em que Yahvé se liberta da responsabilidade das trevas e do mal ⁽⁵¹⁾ a angelologia dos arcanjos (Ameshas Spenta) e dos anjos – Paraíso, inferno e purgatório – reino de Deus evolução da ideia de responsabilidade pessoal em uma moral prévia de grupo (Isaías II, Ezequiel) – ressurreição dos mortos transportados para o plano físico (Ezequiel) – messianismo completamente espiritual do Redentor do fim dos tempos. ⁽⁵²⁾

b) Capítulo: O ecletismo dos partas

A influência do pensamento persa foi tão profunda na elaboração do pensamento judaico-cristão que, desde a época selêucida, surgem, já, inúmeras

tentativas de absorção de Zoroastro na tradição bíblica. Depois que o rei Salomão foi identificado com as dinastias persas, outros fizeram de Abraão o pai da astrologia caldaica e o iniciador de Zoroastro. Ezequiel foi assimilado por Zoroastro, ou melhor, por Zaratus da Babilônia, e vemos o Sábio iraniano confundido com Balaam, o profeta mesopotâmio missionado pelo rei de Moab, depois com o escriba Baruch, secretário de Jeremias e autor do livro do mesmo nome que precede Ezequiel, no Velho Testamento.
(⁵³)

No site da **BBC NEWS - Brasil**, vamos encontrar o artigo “A obscura religião antiga que influencia o mundo até hoje”, assinado pelo escritor Joobin Bekhrad, encontramos a informação de que:

A maioria dos acadêmicos acredita que o antigo profeta iririano Zaratustra (*Zartosht*, em persa, ou *Zoroastro*, em grego) tenha vivido em algum momento entre os anos 1000 a 1500 A.C. (⁵⁴)

Teriam, realmente, os persas influenciado a cultura religiosa dos hebreus? A impressão diante do teor dessa transcrição nos leva a supor ter uma boa possibilidade de isso ter acontecido.

Quanto aos profetas em si, vejamos o que teólogo Hans Küng (1928-2021), em ***Religiões do Mundo - Em Busca dos Pontos Comuns*** (1999), disse. Mas antes vejamos seus dados biográficos:

Nascido na Suíça em 1928, é padre católico romano desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen (1960-1996), onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Exerceu papel central na redação do documento final do Concílio Vaticano II (1962-1965), do qual foi consultor teológico. Marcou presença na Igreja, questionando as doutrinas tradicionais e a infalibilidade papal. Proibido em 1979 pelo Vaticano de atuar como teólogo católico, foi alvo de debate internacional. Nessa época foi nomeado pela universidade para a cadeira de teologia ecumênica, tarefa na qual se sente totalmente à vontade já que se dedica prioritariamente à união dos povos, das raças, das religiões, enfatizando o que há de comum entre eles, relativizando o que os separa. Atualmente mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Global em Tübingen.

Hans Küng é uma das figuras mais dignas de nota da teologia contemporânea. Dedicou-se ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras conceituadas em todo o mundo. ⁽⁵⁵⁾

Hans Küng, falando dos profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel, categoricamente afirma:

[...] **Esses porta-vozes não pretendem anunciar um futuro distante, mas sim prescrever, repreender, examinar e advertir no presente.** ⁽⁵⁶⁾

Por outro lado, verificamos que a grande maioria das supostas profecias citadas do Antigo Testamento, para nossa surpresa, está no livro de Isaías, com 22 ocorrências de 47, ou seja, 46,8%, sobre o qual, mais no início, fizemos algumas considerações.

No artigo “O desafio de entender Jesus”, publicado na **Revista Galileu Especial nº 2 - Jesus e os mistérios que a Bíblia não explica** (julho/2003), o jornalista José Tadeu Arantes, registra a opinião do teólogo Pe. Fernando Altemeyer Júnior, que vem justamente ao encontro do que observamos nessa pesquisa:

Esses relatos misturam, com muita liberdade, fatos históricos e enfeites mitológicos, e atribuem a cada episódio um significado transcendental. **“Há neles uma**

clara tentativa de adaptar os detalhes da vida de Jesus às profecias do Antigo Testamento”, comenta o teólogo Fernando Altemeyer Júnior, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (57)

Pensamento idêntico vamos encontrar em Marcus J. Borg e John Dominic Crossan, que valerá a pena transcrevê-lo da obra **A Última Semana** (2006):

Nós vemos o relacionamento entre a Bíblia Judaica e o Novo Testamento de modo muito diferente dos principais estudiosos. A Bíblia Judaica era a escritura sagrada dos primeiros cristãos e muitos deles a conheciam bem, alguns por ouvi-la oralmente, outros por serem capazes de lê-la. Assim, enquanto contavam a história de Jesus, eles usavam linguagem da Bíblia judaica para fazê-lo.

Essa prática produziu o que chamamos de “profecia historicizada”. Uma narrativa do passado (neste caso, da Bíblia judaica) é “historicizada” ao ser usada em uma narrativa subsequente (os evangelhos e o Novo Testamento). “Historicizar” aqui não torna algo histórico ou historicamente factual. Simplesmente significa usar uma passagem antiga em uma história mais nova na tentativa de ligar essa história mais nova à

tradição anterior e lhe dar credibilidade.

Para ilustrar o processo, usamos dois exemplos de Mateus, o mestre da profecia “historicizada” Em sua história sobre a infância de Jesus, Este e sua família voltavam do Egito depois de terem fugido para lá escapando à perseguição de Herodes. Mateus disse que a volta deles cumpriu uma passagem do profeta Oseias: “Do Egito chamei meu filho (11:1).” Em Oseias, essa passagem refere-se ao êxodo. Fala do amor de Deus por Israel e as coisas que Deus fez por ele, em especial a libertação durante o êxodo – Deus está “chamando seu filho”, Israel, “do Egito”. Mateus pegou essa passagem e disse que ela referia-se a Deus chamando seu “filho” – Jesus – do Egito. Isso foi uma profecia historicizada: usar uma passagem do Velho Testamento para narrar uma história posterior.

Em um segundo exemplo, Mateus conta a história do suicídio de Judas, perto do fim de seu evangelho; ele “historiciza” uma passagem dos profetas ligando-a ao preço da traição de Jesus: trinta moedas de prata. Em 27:9, Mateus ecoa uma passagem de Zacarias 11:13 (erradamente atribuída a Jeremias), que se refere a trinta shekels de prata sendo devolvidos ao tesouro do templo.

Algumas vezes é difícil discernir se a “profecia historicizada” está sendo usada para comentar algo que aconteceu ou se está

sendo usada para gerar uma narrativa ou um detalhe em uma narrativa. Mas esse discernimento não é nossa preocupação atual. O ponto a enfatizar é o uso de passagens da Bíblia judaica ao narrar a história de Jesus e *sua influência sobre a estrutura interpretativa do narrador.* ⁽⁵⁸⁾

A historiadora Juliana Cavalcante, no vídeo postado no *YouTube* intitulado “Jesus veio para cumprir o Antigo Testamento? – Alguns apontamentos sobre o nascimento de Jesus” deixa bem claro que, do ponto de vista de um historiador, não, ou seja, Jesus não veio cumprir nenhuma passagem do Antigo Testamento ⁽⁵⁹⁾.

Também podemos ver algo interessante em Tom Harpur, sobre a atitude de Mateus em querer ligar tudo a respeito de Jesus como se fosse cumprimento de alguma profecia. Vejamos o que disse em ***O Cristo dos Pagãos: a Sabedoria Antiga e o Significado Espiritual da Bíblia e da História de Jesus*** (2004):

A técnica de Mateus de esquadrihar o Velho Testamento em busca de “profecias” adequadas para servir de suporte à sua narrativa empresta a esse

Evangelho um sentido aparentemente de história judaica autêntica. Mas **todo esse edifício desaba quando se percebe que essas supostas profecias foram todas cumpridas no Velho Testamento e podem ser inteiramente explicadas sem nenhuma referência futura de espécie alguma**. Com frequência, no Novo Testamento, elas foram tiradas do contexto e distorcidas a ponto de se tornarem irreconhecíveis. As profecias hebraicas, é preciso lembrar, não diziam respeito a prever, profetizar, vaticinar, prognosticar, prenunciar, pressagiar, mas a projetar (isto é, **estavam relacionadas com os problemas imediatos**). [...]. ⁽⁶⁰⁾

Diante de tudo isso, vemos como medida urgente uma completa revisão nos conceitos teológicos tradicionais, para buscar a “*verdade que liberta*”, sob pena de causar, cada vez mais, incrédulos, conforme podemos comprovar neste texto de **Ubiratan Castro** (1948-2013):

Cristianismo: Uma História de Plágio e Profecias Arbitrárias

Autor: Ubiratan Castro

A base de toda a crença cristã está na Bíblia, livro adotado pelos cristãos como sendo a Palavra do Deus Vivo. E a existência do próprio deus cristão é comprovada (?)

mediante argumentos bíblicos, em especial profecias, analisados em termos de verossimilhança ou probabilidades. Entretanto, a inconsistência das profecias está na arbitrariedade dos argumentos usados para sustentá-las, selecionados de modo a favorecer a posição teísta ou bíblica. E a história do cristianismo e do seu mito Jesus encontra vários paralelos em crenças e mitologias ainda mais antigas.

Os cristãos consideram espantoso e maravilhoso o fato que tantas profecias do Velho Testamento se tivessem cumprido de forma precisa e exata na vida de Jesus, porém não enxergam, não querem enxergar ou simplesmente desconsideram o caráter arbitrário dado a elas. Eles assumem que as profecias foram feitas e cumpridas, mas ao mesmo tempo não têm evidência real para apoiar essas suposições. **Quando estes alegados cumprimentos de profecias são estudados nos seus contextos originais, vemos facilmente que a maior parte deles nada tinha que ver com as aplicações que os escritores do Novo Testamento lhes deram de forma arbitrária.** Um exemplo excelente é o cumprimento da profecia sobre a matança das crianças inocentes promovidas por Herodes. Mateus 2:16-18 diz o seguinte:

“Então Herodes, vendo-se iludido pelos magos, irritou-se muito e mandou matar todos os meninos de Belém, e de todos os

seus arredores, de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquirira os magos. ENTÃO CUMPRIU-SE O QUE FOI DITO PELO PROFETA JEREMIAS: Ouviu-se uma voz em Ramá, choro e grande lamentação, Raquel chorando por seus filhos, e recusando ser consolada, porque já não existem”.

Para o cristão comum, esta é apenas mais uma das profecias cumpridas a respeito de Jesus. No tempo em que eu era evangélico, não poucas foram as vezes que ouvi a frase “todo o texto usado sem um contexto é um pretexto”. E mesmo depois de ter me tornado ateu, muitas vezes esta frase foi a mim dirigida com o intuito de desmentirem meus argumentos antibíblicos. Agora é a minha vez de dar o troco. A profecia que Mateus afirma ter se cumprido está em Jeremias 31:15. No entanto, **Jeremias 31:15 é uma declaração que no contexto original se referia aos judeus** que tinham sido espalhados pelo estrangeiro durante a Diáspora. **Jeremias referiu-se figurativamente a isto como Raquel chorando pelos seus filhos**, mas no contexto da declaração, há uma promessa no versículo seguinte segundo a qual estes filhos “regressariam da terra do inimigo” (versículo 16). Portanto, **é óbvio que Jeremias não estava de maneira nenhuma a falar de um massacre brutal de crianças judias, pelo que torcer a passagem e dar-lhe a aplicação que Mateus lhe deu só pode ser visto como um ato de desespero da**

parte de alguém que, **não tendo qualquer evidência real do seu lado, tenta provar que este homem Jesus cumpriu as profecias judaicas sobre o vindouro Messias.** Quando juntamos a isso a **ausência total de referências em histórias seculares contemporâneas à matança dos inocentes por Herodes,** temos uma boa razão para acreditar que nunca ocorreu este evento que Mateus alegou ser um cumprimento de profecia.

O cristianismo, além de apoiado em profecias fundamentadas em arbitrariedades, é baseado também em histórias de religiões ANTERIORES ao próprio cristianismo. Entre elas, vale a pena reparar na versão Hindu, pois é espantosamente paralela à história de Mateus. **Segundo a literatura Hindu, quando Krishna, a oitava encarnação do deus Vishnu, nasceu da virgem Devaki, ele foi visitado por homens sábios que haviam sido guiados até ele por uma estrela.** Anjos também anunciaram o nascimento a pastores nos campos próximos. Quando o Rei Kansa soube do nascimento miraculoso desta criança, enviou homens para “matar todas as crianças nas localidades vizinhas”, mas uma “voz celestial” segredou ao pai adotivo de Krishna e avisou-o para que tomasse a criança e fugisse através do rio Jumna.

Um estudo de mitologia pagã estabeleceria paralelos similares nas

histórias de Zoroastro (Persa), Tammuz (Babilônica), Perseus e Adonis (Grego), Horus (Egípcia), Rômulo e Remo (Romana), Gautama (o fundador do Budismo), e muitas outras, pois vários elementos do mito da “criança perigosa” podem ser observados nas histórias de todos estes deuses e profetas pagãos. **Todos estes mitos são anteriores, geralmente muitos séculos, ao relato de Mateus sobre o massacre das crianças em Belém.** Krishna, por exemplo, era um salvador Hindu que alegadamente viveu no sexto século A.C., portanto quando um estudo da literatura do mundo antigo mostra que um evento incomum como a matança dos inocentes parece ter ocorrido por todo o lado, pessoas razoáveis percebem que esse evento provavelmente não ocorreu em lugar nenhum, ou na melhor das hipóteses ocorreu apenas uma vez e depois foi plagiado. Como a história ocorre muitas vezes antes da versão de Mateus, só podemos concluir que tal evento não ocorreu em Belém como Mateus, E SOMENTE MATEUS, alegou.

Muitos outros alegados cumprimentos de profecias na vida de Jesus têm paralelos na mitologia antiga. Os milagres de Jesus haviam sido profetizados em Isaías 53:4-5, a sua crucificação no Salmo 22:16, a sua ressurreição no Salmo 16:10, e a sua ascensão no Salmo 68:18. Contudo, o exame destas passagens no seu contexto revela o mesmo problema citado acima no caso de Jeremias 31:15. **As afirmações são**

notoriamente obscuras e só se tornam profecias através das alegações arbitrárias dos escritores do Novo Testamento, que as retiraram do contexto e as aplicaram a situações que os escritores originais não referiram. Portanto não há maneira de alguém estabelecer que estas “profecias” tenham sido originalmente feitas com a intenção de serem profecias. Tudo o que temos é a palavra não confirmada de escritores do Novo Testamento, dizendo que essas declarações foram feitas com a intenção de serem profecias, e isso não é uma base suficientemente boa sobre a qual se deva construir um argumento.

O Cristianismo não é a única religião que alega que o seu salvador realizou milagres, foi crucificado, foi ressuscitado dos mortos e ascendeu ao céu. Escritos Hindus atribuíram todas estas coisas a Krishna. De fato, as vidas de Jesus e Krishna, conforme relatadas nas respectivas literaturas dos seus seguidores, são tão espantosamente paralelas que pessoas razoáveis só podem concluir que os escritores do Novo Testamento tomaram de empréstimo muitas das suas ideias de uma mitologia do salvador que tinha evoluído muito antes do primeiro século. De fato, salvadores nascidos de virgens, crucificados e ressuscitados eram a coisa mais comum na mitologia pagã, e se isso não destrói os argumentos bíblicos (na medida em que se referem a cumprimento de

profecias) nas mentes dos cristãos, então eles estão obviamente determinados a acreditar na extravagância do mito Cristão, independentemente de quão convincente possa ser a evidência em contrário.

Ainda assim, vamos supor que seja possível provar o cumprimento da profecia da matança das crianças inocentes, por exemplo. Deixo bem claro que esta não é a minha tarefa, mas de todos os cristãos que afirmam que o seu mito e as profecias que o sustentam são verdadeiras. Desta maneira, quem quisesse provar que a matança dos inocentes aconteceu e foi realmente profetizada por Jeremias teria de demonstrar **ABSOLUTAMENTE**, além de qualquer dúvida, que Jeremias pretendia que a declaração fosse uma profecia da matança dos inocentes por Herodes. Particularmente eu duvido que alguém consiga passar desta etapa, mas supondo que alguém consiga, mas vamos supor que alguém conseguira provar que Jeremias pretendia que a declaração fosse uma predição da matança das crianças em algum momento no futuro do profeta, tal pessoa ainda teria que provar **DE FORMA ABSOLUTA** que o massacre das crianças de Belém por Herodes pode ser estabelecido como fato histórico. A ausência total de qualquer referência a tal evento por qualquer outro escritor do Novo Testamento ou qualquer historiador secular contemporâneo a essa época torna isso uma tarefa impossível para qualquer um. Contudo,

se um evento que alegadamente é um cumprimento de profecia não pode ser estabelecido fatualmente, como é que uma pessoa que possua um mínimo de inteligência pode afirmar que foi um cumprimento de profecia?

Se provar que uma profecia a respeito de Jesus realmente aconteceu é algo impossível, o que dizer de uma série delas? Será que alguém é capaz de pegar as supostas profecias sobre o messias cristão e passar pelo mesmo processo? Isto significaria pegar as alegações proféticas sobre o nascimento virginal de Jesus, os milagres, a entrada triunfal, a traição, a crucificação, o tratamento durante a crucificação, a ressurreição, a ascensão e centenas de outros alegados cumprimentos proféticos e provar para cada uma delas que: (1) a intenção da declaração original era mesmo fazer uma profecia de algo que ocorreria na vida do Messias e que (2) o acontecimento profetizado ocorreu mesmo a Jesus. Alguém se habilita?

É possível de alguma forma que alguém estudasse as escrituras do Velho Testamento, interpretasse algumas passagens obscuras como profecias e depois escrevesse uma biografia de um personagem fictício de modo a fazer parecer que todas estas “profecias” tinham sido cumpridas na sua vida? De acordo com forma como a vida e as profecias a respeito de Jesus Cristo nos

são apresentadas, é perfeitamente possível sim.

Portanto, o meu objetivo com este artigo é mostrar que estes alegados cumprimentos de profecias nunca aconteceram, que os escritores dos evangelhos limitaram-se a procurar no Velho Testamento declarações que podiam interpretar como profecias e depois escreveram as biografias do seu Messias de modo a fazer parecer que todas as profecias tinham sido maravilhosamente cumpridas. Mesmo que as ações de “cumprimento de profecias” tenham mesmo ocorrido, podiam ter sido feitas deliberadamente com o objetivo de dar ao pretenso Messias a oportunidade de alegar que ele tinha de fato cumprido as profecias judaicas. ⁽⁶¹⁾

Com o desabafo desse ex-evangélico, queremos deixar bem claro que, a manter as coisas como estão, causaremos um prejuízo muito grande, por estarmos, cada vez mais, dando origem a indivíduos que se tornam ateus.

Por ter sido evangélico, leu muito a Bíblia, o que nos leva a crer que todos os que a estudarem em profundidade e confrontarem suas conclusões com as orientações das suas respectivas lideranças

religiosas, poderão acabar como ele, ou seja, mais um indivíduo no rol dos ateus.

Ora, um livro de inspiração divina nunca poderia levar pessoas ao ateísmo; se isso está ocorrendo é porque existe alguma coisa errada. O que está errado? Pensamos que os teólogos do passado, por mais sábios que pudessem ser, não possuíam uma visão holística dos fatos; sempre colocavam os textos bíblicos sob o seu estreito ponto de vista.

E não há como negar que o homem avançou de maneira considerável, principalmente no campo das ciências. Isso vem provocando uma revisão completa nos conhecimentos do passado; só que ainda essa revisão não teve como alvo a teologia tradicional.

A humanidade, hoje, mais questionadora, e indubitavelmente mais exigente, não quer aceitar mais nada sem o crivo da razão e da lógica. Ao resolver passar a Bíblia por esse crivo, as coisas irão complicar-se, já que a maioria das correntes religiosas tradicionais terá que modificar seus

conceitos, sob pena de continuarem formando mais ateus do que crentes. Desejamos, com tudo isso, fazer um urgente pedido de socorro: Vamos separar na Bíblia o joio do trigo para o próprio bem dela.

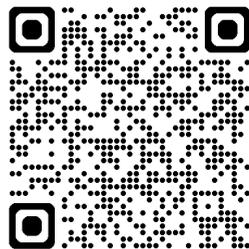
Eventos ocorridos com Jesus que são considerados como previstos no Antigo Testamento

Nesse capítulo, analisaremos apenas aquelas passagens que, por coerência, deveriam ser consideradas como profecias, já que são citadas, ainda que genericamente, nos textos do Novo Testamento.

No livro *Pedro, Paulo e Maria Madalena*, identificamos uma importante fala de Bart D. Ehrman, que não poderemos deixar de citá-la aqui, pois seu teor merece reflexão da parte de todos aqueles que forem nos ler:

A Bíblia foi escrita em uma época e em um lugar específicos, arrancá-la de seu contexto e fingir que de alguma forma suas palavras vão automaticamente se aplicar a nossa própria época e ao lugar onde vivemos, sem qualquer mudança, é pura loucura (para não ser muito contundente).
(⁶²)

É também oportuno informamos que as (supostas) profecias que foram acrescentadas pelo fanatismo cego, deixaremos de lado, pelo motivo de as ter publicado através do ebook intitulado ***Profecias por Ilações Teológicas*** ⁽⁶³⁾, visando deixar bem separado “o joio do trigo”.



Não raras vezes, o evidente apego da liderança religiosa ao poder e a elevada ganância de muitos líderes têm sufocado a verdade em detrimento desses dois sombrios interesses: “*Minha casa é uma casa de oração! Mas vós a fizestes um covil de ladrões.*” (Lucas 19,46, Mateus 21,13 e Marcos 11,17).

Para que as coisas fiquem claras, esclarecemos que, todas as vezes que se diz de “*profecias a respeito de Jesus*”, estão dizendo das previsões que supostamente os profetas do passado fizeram para um evento futuro; portanto, podemos concluir que são profecias no sentido literal desse termo.

Ao longo dessa pesquisa, nós perceberemos

que a interpretação das várias passagens, que se supõem como profecias, fica à conveniência dos teólogos ligados às correntes cristãs tradicionais, fato que julgamos representar pura contradição, pois esses “*apegados à letra*” deveriam, no mínimo, conhecer o teor desta passagem, na qual acreditam e têm como “*a palavra de Deus*”:

*“Antes de mais nada, saibam disto: **nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação particular**, pois a profecia jamais veio por vontade humana. Pelo contrário, impelidos pelo Espírito Santo, os homens falaram como porta-vozes de Deus.”*
(2 Pedro 1,20-21)

Numa forma mais direta temos que “**nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação**”; por isso é bem oportuna esta explicação que encontramos na **Bíblia Sagrada - Santuário**:

Contra os falsos doutores que interpretavam a seu modo as Escrituras, o hagiógrafo lembra que elas, porque **são obra do Espírito Santo, não podem ser interpretadas segundo o gosto de cada um.** ⁽⁶⁴⁾

Utilizaremos as que são mencionadas no Novo Testamento como base para nossa pesquisa que, conforme já informamos, são em número de 46 passagens tidas como realização de profecias, ou seja, perto de 12,6% da enorme lista de 365 profecias, que mencionamos na Introdução.

Para a identificação das passagens no Novo Testamento que seriam cumprimento de supostas profecias do Antigo Testamento, tomaremos em sua maioria como referência o que consta na **Bíblia Sagrada - Ave-Maria**, algumas poucas da **Bíblia Shedd** e para as transcrições dos textos bíblicos - do Antigo e do Novo Testamento -, será usada a **Bíblia Sagrada - Pastoral**, informaremos quando ela não for a fonte.

Observamos que uma boa parte das passagens são mencionadas como profecias específicas, porém, em outras fazem referência de uma forma genérica, dizendo “*aos profetas*” ou “*às escrituras*” (algumas vezes no singular), fora aquelas que nem mesmo existem. Pois é, caro leitor, por mais estranho que lhe possa parecer, até mesmo profecias inexistentes surgiram.

Os textos dos Evangelhos estarão na ordem cronológica em que foram escritos, conforme as informações do prof. Julio Trebolle Barrera, que foi membro do Comitê internacional de publicação dos Manuscritos do Mar Morto, constante do livro *A Bíblia Judaica e A Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia* (1993): Marcos, Mateus, Lucas e João ⁽⁶⁵⁾. Visando facilitar a identificação deles, achamos por bem, colocá-los com plano de fundo amarelo.

a) Evangelho Segundo Marcos

01) Marcos 9,11-13: *“Os discípulos perguntaram a Jesus: ‘Por que os doutores da Lei dizem que antes deve vir Elias?’ Jesus respondeu: ‘Antes vem Elias para colocar tudo em ordem. Mas, como dizem as Escrituras, o Filho do Homem deve sofrer muito e ser rejeitado. Eu, porém, digo a vocês: Elias já veio e fizeram com ele tudo o que queriam, exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele.’”*

Profecia: No v. 12, pede-se para conferir **Isaías 53**.

Em relação à volta de Elias, encontramos a explicação de que *“esta opinião dos escribas apoia-*

se em *Malaquias (3,23ss)*" (⁶⁶).

Retornando ao que já dissemos sobre o livro Isaías, vejamos apenas este trecho constante da ***Bíblia do Peregrino***, para destacar esta informação sobre o "Segundo Isaías (Dêutero-Isaías)":

É hoje opinião comum que **os capítulos 40-55 são obra de um profeta anônimo** que **exerceu o ministério** entre os desterrados de **Babilônia, durante a ascensão de Ciro** (553-539). (⁶⁷)

Muito bem, até um profeta anônimo, ou seja, um ilustre desconhecido, usam para referendar trechos que veem como profecias. Aliás, como já dissemos, nem mesmo poder-se-ia ser considerado um profeta, por absoluta falta de comprovação. Então, como podem afirmar que esses capítulos de Isaías foram inspirados?

A referência ao "*servo sofredor*" que aparece no capítulo 53 de Isaías, como vimos (⁶⁸), trata-se do próprio povo de Israel, portanto, não tem absolutamente nada a respeito de algum personagem que virá futuramente para cumprir essa função. Assim, o trecho do versículo 12 de Marcos 9:

“Mas, como dizem as Escrituras, o Filho do Homem deve sofrer muito e ser rejeitado”, dentro do contexto, parece-nos “peixe fora d'água”, destoando do assunto principal; inclusive, se o retirarmos nada afetará o desenrolar da história, que até ficará mais coerente.

Veja, caro leitor, se faz sentido o que estamos dizendo, lendo o texto sem esse versículo:

Marcos 9,11-13: *“Os discípulos perguntaram a Jesus: ‘Por que os doutores da Lei dizem que antes deve vir Elias?’ Jesus respondeu: ‘Antes vem Elias para colocar tudo em ordem. Eu, porém, digo a vocês: Elias já veio e fizeram com ele tudo o que queriam, exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele.’”*

Qualquer leitor consciencioso verá que o trecho suprimido *“Mas, como dizem as Escrituras, o Filho do Homem deve sofrer muito e ser rejeitado”*, não faz a menor diferença para a compreensão da narrativa.

A surpresa maior veio quando comparamos essa passagem com a versão de Mateus, que tem o seguinte teor:

*“Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: ‘O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?’ Jesus respondeu: ‘Elias vem para colocar tudo em ordem. Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram. Fizeram com ele tudo o que quiseram. **E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo.**”* (Mateus 17,10-12)

Ora, percebe-se que, na visão do autor do Evangelho de Mateus, justamente, aquele que, demasiadamente, se preocupava em citar profecias, esse trecho aparece como sendo uma simples fala de Jesus, sem qualquer conotação profética.

Embora essa passagem seja a que mais está ligada a uma profecia, pois ela menciona o mesmo nome daquele que, segundo o texto bíblico, Deus prometera enviar para anunciar a vinda do Messias, que foi confirmado por Jesus como sendo aquele que viria anunciá-lo.

02) Marcos 12,10-12: *“Por acaso, vocês não leram na Escritura: ‘A pedra que os construtores deixaram de lado, tornou-se a pedra mais importante; isso foi feito pelo Senhor e é admirável aos nossos olhos?’*”

Então os chefes dos judeus procuraram prender Jesus. Eles tinham entendido muito bem que Jesus havia contado essa parábola contra eles. Mas ficaram com medo da multidão e, por isso, deixaram Jesus e foram embora.” (Mateus 21,42 e Lucas 20,17-18)

Profecia: **Salmo 118,22-23**: “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular. Isso vem de Javé, e é maravilha aos nossos olhos.”

A explicação que encontramos na **Bíblia Sagrada - Barsa**, para esse Salmo, é que:

A pedra...: diretamente é o povo israelita que foi rejeitado pelos construtores de impérios como indigna de seus planos grandiosos, mas foi por Deus escolhida para **pedra angular** do reino messiânico. **Israel** é aqui um tipo do Cristo, que, em sentido mais perfeito, afirmou ser a pedra angular. ⁽⁶⁹⁾

A pedra angular, portanto, é o povo de Israel. Alguma dúvida? Então, podemos acrescentar, para maior esclarecimento dessa questão o que temos na **Bíblia Sagrada - Vozes**:

Canto solene de ação de graças,

recitado alternadamente por um solista e pelo coro, **durante a procissão ao templo para comemorar festivamente o dia da vitória de Deus sobre os inimigos de seu povo**, libertado de um grande perigo nacional. Chegando à porta do santuário, a comitiva pede entrada, só franqueada aos justos, que conformam sua vida às exigências da lei divina. **O motivo da exultação dos fiéis no templo é o amor de Deus, manifestado na eleição de Israel dentre todos os povos, para ser pedra angular no edifício da salvação da humanidade.** Os construtores do edifício da história humana excluíam dos conchavos da política internacional um povo tão insignificante como Israel, o qual, porém, seguindo os desígnios de Deus, ocupa o lugar central na vida espiritual dos povos, por ser a chave do processo de estabelecer o reino de Deus na terra e o veículo de transmissão dos desígnios salvíficos de Deus na história. ⁽⁷⁰⁾

O teor dessa transcrição não deixa margem a nenhuma dúvida sobre quem era a pedra angular do edifício: o povo de Israel.

03) Marcos 14,17-21: *“Ao cair da tarde, Jesus chegou com os Doze. Enquanto estavam à mesa comendo, Jesus disse: ‘Eu garanto a vocês: um de vocês vai me trair. É*

alguém que come comigo.’ Os discípulos começaram a ficar tristes e, um depois do outro, perguntaram a Jesus: ‘Será que sou eu?’ Jesus lhes disse: ‘É um dos Doze. É aquele que põe comigo a mão no prato. O Filho do Homem vai morrer, conforme diz a Escritura sobre ele. Contudo, ai daquele que trair o Filho do Homem! Seria melhor que nunca tivesse nascido!’” (Mateus 26,20-25; Lucas 22,14.21-23 e João 13,17-30)

Profecia: **Salmo 41,10**: *“Até o meu amigo, em quem eu confiava e que comia do meu pão, é o primeiro a me trair.”*

Quanto ao episódio da prisão de Jesus, em razão da traição de Judas, somente o autor de Lucas não diz que seria para “cumprir o que estava escrito”, porém, em Atos dos Apóstolos, que supõem ser de sua autoria, é mencionado isso:

*Atos 1,15-17 “Nesses dias, aí estava reunido um grupo de mais ou menos cento e vinte pessoas. Pedro levantou-se no meio dos irmãos e falou: ‘Irmãos, era preciso que se cumprisse **aquilo que o Espírito Santo, por meio de Davi, tinha anunciado na Escritura a respeito de Judas**, que se tornou o guia daqueles que prenderam Jesus. Judas era um do nosso grupo e participava do nosso*

serviço.”

Aqui apresentam como “*anunciado na Escritura a respeito de Judas*” o Salmo 41,10, que, no contexto da narrativa, se refere ao fato de que Davi foi traído por um amigo e conselheiro.

Embora a intenção dos autores dos Evangelhos tenha sido a de justificar a traição de Judas como cumprimento de uma suposta profecia, a verdade é que no Salmo 41,10 o rei Davi “clama aos céus” que o seu amigo e conselheiro o havia traído, ou seja, se trata de uma situação real acontecida com ele. De fato, o seu conselheiro chamado Aquitofel o trai, conforme se pode deduzir desta narrativa:

*“Enquanto oferecia os sacrifícios, Absalão mandou chamar também Aquitofel, conselheiro de Davi, à sua cidade de Gilo. E assim a conjuração se fortificava e se tornava cada vez mais numerosa em torno de Absalão. **Foi anunciado a Davi que Aquitofel estava também entre os conjurados de Absalão.** Davi disse: ‘Fazei que se frustrem, ó Senhor, meu Deus, os desígnios de Aquitofel.’” (2 Samuel 15,12.31)*

Vejamos o versículo bíblico que narra o que

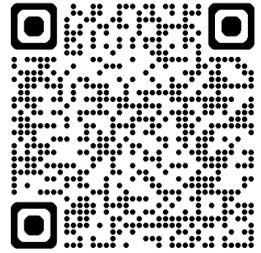
aconteceu com Aquitofel após Davi ter descoberto a sua traição:

*“**Aquitofel**, vendo que seu conselho não fora seguido, selou o seu jumento e tomou o caminho de sua casa, na sua cidade. Pôs em ordem os seus negócios e **enforcou-se**. Morto, foi enterrado no túmulo de seu pai.”* (2 Samuel 17,23)

A forma que Aquitofel, amigo e conselheiro de David, partiu para o “além-túmulo” tem alguma semelhança com a versão mais conhecida, a que consta em Mateus 27,5, sobre a morte de Judas? Dizemos “versão mais conhecida”, porque temos narrada outra história para sua morte, diferente de ter se enforcado. Portanto, ainda que seja estranho, temos duas versões para a morte desse mesmo personagem bíblico.

Em Atos dos Apóstolos (1,18) lemos: *“precipitando-se, caiu prostrado e arrebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram”*, mudando, desta maneira, o que anteriormente foi dito a respeito de sua morte. É impressionante como tomam coisas que nada têm a ver com o que querem demonstrar, para iludir o público.

Indicamos, a quem possa interessar, a nossa pesquisa mais ampla e detalhada publicada em nosso site com o título ***A Traição de Judas Uma História Mal Contada*** ⁽⁷¹⁾.



Caro leitor, quer ter a prova fatal de que a traição de Judas é, de fato, uma história mal contada? Faça uma primeira leitura de Mateus 27,1-26, mas pule o segmento do versículos 3 a 10 e continue a ler. Você verá que a narrativa tem uma sequência normal, parecendo que nada dela foi suprimido.

Agora leia novamente, todo o texto sem pular nada. E observe que o trecho “*Então Judas, o traidor, ao ver que Jesus fora condenado, sentiu remorso*”, no contexto da narrativa não faz sentido, pois a condenação de Jesus só será narrada do versículo 11 ao 26. Assim, fica claro que a estória da traição de Judas foi inventada e inserida no lugar errado no texto original. Bingo!

Por outro lado, vale a pena ver o teor da

narrativa, na qual é apresentada outra causa para a morte de Judas:

*“Judas era um do nosso grupo e participava do nosso serviço. Ele comprou um terreno com o salário da sua iniquidade; **depois caiu de ponta cabeça, arrebitou-se** e suas entranhas se esparramaram.”* (Atos 1,17-18)

Em ***Quem Matou Jesus?: As Raízes do Antisemitismo na História Evangélica da Morte de Jesus*** (1995), John Dominic Crossan informou que “a morte de Judas, o traidor de Jesus, foi modelada, em Mateus, em Aquitofel, traidor de Davi, mas, nos Atos, em Nadin, traidor de Aicar” (72). Vejamos como ele explica o porquê da semelhança ao traidor Nadin:

[...] Veremos muito mais sobre Aicar e Nadin (ou Nadã, Natá, Nabad) mais tarde, no capítulo 7, sobre a Ressurreição, mas, por enquanto, é suficiente registrar, respectivamente, **as versões síria, armênia e árabe do destino do traidor Nadin:**

(1) Nadã *inchou* como um saco e morreu.

(2) Nadã *inchou* e todo o seu corpo *rebitou* longe.

(3) Nadã... *inchou* imediatamente e ficou como uma bexiga. E seus membros *incharam*, suas pernas, seus pés e o resto, e

ele rasgou-se e seu ventre *rebentou* e suas entranhas se *dispersaram*, e ele pereceu, e morreu. (“The Story of Aiar”. Harris e colaboradores, 776, grifos meus [do autor]).

Conforme meus itálicos indicam, *inchou, rebentou e dispersaram* dão todos os detalhes da morte de Nadin. De forma similar, *inchou* (?), *rebentou* e *derramaram* dão **todos os detalhes da morte de Judas nos Atos.** Mas, novamente, uma morte horrível presume uma vida horrível, e isso aponta para a historicidade de Judas. ⁽⁷³⁾

Então, segundo John Dominic Crossan, temos duas situações que “explicam” a morte de Judas.

04) Marcos 14,26-28: “*Depois de terem cantado salmos, foram para o monte das Oliveiras. Então Jesus disse aos discípulos: ‘Vocês todos vão ficar desorientados, porque a Escritura diz: ‘Ferirei o pastor, e as ovelhas se dispersarão’.* Mas, depois de ressuscitar, eu irei à frente de vocês para a Galileia.” (Mateus 26,30-32)

Profecia: **Zacarias 13,7:** “*Espada, desperte contra o meu pastor e contra o homem da minha parentela – oráculo de Javé dos exércitos. Fira o pastor, para que as ovelhas se dispersem, pois vou virar a minha mão*

contra os pequenos.”

Observe, caro leitor, o início “*depois de cantarem salmos*” exatamente o que foi dito a respeito deles.

Para um melhor entendimento dessa passagem, juntaremos duas notas, tiradas da mesma fonte, que explicam muito bem o que estava ocorrendo. Vejamos, na ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, como explicam:

12,9-13,1: O primeiro ato exigido para reunificação é reconhecer Javé como único absoluto (olharão para mim). Em seguida, reconhecer os pecados da idolatria cometidos. **O “transpassado” aqui, designa o próprio povo** que, por seus pecados, sofreu a punição do exílio. O processo de purificação não é simplesmente um ato; é uma atitude, um processo contínuo, que exige a refontização da própria vida em Deus (fonte). ⁽⁷⁴⁾

13.7-10: O processo é doloroso (espada – v. 7 – e fogo – v. 9). *Espada:* os judeus deixaram de ter um rei (pastor) depois da destruição de Jerusalém, e o povo mais pobre, sem um ponto de união, se dispersou pelo país. **Fogo: é o exílio na Babilônia**, onde foi testada a fidelidade de Israel. [...].

(75)

Mais uma vez, nós percebemos que se fala do povo de Israel; não é de uma pessoa específica; portanto, não se poderia aplicá-la a Jesus.

Mas, se fazem questão de “descobrir” o cumprimento de profecias, vamos ver o versículo 8 de Zacarias, que é a sequência do versículo citado:

*“E acontecerá em toda a terra - oráculo de Javé - que **dois terços serão eliminados** e somente um terço restará. Farei essa terça parte passar pelo fogo, para apurá-la como se apura a prata, para prová-la como se prova o ouro.”* (Zacarias 13,8)

Quando foi que isso aconteceu? Ou, se não aconteceu, quando isso acontecerá? Veja: Deus eliminando dois terços da humanidade e só salvando um terço; seria uma atitude justa? Um pai de misericórdia agiria assim para com seus filhos?

05) Marcos 14,48-50: *“Jesus perguntou: ‘Vocês saíram com espadas e paus para me prender, como se eu fosse um bandido? Todos os dias eu estava com vocês no Templo, ensinando, e vocês não me*

prenderam. Mas, isso é para se cumprirem as Escrituras.’ Então todos fugiram, abandonando Jesus.” (Mateus 26,55-56)

Profecia: **Salmo 88,9** (ou 8): *“Afastaste de mim meus conhecidos, e me tornaste repugnante para eles: estou fechado, não posso sair.”* ⁽⁷⁶⁾

O autor desse Salmo é identificado “dos filhos de Coré”. O seu teor trata-se de súplica do fundo da angustia, conforme consta da *Bíblia de Jerusalém* ⁽⁷⁷⁾.

A narrativa correspondente em Mateus é:

Mateus 26,55-56: *“E naquela hora, disse Jesus às multidões: ‘Como a um ladrão, saístes para prender-me com espadas e paus! Eu me sentava no Templo ensinando todos os dias e não me prendestes’. **Tudo isso, porém, aconteceu para se cumprirem os escritos dos profetas.** Então todos os discípulos, abandonando-o, fugiram.”*

Sobre Jesus ter sido abandonado pelos discípulos em Lucas (22,47-53) nada é mencionado. Da mesma forma, o autor de João (João 18,1-11), mas nestes versículos faz referência a outra profecia:

João 18,8-9: “Jesus falou: ‘Já lhes disse que sou eu. Se vocês estão me procurando, deixem os outros ir embora.’ **Era para se cumprir a Escritura** que diz: **‘Não perdi nenhum daqueles que me deste.’”**

No versículo 9, na *Bíblia Sagrada - Ave-Maria* é feita referência a João 17,12, cujo teor é:

João 17,12: “Quando eu estava com eles, eu os guardava em teu nome, o nome que tu me deste. **Eu os protegi e nenhum deles se perdeu**, a não ser o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura.”

Como visto, não existe nenhuma profecia sobre Jesus sobre a traição de um dos seus discípulos, a referência que utilizam é fato ocorrido com o rei Davi, que foi traído pelo seu amigo.

06) Marcos 15,24: “Eles o crucificaram, e repartiram as roupas dele, fazendo um sorteio, para ver a parte de cada um.” (Mateus 27,35 e João 19,24)

Profecia: **Salmo 22,19**: “Entre si repartem minhas vestes, e sorteiam a minha túnica.”

A título de curiosidade, informamos que este trecho de Mateus 27,35, pela *Bíblia Sagrada - Ave-*

Maria, “Cumpriu-se assim a profecia do profeta: Repartiram entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica lançaram sortes” (78), por mais estranho que possa parecer, não existe em algumas traduções bíblicas, como por exemplo: *Pastoral, Paulinas, Loyola, do Peregrino, Vozes, de Jerusalém, Santuário, Novo Mundo, Mundo Cristão e Shedd*.

Aí perguntamos: Como podem ser todas verdadeiras, se os seus textos divergem entre si?

Na **Bíblia Sagrada - Vozes**, encontramos o seguinte como explicação para o Salmo 22, cuja autoria é atribuída a Davi:

Este Salmo é uma das expressões mais profundas do sofrimento, nas orações bíblicas. É composto de duas partes: lamentação individual (2.22) e cântico de ação de graças (23.32). **O salmista, abandonado e solitário em sua dor, privado da presença divina, apela ao Deus da santidade, lembrando-lhe as promessas relativas aos justos.** Depois de relatar seus sofrimentos morais e espirituais, alude, em sucessão trágica, às dores físicas, aos tormentos corporais e ao terror da morte. Do extremo da dor passa à certeza da esperança: **a salvação está assegurada e já está próxima**, tanto assim que já pode

convidar a comunidade dos fiéis a unir-se a ele no louvor a Deus, cujo desígnio de salvação se estende ao mundo inteiro e às gerações futuras. (79)

Qual a conclusão que podemos tirar disso? É que todo o Salmo 22 se refere a Davi, que lamenta a sua própria sorte, não sendo, portanto, uma profecia como querem fazer que seja.

Veja que, até aqui, muitas passagens que são consideradas como sendo profecias, na verdade, não se tratam disso, apenas têm relação com fatos ou acontecimentos localizados ou daquela época; nada mais que isso.

Devemos ressaltar também que, segundo os autores de Mateus e de Marcos, Jesus, citando esse Salmo, disse: *“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”* (Salmo 22,2) Não sabemos se são realmente palavras pronunciadas por Jesus ou se as “colocaram” em sua boca, já que percebemos a nítida preocupação desses autores em identificá-lo como um Messias, razão pela qual mencionam as várias profecias.

Em algumas passagens citadas, para justificar

a morte de Jesus, se percebe algo próximo desta explicação do jornalista de investigação Pepe Rodríguez, em ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*** (1997):

Para justificar a execução de Jesus que, aos olhos do mundo, só podia passar por um fracasso da sua missão, desde cedo se começou a difundir a ideia de que era necessário que o nazareno morresse “segundo a Escritura”. Dito de outro modo, a sua crucificação não só estivera desde sempre prevista nos planos de Deus, como essa ocorrência se podia deduzir da leitura dos textos bíblicos. Para documentar uma tamanha asneira, a Igreja procedeu ao rastreio de todos os textos do Velho Testamento, até deparar com versículos que, devidamente manipulados e extraídos do seu contexto, pudessem ser convertidos em profecias virtuais do mistério da paixão de Cristo.

Nessa perspectiva, a atitude cobarde dos discípulos de Jesus face à sua prisão encontrou *fundamento profético* em Zac 13,7; o suborno recebido por Judas, em Zac 11,13; a compra do campo do oleiro, em Jer 32,6; o discurso de Jesus perante o Conselho e a sua afirmação de que estaria sentado à direita do Pai e de que apareceria sobre as nuvens, em Dan 7,13, e no Salmo 110,1; as suas palavras “Tenho sede”, no Salmo 22,16;

o episódio da esponja embebida em vinagre, no Salmo 69,22; a sua exclamação de se considerar abandonado por Deus, no Salmo 22,2; o eclipse do Sol, em Am 8,9; etc. ⁽⁸⁰⁾.

A crucificação em si – o facto de ser exposto num madeiro – era muito mais difícil de justificar profeticamente, pela boa razão de que a única profecia bíblica que se lhe podia aplicar conduzir a resultados demasiados perigosos. O texto que, com esse intuito, foi utilizado pelos primeiros cristãos figura no Dt 21,22-23. Diz ele: “Quando um homem, culpado de uma falta que mereça a morte, for executado e exposto num madeiro, o seu cadáver não deverá passar a noite no suplício, mas o enterrarás no mesmo dia, porque um dependurado é objecto da maldição de Deus, e não deves manchar a terra que lavé, teu Deus, quer partilhar contigo” ⁽⁸¹⁾ Terá sido Jesus amaldiçoado por Deus por ter sido “exposto num madeiro”? Que cada um, inspirado pela palavra de Deus, expressa através da legislação do Deuteronomio, tire as suas próprias conclusões.

Em definitivo, foi nos Salmos 22 e 69, assim como no capítulo 53 de Isaías (todo ele falso, como vimos), que a Igreja encontrou os textos necessários e suficientes para dar cobertura profética à paixão e Jesus. Não será exagero nosso, no entanto, voltar a lembrar que todos os textos ditos “proféticos” se aplicam única e

exclusivamente a situações que ocorreram muitos séculos antes do nascimento de Jesus. Razão por que qualquer suposta *profecia* do Velho Testamento que se pretenda relacionar com a vida e a obra do nazareno carece absolutamente de fundamento ⁽⁸²⁾.

Ao vermos o modo como a Igreja forçou o sentido de muitos versículos do Velho Testamento, para os converter em profecias e, acto contínuo, os utilizar na sustentação da missão de que investiu Jesus, depois da sua execução, talvez convenha trazer à colação o aviso que se acha escrito em Mt 7,15-17: “Guardai-vos dos falsos profetas que vêm até vós vestidos de peles de ovelha mas que por dentro são como lobos rapaces. Pelos seus frutos os conhecereis. Porventura, colhem-se uvas nos espinhos e figos nos cardos? Toda a árvore boa dá bons frutos, toda a árvore má dá maus frutos”. Este parece ser, sem dúvida, o parágrafo mais inspirado de Mateus. ⁽⁸³⁾

Será que ainda vale o ditado “*Um texto fora do contexto é pretexto para heresia.*”, pois poderíamos aplicá-lo à Igreja Católica ao desvirtuar passagens bíblicas visando torná-las “profecias” a respeito de Jesus.

07) Marcos 15,27-28: “Com ele

crucificaram dois bandidos, um à direita e outro à esquerda. Desse modo cumpriu-se a Escritura que diz: 'Ele foi incluído entre os fora da lei'." (Mateus 27,38.44, Lucas 22,37 e João 19,17-18)

*Profecia: **Isaías 53,9.12**: "Foi-lhe dada sepultura ao lado de facínoras e ao morrer achava-se entre malfeitores, se bem que não haja cometido injustiça alguma, e em sua boca nunca houvesse mentira. Pois isso eu lhe darei multidões como propriedade, e com os poderosos repartirá o despojo: porque entregou seu pescoço à morte e foi contado entre os pecadores, ele carregou os pecados de muitos e intercedeu pelos pecadores."*

Na *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, é citado "*Ele foi contado entre os malfeitores (Is 53,12)*" ⁽⁸⁴⁾, porém acrescentamos o versículo 9, para completar a profecia.

Quanto ao capítulo 53 de Isaías, vejamos estas duas explicações:

1ª) Na ***Bíblia Sagrada - Vozes***, com referência a Isaías 53,10-12, esclarecem:

A última causa da paixão e morte do

Servo não são seus inimigos ou as circunstâncias adversas, mas **Deus mesmo que o quis como vítima expiatória dos pecadores** (v. 6). Os frutos da paixão e morte expiatórias são numerosa descendência seja material seja espiritual, e luz, isto é, felicidade e vida (Sl 49,20; Jó 3,16). **Insinua-se aqui a volta à vida**, tema retomado mais tarde, no tempo dos macabeus. ⁽⁸⁵⁾

Fica bem claro que o entendimento da passagem nada tem a ver com profecia sobre algum evento que aconteceria com Jesus, a não ser por pura criatividade do autor bíblico.

2ª) Em se referindo a Isaías 53,10, a nota da **Bíblia Ecumênica - TEB** diz:

É o único texto do AT que usa a imagem de uma vítima oferecida em expiação. **É sabido que os sacrifícios humanos estavam absolutamente proscritos.** ⁽⁸⁶⁾

Mas, mesmo que os sacrifícios tenham sido “proscritos”, incoerentemente, aceitam o de Jesus – o morrer na cruz – como sendo para remissão de todos os pecados dos homens.

Aliás, a morte de Jesus não foi um sacrifício oferecido a Deus, visando “pagar” ou “apagar”, caso queiram, os pecados da humanidade, porquanto, a sua causa foi política.

Isso que estamos afirmando é resultado de nossa profunda pesquisa intitulada **A Morte de Jesus Foi Para Remissão dos Pecados?** ⁽⁸⁷⁾



É oportuno mencionarmos a versão para o versículo 9 do capítulo 53 de Isaías por outras Bíblias, que embora ocorra pequena variação nas narrativas o fundo é o mesmo: *Pastoral, Anotada, de Jerusalém e Barsa*:

“A sepultura dele foi colocada junto com a dos ímpios, e seu túmulo junto com o dos ricos, embora nunca tivesse cometido injustiça e nunca a mentira estivesse em sua boca.”
(Isaías 53,9)

Preste bem atenção, caro leitor, pois aqui verificamos que o trecho “e ao morrer achava-se entre malfeitores” (Isaías 53,9), não é comum a todas as Bíblias, provando que até mesmo mudam a

tradução para justificar seus dogmas; aqui, no caso, a adulteração veio para legitimar que Jesus teria morrido entre dois ladrões.

Apenas para esclarecimento, transcrevemos de John Dominic Crossan, teólogo cofundador do “The Jesus Seminar” (88), da obra **Quem Matou Jesus?: As Raízes do Anti-semitismo na História Evangélica da Morte de Jesus** (1995):

A tradição cristã sempre falou, em inglês, dos dois *ladrões*, ou do bom *ladrão* e do mau *ladrão*. **Os gregos, contudo, nunca usaram *ladrão* em qualquer dos cinco relatos.** O termo é *malfeitores* em Pedro e Lucas, *bandidos* em Marcos e Mateus e, simplesmente, *outros* em João. [...] (89)
(itálico do original)

E, um pouco mais à frente conclui categórico: “os dois ladrões não são história lembrada, mas profecia historicizada.” (90)

Reza Aslan, em **Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré** (2013), confirma o que John Dominic Crossan disse:

[...] Os evangelhos afirmam que em

ambos os lados de Jesus estavam pendurados homens que, **em grego, eram chamados de *lestai*, uma palavra muitas vezes traduzida como “ladrões”, mas que, na verdade, significa “bandidos”** e era a designação romana mais comum para um insurreto ou rebelde. ⁽⁹¹⁾

Portanto, há acentuada divergência no significado dos termos, em razão disso não podem designar a mesma coisa.

b) Evangelho Segundo Mateus

08) Mateus 1,1-17: *“Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão. Abraão foi o pai de Isaac; Isaac foi o pai de Jacó; Jacó foi o pai de Judá e de seus irmãos. Judá, com Tamar, foi o pai de Farés e Zara; Farés foi o pai de Esrom; Esrom foi o pai de Aram. Aram foi o pai de Aminadab; Aminadab foi o pai de Naasson; Naasson foi o pai de Salmon. Salmon, com Raab, foi o pai de Booz; Booz, com Rute, foi o pai de Jobed; Jobed foi o pai de Jessé; Jessé foi o pai de Davi. Davi, com aquela que foi mulher de Urias, foi o pai de Salomão. Salomão foi o pai de Roboão; Roboão foi o pai de Abias; Abias foi o pai de Asa. Asa foi o pai de Josafá; Josafá foi o pai de Jorão; Jorão foi o pai de*

Ozias. Ozias foi o pai de Joatão; Joatão foi o pai de Acaz; Acaz foi o pai de Ezequias. Ezequias foi o pai de Manassés; Manassés foi o pai de Amon; Amon foi o pai de Josias. Josias foi o pai de Jeconias e de seus irmãos, no tempo do exílio na Babilônia. Depois do exílio na Babilônia, Jeconias foi o pai de Salatiel; Salatiel foi o pai de Zorobabel. Zorobabel foi o pai de Abiud; Abiud foi o pai de Eliaquim; Eliaquim foi o pai de Azor. Azor foi o pai de Sadoc; Sadoc foi o pai de Aquim; Aquim foi o pai de Eliud. Eliud foi o pai de Eleazar; Eleazar foi o pai de Matã; Matã foi o pai de Jacó. Jacó foi o pai de José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado o Messias. Assim, as gerações desde Abraão até Davi são catorze; de Davi até o exílio na Babilônia, catorze gerações; e do exílio na Babilônia até o Messias, catorze gerações.”

Profecias: **Isaías 11,1-9**: “Do tronco de Jessé sairá um ramo, um broto nascerá de suas raízes. Sobre ele pousará o espírito de Javé: espírito de sabedoria e inteligência, espírito de conselho e fortaleza, espírito de conhecimento e temor de Javé. A sua inspiração estará no temor de Javé. Ele não julgará pelas aparências, nem dará a sentença só por ouvir. Ele julgará os fracos com justiça, dará sentenças retas aos pobres

da terra. Ele ferirá o violento com o cetro de sua boca, e matará o ímpio com o sopro de seus lábios. A justiça é a correia de sua cintura, é a fidelidade que lhe aperta os rins. O lobo será hóspede do cordeiro, a pantera se deitará ao lado do cabrito; o bezerro e o leãozinho pastarão juntos, e um menino os guiará; pastarão juntos o urso e a vaca, e suas crias ficarão deitadas lado a lado, e o leão comerá capim como o boi. O bebê brincarà no buraco da cobra venenosa, a criancinha enfiará a mão no esconderijo da serpente. Ninguém agirà mal nem provocará destruição em meu monte santo, pois a terra estará cheia do conhecimento de Javé, como as águas enchem o mar.” e **Jeremias 23,5-6**: “Vejam que vão chegar dias - oráculo de Javé - em que eu farei brotar para Davi um broto justo. Ele reinarà como verdadeiro rei e será sábio, pondo em prática o direito e a justiça no país. Em seus dias, Judá estará a salvo e Israel viverà em paz; e a ele darão o nome de ‘Javé, nossa justiça’.” (o teor destes versículos repete-se em Jeremias 33,15-16).

É novamente na **Bíblia Sagrada - Pastoral** que buscaremos a explicação:

11,1-9: **Isaías projeta para o reinado de Ezequias o ideal utópico de uma sociedade que chegou à realização plena**

(cf. 6,13; 7,14 e nota em 8,23b-9,6). Esse reinado se fundará no total espírito de Javé (sete dons), que fará surgir uma sociedade alicerçada na justiça, produzindo paz e harmonia. **O Novo Testamento vê o cumprimento do oráculo na pessoa de Jesus** (cf. Mt 3,16): é a partir da ação dele que se constrói o mundo novo, onde todas as coisas se reconciliam (Ef 1,10; Cl 1,20). ⁽⁹²⁾

É impressionante como distorcem a suas interpretações para ligar o teor das passagens bíblicas a Jesus, será que não têm conhecimento de que o contexto deve ser rigorosamente respeitado sob pena de interpretação equivocada?

Jeremias, ao iniciar afirmando que tratará do “*Livro da origem de **Jesus Cristo, filho de Davi***”, o autor de Mateus, apenas registra que os profetas previram que o Messias viria da casa de Davi, uma tradição daquela época. Entre, outras passagens, provavelmente, tomavam dessa de Jeremias, embora essa profecia não esteja literalmente citada; apenas o texto bíblico nos induz à conclusão que seja ela.

Vejamos algumas explicações dos tradutores - ***Bíblia Sagrada - Pastoral, Bíblia Sagrada -***

Vozes, Bíblia Sagrada - Ave-Maria e Bíblia do Peregrino – para a passagem em Jeremias:

23,1-8: O oráculo é, provavelmente, pós-exílio. Apresenta uma avaliação negativa dos reis de Judá, mostrando que a política deles foi a principal responsável pela queda de Jerusalém e pelo exílio. **Os vv. 5-6 manifestam a esperança de um futuro rei justo, que governará o povo conforme a justiça e o direito.** ⁽⁹³⁾

23,6: **Os reis de Judá** – aqui expressos pela imagem do pastor – **falharam** em sua missão de conduzir o povo. Por isso o próprio **Deus suscitará um rei ideal** que implantará a paz, a justiça e o direito em seu país. ⁽⁹⁴⁾

Javé – nossa justiça: Nesta exclamação há, provavelmente, **alusão ao nome do rei Sedecias que significa:** Minha justiça é Javé. ⁽⁹⁵⁾

23,5-6: Acréscimo em futuro indefinido, expressão de esperança escatológica. Dos pastores passa ao futuro rei davídico, objeto e alimento da esperança messiânica. Será “rebento legítimo”, ou seja, descendente e sucessor, não usurpador. Legítimo também por seu governo justo (2Sma 23,3-4, testamento de Davi). Seu nome, que equivaleria a Yehosedec (cf. Ag 1,1; Zc 6,11; Esd 3,2), **pode aludir polemicamente a**

Sedecias (o mesmo nome em outra ordem), que não administrou a justiça. Além disso, o componente *çdq* pertence à tradição de Jerusalém. ⁽⁹⁶⁾

Pelas notas fica evidente que a situação política daquela época é que dava origem a uma esperança de um Messias, porém, não a Jesus, como alegam, mas a uma pessoa incerta que resolveria seus problemas imediatos.

Nessa passagem de Jeremias, fica bem evidente que os Evangelhos não se completam, argumento com o qual se costuma justificar as divergências entre eles.

Veja, caro leitor, que a genealogia que se lê aqui é divergente da que encontramos em Lucas 1,32 na qual lemos a seguinte nota: *“Seu pai Davi: Maria era, da mesma forma que José, **da descendência de Davi**”* ⁽⁹⁷⁾

Tentando explicar a divergência, na ***Bíblia Sagrada - Ave-Maria***, em nota, dizem:

Esta genealogia de Jesus difere sensivelmente daquela que se lê no começo do Evangelho de São Mateus. As

diferenças provêm dos ramos distintos que elas nos conservaram e que provêm de antepassados comuns. ⁽⁹⁸⁾

Aliás, procurando justificar as divergências entre as duas genealogias, dizem que ela, a de Mateus, é baseada em Maria; entretanto, isso é estranho, porquanto *“Qualquer genealogia banal naquela época se baseava apenas na linhagem masculina, que tinha uma importância fundamental”* ⁽⁹⁹⁾ e *“as genealogias bíblicas sempre seguem a linha paterna”* ⁽¹⁰⁰⁾.

É evidente o fato de que alguns tradutores da Bíblia se prendem aos dogmas instituídos pela corrente religiosa que abraça. É o caso, por exemplo, de Pe. Matos Soares, tradutor da ***Bíblia Sagrada Paulinas 1957***, de quem trazemos essa explicação para Mateus 1,16: *“Jacó foi o pai de José, o esposo de **Maria, da qual** nasceu Jesus, que é chamado o Messias”*:

José, esposo de Maria. O Evangelista, descrevendo a genealogia de São José, conforma-se com **o costume hebraico de só atender aos homens nas tábuas genealógicas**. Todavia, dá-nos, ao mesmo tempo, a genealogia de Jesus,

visto que **Maria era também descendente de Davi. – Da qual nasceu Jesus. O Evangelista não diz que José gerou Jesus**, pois o Salvador foi concebido no seio de Maria, por obra do Espírito Santo. **São José não foi pai natural de Jesus**, mas somente pai legal, como verdadeiro e legítimo esposo de Maria. ⁽¹⁰¹⁾

Era de se esperar que a dogmática, querendo sair do impasse, tentasse justificar-se dizendo que Maria também era filha de Davi; entretanto, bem se vê que *“a emenda saiu pior que o soneto”* (Bocage¹⁰²), já que os judeus tinham a crença de que somente o homem é que dava a descendência; é por isso que todas as genealogias na Bíblia são traçadas em relação ao pai e não à mãe dos indivíduos.

Por outro lado, considerando que atribuem a Jesus um nascimento sobrenatural, que não foi gerado por José, mas por uma entidade espiritual à qual denominam de “Espírito Santo”, torna essa genealogia sem qualquer propósito, visto que, por ela, não se poderia dizer que Jesus é descendente de Davi, uma vez que não haveria nenhum laço sanguíneo que os ligassem, pelo motivo de José não ter sido o pai biológico de Jesus.

Em **Natividade** (2006), Geza Vermes nos traz explicações muito interessantes:

Ao longo de toda a série, a mesma fórmula “A foi o pai de B”, literalmente A “gerou” ou “procriou” B, é empregada, como é próprio de um registro genealógico judaico, listando sempre os pais e os filhos homens. Mas **quando Mateus chega a Maria**, a quinta mulher em sua lista, embora sem hesitação ainda designa José como seu marido (*anêr*), **ele modifica o padrão usual “A gerou B, B gerou C” etc. e muda a expressão de ligação da forma ativa “gerou” para a passiva “foi gerado” ou “nasceu de”, do grego *egennêsen* para *egennêthê***. Obviamente, o evangelista tem uma mensagem a transmitir. Ele está determinado a evitar uma expressão que mostraria Jesus como filho natural de José em uma genealogia cujo objetivo era provar que Jesus descendia de Davi através de José.

A flutuante tradição textual revela que algo incomum ocorre aqui. Variações importantes nos códices gregos e em algumas das antigas traduções dessa passagem indicam que **já nos primeiros séculos do cristianismo os copistas e intérpretes tinham consciência dos problemas e dificuldades provenientes de Mateus 1,16**. As hesitações que os copistas demonstram são indicativas dos seus

esforços para chegarem a uma fórmula conveniente.

A maioria dos manuscritos gregos inclui o texto canhestro que foi citado acima: “e Jacó foi o pai de (gerou) José, o esposo de Maria, da qual nasceu (ou foi gerado) Jesus, que é chamado Cristo”. **O que a tradição procura ofuscar neste caso é a identidade do pai. Não está dito explicitamente que José, o esposo de Maria, não gerou Jesus, mas tampouco ficamos sabendo quem o fez.** Em outras palavras, a ideia do nascimento virgem, que será desenvolvida alguns versículos adiante, é aqui antecipada sub-repticiamente.

Contudo, essa revisão doutrinária não foi cumprida com total sucesso. Outros manuscritos gregos e a tradução latina antiga do capítulo 1, versículo 16 de Mateus trazem uma mensagem muito diferente. Eles inserem uma referência a Maria, mas **resguardam a redação usual da genealogia que indica a paternidade como pertencente a José.** O texto é: “José, a quem a virgem Maria estava prometida, gerou Jesus que foi chamado o Cristo”. As mesmas palavras diretas **foram preservadas também no Diálogo de Timóteo e Aquila, uma obra grega datada do século V:** “José gerou Jesus que foi chamado Cristo” (The Dialogues of Athanasius and Zacchaeus, F.C. Conybeare [org.], 1898).

De todas as evidências textuais que vão de encontro à posição ortodoxa tradicional, talvez a mais importante seja o mais velho testemunho semita, uma antiga versão de Mateus em siríaco, encontrada na biblioteca do mosteiro de Santa Catarina no Monte Sinai por duas damas escocesas cultas e empreendedoras, as Sras. Agnes Smith Lewis e Margaret Dunlop Gibson, e publicada em 1894. O documento assim chamado Siríaco Sinaítico ou syr^{syn} caracteristicamente preserva, até com relação a Jesus, a fórmula usada ao longo de toda a genealogia: **“José, a quem estava prometida a virgem Maria, gerou Jesus”**. Mas este não é o único acidente estranho. Cinco versículos depois, em Mt 1,21, a mesma versão siríaca de forma característica complementa as palavras que o anjo dirige a José, “ela [Maria] dará à luz um filho”; dizendo “ela dará à luz um filho para ti”, que é uma expressão em geral usada para denotar paternidade. Ambas as passagens concorrem para deixar absolutamente claro quem deve ser considerado o pai e para revelar qual deve ter sido o original semita subjacente a Mateus 1,16.

A primeira surpresa na árvore genealógica de Mateus foi a inclusão de mulheres; a segunda, o argumento forçado a favor de uma genealogia de Jesus transmitida em círculos judaico-cristãos em hebraico ou aramaico, na

qual, assim como José é o filho de Jacó, Jesus é mencionado como “gerado” por José. Note-se, ademais, que não há menção à virgindade de Maria na tradição principal e que o mesmo silêncio em relação a ela também caracteriza a árvore genealógica apresentada por Lucas. Jesus é representado na genealogia materna como o legítimo herdeiro de Davi, por ser filho de José, rebento da casa real de Israel. A mesma posição é confirmada, como será demonstrado no capítulo 5, pela doutrina abraçada pelos ebionitas, uma comunidade judaico-cristã que sobreviveu até os séculos III e IV, conforme relatos dos Padres da Igreja. ⁽¹⁰³⁾

Geza Vermes foi fundo, e, certamente, as provas que apresenta, quanto a adulteração do texto para desfigurar a paternidade de Jesus para o Espírito Santo, em vez de José, são irrefutáveis.

Encontramos, em ***A Origem do Cristianismo*** (1961), a seguinte explicação do historiador soviético Iakov Abramovitch Lentsman (1908-1967) para essa passagem de Mateus:

Os cálculos genealógicos de Mateus visam a um objetivo bem determinado, o de demonstrar, de acordo com o

messianismo judaico ortodoxo, que Jesus era um descendente direto do rei David. A divisão da história dos hebreus em três períodos iguais: até o rei David, até a destruição do primeiro templo de Jeová, até Cristo deveria servir de prova suplementar do papel messiânico de Jesus. **As quatorze gerações compreendidas em cada período não se encontram aí por acaso, pois quatorze é o dobro de sete, e 7 era um número sagrado entre os antigos hebreus.**

A inconsistência total dessa genealogia é evidente. Mesmo omitindo-se o fato de que ela contradiz aquela, não menos gratuita, dada por Lucas, ela não se mantém de pé, do ponto de vista da lógica mais elementar. **Não se poderia dizer, por outro lado, que ela atesta a descendência de Jesus em linha reta de David, uma vez que é José, esposo de Maria, que tinha por ancestral o Rei David, enquanto que, segundo Mateus, Jesus nasceu não de José, mas graças à intervenção do Espírito Santo.** O autor deste evangelho não foi capaz, simplesmente, de fazer remontar a genealogia do Cristo por linha masculina até David e, ao mesmo tempo, atribuir-lhe uma origem divina, “imaculada”. O primeiro capítulo de Mateus representa, portanto, **uma tentativa de conciliar duas versões inconciliáveis da origem de Cristo:** a do *Antigo Testamento*, segundo à qual seria ele um descendente do Rei David, e a versão pagã, que afirmava a natureza divina do deus

morto e ressuscitado. (104)

Concordamos plenamente com Iakov Abramovitch Lentsman sobre o objetivo de Mateus, uma vez que, entre os evangelistas, é ele quem mais se preocupa em relacionar episódios da vida Jesus a alguma profecia, chegando ao ponto de até mesmo citar profecia inexistente, como se verás.

Elaine Pagels, em ***Além de Toda Crença: o Evangelho Desconhecido de Tomé*** (2003), afirma:

[...] Hoje, porém, **muitos estudiosos sugerem que** a correspondência entre profecia e evento que **Mateus descreve mostra que ele às vezes adaptou sua narrativa de modo a adequá-la às profecias.** [...]. (105).

Karen Armstrong, em ***A Bíblia: Uma Biografia*** (2007), confirma isso:

Mas no momento em que Mateus escrevia, no fim dos anos 80, essas esperanças começavam a se desvanecer. Nada mudara: como poderia o reino ter chegado? Mateus respondeu que ele chegava de maneira discreta e trabalhava silenciosamente no mundo como o fermento

numa massa de pão. ⁽¹⁰⁶⁾ Sua comunidade achava-se temerosa e irritada. Eram acusados por seus companheiros judeus de abandonar a Torá e os profetas ⁽¹⁰⁷⁾ haviam sido açoitados nas sinagogas, arrastados perante tribunais de anciãos ⁽¹⁰⁸⁾ e acreditavam que seriam torturados e mortos antes do Fim. ⁽¹⁰⁹⁾ **Mateus estava, portanto, especialmente ansioso por mostrar que o cristianismo não apenas estava em harmonia com a tradição judaica, mas era sua culminação. Quase cada evento na vida de Jesus acontecera “para cumprir as Escrituras”.** Como os de Ismael, Sansão e Isaac, seu nascimento foi anunciado por um anjo. ⁽¹¹⁰⁾ Os 40 dias de tentação no deserto equiparavam-se aos 40 anos dos israelitas no deserto; Isaías previra seus milagres. ⁽¹¹¹⁾ E – o que era o mais importante – Jesus foi um grande mestre da Torá. Ele proclamou a nova lei da era messiânica do alto de uma montanha ⁽¹¹²⁾ – como Moisés – e insistiu que viera não para abolir, mas para completar a Lei e os Profetas. ⁽¹¹³⁾ Os judeus deviam agora observar a Torá mais rigorosamente que nunca. Não bastava mais, para os judeus, abster-se de matar; não deviam sequer se encolerizar. Não somente o adultério era proibido; um homem não podia sequer olhar uma mulher com lascívia. ⁽¹¹⁴⁾ A velha lei da retaliação – olho por olho, dente por dente – fora suplantada: agora os judeus deviam oferecer a outra face e amar seus inimigos.

(¹¹⁵) Como Oseias, Jesus afirmou que a compaixão era mais importante que o ritual e a observância. (¹¹⁶) Como Hillel, pregou a Regra de Ouro (¹¹⁷) Jesus foi maior que Salomão, Jonas e o templo. (¹¹⁸) Os fariseus da época de Mateus afirmavam que o estudo da Torá introduziria os judeus à presença divina (*Shekhinah*) que outrora eles haviam encontrado no templo: “Se dois sentarem-se juntos e as palavras da Torá estiverem entre eles, a *Shekhinah* descansará entre eles”. (¹¹⁹) Mas Jesus prometeu: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estarei com eles”. (¹²⁰) Os cristãos encontrariam a *Shekhinah* por intermédio de Jesus, que havia agora substituído o templo e a Torá. (¹²¹) (itálico do original)

Ainda restará alguma dúvida? Acreditamos que não, pois essas fontes mencionadas confirmam umas às outras.

09) Mateus 1,22-23: *“Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor havia dito pelo profeta: ‘Vejam: a virgem conceberá, e dará à luz um filho. Ele será chamado Emanuel, que quer dizer: Deus está conosco’.”*

Profecia: **Isaías 7,14:** *“Pois saibam que Javé lhes dará um sinal: A jovem concebeu e dará*

à luz um filho, e o chamará pelo nome de Emanuel.”

Na análise dessa passagem do livro de Isaías, perceberemos que ela não diz respeito a Jesus. Mas, antes, para uma melhor compreensão e para que não pare dúvida alguma, temos que realçar o início desse versículo, já que ele é quase sempre subtraído quando justificam suas interpretações: *“Pois saibam que Javé lhes dará um sinal.”*

Ora, devemos concluir disso que Deus daria um sinal a alguém; mas, quem e por quê? Para saber as respostas, recorreremos às informações constantes da ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, em nota de rodapé, sobre esse episódio. Diz lá:

O reino do Norte (Efraim), cujo rei era Faceia, se aliou a Rason, rei de Aram, numa tentativa de se libertar do perigo assírio. Como o reino do Sul (Judá) não participou da coalizão entre **o reino do Norte e Aram, estes dois temeram que Judá se tornasse aliado da Assíria**; resolveram então atacar o reino do Sul, para destronar o rei Acaz e colocar no seu lugar o filho de Tabeel, rei de Tiro. **Acaz teme o cerco** e verifica a reserva de água da cidade. **Isaías vai ao seu encontro e o tranquiliza, mostrando que**

não haverá perigo, pois continua válida a promessa de que a dinastia de Davi será perene, desde que se coloque total confiança em Javé. **O sinal prometido a Acáz é o seu próprio filho, do qual a rainha (a jovem) está grávida.** Esse menino que está para nascer é o sinal de que Deus permanece no meio do seu povo (Emanuel = Deus conosco). ⁽¹²²⁾

Assim, pelo contexto bíblico e confirmado por essa nota, podemos observar que Deus promete um sinal ao rei Acáz e esse sinal é justamente o seu filho que está por nascer. Fora disso é distorcer a interpretação do texto.

Além disso, o fato é próximo e não uma previsão para um acontecimento num futuro longínquo, já que querem atribuir essa profecia a Jesus.

E mais; o nome Jesus significa “*Deus é salvação*”; obviamente, diferente de Emanuel que quer dizer “*Deus está conosco*”, que é o previsto na profecia, fato que o fanatismo cego não deixa muitos perceberem.

Em **A História de Israel no Antigo**

Testamento (1960), autoria de Samuel J. Schultz (1914-2005), pode-se, facilmente, corroborar isso:

[...] Em contraste com governantes iníquos, **Isaías desdobra as perspectivas futuras de um piedoso rei que ocuparia o trono de Davi**. Em contraste com o reino temporal de Judá, ele elabora a promessa de um reino universal e perene.

O justo governante é apresentado em Is 7:14 como o Emanuel, que significa “Deus conosco”. ⁽¹²³⁾ Por certo **o ímpio Acáz, que se recusou a pedir um sinal, não compreendeu o significado pleno dessa promessa**, cujo cumprimento não foi fixado quanto ao tempo. Sem dúvida, essa simples promessa pareceu vaga e ambígua para aqueles que ouviram Isaías proferi-las em um período de crise nacional – mui facilmente podem tê-la confundido com o nascimento do filho de Isaías, de nome Rápido-Despojo-Presa-Segura (Maer-Salal-Has-Baz). Embora a terra de Emanuel houvesse de ser invadida pelos assírios (veja Is 8:5-10), para em seguida ser libertada, **a promessa de um livramento futuro ainda maior é assegurada em Is 9:1-7**. Isso seria concretizado através do nascimento de **um filho que identificado como “Poderoso Deus”**, o qual haveria de estabelecer um governo pacífico que não teria fim. No décimo primeiro capítulo é indicada a sua origem davídica, mas Suas características

transcendem ao que é humano. Ele é divino, no exercício de julgamento justo, através da Sua onisciência e onipotência.

O reino será universal. O conhecimento do Senhor prevalecerá por todo o mundo. Os ímpios serão destruídos pela palavra proferida pelo justo governante, e uma retidão absoluta prevalecerá sobre a humanidade. [...]. ⁽¹²⁴⁾

Confirma-se, portanto, que a preocupação de Isaías está relacionada aos acontecimentos que, naquele momento histórico, vivia o povo hebreu, portanto, nada para um futuro longínquo como querem nos fazer crer.

No ***Dicionário Bíblico Universal*** (1984), na explicação do verbete **Emanuel**, lemos:

É o nome dado por Isaías a uma futura criança cujo nascimento será, para o rei Acáz, o “sinal” da assistência divina (Is 7,14-17). A interpretação deste oráculo deve estar ligada ao significado do nome e ao alcance que terá na conjuntura daquele momento. **O reino de Judá é ameaçado pelos sírios e efraimitas aliados**, que querem acertar contas com a dinastia reinante, a mesma dinastia que se beneficia das promessas feitas a Davi. **Em vez de**

recorrer a essas promessas, Acáz apela para a Assíria. Isaías condena este modo de agir e proclama: Deus está presente; ele está “conosco”.

Qual será a criança cujo nascimento será portador de uma mensagem como esta? Como é ao rei, contemporâneo de Isaías, que o sinal será dado, **o nascimento anunciado deve ocorrer proximoamente. Será Ezequias** – afirma-se muitas vezes, e com boas razões. Mas esta criança é descrita numa linguagem poético-mítica, concretamente irrealizável. O oráculo abre portanto uma perspectiva que vai além do rei em questão. Graças a este oráculo, os crentes, insatisfeitos com os reis históricos, esperarão por uma personagem que finalmente satisfará a esperança deles. Mateus e os cristãos posteriores a ele reconhecem em Jesus aquele que realiza plenamente o anúncio de Isaías (Mt 1,23).
(¹²⁵)

Vê-se, portanto, que essa profecia realmente não se refere a Jesus, conforme ficou bem claro na explicação. Como não ficaram satisfeitos com Ezequias, a quem se referia esta profecia, foram postergando para uma época seguinte, até que, finalmente, a encaixaram na pessoa de Jesus.

Querem passar por cima do contexto histórico,

atropelando os acontecimentos da época, para trazer para os dias de hoje aquilo que eles desejam que os outros acreditem piamente.

Bart D. Ehrman, em **Como Jesus se Tornou Deus** (2014), afirma o seguinte:

[...] de acordo com Mateus, o motivo para a mãe de Jesus ser virgem é que isso cumpriria o que fora dito por um porta-voz de Deus há muitos séculos, quando **o profeta Isaías escreveu nas escrituras judaicas: “Uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel” (Is 7:14)**. Mateus cita o verso e o apresenta como motivo para a concepção incomum de Jesus – era para cumprir a profecia (Mt 1:23).

Com frequência, foi observado que **Isaías na verdade não profetiza que o messias nascerá de uma virgem**. Se você lê Isaías em seu contexto literário próprio, fica claro que **o autor não está falando em absoluto do messias. A situação é bem diferente e se passa no século VIII a.C., em uma época de calamidade. Isaías está falando ao rei de Judá, Acáz**, que está muito perturbado, e com motivo; os dois reinos ao norte de Judá – Israel e Síria – atacaram a capital, Jerusalém, para forçá-lo a juntar-se a eles em uma aliança contra a Assíria, a potência mundial em ascensão. Ele teme que os dois adversários do norte devastem seu

país. **Isaías, o profeta, diz a ele que isso não acontecerá. Uma moça (não uma virgem) concebeu e dará à luz um filho que se chamará Emanuel, que significa “Deus é conosco”.** Que Deus é “com” o povo de Judá ficará evidente, pois, antes que a criança tenha idade suficiente para saber a diferença entre bem e mal, os dois reinos que estão atacando Jerusalém serão dispersos e os bons tempos estarão de volta para Acaz e sua gente. É a isso que Isaías se refere. ⁽¹²⁶⁾

Portanto, temos aí o exegeta Bart D. Ehrman corroborando a interpretação equivocada de Isaías 7,14.

Mas, é muito interessante ver como os segmentos religiosos tradicionais se divergem a respeito da interpretação das passagens bíblicas. Vejamos, por exemplo, o que dizem os protestantes, em **A Bíblia Anotada**, a respeito dessa profecia de Isaías:

O sinal divino para Acaz seria de que **uma virgem** (quando a profecia foi dada, **referia-se provavelmente à mulher, na ocasião virgem, que Isaías tomaria como segunda esposa**, 8:1-4) conceberia um filho, que não teria mais que 12 ou 14 anos antes de Israel e Síria serem capturadas pela Assíria. [...].

(¹²⁷)

Aqui dizem que o filho é de Isaías, não do rei Acaz que é o que se pode concluir da passagem. Por fim, agem como os outros que sempre procuram, mesmo sob pena de serem incoerentes, relacionar determinadas passagens como sendo uma profecia a respeito de Jesus, segundo podemos confirmar na sequência dessa nota:

A virgem da profecia de Isaías é um tipo de Virgem Maria, que, pelo Espírito Santo, concebeu milagrosamente a Jesus Cristo (veja Mt 1:23). **A palavra hebraica aqui traduzida por virgem** é encontrada também em Gn 24,43; Ex 2:8; Sl 68:25; Pv 30:19; Ct 1:3; 6:8, e em todas estas passagens **significa uma jovem solteira e casta.** (¹²⁸)

Só que aqui, nos deparamos com um problema. É a questão do significado da palavra hebraica ***almah***, para a qual encontramos esta outra explicação: *“O termo hebraico ‘almah’ designa, quer a donzela, quer uma jovem casada recentemente, sem explicitar mais.”* (¹²⁹)

Assim, se evidencia que é muito difícil estudar

a Bíblia usando somente uma tradução, pouco importando qual seja a denominação religiosa que a tenha editado. A verdade é que “*Quem ouve um sino só escuta um som, não podendo, portanto, saber se está afinado*” (130). Portanto, devemos ler várias traduções, para ver se conseguimos entender os textos como eles são e não como querem que os entendamos.

Julio Trebolle Barrera, em ***A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*** (1993), explicando sobre a versão grega da Septuaginta (131), nos informa que:

O fato de os cristãos tomarem como própria a tradução da LXX e de a usarem nas controvérsias como os judeus, conduziu a uma progressiva rejeição desta versão pelos **judeus que acabaram substituindo-a por novas traduções mais fiéis ao texto rabínico**. Um exemplo típico de divergência entre o texto hebraico e o grego, citado em todas as controvérsias entre judeus e cristãos é **Is 7,14, onde a LXX traduz o termo hebraico 'almã, “jovem (casada ou recém-casada)”, por *parthénos*, “virgem” em vez do mais apropriado *neânís* (132)**. Os judeus rejeitaram esta tradução da LXX, pois **os cristãos viam nela uma profecia do**

nascimento virginal de Cristo (cf. p. 621).
(¹³³)

Da página 621, citada por Julio Trebolle Barrera, para evitar repetição, transcrevemos somente este trecho que julgamos importante:

[...] O judeu Trifão replica a Justino dizendo que **o sentido da palavra hebraica 'almâ não era o de “virgem”, mas de “uma jovem mulher”, e que a passagem de Isaías referia-se simplesmente ao rei Ezequias e não a um futuro messias cristão.** (¹³⁴)

Um pouco mais à frente, quando trata de “O texto grego no NT”, Barrera, esclarece:

[...] **Os tradutores gregos entendiam perfeitamente o sentido da palavra hebraica 'almâ, traduzida por *parthénos* no sentido de “jovem” e não de “virgem”.** Os cristãos, que criam no nascimento misterioso de Cristo, interpretavam o texto de Is como profecia do nascimento “virginal” do Messias, atribuindo ao termo *parthénos* o significado de “virgem”. (¹³⁵)

Ou seja, os textos são entendidos e/ou interpretados de acordo com as crenças individuais

dos teólogos e não conforme o que significavam à época em que foram escritos. Infelizmente, isso ainda é muito comum nos dias de hoje, quando interpretações de conveniência vêm justificar dogmas instituídos.

Acrescentamos, por oportuno, as explicações de Carlos T. Pastorino (1910-1980), em ***Sabedoria do Evangelho - Vol. 1*** (1964):

A profecia de Isaías afirma que “uma virgem conceberá e dará à luz um filho”. O termo “virgem” merece estudo.

Em hebraico há duas palavras: *betulân*, que especificava a virgindade como certa; e *almâh* que exprimia uma oposição, sem garanti-la. Ora, **Isaías escreve exatamente *almâh***. E verificamos que, em Deut. 22:23, a noiva, e mesmo a esposa recém-casada era chamada *ne'arah betulâh*.

Em grego a palavra παρθένος exprime o mesmo: virgem, mas em sentido genérico tanto que as moças noivas e também as recém-casadas eram assim chamadas, e isso na própria Bíblia (cfr. Deut. 22:23; 1Reis 1:2; Ester 2:3). Em todas essas passagens, a palavra *virgem* designa a moça que é dada a alguém para *deitar-se com ele*, supondo-se que se trata de uma virgem, isto é, de moça ainda não ligada pelo casamento

a um homem.

A mesma designação é atribuída a Maria, demonstrando que, ao lhe ser dada como noiva, era virgem, o que é natural e normal. **No entanto, em nenhum local dos Evangelhos se diz, nem se supõe, que Maria continuou Virgem depois. Ela era virgem quando concebeu, o que de modo geral ocorre com todas as moças.**

Esses nossos esclarecimentos não visam a diminuir o respeito e a veneração que todos temos pela Mãe Santíssima de Jesus, pois o fato da virgindade nenhuma importância apresenta diante da espiritualidade. ⁽¹³⁶⁾
(itálico do original)

Embora Julio Trebolle Barrera e Carlos R. Pastorino divirjam quanto ao termo grego, empregado no texto de Isaías, ambos confirmam o significado de *almah*, como sendo uma jovem ou recém-casada, do que se pode compreender que ela podia ser ou não virgem, ou seja, o termo não é usado para se afirmar sobre a virgindade de alguma mulher.

Vejamos ainda as opiniões destes cinco estudiosos/exegetas da Bíblia:

1º) Reza Aslan, em *Zelota: a Vida e a Época*

de Jesus de Nazaré (2013):

[...] além das narrativas da infância de Mateus e Lucas, o nascimento virginal não é nunca sequer insinuado por qualquer outra pessoa no Novo Testamento: não o é pelo evangelista João, que apresenta Jesus como um espírito sobrenatural, sem origens terrenas, nem por Paulo, que pensa em Jesus como literalmente Deus encarnado. Essa ausência levou a uma grande dose de especulação entre os estudiosos sobre se a história do nascimento virginal foi inventada para mascarar uma verdade desconfortável sobre a paternidade de Jesus, ou seja, que ele nasceu fora do casamento. ⁽¹³⁷⁾

2º) Iakov Abramovitch Lentsman, em *A Origem do Cristianismo* (1961):

A referência à profecia de Isaías é também estropiada. A passagem citada encontra-se efetivamente no livro desse profeta (VII, 14), mas, no contexto, ela não anuncia a vinda do Messias. A palavra hebraica *alma* nessa passagem significa “mulher jovem”, e não “virgem”. E Isaías nada diz aí sobre o Messias: “Mas, antes que o menino saiba rejeitar o mal, e escolher o bem, o país do qual tu temes os dois reis será abandonado”. (*Isaías*, VII, 16). **Isaías não atribui nada de sobrenatural ao seu nascimento, ele prediz que a criança verá a luz em uma época que precede de sete**

séculos a data dos evangelhos e diz, aliás, que o não de chamar de Emanuel. Para eliminar esta contradição, Mateus pretende que um anjo visto em sonho por José lhe ordenou que desse ao menino o nome de Jesus, que quer dizer em hebreu “Deus Salvador”.

Portanto, nada neste capítulo pode servir para confirmar a historicidade de Jesus. Ao contrário, sua genealogia, a concepção imaculada, **a citação de Isaías**, o anjo que apareceu a José, **demonstram que Mateus procurou, bastante desajeitadamente aliás, juntar as profecias sobre o Messias, e os elementos dos cultos orientais**, o que nos permite discernir facilmente as partes constitutivas do mito de Jesus. ⁽¹³⁸⁾

3º) James D. Tabor, em ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*** (2006):

Mateus faz também referência a um antigo adágio do profeta Isaías: “eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel” – como se dissesse que a gravidez de Maria era a realização dessa profecia (Isaías 7:14. ⁽¹³⁹⁾). **Mas Isaías faz referência a uma criança que deveria nascer na sua própria época, no século VIII a.C., cujo nascimento seria um sinal para o rei Ahaz ⁽¹⁴⁰⁾**, que então governava. **A palavra hebraica (*almah*) que Mateus traduz por “virgem”, em sua versão grega,**

significa “jovem mulher” ou “donzela”, sem introduzir qualquer implicação miraculosa. (*). A criança receberia o nome pouco comum de Emanuel, que significa “Deus conosco”, e Isaías garante ao rei Ahaz que, antes que essa criança tenha idade suficiente para distinguir “o bem do mal”, os assírios que ameaçavam Jerusalém e a Judeia seriam removidos da face da terra. Ahaz não teria que esperar muito tempo. **Mateus infere que a profecia de Isaías foi “realizada” pelo miraculoso nascimento virgem de Jesus – o que claramente não é o sentido do texto original.** ⁽¹⁴¹⁾

(*) Julgamos também necessário transcrever aqui a nota 21 do cap. I – Uma virgem conceberá..., dessa obra:

A tradução grega da Bíblia hebraica, conhecida com Septuaginta ou LXX, usou a palavra *parthenos* em Isaías 7:14. **Significa “virgem”, porém o sentido evidente do contexto não é o de uma mulher que engravida *sem nenhum homem*, mas de uma menina virgem que nunca fez sexo ficando grávida.** Este bebê singular não nasceria de uma mulher que já teve filhos, mas de uma que era virgem quando ficou grávida. Como Mateus escreveu em grego e está citando Isaías, ele também usa a palavra *parthenos*. Quanto a Versão Revisada do Antigo Testamento foi publicada, em 1952, **os tradutores empregaram corretamente o termo “jovem”, em vez do**

tradicional “virgem”, em Isaías 7:14. A tradução foi denunciada por muitos cristãos fundamentalistas como uma tentativa comunista diabólica de solapar a fé no “nascimento virgem de Cristo”. ⁽¹⁴²⁾ (itálico do original)

4º) Karen Armstrong, em ***A Bíblia: Uma Biografia*** (2007):

Durante esses anos sombrios Isaías fora conformado pelo nascimento iminente de um bebê real, indício de que Deus ainda estava com a casa de Davi. “Uma jovem (almah) está grávida e logo dará à luz um filho que se chamará Immanu-El (Deus-conosco)” ⁽¹⁴³⁾ Seu nascimento seria ainda uma fonte de esperança, “uma grande luz”, para o traumatizado povo do norte, que “caminhava nas trevas” e na “profunda escuridão”. ⁽¹⁴⁴⁾ **Quando o bebê nasceu, foi de fato chamado Ezequias**, e Isaías imaginou toda a Assembleia Divina celebrando a criança real, que, como todos os reis davídicos, se tornaria uma pessoa divina e um membro do conselho celeste: no dia de sua coroação, ele seria chamado de “Conselheiro Admirável, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz!” ⁽¹⁴⁵⁾. ⁽¹⁴⁶⁾

5º) Sam Harris, ***A Morte da Fé: Religião, Terror e o Futuro da Razão*** (2004):

[...] Não há nenhuma evidência, a não ser nos tendenciosos escritos da Igreja

surgidos depois, de que Jesus jamais tenha se considerado outra coisa a não ser um judeu entre judeus, buscando a realização do judaísmo – e, provavelmente, o retorno da soberania judaica no mundo romano. Como muitos autores já observaram, as diferentes linhagens de profecias hebraicas que foram forçadas a coincidir com o ministério de Jesus revelam a defesa da doutrina cristã, e muitas vezes a má formação cultural dos autores dos Evangelhos.

Para moldar a vida de Jesus conforme as profecias do Velho Testamento, os autores dos evangelhos de Lucas e Mateus, por exemplo, insistem que Maria o concebeu virgem (*parthenos* em grego), em referência à versão em grego de Isaías 7,14. Infelizmente para os que gostam da ideia da virgindade de Maria, a palavra hebraica *almá* (para a qual *parthenos* é uma tradução errônea) significa simplesmente “mulher jovem”, sem qualquer implicação de virgindade. Parece quase certo que o dogma cristão do parto virgem, e boa parte da ansiedade resultante a respeito do sexo tenham resultado de uma tradução do original hebraico. ⁽¹⁴⁷⁾

Outro golpe contra a doutrina do parto virgem é que os outros evangelistas, Marcos e João, parecem não saber nada a respeito disso – embora ambos se mostrem perturbados com as acusações de

ilegitimidade de Jesus. ⁽¹⁴⁸⁾ Aparentemente, **Paulo acredita que Jesus era filho de José e Maria**, e refere que Jesus “nasceu da semente de Davi segundo a carne” (Romanos 1,3 – ou seja, José era seu pai), e “nascido de mulher” (Gálatas 4,4 – significando que Jesus era realmente humano), sem referência alguma à virgindade de Maria. ⁽¹⁴⁹⁾. ⁽¹⁵⁰⁾

Confirma-se, portanto, que não se trata de profecia a respeito de Jesus, mas de evento que aconteceu no século VIII a.C.

Desse último autor, Sam Harris, transcrevemos ainda esta frase que ele cita de Christopher Hitchens (1949-2011), que vem a calhar: *“O que pode ser afirmado sem provas também pode ser descartado sem provas.”* ⁽¹⁵¹⁾

É oportuno trazermos o que Geza Vermes, em seu livro **Natividade** (2006), aborda sobre a concepção virginal e a profecia de Isaías; leiamos:

A concepção virginal em Mateus e a profecia de Isaías

Até aqui, Mateus contou uma história desconcertante. A não ser pela alusão a algum tipo de envolvimento do **Espírito**

Santo, uma expressão para designar o poder através do qual Deus age no mundo, o anjo do sonho não esclarece como Maria engravidou. O evangelista então intervém e lança uma nova luz sobre a questão valendo-se de uma profecia do Antigo Testamento, segundo a qual uma virgem virá a dar à luz o Salvador do povo judeu. Na versão do Evangelho para as palavras de Isaías, diz a profecia: “Eis que a *Virgem* conceberá e dará à luz um filho que se chamará *Emanuel*, que significa ‘Deus conosco’.” (Isaías 7,14, em Mt 1,23).

Este é o primeiro texto bíblico apresentado como prova por Mateus em sua narrativa da infância. Em Lucas não há nenhum. Mas **esse testemunho profético**, cujo objetivo é anunciar uma gravidez milagrosa ou concepção virginal, **só é eficaz sob uma condição: ele funciona apenas se for seguida a versão da Septuaginta grega para Isaías 7,14, destinada a um público grecófono e interpretada como os leitores gregos o entenderiam**. Como se sabe, a forma que subsistiu do Evangelho de Mateus é a grega e, como tal, seu alvo era obviamente um público grego. Contudo, o público original para o qual **a tradição da narrativa do nascimento de Jesus foi desenvolvida era de judeus palestinos** e o idioma em que foi inicialmente transmitida seria o aramaico ou, possivelmente, o hebraico, *não* o grego. Também é evidente que para esses palestinos, em sua maioria

judeus da Galileia, o texto de Isaías teria sido extraído da Bíblia hebraica, *não* da Septuaginta grega.

O que nos deixa em um verdadeiro dilema. Para aludir à mulher que virá a conceber e dar à luz um filho, Isaías 7,14 em hebraico não se refere a uma *virgem*, ou *betulah* em hebraico, mas a uma '*almah*, isto é, “uma jovem mulher”: termo neutro que não implica necessariamente virgindade. Por exemplo, no Cântico dos Cânticos 6,8 o termo “jovens mulheres” (*'alamot*) aparece em paralelo com “rainhas e concubinas”, que seguramente não são virgens. Ademais, é muito improvável que a '*almah* mencionada em Isaías 7, **a jovem que no futuro próximo há de conceber e dar à luz um filho**, seja virgem. O contexto sugere que **ela já é casada, e esposa do então rei judeu, Acáz, ao fim do século VIII a.C.**

Quando fala em '*almah*, o texto hebraico de Isaías em lugar algum especifica que ela ainda é virgem ou que está prevista uma concepção milagrosa de qualquer tipo. O sinal profético em Isaías 7,14, em hebraico, está não na condição virginal da mãe, mas no significado do nome que ela deverá dar a seu filho – “Emanuel” – sugerindo que o futuro príncipe, em conformidade com o bom augúrio expresso no nome, “Deus conosco” trará proteção divina aos habitantes de Jerusalém, naquela época sob ameaça de dois reis inimigos que sitiavam a cidade (ver

Isaías 7,16). Considerando tudo isso, a conclusão a que se chega é que **o relato semita subjacente à versão grega de Mateus que conhecemos de forma alguma poderia conter uma previsão da concepção *virginal* do Messias.**

Como então esta noção entrou no Evangelho da Infância, de Mateus? Por puro acidente, o tradutor da Septuaginta usou para o termo hebraico *'almah* de Isaías 7,14 a palavra grega *parthenos* (virgem), que, no entanto, pode também significar solteira ou mulher não-casada que não seja necessariamente virgem. O Mateus “grego” ou **o editor grego do Mateus semita topou com essa tradução imprecisa e a adotou.** Esse feliz achado permitiu-lhe apresentar a seus leitores de fala grega a concepção de Jesus como única e situada em posição muito superior a todas as outras concepções milagrosas do Antigo Testamento.

Existe uma prova incontestável de que uma proporção substancial do público visado pelo **texto final de Mateus era composta por gregos, que não tinham conhecimento do hebraico.** Em Mateus 1,23, o nome hebraico “Emanuel” na citação de Isaías é apresentado com uma tradução para explicar seu significado: “Deus conosco”. Como se sabe, o original hebraico de Isaías não inclui tal interpretação e, o que é mais importante, ela também não consta da tradução grega da Septuaginta. Os judeus da diáspora, para

quem a Septuaginta foi produzida, supostamente deveriam saber **o que significava Emanuel. O comentário grego a essa citação em Mateus – “que significa Deus conosco” – é obviamente criação do próprio evangelista**, para auxiliar seus leitores gregos não-judeus. Assim, aplicada a Maria, a profecia de Isaías em sua versão grega destinava-se a transmitir ao público grego da narrativa mateana da infância que “Jesus-Emanuel” ou “o Messias-Filho de Deus” seria concebido através do Espírito Santo e milagrosamente gerado por Maria *na condição* de virgem.

O Mateus grego, conseqüentemente, afirma que a concepção virginal é demonstrada pela citação de Isaías. No entanto, **o argumento do evangelista está invertido**. Ele quer que seu leitor entenda que o evento representa o cumprimento da profecia; em outras palavras, que a concepção de Jesus por Maria ocorreu porque, de acordo com Isaías, assim estava predestinada por Deus. **A verdade é bem o contrário:** a ideia da “*parthenos* que concebe”, fornecida pela profecia, é que motivou a história. Foi o texto grego de Isaías 7,14 que proporcionou a Mateus uma fórmula surpreendente para exprimir o caráter milagroso do nascimento de Jesus, como o cumprimento de uma previsão das escrituras.

Repetindo pela última vez, **a concepção virginal é uma extrapolação das palavras**

da Septuaginta, fazendo uso de material histórico, apresentada a, e compreendida por, leitores cristãos gentios helenistas do Evangelho de Mateus. A história do nascimento de Jesus, contada em aramaico ou hebraico e citando Isaías em hebraico, jamais poderia ter dado origem a tal interpretação. Mas em grego, em combinação com a exegese literal do nome “Emanuel = Deus conosco” tornou-se a fonte da qual surgiu o conceito do Filho divino de mãe virgem. É preciso reiterar, mesmo que seja *ad nauseam*, que tal evolução somente foi possível em um meio cultural helenístico grecófono. Os antecedentes ideológicos da mitologia greco-romana e as lendas sobre a origem divina de figuras eminentes da época e de um passado recente (ver Capítulo 4) propiciaram um campo fértil para o crescimento do que viria a ser, no jargão teológico cristão, a *Cristologia*. Com o tempo, através de Paulo, de João e dos filosofantes Padres da Igreja gregos, essa ideia original evoluiu para a deificação de Jesus, Filho da Virgem grávida de Deus (*Theotokos*).

Também é possível contestar que a ideia da concepção virginal inferida no texto de Mateus, com seu uso da versão da Septuaginta para Isaías, era de origem cristã-gentia helenística, pela posição adotada pelo antigo cristianismo judaico sobre o assunto. Facetas importantes da doutrina desses cristãos-judeus, conhecidos como os ebionitas ou os Pobres, foram

preservadas nos escritos dos apologistas da Igreja, que procuravam refutá-las. Sob a denominação de ebionitas, devemos entender comunidades cristãs-judaicas que, após sua separação da Igreja cristã-gentia central, provavelmente na virada do século I d.C., sobreviveram ainda por mais duzentos ou trezentos anos. Através do Padre da Igreja Irineu, do fim do século II, que foi bispo de Lião, e do historiador da Igreja Eusébio de Cesareia, do século IV, sabemos que os ebionitas rejeitavam a doutrina do nascimento virgem. **Eusébio deixa claro que, para eles, Jesus era “o filho de uma união normal entre um homem e Maria”** (*História Eclesiástica* 3,27). Irineu anteriormente havia argumentado, usando frases emprestadas do Novo Testamento, que os ebionitas “se recusavam a entender que o Espírito Santo havia vindo a Maria e que o poder do Altíssimo a havia envolvido com sua sombra” (*Contra as Heresias*, 5,1, 3). Ele explicava ainda que a fim de sustentar seus ensinamentos e “puxar o tapete” da ortodoxia cristã, os ebionitas defendiam a versão grega de Teodósio e Aquila como mais correta do que a Septuaginta, e substituíram o *parthenos* (virgem) desta última pelo termo *neanis* (jovem mulher) em sua tradução de Isaías 7,14 (*ibid.* 3,21, 1). Na opinião deles, a prova de que a Septuaginta não era confiável representava o fim da doutrina de Mateus e da Igreja cristã a respeito de concepção virginal.

Com efeito, a (*almah* do Isaías hebraico e o correspondente *neanis* de Aquila e Teodósio revelam a fragilidade da ideia do nascimento virgem, conforme concebida pelo Mateus grego. Sua adoção pelo evangelista (ou por seu editor final) tornou inevitável a revisão da formulação direta da genealogia (A gerou B etc.), com vistas a excluir a paternidade de José; e tem também o efeito imprevisto de prejudicar a prova montada para autenticar a legitimidade de Jesus como Messias descendente direto de Davi, através de José. ⁽¹⁵²⁾

Em James D. Tabor, em ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*** (2006), lemos informações bem interessantes a respeito da virgindade de Maria, que, sem dúvida, merecem ser transcritas:

[...] É fácil imaginar que os cristãos primitivos acreditavam em Jesus e o queriam tão louvado e celestial quanto qualquer dos heróis e deuses gregos e romanos, e **se apropriaram dessa maneira de contar a história do seu nascimento como uma maneira de afirmar que Jesus era ao mesmo tempo humano e divino**. Os intérpretes modernos, que adotam essa abordagem para as histórias, afirmam habitualmente que José era provavelmente o

pai, e que esses relatos sobrenaturais eram inventados pelos discípulos de Jesus para atribuir-lhe honras e promover seu status elevado de uma maneira comum a essa cultura. ⁽¹⁵³⁾

[...] **O ensinamento sobre a “virgindade perpétua” simplesmente não é encontrado no Novo Testamento** e não faz parte dos primeiros credos cristãos. A primeira menção oficial a essa ideia só vem a partir de 374 d.C., com o teólogo cristão Epifânio. (*) A maior parte dos escritos cristãos primitivos anteriores ao século IV d.C. Aceita naturalmente que os irmãos e irmãs de Jesus sejam filhos nascidos de José e Maria. ⁽¹⁵⁴⁾
⁽¹⁵⁵⁾

(*) Julgamos também necessário transcrever aqui a nota 3, do cap. 4 – Filhos de outro pai, dessa obra:

A ideia da virgindade perpétua de Maria foi afirmada no 2º Concílio de Constantinopla, em 553 d.C. e no Concílio de Latrão, em 649. Embora seja uma parte do dogma católico solidamente estabelecida, nunca foi, no entanto, objeto de uma declaração de infalibilidade pela Igreja Católica Romana. ⁽¹⁵⁶⁾

A própria disciplina dos historiadores os obriga a trabalhar dentro dos parâmetros de uma visão científica da realidade. **As mulheres nunca engravidam sem um homem.** Portanto, Jesus tinha um pai

humano, quer consigamos identificá-lo, quer não. Os corpos mortos não ressuscitam – se considerados clinicamente mortos – como fora seguramente o caso de Jesus depois da crucificação romana e de três dias em uma tumba. Portanto, se a tumba estava vazia, **a conclusão histórica é simples – o corpo de Jesus fora removido por alguém e possivelmente sepultado em outro local.** Os historiadores podem se referir ao que foi dito por Paulo ou aos relatórios sobre as aparições que circulavam na altura em que os evangelhos foram escritos, mas **esses escritos, feitos décadas depois do acontecimento, testemunham mais o desenvolvimento das crenças teológicas do que o que teria acontecido.** Alguns estudiosos questionaram a veracidade histórica da própria história da tumba vazia, argumentando ter sido desenvolvida para sustentar a alegação teológica de que Jesus tinha sido ressuscitado dos mortos. **Mas dada a natureza apressada e temporária do sepultamento de Jesus, era de esperar que a tumba estivesse vazia.** Nunca houve a intenção de que Jesus permanecesse naquela tumba. A questão que se põe é: o que aconteceu com seu corpo? Onde e por quem poderia ter sido sepultado permanentemente? A resposta mais curta é que não sabemos, e qualquer sugestão é especulativa. Mas temos, ainda assim, algumas pistas em nossas fontes que nos permitem reconstruir algumas possibilidades

plausíveis.

Existem algumas histórias alternativas aos evangelhos do nosso Novo Testamento. Tertuliano, um autor cristão do século III, nos fala de uma polêmica em voga nessa época: o corpo de Jesus fora removido pelo jardineiro do cemitério, que temia ver suas plantas pisoteadas pelas multidões em visita à tumba. ⁽¹⁵⁷⁾ Em um antigo texto medieval chamado *Toledot Yeshu*, o jardineiro leva o corpo e o sepulta em um riacho próximo, temendo que os discípulos se antecipassem e levassem o corpo, alegando que ele havia sido ressuscitado dos mortos. Há um texto copta do século VI d.C. que até nos diz o nome do jardineiro, Filógenes. Nessa versão, o jardineiro planeja levar o corpo para sepultá-lo condignamente, mas, à meia-noite, quando fora buscá-lo, a tumba estava rodeada de anjos e ele testemunhara Jesus ressuscitando dos mortos. ⁽¹⁵⁸⁾ Todas essas histórias sobre um jardineiro parecem ser embelezamento ao evangelho de João, em que Maria de Madalena, confundindo Jesus com o jardineiro, ao encontrá-lo na tumba, pergunta-lhe: “Se fosse tu que o tiraste, diz-me onde o puseste” (João 20:15). ⁽¹⁵⁹⁾

Mulheres virgens engravidando de deuses, somente se vê isso na mitologia antiga, onde é coisa comum. Edward Carpenter (1844-1929), em **Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e**

Significados (1920) e Juan Arias, em **Jesus Esse Grande Desconhecido** (2001), nos trazem curiosas observações, quanto ao tema, vejamos:

Mas quase mais notável que a crença mundial nos salvadores é a lenda igualmente difundida de que eles nasceram de Mães-Virgens. **Não há quase nenhum deus – como já tivemos a oportunidade de ver – que seja adorado como um benfeitor da humanidade nos quatro continentes, Europa, Ásia, África e América – que não tenha nascido de uma Virgem, ou pelo menos de uma mãe que atribuisse a concepção não a um pai humano, mas sim ao céu.** E isso parece, à primeira vista, o mais surpreendente, porque acreditar em tal possibilidade é muito absurdo para nossa mente moderna. Tanto que, enquanto pareceria natural que tal lenda tivesse se espalhado espontaneamente em alguma parte incivilizada do mundo, achamos difícil entender como, nesse caso, teria se espalhado tão rapidamente por todas as partes, ou – se não se espalhou – como podemos explicar seu surgimento *espontâneo* em todas essas regiões. ⁽¹⁶⁰⁾

E se Jesus fosse apenas um mito construído com elementos das escatologias egípcias? É o que sustentaram, até o final do século XIX, não poucos mitólogos, como Albert Churchward e Joseph Welles. Os

defensores da teoria mítica pensam que se tentou incorporar ao personagem Jesus – que não teria existido realmente – elementos de outros deuses ou personagens religiosos mitológicos de séculos anteriores a ele.

Para esses autores, **há coincidências interessantes entre o Jesus que os cristãos apresentam e os personagens e deuses anteriores**, como Hórus, do Egito; Mitra, da Pérsia; e Krishna, da Índia. **Todos nascem de uma virgem**. Hórus e Mitra também nascem em 25 de dezembro. **Todos fizeram milagres, todos tiveram 12 discípulos que corresponderiam aos 12 signos do zodíaco, todos ressuscitaram e subiram aos céus depois de morrer**. Hórus e Mitra foram chamados Messias, Redutores e Filhos de Deus. **Krishna foi considerado a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade** e foi perseguido por um tirano que matou milhares de crianças inocentes. **Além disso, Krishna também se transfigurou, como Jesus, diante de seus três discípulos preferidos, foi crucificado e subiu aos céus**. Exatamente como o profeta de Nazaré. Os mitólogos se perguntam: “Precisamos de mais coincidências?”.

Os adversários da historicidade do cristianismo e **defensores do Jesus mítico acreditam que muito do que aparece nos evangelhos não passa de tradução judaica de mitos egípcios**. Assim, por exemplo, na

ressurreição de Lázaro (um dos episódios dos evangelhos a que se atribui menos credibilidade histórica) tratou-se de aplicar a Jesus a história da múmia de Al-Azar-us, do mito egípcio de Hórus, que ocorreu mil anos antes do nascimento de Jesus.

Na mesma linha, como o inimigo de Hórus era Sata, deduz-se que daí teria vindo a teoria de sataná e dos demônios contida nos evangelhos. Hórus, assim como Jesus mil anos depois, também lutou no deserto, durante quarenta dias, contra as tentações de Sata, numa luta simbólica entre a luz e a escuridão.

O fato é que certas coisas que **os evangelhos contam acerca de Jesus** – justamente as que têm menos credibilidade histórica – **se prestam para alimentar a teoria de que Jesus é apenas fruto de uma continuação de deuses míticos da antiguidade.** ⁽¹⁶¹⁾

Ainda em **Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados** (1920), Edward Carpenter lista também vinte e uma semelhanças da história de Jesus com histórias antigas de deuses, o que não deixa de ser algo surpreendente; vejamos o que ele diz:

Na época em que viveu ou surgiu Jesus

de Nazaré, e alguns séculos antes dele, o mundo mediterrâneo e as vizinhanças foi o cenário de um grande número de rituais e crenças pagãs. Havia inúmeros templos dedicados a deuses como **Apolo ou Dionísio** entre os gregos, **Hércules** entre os romanos, **Mithra** entre os persas, **Adônis e Attis**, na Síria e Phrygia, **Osíris, Ísis e Horus** no Egito, **Baal e Astarte** entre os babilônios e cartagineses, e assim por diante.

As sociedades, grandes ou pequenas, os crentes unidos e devotos ao serviço ou cerimônias conectavam-se com suas respectivas divindades e às crenças nas quais eles confessavam, relacionadas a essas divindades. E um fato extraordinariamente interessante para nós é que, apesar das grandes distâncias geográficas e diferenças raciais entre os adeptos desses diversos cultos, assim como as diferenças nos detalhes de seus serviços, as marcas gerais de suas crenças e cerimônias eram – se não idênticas – muito parecidas.

É claro que não posso me estender a respeito desses diferentes cultos, mas posso dizer que, **de todas ou quase todas as divindades acima mencionadas, se dizia e se acreditava que:**

1. Nasceram no dia ou em um muito próximo ao nosso dia de Natal.
2. Nasceram de uma mãe virgem.

3. Nasceram em uma caverna ou câmara subterrânea.

4. Viveram uma vida de dedicação à humanidade.

5. Eram chamados pelos nomes de Iluminado, Curador, Mediador, Salvador e Provedor.

6. No entanto, foram derrotados pelos poderes da Escuridão.

7. Foram para o Inferno.

8. Ressuscitaram dos mortos e tornaram-se os pioneiros da raça humana no mundo dos céus.

9. Fundaram comunidades de santos e Igrejas nas quais as disciplinas eram recebidas pelo batismo.

10. Eram celebrados em eucaristia.

Darei alguns rápidos exemplos:

Mithra nasceu em uma caverna, no dia 25 de dezembro.

O banquete do nascimento de Mithra era feito em Roma no oitavo dia antes das Calendas de Janeiro, sendo também o dia dos jogos circassianos, que eram consagrados ao Sol. ⁽¹⁶²⁾

Nasceu de uma virgem ⁽¹⁶³⁾. Viajou muito e para vários lugares como Mestre e guia dos homens.

Sacrificou o Touro, símbolo do produto da

terra que a luz do Sol dá. Suas grandes celebrações aconteciam no Solstício de Inverno e no Equinócio da Primavera (Natal e Páscoa).

Tinha doze seguidores ou discípulos (os doze meses).

Foi enterrado em um túmulo, do qual ressuscitou; e sua ressurreição era celebrada anualmente com grandes festejos.

Era chamado de Salvador e Mediador, às vezes era visto como um Cordeiro; banquetes de celebração eram oferecidos por seus seguidores em sua memória.

Esta lenda é aparente e parcialmente astronômica e em parte vegetacional; e o mesmo pode ser dito a respeito de Osíris.

Osíris nasceu, como Plutarco nos conta, no 361º dia do ano, ou seja, em 27 de dezembro. Ele também, como Mithra e Dionísio, era um grande viajante. Como rei do Egito, ele ensinou as artes civis aos homens e “os domou pela música e pela gentileza, e não com o uso de armas” (164).

Descobriu o milho e o vinho. Mas foi traído por Tifão, o poder da escuridão, assassinado e esquartejado. Plutarco conta: “Isso aconteceu no décimo sétimo dia do mês Athyr, quando o Sol adentra em Escorpião” (o signo do zodíaco que indica a chegada do inverno).

Seu corpo foi colocado em uma caixa, mas depois, no décimo nono dia, ressuscitou, e, nos cultos a Mithra, Dionísio, Adônis e outros, assim como no culto a Osíris, uma imagem dentro de um caixão é mostrada diante dos pregadores e recebida com gritos de “Osíris ressuscitou”.

Seus sofrimentos, sua morte e ressurreição eram encenadas ano após ano em um grande espetáculo e Abidos ⁽¹⁶⁵⁾.

As duas lendas a seguir têm um caráter mais distinto de mitos da vegetação.

Adônis ou Tamuz, o deus sírio da vegetação, era um jovem muito belo, nascido de uma virgem (Natureza) e tão belo que Vênus e Perséfone (a deusa da Terra) apaixonaram-se por ele.

Para satisfazer a vontade das duas, ficou estabelecido que ele passaria metade do ano (o verão) com uma, na Terra, e a outra metade (o inverno), com a outra, no Inferno.

Foi morto por um javali (Tifão) no outono. E todos os anos as donzelas “choravam por Adônis” ⁽¹⁶⁶⁾.

Na primavera uma celebração de ressurreição acontecia – as mulheres saíam à sua procura; quando encontravam seu corpo o colocavam (uma imagem de madeira) em um caixão ou tronco de árvore oco e faziam rituais selvagens e lamentações, seguidos por festejos por sua ressurreição.

Em Aphaca, ao Norte da Síria, e entre Byblus e Baalbec, havia um famoso túmulo e templo de Astarte, perto do qual havia um vale romântico e cheio de árvores, o local do nascimento de um certo rio Adônis – a água saindo de uma caverna, sob enormes penhascos. Ali (diziam) todos os anos um jovem Adônis era novamente ferido mortalmente, e a água do rio tornava-se vermelha por causa de seu sangue, enquanto uma anêmona vermelha crescia entre os cedros e as noqueiras (¹⁶⁷).

A história de **Attis** é muito parecida. Ele era um jovem pastor ou boiadeiro na Frígia, consorte de Cibele (ou Deméter) a mãe dos deuses.

Nasceu de uma virgem – Nana – que engravidou colocando uma amêndoa em seu seio.

Foi morto por um javali, o símbolo do inverno, como Adônis ou por ter praticado a automutilação (como seus padres) e sangrado até a morte, aos pés de um pinheiro (o pinheiro e a pinha são símbolos da fertilidade).

O sacrifício de seu sangue renovou a fertilidade na terra, e no ritual de celebração de sua morte e ressurreição sua imagem era presa ao tronco de um pinheiro (compare com a crucificação). Mas voltarei a essa lenda. A adoração de Attis tornou-se muito difundida e respeitada, e incorporou-se à

religião estabelecida em Roma no princípio de nossa era.

As duas lendas a seguir (lidando com Hércules e com Krishna) têm muito mais do mito solar do que do vegetal. Os dois heróis eram vistos como grandes benfeitores da humanidade; o primeiro mais no plano material, e o segundo no espiritual.

Hércules ou Héracles era, como outros deuses do Sol e benfeitores da humanidade, o grande Viajante. Era conhecido em muitas terras e em todas as partes era invocado como o Salvador.

Foi milagrosamente concebido por um Pai divino; quando ainda era bebê estrangulou duas serpentes que haviam sido mandadas para matá-lo.

Seus vários trabalhos para o bem do mundo foram separados em doze, simbolizados pelos signos do zodíaco. Matou o leão de Nemeia e de Hidra (cria de Tifão) e o Javali. Derrotou a Corça e limpou os currais Augianos; venceu a Morte e, descendo até Hades, trouxe Cérbero e subiu de volta ao céu. Foi acompanhado pela gratidão e as orações dos mortais.

Quanto a **Krishna**, o deus da Índia, as coincidências com as divindades citadas anteriormente são muito grandes para não serem percebidas e muito numerosas para serem completamente gravadas.

Ele também nasceu de uma virgem

(Devaki) em uma manjedoura ⁽¹⁶⁸⁾ e seu nascimento foi anunciado por uma estrela. Queriam matá-lo e um massacre de crianças foi ordenado.

Em todas as partes ele executou milagres, ressuscitando os mortos, curando os leprosos, os surdos e os mudos, e ajudando os pobres e oprimidos.

Tinha um discípulo, Arjuna (cf. João), diante de quem se transfigurou ⁽¹⁶⁹⁾.

Sua morte foi narrada de modos diferentes – levou uma flechada ou foi crucificado em uma árvore. Foi para o Inferno e ressuscitou dos mortos, subindo ao céu perante muitas pessoas. Voltará no último dia para ser o juiz dos vivos e dos mortos.

Essas são as lendas envolvendo as divindades pagãs e pré-cristãs – explicadas rapidamente agora, para termos uma ideia realista do assunto; mas, devo falar com mais detalhes sobre a maioria delas.

O que podemos perceber claramente, até agora, são dois pontos; por um lado a semelhança dessas histórias com a de Jesus Cristo; e, por outro, a analogia que fazem com os principais fenômenos da Natureza como ilustradas pelo percurso do Sol no céu e as mudanças da vegetação na Terra.

O primeiro ponto mencionado, **a semelhança dessas lendas pagãs antigas e suas crenças, com as tradições cristãs, era de fato tão grande que chamava a**

atenção e causava a ira dos primeiros padres cristãos. Eles não tinham dúvidas a respeito das semelhanças, mas, sem saber como explicá-las, voltavam-se para a inocente teoria de que o Demônio – para confundir os cristãos – tinha, séculos antes, feito os pagãos adotarem certas crenças e práticas! (Muito ardiloso, da parte do Demônio, devemos dizer, mas também bastante inocente da parte dos padres por acreditarem nisso!). Justin Martyr, por exemplo, descreve ⁽¹⁷⁰⁾ a instituição da Ceia do Senhor como narrada nos evangelhos, e continua dizendo: “os demônios imitaram os mistérios de Mithra, mandando que as mesmas coisas fossem feitas. Aquele pão e copo d’água são colocados com certos encantamentos nos ritos místicos de alguém que está sendo iniciado que vocês sabem ou podem aprender”. Tertuliano também diz que ⁽¹⁷¹⁾ “o demônio pelos mistérios de seus ídolos imita até mesmo a parte principal dos mistérios divinos”... “Ele batiza seus adoradores com água e faz que eles acreditem que tal ritual os livra de seus pecados”... “Mithra faz sua marca na testa de seus soldados; celebra a oblação do pão; mostra uma imagem da ressurreição e apresenta a coroa e a espada de uma só vez; impõe o limite de apenas um casamento a seu padre principal; tem até suas virgens e seus beatos” ⁽¹⁷²⁾ Cortez, também, será lembrado, reclamava que o demônio ensinara positivamente aos mexicanos as mesmas

coisas que Deus ensinara aos cristãos.

Justin Martyr, em *Dialogue with Trypho*, diz que o nascimento na manjedoura era o protótipo do nascimento de Mithra na caverna de Zoroastrianismo; e diz que Cristo nasceu quando o Sol nasce no Estábulo Augiano (¹⁷³), vindo como um segundo Hércules para purificar um mundo errante; e Santo Agostinho diz “nós temos esse dia (o Natal) como sagrado, não como os pagãos, por causa do nascimento do Sol, mas por causa do nascimento Dele, que o criou”. Há muitas outras frases dos primeiros padres com suas atribuições revoltadas a respeito das semelhanças ao trabalho do mal; mas não precisamos nos aprofundar nelas. Nós não precisamos nos revoltar. Pelo contrário, podemos ver agora que essas fortes críticas dos escritores cristãos são a prova de como e até que ponto na expansão do Cristianismo no mundo ele havia se tornado fundido com os cultos pagãos existentes anteriormente.

Apenas no ano 530 d.C. – cinco séculos depois do suposto nascimento de Cristo – que o monge Dionysius Exiguus, um abade e astrônomo de Roma, recebeu a tarefa de estabelecer o dia e o ano daquele nascimento. Um grande problema, levando-se em consideração a ciência histórica da época! Para o ano ele colocou a data que agora usamos (¹⁷⁴). e para o dia e mês ele escolheu 25 de dezembro – uma data popular desde 350 a.C., e a mesma data,

com uma diferença de um dia ou dois, do suposto nascimento dos antigos deuses do Sol (¹⁷⁵). (¹⁷⁶)

A história de Jesus, como vemos, tem muita semelhança com as histórias dos antigos deuses Sol e com o percurso atual do Sol nos céus – tantas coincidências, que não podem ser atribuídas à mera coincidência ou até mesmo a blasfêmias do Demônio! **Vamos enumerar algumas delas.** Há (1) o nascimento da Virgem; (2) o nascimento na manjedoura (caverna ou câmara subterrânea); e (3) em 25 de dezembro (logo depois do Solstício de Inverno). Há (4) a Estrela do Leste (Sírio) e (5) a chegada dos magos (os “Três Reis”); há (6) o Massacre dos Inocentes, e o voo para um país distante (dito também de Krishna e outros deuses Sol). Há os festivais da Igreja de (7) Candelária (2 de fevereiro), com procissões das velas para simbolizar a luz crescente; há (8) a Quaresma, ou a chegada da primavera; há o (9) dia de Páscoa (normalmente em 25 de março) para celebrar a travessia do Equador pelo Sol; e (10) simultaneamente a explosão de luzes no Sepulcro Sagrado em Jerusalém. Há (11) a Crucificação e a Morte do carneiro-deus, na sexta-feira santa, três dias antes da Páscoa; há (12) a prisão feita com pregos em uma árvore, (13) o túmulo vazio, (14) a Ressurreição (nos casos de Osíris. Attis e outros); há (15) os doze discípulos (os signos

do Zodíaco); e (16) a traição de um dos doze. Depois, há (17) o Dia do Meio do Verão, o dia 24 de junho, dedicado ao nascimento de João Batista, e correspondente ao dia de Natal; há as festas da (18) Assunção da Virgem (15 de agosto) e do (19) nascimento da Virgem (8 de setembro), correspondentes ao movimento do Sol por Virgem; há o conflito de Cristo e seus discípulos com os asterismos outonais, (20) a Serpente e o Escorpião; e finalmente há um fato curioso de que a Igreja (21) dedica o dia do Solstício de Inverno (quando qualquer um pode, naturalmente, duvidar do renascimento do Sol) a São Tomé. que duvidava que a Ressurreição fosse verdadeira! Algumas coincidências, mas não todas, estão em questão. Mas elas são suficientes, acredito eu, para provar – mesmo permitindo possíveis margens de erro – a verdade de nossa contenção geral. Entrar no paralelismo dos caminhos de Krishna, o deus Sol indiano, e Jesus demoraria muito tempo; porque, de fato, a semelhança é muito grande. Eu proponho, no entanto, ao final deste capítulo, que nos aprofundemos um pouco na festa cristã da Eucaristia, em parte por causa de sua relação com a derivação de rituais astronômicos e celebrações da Natureza já referidas, e em parte por causa da luz que a festa geralmente, seja ela cristã ou pagã, joga sobre as origens da Mágica Religiosa – um assunto que devo abordar no próximo capítulo. ⁽¹⁷⁷⁾

E, especificamente, sobre a questão do “salvador da humanidade”, Edward Carpenter e Joseph Campbell (1904-1987), em **Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados** (1920) e **As Máscaras de Deus - Mitologia Oriental** (1964), respectivamente, abordam-na da seguinte forma:

[...] em seus aspectos mais sensíveis e espirituais, como nos ritos Mitrhaicos, Egípcios, Hindus e Cristão, uma pessoa passava pelo véu do *maya* e de seu mundo em constante mudança, e entrava na região da paz e poder divinos ⁽¹⁷⁸⁾. Ou, novamente, **a doutrina do Salvador**. A essa eu também não preciso adicionar muito mais do que já foi dito. **O número de divindades pagãs (em sua maioria nascida de virgens e mortas de uma maneira ou outra por seus esforços de salvar a humanidade) é tão grande ⁽¹⁷⁹⁾ e, portanto, difícil de precisar. O deus Krishna na Índia, o deus Indra no Nepal e no Tibet morreram para a salvação dos homens; Buddha disse, de acordo com Max Muller ⁽¹⁸⁰⁾, “Permita que todos os pecados existentes no mundo caiam sobre mim e o mundo será salvo”; o chinês Tien, o Sagrado – “com deus e existindo com ele para toda a eternidade” – morreu para salvar o mundo; o egípcio Osiris era chamado de Salvador, assim como Horus; assim como Mithra, da Pérsia; assim como o grego**

Hércules que venceu a morte apesar de seu corpo ser consumido pelas chamas da mortalidade, da qual ele subiu aos céus. O mesmo aconteceu com o frígio **Attis**, chamado de Salvador, e do sírio **Tammuz ou Adônis** – os dois que foram pregados a uma árvore, e depois renasceram de seus túmulos. **Prometheu**, o maior e mais antigo benfeitor da raça humana, foi pregado pelas mãos e pelos pés, com os braços abertos, às pedras do monte Cáucaso. **Baco ou Dionísio**, nascido da virgem Semele para ser o libertador da humanidade (Dionísio Bleutherios, como era chamado), foi cortado em pedaços, como Osíris. Mesmo em **Quetzalcoatl**, no México, o Salvador nasceu de uma virgem, foi tentado, jejuou por quarenta dias, morreu, e sua segunda vinda foi tão esperada que (como é bem conhecido), quando Cortez apareceu, os mexicanos, coitados, o receberam como o deus que voltara! ⁽¹⁸¹⁾ No Peru e entre os índios norte-americanos, no Norte e no Sul do Equador, lendas parecidas são, ou foram, encontradas. Apesar de falarmos pouco sobre o assunto, **é o bastante para provar que a doutrina do Salvador é mundial e muito antiga, e que o Cristianismo meramente apropriou-se da mesma e (assim como os outros cultos) lhe deu algumas outras cores.** Talvez essa doutrina original fosse muito melhor e muito mais conhecida, se a **Igreja Cristã não tivesse feito um esforço enorme para tomar as**

devidas precauções e para extinguir todas as evidências dos atos pagãos relacionados a esse assunto. Há muita evidência de que a Igreja antiga tomou esse caminho com salvadores pré-cristãos ⁽¹⁸²⁾; e nos últimos tempos a mesma política tem sido mostrada pelo tratamento no século XVI dos escritos de Sahagun, o missionário espanhol – cujo trabalho já mencionei. Sahagun era um homem educado e muito inteligente que, apesar de não aceitar as barbaridades da religião asteca, foi fiel o bastante para mostrar características nas maneiras e dos costumes das pessoas, e algumas semelhanças com a doutrina e prática cristãs. Isso deixou enfurecidos os intolerantes católicos da recém-formada Igreja Mexicana.

Eles roubaram os manuscritos de Sahagun, de seu *História das coisas da Nova Espanha (1560)*, e os esconderam, e foi depois de muita briga e a decisão da Corte Espanhola que Sahagun os teve de volta. Finalmente, aos oitenta anos de idade, depois de traduzi-los para o espanhol (do original mexicano), ele mandou seus manuscritos em dois grandes volumes para a Espanha, para que ficassem em segurança; mas quase imediatamente *desapareceram* e não mais foram encontrados! Apenas *dois séculos* depois foram reaparecer (1790) em um convento de Tolosa em Navarre. O lorde Kingsborough publicou-os na Inglaterra em 1830.

Eu já falei sobre várias das **principais doutrinas do Cristianismo – ou seja, do pecado, do sacrifício, da Eucaristia, do Salvador, do Renascimento e da transfiguração – mostrando que eles não são únicos em nossa religião, mas sim comuns a quase todas as religiões do mundo antigo.** A lista pode ser muito aumentada, mas não há necessidade de nos atermos a um assunto que, de modo geral, já foi compreendido. Dedicarei, no entanto, uma ou duas páginas para um exemplo, que eu julgo muito interessante e cheio de sugestão profunda.

Não existe nenhuma outra doutrina no Cristianismo que seja mais apreciada e reverenciada por seus fiéis, do que aquela em que Deus sacrificou seu único filho para salvar o mundo; também, uma vez que o filho não era apenas *parecido* com o pai, mas da mesma natureza do Pai, e igual a ele, sendo a segunda pessoa da Santíssima Trindade, o sacrifício foi uma imolação de si mesmo para o bem do mundo. A doutrina é muito mística, muito antiga e, de certa maneira, tão absurda e impossível, que tem sido um prato cheio para piadas por parte dos inimigos da Igreja; e aqui podemos pensar, é uma crença que – seja ela considerada gloriosa ou obsoleta – é única e peculiar àquela Igreja.

E, ainda, o fato extraordinário é que uma crença parecida existe em todas as religiões

antigas e pode nos remeter ao passado. **A palavra *hóstia***, que é usada na missa católica para representar o pão e o vinho no altar, símbolos do corpo e do sangue de Cristo, **vem do latim *Hóstia*, que no dicionário significa “um animal morto em sacrifício, uma oferta para compensar um pecado”**. Isso nos leva de volta ao estágio do totem, quando toda a tribo, como eu já expliquei, coroava um touro, um urso ou um outro animal com flores e prestavam-lhe honras com comida e adoração, sacrificavam a vítima para o espírito do totem da tribo e o comiam em uma festa eucarística – e o curandeiro ou sacerdote que dirigia o ritual vestia a pele desse animal como um sinal de que ele representava o totem –, divindade, participando do sacrifício de “si mesmo para si mesmo”. Isso nos faz lembrar dos khonds em Bengal sacrificando seus meriahs coroados e enfeitados como deuses e deusas; dos astecas fazendo o mesmo; dos quetzalcoatl furando seus cotovelos e dedos para tirar sangue, oferecido em seu próprio altar; ou de Odin sendo pendurado, por vontade própria, em uma árvore. “Sei que fui pendurado em uma árvore que foi balançada pelo vento por nove longas noites. Uma lança atravessou meu corpo, fui levado a Odin, eu para mim.” E assim por diante. Os exemplos são infinitos. “Sou a oblação”, diz Krishna no Bhagavad Gita ⁽¹⁸³⁾. “Sou o sacrifício, a oferta aos ancestrais”. “No real conceito ortodoxo de sacrifício”, diz Elie Reclus ⁽¹⁸⁴⁾, “a

oferenda consagrada, seja ela um homem, uma mulher ou uma virgem, um carneiro ou novilha, galo ou pombo, representa a *divindade...*" (185)

III. A LENDA DO SALVADOR DO MUNDO

É impossível reconstruir o caráter, a vida e a verdadeira doutrina do homem que se tornou o Buda. Supõe-se que ele tenha vivido entre 563 e 483 a.C. Entretanto, sua mais antiga biografia, a do cânon páli, começou a ser escrita apenas por volta de 80 a.C. no Ceilão [atual Sri Lanka], a cinco séculos e 2.400 km de distância do verdadeiro cenário histórico. **E a vida, a essa altura, tinha-se tornado mitologia – segundo um padrão característico dos Salvadores do Mundo do período entre aproximadamente 500 a.C. e 500 d.C., seja na Índia, como nas lendas dos jainas, ou no Oriente Próximo, como na visão evangélica de Cristo.**

Em resumo, essa **biografia arquetípica do Salvador** fala de:

1. o descendente de uma família real
2. nascido milagrosamente
3. em meio a fenômenos sobrenaturais
4. sobre quem um santo ancião (Simão = Asita), logo após o nascimento, profetizou uma mensagem de salvação do mundo, e
5. cujas façanhas na infância proclamam seu caráter divino.

Na sequência indiana, o herói do mundo:

6. casa-se e gera um herdeiro

7. desperta para sua missão

8. parte, com o consentimento de seus progenitores (no jainismo), ou secretamente (o Buda)

9. para engajar-se em árduas disciplinas na floresta

10. que o confrontam, finalmente, com um adversário sobrenatural, sobre o qual

11. a vitória é alcançada.

O último citado, o Adversário, é uma figura que nos tempos védicos teria aparecido como um dragão anti-social (Vritra) mas, em concordância com a nova ênfase psicológica, representa agora aqueles equívocos da mente que o mergulho do Salvador do Mundo nas suas próprias profundezas traz a luz, e contra os quais ele está lutando, tanto por sua própria vitória quanto para a salvação do mundo.

Na lenda cristã, não há registro dos anos de juventude representados acima pelos estágios 6 a 8. **Entretanto, os episódios culminantes (9 a 11) estão representados pelo jejum de quarenta dias no deserto onde se deu o confronto com Satã.** Ademais, pode-se argumentar que as cenas infantis da matança dos inocentes pelo rei Herodes, o aviso do anjo a São José e a fuga da Sagrada Família correspondem

simbolicamente ao 6, isto é, aos esforços do pai do futuro Buda para frustrá-lo em sua missão, confinando-o no palácio e fazendo-o casar-se depois do que (7) ele foi despertado para sua missão pela visão de um ancião, um homem doente, um cadáver e um iogue, ante o que (8) planejou fugir. Em ambos os casos a narrativa é a de um inimigo régio do espírito, lutando com todos seus recursos – sejam eles maléficos (rei Herodes) ou benignos (rei Suddhodana) – que se mostram vãos para frustrar o infante Salvador em sua predestinada missão.

Seguindo seu encontro cara a cara com o Antagonista e vencendo-o, o Salvador do Mundo:

12. realiza milagres (caminha sobre as águas etc.)

13. torna-se um pregador errante

14. prega a doutrina da salvação

15. a um séquito de discípulos e

16. a uma pequena elite de iniciados

17. um dos quais, menos rápido para aprender do que o resto (Pedro = Ananda) ⁽¹⁸⁶⁾, recebe o comando e se torna o modelo da comunidade leiga, enquanto

18. outro, obscuro e traiçoeiro (Judas = Devadatta), está empenhado na morte do Mestre.

Em várias versões da lenda são dadas diferentes interpretações aos temas

comuns, coincidindo com as diferenças de doutrina. Por exemplo, 2: enquanto a Virgem Maria concebeu do Espírito Santo, a rainha Maya, mãe do Buda, era uma verdadeira esposa de seu consorte; tampouco o Salvador do Mundo que ela era a luz era uma encarnação de Deus, o Criador do Universo, mas um *jīva* reencarnado iniciando a última de suas inumeráveis vidas. Igualmente os itens 10-11: enquanto a vida do Buda atingiu o ápice na sua vitória sobre Mara sob a árvore Bodhi, a lenda cristã transfere a Árvore da Redenção para o estágio 19, isto é, a morte do Salvador, que na vida do Buda não é mais do que uma passagem pacífica no final de uma longa carreira de mestre. Pois o ponto principal do budismo não é – como no antigo sacrifício Soma – a imolação física do Salvador, mas seu despertar (*bodhi*) para a Verdade das verdades e, em consequência, a libertação (*moksa*) da ilusão (*māyā*). Por isso, o ponto principal para o indivíduo budista não é se a lenda do Buda corresponde ao que de fato é historicamente ocorreu entre 563 e 483 a.C., mas se serve para inspirá-lo e guiá-lo para a iluminação. ⁽¹⁸⁷⁾

São mais dois autores que confirmam a história de Jesus com a de outros personagens mitológicos, todas elas bem anteriores à dele.

Como ambos citaram Osíris, vejamos o que diz Richard Russell Cassaro, no capítulo “*O Paralelismo com Osíris: Sugestões do Imaginário Cristão em Artefatos Egípcios Antigos*” de **O Que a Bíblia Não nos Contou** (2006):

O personagem central da **antiga religião egípcia era Osíris**”, escreveu o falecido egiptólogo sir E. A. Wallis Budge, “e **os principais fundamentos do seu culto eram a crença na sua divindade, morte, ressurreição e controle absoluto do destino do corpo e da alma dos homens**. O ponto religioso central de cada osiriano era a esperança da ressurreição em um corpo transformado e da imortalidade, que ele só poderia perceber pela morte e ressurreição de Osíris. ⁽¹⁸⁸⁾

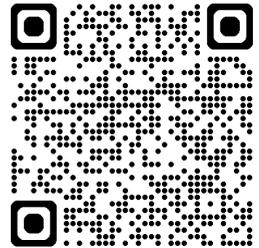
Não se pode deixar de ver que tudo isso foi, posteriormente, atribuído a Cristo. O interessante é que algumas dessas coisas também eram comuns na região da Mesopotâmia. Vejamos o que diz Samuel Noah Kramer (1897-1990), em **Mesopotâmia, o Berço da Civilização** (1967):

Desde os dias do cativo na Babilônia, e daí em diante, o judaísmo apresenta um enxame de místicos

religiosos com visões apocalípticas sobre o futuro do homem. Por meio desses visionários, diz o eminente orientalista **W. F. Albright**, “**elementos inumeráveis da fantasia pagã e até mitos inteiros entraram na literatura do judaísmo e do cristianismo**”. Por exemplo, o rito do batismo – diz ele – remonta às religiões da Mesopotâmia, como também muitos dos elementos da história da vida de Cristo. Entre estes o Dr. Albright **inclui a sua concepção por uma virgem, o seu nascimento relacionado com os astros, e os temas da prisão, da morte, descida aos infernos, o desaparecimento por três dias e posterior ascensão aos céus.** ⁽¹⁸⁹⁾

Portanto, a mitologia pagã forneceu muitos elementos que hoje vemos em Jesus. Sabemos que isso causará espanto em alguns crentes das igrejas cristãs tradicionais, mas não há como fugir à verdade dos fatos, ainda que isso venha a lhes doer um pouco.

A nossa pesquisa sobre o tema virgindade de Maria foi publicada no ebook ***Nascido de Uma Virgem***, que se encontra disponível, aos interessados, em nosso site ⁽¹⁹⁰⁾.



10) Mateus 2,1-3.9-12: *“Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judeia, no tempo do rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, e perguntaram: ‘Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para prestar-lhe homenagem’. Ao saber disso, o rei Herodes ficou alarmado, assim como toda a cidade de Jerusalém. [...] eles partiram. E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que parou sobre o lugar onde estava o menino. Ao verem de novo a estrela, os magos ficaram radiantes de alegria. Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Ajoelharam-se diante dele, e lhe prestaram homenagem. Depois, abriram seus cofres, e ofereceram presentes ao menino: ouro, incenso e mirra.”*

Profecia: **Salmo 72,10-11**: *“Os reis de Társis e das ilhas trarão presentes; os reis de Seba e de Sabá oferecerão dons. E todos os reis se prostrarão perante ele; todas as nações o servirão.”*

O trecho de Mateus 2,5-6, que fala de Belém, cidade onde deveria nascer o Messias, descendente de Davi, será analisado no próximo item, uma vez que nosso foco aqui será a referência aos magos.

O autor do Evangelho de Mateus é o único que dá notícia de que magos do Oriente vieram adorar o menino Jesus, oferecendo-lhe presentes: ouro, incenso e mirra, numa correspondência ao Salmo 72 de Salomão. Esse episódio é desconhecido dos autores dos outros Evangelhos, fato bem estranho para um acontecimento muito singular.

Luís Alonso Schökel (1920-1998), tradutor da *Bíblia do Peregrino*, diz que esses magos eram astrólogos ⁽¹⁹¹⁾. Na *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas* já acontece o contrário, usam o termo astrólogos e, em nota, dizem significar “ou magos” ⁽¹⁹²⁾.

Que ironia do destino, pois em Deuteronômio 18,9-14 proíbe-se, entre outros, consultar magos e astrólogos e aqui são exatamente eles que vieram para adorar a Jesus. Para salvar a pátria, o tradutor da ***Bíblia Shedd*** tenta justificar:

Uns magos do oriente. Os magos eram astrólogos ou mágicos, às vezes o termo incluía os que trabalhavam em outras ciências, as quais na época tinham pouco a ver com o “espírito científico”, e incluíam a superstição, a magia e impostura. O

comentário que **os antigos pais da Igreja fizeram sobre esta cena, é que representa a astrologia e a magia curvando-se perante Cristo**, reconhecendo que a iluminação de Cristo dissipa as trevas da falsa sabedoria. **As lendas populares atribuíam nomes a estes magos, fazendo deles três reis orientais**; talvez o número de presentes (v 11) e uma aplicação do SI 72,10-11, levaram a estas conjecturas, porém o evangelho não se detém nestes assuntos. ⁽¹⁹³⁾

A aplicação do Salmo 72 é algo sem sentido, porquanto, ele trata apenas de uma **“oração pelo rei, lembrando a função da autoridade e desejando que o rei a realize”** ⁽¹⁹⁴⁾.

Na **Bíblia Sagrada - Vozes**, encontramos também esta outra explicação:

SI 72 (71). **Salmo da realeza, augurando ao novo rei, no dia de sua entronização**, justiça perfeita e paz imperturbável, êxito nas campanhas militares, especial solicitude pelos indefesos e muita prosperidade, da qual se beneficiarão todos os povos da terra. [...]. ⁽¹⁹⁵⁾

Então o Salmo citado não é uma profecia, aliás

já demonstramos que tudo esse livro não tem profecias, porém, uma oração dirigida a Deus a favor do rei que está sendo entronizado; no caso, Salomão.

Sobre o assunto R. N. Champlin, em **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1** (1998), tece as seguintes considerações:

A VISITA DOS MAGOS: Este relato não tem paralelo em qualquer outro documento cristão conhecido por nós. **É impossível dizer onde Mateus, autor deste evangelho, colheu esse material,** mas talvez devêssemos atribuí-lo a 'M'. [...]. ⁽¹⁹⁶⁾

Em **Natividade** (2006), Geza Vermes dá-nos esta explicação:

Finalmente, o Novo Testamento **em lugar algum sugere que os visitantes do Oriente que seguiram a estrela até Belém fossem reis.** O texto grego de Mateus os designa não como governantes ou mesmo “sábios”, mas como *magoi*, “Magos” ou mágicos. **A promoção desses astrólogos orientais à condição de reis se deve a outra associação artificial de um texto do Antigo Testamento com esse episódio do Evangelho da Infância. Uma passagem**

extraída do livro de Isaías diz: “As nações se encaminharão à tua luz, e os reis, ao brilho de tua aurora” (Isaías 60,3). Outro versículo um pouco adiante no mesmo capítulo acrescenta: “... trazendo ouro e incenso e proclamando os louvores do Senhor” (Is 60,6). Também em nenhum lugar está escrito que havia *três* reis. Esse número, certamente, foi deduzido da quantidade de presentes relacionados em Mateus, “ouro, incenso e mirra” (Mt 2,11), na suposição de que cada um tenha sido ofertado por um dos viajantes. ⁽¹⁹⁷⁾

A novidade em Geza Vermes é que aparece outra passagem do Antigo Testamento para aplicá-la como profecia à passagem de Mateus. E mostra que a questão do ouro e incenso e de serem três reis é por pura imaginação.

Do artigo “Os magos de Jesus”, assinado pelo jornalista Alex Alprim, publicado na revista **Vida e Obra de Jesus Cristo** (s/d), ressaltamos o seguinte trecho:

Eles têm presença constante na tradição cristã, e foram os primeiros a reconhecer a natureza divina de Jesus, confirmando a profecia sobre o Messias. Quando os três viram a criança, ofertaram-lhe mirra, ouro e

incenso, presentes dignos de um rei (o Rei dos Reis). Segundo consta nas lendas, nos contos bíblicos e populares, e também no **Evangelho de São Mateus (o único evangelho que descreve os reis magos)**. eles teriam se dirigido à cidade de Jerusalém e, depois, a Belém, guiados por uma estrela que se moveu nos céus e brilhou intensamente durante vários dias.

Contudo, existem muitas dúvidas, mesmo dentro da Igreja, de que os reis magos tenham realmente existido, uma vez que os documentos sobre esse encontro são escassos, e os evangelhos foram escritos muitos anos após a morte de Jesus. Mesmo o evangelho de Mateus foi escrito entre os anos 80 e 85 da era cristã. **Alguns especialistas entendem que Mateus pode ter sido levado a fantasiar um fato e conferir-lhe um cunho de verdade, com o objetivo de garantir “divina realeza” à vinda de Jesus.**

Esse argumento **também se baseia nas oferendas** com as quais Jesus foi presenteado, e que são carregadas de simbolismos místicos e messiânicos. **O ouro** é a representação da realeza de Cristo; **o incenso** traz a certeza de sua divindade; **a mirra** era usada em sepultamentos, e era uma resina cara, usada pelos ricos e nobres da época.

A descrição dos presentes faz os estudiosos questionarem se tudo não foi

pensado com o propósito de validar o pensamento messiânico dos apóstolos, e isso é complementado pelo fato dos “magos” virem do Oriente. Eles representariam todas as nações que reconheceriam a criança nascida na manjedoura (curral) como o rei prometido nas profecias, ao qual todos textos sagrados da época (zoroastristas, hebreus e de outras religiões) faziam constantes referências. Mas é importante notar que eles só se tornam “reis magos” no século VI. pois até então eram chamados apenas de “magos”.

[...].

Escrito nas Estrelas?

Mas o que realmente chama a atenção **na lenda** e estabelece essa ligação com a Pérsia antiga é justamente a presença da palavra “mago”, pois ela deriva do termo *magii*, que eram os sacerdotes supremos do **zoroastrismo**, uma religião maniqueísta nascida na Pérsia por volta de 1200 a.C. **Tinha como base a ideia de que surgiria um salvador que libertaria os homens do mal, permitindo que estes entrassem no paraíso.** Os *magii* (“homens sábios”) eram versados nos mais diversos conhecimentos, desde a filosofia, ética e moral, até a medicina e a astrologia.

Esses conhecimentos poderiam explicar a **lenda sobre a estrela de Belém**, que tem sido motivo de especulação durante séculos.

A lenda se torna mais clara se estudarmos esse momento a partir do conhecimento astrológico dos magii. Podemos deduzir que o texto, em vez de se referir a uma estrela real, física, que indicava a localização do nascimento de Jesus (Jerusalém e, depois, Belém), poderia estar falando de uma estrela sob o ponto de vista astrológico; se os magii eram astrólogos, podiam usar esses conhecimentos para determinar o local de nascimento do Messias. Mesmo hoje em dia temos conhecimento de algumas das antigas técnicas astrológicas que, usando as posições relativas dos planetas e por meio de determinados planetas (no caso de Jesus, uma conjunção entre Júpiter e Saturno), possibilitam determinar a localização aproximada de vários eventos, e até de um nascimento.

Sendo assim, **a estrela de Belém pode ser apenas a indicação de um evento astrológico de grande magnitude.** No ano 6 a.C., ocorreu uma grande conjunção entre Júpiter e Saturno, como foi observado pelo astrônomo alemão Johannes Kepler (1571-1630). que usou grande parte de seu conhecimento para descobrir se a “estrela” era uma conjunção ou um cometa. ⁽¹⁹⁸⁾

É muito sintomática a visita dos magos, considerando que a legislação mosaica ordenava afastar do meio do povo alguém que “[...] faça

presságio, pratique astrologia, adivinhação ou magia [...]” (Deuteronômio 18,10).

Em **A Origem do Cristianismo** (1961), vamos encontrar interessantes informações sobre Mateus 2, que, de certo modo, adiantará várias coisas que serão abordadas em momentos próprios:

O segundo capítulo do *Evangelho Segundo Mateus* dá-nos as informações seguintes: Jesus nasceu em Belém, **no tempo do Rei Herodes**; seu nascimento foi **anunciado pelo aparecimento de uma estrela, e magos do Oriente vieram adorá-lo**; tendo sabido disto, o **Rei Herodes ordenou a matança de todas as crianças** de menos de dois anos, em Belém; **José, avisado por um anjo, fugiu secretamente com sua família para o Egito**, onde ficou até a morte de Herodes, **depois retornou a Israel e se fixou em Nazaré.**

Todos esses pormenores, ausentes em Marcos, são contraditórios, e em nada concordam com os fatos históricos conhecidos. O Rei Herodes morreu quatro anos antes da nossa era. **Mateus afirma que Jesus nasceu em Belém, baseando-se na profecia de Miquéas, no Antigo Testamento, segundo a qual o Messias deveria nascer justamente lá.** (*Miquéas, V, 2*). O estabelecimento de José em Nazaré

corresponde igualmente a outra profecia do *Velho Testamento*. (*Juízes*, XIII, 5). A mesma coisa se dá quanto à fuga para o Egito: no *Livro de Oséas* (XI, 1) está dito que Deus chamou seu Filho do Egito. **O episódio da fuga para o Egito foi introduzido no evangelho unicamente para adaptar a vida de Jesus às predições de Oséas.** No *Evangelho Segundo Lucas* não se fala de magos, mas de pastores (II, 8), aos quais um anjo anunciou o nascimento do Messias; e está dito aí que eles o encontraram numa manjedoura, pormenor ausente no *Evangelho Segundo Mateus*.

Vemos, pois, que **as informações sobre a vida terrestre de Jesus foram inventadas pelos autores dos sinóticos, com o objetivo de confirmar as profecias do Antigo Testamento.** É característico que cada um desses “acontecimentos” é seguido da frase: “Tudo isso acontece a fim de que se cumpra o que o Senhor tinha anunciado pelo profeta”. Este “a fim de”, que é omitido na tradução sinodal russa, mostra claramente que **a biografia de Jesus nos evangelhos foi construída a golpes de profecias a fim de evitar possíveis objeções da parte dos adeptos do judaísmo.**

As contínuas referências dos evangelistas aos profetas do *Velho Testamento* atestam que eles eram bastante versados nesse domínio. Isto não os impede, coisa significativa, de modificar tal ou qual

passagem do *Antigo Testamento*, para apoiar o que eles avançam, como no caso da referência de Mateus, a Isaías. Dá-se o mesmo com as palavras de Oséas, reproduzidas acima. **Em Oséas**, trata-se do êxodo dos hebreus do Egito, pelo menos segundo o contexto. Isto posto, **as palavras “meu Filho” subentendiam não o futuro Messias, mas o povo de Israel, era uma alusão do passado, e não uma profecia.** Mas, o autor do evangelho tinha necessidade de conciliar as predições sobre Belém e Nazaré; a estada de Jesus no Egito devia, além disso, se associar, no pensamento dos hebreus, à atividade do seu lendário legislador para, desse modo, acentuar o papel messiânico de Jesus.

O modo pelo qual os autores dos evangelhos falam de **Nazaré** não é menos característico. **Seu nome não figura no *Antigo Testamento*.** Os autores judeus do século I também nada dizem sobre ela, se bem que eles se façam notar (particularmente Flávio Josefo) pela amplitude de suas informações sobre o pequeno país que era a Judeia. **Ouve-se falar de Nazaré, pela primeira vez, nas fontes que datam do século III.** Ora, nos evangelhos, Nazaré é chamada de “cidade”. (*Mateus*, II, 33; *Lucas*, I, 26; II, 39, etc.) **Não parece, portanto, que Nazaré tenha sido uma cidadezinha perdida que pudesse ser ignorada por todos os historiadores da Judeia.**

Porém, por que se encontra esse nome tantas vezes nos evangelhos? Para explicar isso, convém lembrar que no *Livro dos Juízes*, no *Antigo Testamento*, fala-se, por duas vezes, que Sansão será o “nazareno de Deus”. A raiz dessa palavra em hebraico, *nazir*, significa um justo cuidadoso na observância estrita de certos ritos. **Os autores dos evangelhos não conheciam a Judeia senão pelos textos do Antigo Testamento e achando visivelmente, que “nazareno” significava originário de Nazaré, deram esse nome ao lugar do nascimento do Cristo, sem sequer suspeitar que semelhante localidade ou vila não existia na Judeia.** ⁽¹⁹⁹⁾

Se não tudo, pelo menos quase tudo, será objeto de análises que faremos no desenvolvimento dessa pesquisa.

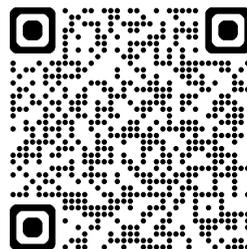
11) Mateus 2,5-6: *“Eles responderam: ‘Em Belém, na Judeia, porque assim está escrito por meio do profeta: ‘E você, Belém, terra de Judá, não é de modo algum a menor entre as principais cidades de Judá, porque de você sairá um Chefe, que vai apascentar Israel, meu povo’.”*

Profecia: **Miqueias 5,2:** *“Mas você, Belém de Éfrata, tão pequena entre as principais*

idades de Judá! É de você que sairá para mim aquele que há de ser o chefe de Israel. A origem dele é antiga, desde tempos remotos.”

Em algumas traduções da Bíblia temos o teor dessa profecia em Miqueias 5,1.

Recomendamos aos leitores interessados a nossa pesquisa publicada com o título **Jesus de Belém ou de Nazaré?** ⁽²⁰⁰⁾, da qual retiraremos as considerações a seguir.



Nessa suposta profecia, perceberemos que, simplesmente, pegaram parte de um texto, que, fora do seu contexto, se aplica muito bem aos seus propósitos, mas cuja realidade é completamente outra. Para elucidar essa questão, vejamos a sequência da passagem:

*“Pois Deus os entrega só até que a mãe dê à luz, e o resto dos irmãos volte aos israelitas. De pé, **ele governará com a própria força de Javé**, com a majestade e o nome de Javé, seu Deus. E habitarão tranquilos, pois ele estenderá o seu poder até as extremidades da*

*terra. Ele próprio será a paz. Se a Assíria invadir o nosso território e quiser pisar o interior de nossos palácios, poremos em luta contra eles sete pastores e oito comandantes. Eles vão governar a Assíria com espada, a terra de Nemrod com punhal. **Ele nos livrará da Assíria, se invadirem o nosso território, se atravessarem nossas fronteiras.***” (Miqueias 5,3-5)

A pessoa de quem Miqueias está falando é aquela que governará Israel e que também livrará o povo hebreu da invasão pela Assíria.

Nas pesquisas que realizamos não nos foi possível estabelecer, com precisão, quem era. Julgamos que o mais provável seja Ezequias, filho do rei Acaz, Rei de Judá (721-693 a.C.), já que a profecia anterior, conforme pudemos constatar, se refere a ele.

Reza Aslan, em ***Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré*** (2013), comenta o seguinte:

Lucas coloca o nascimento de Jesus em Belém não porque ele ali ocorreu, mas por causa das palavras do profeta Miqueias: “E tu, Belém... de ti sairá para mim um governante em Israel” (Miqueias 5:2).

Lucas quer dizer que Jesus é o novo Davi, o rei dos judeus, colocado no trono de Deus para reinar sobre a Terra Prometida. Simplificando, as narrativas da infância nos evangelhos não são relatos históricos, nem foram feitas para serem lidas como tal. São afirmações teológicas do status de Jesus como o ungido de Deus. O descendente do rei Davi. O messias prometido. (201)

Embora o comentário de Reza Aslan seja sobre Lucas, podemos também aplicá-lo a Mateus, porque sua narrativa tem o mesmo objetivo, e somente os dois colocam Jesus nascendo em Belém.

James D. Tabor, em ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*** (2006), deixa-nos algo importante, para nossa pesquisa; leiamos:

Existem estudiosos do Novo Testamento que duvidam da validade histórica até mesmo desse arcabouço básico, especialmente da história do nascimento de Jesus em Belém. Sustentam que a história de Belém foi provavelmente acrescentada para dar crédito a Jesus como Messias descendente de Davi, já que Belém era a cidade de Davi. Existem

certos indícios de que a questão do **local do nascimento de Jesus, na Galileia ou na Judeia**, tornou-se uma questão de controvérsia e discussão dentro de grupos judeus (consulte João 7:40-44). ⁽²⁰²⁾

Quanto mais aprofundamos nas pesquisas, mais e mais se complicam as coisas, para os que querem sustentar a veracidade de tudo quanto consta na Bíblia.

A **Revista Superinteressante**, nº 183 (dez/2002), traz um artigo esclarecedor intitulado “*Quem foi Jesus?*”, assinado por Rodrigo Cavalcante, do qual ressaltamos:

[...] E o segundo problema, ainda mais grave, é que provavelmente **Jesus não nasceu em Belém**. “Há quase um consenso entre os historiadores de que Jesus **nasceu em Nazaré**”, diz o padre Jaldemir Vítório, do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte. Então por que o evangelho de Mateus diz que o nascimento foi em Belém? Vítório explica que o texto segue o gênero literário conhecido por midrash. Basicamente, o midrash é uma forma de contar a história da vida de alguém usando como pano de fundo a biografia de outras personalidades históricas. **No caso de**

Jesus, ele explica, a referência a Belém é feita para associá-lo ao rei Davi do Antigo Testamento – que, segundo a tradição, teria nascido lá. (203)

Não há como contestar os dados históricos; não é mesmo? Porém, podemos ir mais longe e provar que na própria Bíblia encontramos passagens que nos dão conta de que, na verdade, não se sabia de onde viria o Messias. Vejamos isso em João:

*“Algumas pessoas de Jerusalém comentavam: ‘Não é este que estão procurando para matar? Ele está aí falando em público, e ninguém diz nada! Será que até as autoridades reconheceram que ele é o Messias? Entretanto, nós sabemos de onde vem esse Jesus, mas, **quando chegar o Messias, ninguém saberá de onde ele vem**’.” (João 7,25-27)*

O que é bem interessante é que também no Evangelho Segundo João temos confirmação de que, naquela época, Jesus não era mesmo visto como nascido em Belém, mas em Nazaré. Vejamos estes dois trechos:

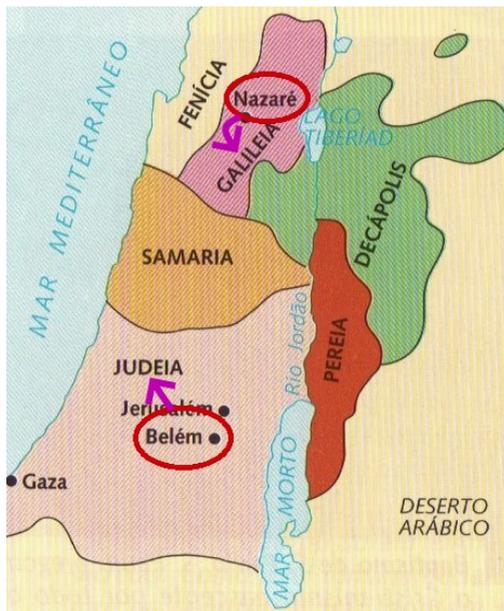
João 7,40-42: “Ouvindo essas palavras, alguns diziam no meio da multidão: ‘De fato, este

homem é mesmo o Profeta!’ Outros diziam: ‘Ele é o Messias’. **Outros** ainda afirmavam: **‘Mas o Messias virá da Galileia? A Escritura não diz que o Messias será da descendência de Davi e que virá de Belém, povoado de onde era Davi?’.**”

João 7,50-52: “Mas Nicodemos, um dos fariseus, aquele que tinha ido encontrar-se com Jesus, disse: ‘Será que a nossa Lei julga alguém antes de ouvir e saber o que ele faz?’ **Eles responderam:** Você também é galileu? **Estude e verá que da Galileia não sai profeta’.**”

No primeiro trecho, o termo “outros” diz respeito aos que estavam no meio da multidão. E no segundo, a expressão “Eles responderam” tratam-se dos fariseus.

Em ambas passagens, temos a inequívoca confirmação de que, para muitos de seus contemporâneos, Jesus é da Galileia, região onde está localizada a cidade de Nazaré, enquanto que a cidade de Belém fica na Judeia ⁽²⁰⁴⁾.



Na primeira, ou seja, em João 7,40-42, afirma-se, ainda que de forma indireta, que Jesus não é de Belém, fato que vários estudiosos perceberam, como, por exemplo, A. N. Wilson, em ***Jesus, o Maior Homem do Mundo*** (1991):

[...] Podemos observar, no entanto, que o **Quarto Evangelho (de São João)** afirma com toda clareza que **Jesus não nasceu em Belém e que não fazia parte da linhagem de Davi.** ⁽²⁰⁵⁾. Nesse Evangelho, as multidões não acreditavam na possibilidade de que ele seja o Messias porque veio da Galileia, e não de Belém. [...].

Então a situação se complica mais ainda, uma vez que Jesus não nasceu em Belém, mas em Nazaré e, além disso, não era da descendência de Davi.

Isso é até obvio, pois, se o consideram como gerado pelo “Espírito Santo”, ele não teria como ser descendente de Davi, porquanto isso só aconteceria se José fosse o seu pai carnal, vamos assim dizer.

12) Mateus 2,14-15: *“José levantou-se de noite, pegou o menino e a mãe dele, e partiu para o Egito. Aí ficou até a morte de Herodes, para se cumprir o que o Senhor havia dito por meio do profeta: ‘Do Egito chamei o meu filho’.”*

Profecia: **Oseias 11,1:** *“Quando Israel era menino, eu o amei. Do Egito chamei o meu filho.”*

A explicação é que *“Oseias compara a relação entre **Deus e Israel** como a relação que existe entre **pai e filho**”* (207). Veja como a passagem deixa isso bem claro. Trata-se, portanto, da libertação do povo judeu que é designado de Israel, quando Deus, através do profeta Moisés, o tira da subjugação dos

egípcios. E para confirmar isso, vejamos, em sequência, os versículos 2 a 11:

“e no entanto, quanto mais eu chamava, mais eles se afastavam de mim: ofereciam sacrifícios aos baais, queimavam incenso aos ídolos. E não há dúvida, fui eu que ensinei Efraim a andar, segurando-o pela mão. Mas eles não perceberam que era eu quem cuidava deles. Eu os atraí com laços de bondade, com cordas de amor. Fazia com eles como quem levanta até seu rosto uma criança; para dar-lhes de comer, eu me abaixava até eles. Voltarão para a terra do Egito, a Assíria será o seu rei, porque não quiseram converter-se. A espada devastará suas cidades, exterminará seus filhos e demolirá suas fortalezas. O meu povo é difícil de se converter: é chamado a olhar para o alto, mas ninguém levanta os olhos. Como poderia eu abandoná-lo, Efraim? Como haveria de entregar você a outros, Israel? Será que eu poderia tratá-lo como a Adama? Eu poderia tratá-lo como a Seboim? O meu coração salta no meu peito, as minhas entranhas se comovem dentro de mim. Não me deixarei levar pelo ardor da minha ira, não vou destruir Efraim. Eu sou Deus, e não um homem. Eu sou o Santo no meio de você, e não um inimigo devastador. Eles seguirão a Javé. E Javé rugirá como um leão. E quando ele rugir;

eles virão voando como pássaros; como pombos, eles virão do país da Assíria. Então eu os farei morar nas suas próprias casas - oráculo de Javé.” (Oseias 11,2-11)

Na narrativa, que acabamos de colocar, a fala está sendo dirigida ao povo de Israel, não resta a menor dúvida. O que consta do versículo 1, fora desse contexto, modifica completamente o sentido que se deve dar à expressão “*meu filho*”; mas a citação do texto isolado parece ter sido proposital, para se dar a ideia de que é a respeito de Jesus que se fala, já que esse era o objetivo que buscavam atingir.

Em ***Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré*** (2013), Reza Aslan aborda esse assunto:

Mateus faz Jesus fugir para o Egito para escapar do massacre de Herodes, não porque isso aconteceu, mas porque cumpre as palavras do profeta Oseias: “Do Egito chamei meu filho” (Oseias 11:1). A narrativa não tem intenção de revelar qualquer fato a respeito de Jesus; ela pretende revelar esta verdade: que Jesus é o novo Moisés, que sobreviveu ao massacre dos filhos dos israelitas pelo faraó e saiu do Egito com uma nova lei de

Realmente a intenção do autor bíblico não pode ser outra senão essa mencionada por Reza Aslan.

13) Mateus 2,16-18: *“Quando Herodes percebeu que os magos o haviam enganado, ficou furioso. Mandou matar todos os meninos de Belém e de todo o território ao redor, de dois anos para baixo, calculando a idade pelo que tinha averiguado dos magos. Então se cumpriu o que fora dito pelo profeta Jeremias: ‘Ouviru-se um grito em Ramá, choro e grande lamento: é Raquel que chora seus filhos, e não quer ser consolada, porque eles não existiam mais’.”*

Profecia: **Jeremias 31,15:** *“Assim diz Javé: ‘Escutem! Ouvem-se gemidos e pranto amargo em Ramá: é Raquel que chora inconsolável por seus filhos que já não existem mais’.”*

Pelo contexto, o fato relacionado à passagem de Jeremias é: *“Raquel: mãe de Benjamim e, por José, avó de Efraim e Manasses. Chora os homens dessas três tribos levadas para o exílio”, mas continuando a explicação dizem: “Este trecho é*

citado em Mat 2,18 por acomodação à dor das mulheres, cujos filhos Herodes massacrara” (209).

Observe bem que ao usar a expressão “*por acomodação*” já se denuncia que não é o sentido original do texto. Trata-se aqui do exílio na Babilônia, que o povo hebreu está vivendo. Esse era o motivo do choro de Raquel; portanto, nada tem a ver com uma profecia a respeito da morte das crianças no tempo de Jesus.

Sobre o fato de Herodes ter mandado matar as crianças, vejamos o que James D. Tabor, em ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*** (2006), tem a dizer:

[...] Temos registros históricos excepcionalmente bons sobre o reinado de Herodes, o Grande. **É inconcebível que tal “matança de crianças” não fosse registrada pelo historiador judeu Josefo ou por outros historiadores romanos contemporâneos. O relato de Mateus é claramente teológico, escrito para justificar opiniões posteriores sobre o status elevado de Jesus.** Mas ele certamente tem razão quanto a um ponto – Herodes realmente temia o nascimento de uma criança que poderia crescer e tornar-se

pretendente ao trono real de Davi como um legítimo “Rei dos judeus”. (210)

Infelizmente, temos narração de fatos que, na realidade, não ocorreram; são apenas “*relatos claramente teológicos*”.

Reza Aslan, em ***Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré*** (2013), traz interessantes informações sobre a fuga para o Egito e sobre o suposto massacre das crianças:

Isso explica a igualmente **fantasiosa narrativa de Mateus sobre a fuga de Jesus para o Egito**, aparentemente para escapar ao **massacre de todos filhos** nascidos dentro e ao redor de Belém, em uma busca infrutífera pelo bebê Jesus. **Tal evento não tem um pingo de evidência que o corrobore em qualquer crônica ou história da época, seja judia, cristã ou romana** – um fato notável, considerando-se que as muitas crônicas e narrativas escritas sobre Herodes, o Grande, que era, afinal, o mais famoso judeu em todo o Império Romano (o rei dos judeus, nada menos!).

Tal como acontece com o relato de Lucas sobre o censo de Quirino, o relato de Mateus sobre o massacre de Herodes não foi concebido para ser lido como o que hoje

consideramos *história*, certamente, não pela sua própria comunidade, que, **com certeza, se lembraria de um evento tão inesquecível como o massacre de seus próprios filhos**. Mateus precisa que Jesus saia do Egito pela mesma razão que precisa que ele nasça em Belém: para cumprir as várias profecias deixadas por seus antepassados para que ele e seus companheiros judeus decifrassem, para colocar Jesus nas pegadas dos reis e profetas que vieram antes dele e, acima de tudo, para responder ao desafio feito por detratores de Jesus, que questionavam se esse simples camponês, que morreu sem cumprir a única e mais importante das profecias messiânicas – a da restauração de Israel – era de fato “o ungido”.

O problema enfrentado por Mateus e Lucas é que simplesmente não existe narrativa profética única e coesa sobre o messias nas Escrituras Hebraicas. [...] ⁽²¹¹⁾

Aqui, em Reza Aslan, se matam dois coelhos com uma paulada só: “*a fuga para o Egito*” e “*o massacre das crianças*” não são fatos históricos, mas invenções para se cumprir supostas profecias.

14) Mateus 2,22-23: “[...] *Por isso, depois de receber aviso em sonho, José partiu para a região da Galileia, e foi morar numa cidade*

chamada Nazaré. Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelos profetas: 'Ele será chamado Nazareno'."

Profecia: Esta simplesmente profecia não existe.

Veja, caro leitor, a que ponto chegaram: citar uma profecia inexistente, fato que vem comprovar que o fanatismo religioso existe desde longa data. Nota-se, como já falamos, a nítida preocupação de enumerar a maior quantidade possível de (supostas) profecias na tentativa de identificar Jesus como o Messias.

O problema é que conseguem atingir esse objetivo, pois a maioria das pessoas justifica a veracidade da Bíblia justamente usando do argumento do cumprimento das profecias. Infelizmente poucos são habituados a conferir e/ou questionar, embora seja essa a única forma de se conseguir descobrir a verdade.

O exegeta Geza Vermes, em **Natividade** (2006), conclui desta forma:

[...] O evangelista precisava provar a conexão de Jesus com Nazaré e **solucionou**

o problema por meio de uma profecia indeterminada e provavelmente fabricada *ad hoc*, atribuída de modo vago a alguns profetas anônimos. [...]. ⁽²¹²⁾

É bom saber que não estamos sozinhos em nossos questionamentos.

Vejamos o que o estudioso Reza Aslan, em ***Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré*** (2013), afirma sobre a cidade de Nazaré, de onde veio a alcunha de Nazareno:

Nazaré, essa aldeia na encosta do morro, é tão pequena e tão obscura que seu nome **não aparece em nenhuma fonte judaica antiga antes do século III d.C.**, nem na Bíblia Hebraica, nem no Talmude, nem no Midrash, nem em Josefo. Ela é, em suma, um lugar irrelevante e totalmente esquecível. **Ela é, também, a cidade em que Jesus provavelmente nasceu e cresceu.** Que ele veio dessa aldeia bastante isolada, de algumas centenas de judeus empobrecidos, pode ser muito bem a única verdade sobre a infância de Jesus sobre a qual podemos estar razoavelmente confiantes. **Jesus era tão identificado com Nazaré que foi conhecido em toda a sua vida simplesmente como “o Nazareno”.** Considerando o quão comum Jesus era

como primeiro nome, **a cidade de seu nascimento tornou-se sua principal alcunha**. Era a única coisa sobre a qual todos os que o conheciam, seus amigos e seus inimigos igualmente, pareciam concordar. ⁽²¹³⁾

Reza Aslan é mais um autor que também confirma que Jesus não nasceu em Belém, mas em Nazaré.

15) Mateus 4,13-16: *“[Jesus] Deixou Nazaré, e foi morar em Cafarnaum, que fica às margens do mar da Galileia, nos confins de Zabulon e Neftali, para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: ‘Terra de Zabulon, terra de Neftali, caminho do mar, região do outro lado do rio Jordão, Galileia dos que não são judeus! O povo que vivia nas trevas viu uma grande luz; e uma luz brilhou para os que viviam na região escura da morte’.”*

Profecia: **Isaías 9,1**: *“O povo que andava nas trevas viu uma grande luz, e uma luz brilhou para os que habitavam um país tenebroso.”*

A citação da *Bíblia Sagrada - Ave-Maria* de Isaías 9,1, está inserida no trecho de Isaías

8,23b-9,1, que, na ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, tem a seguinte explicação:

Em 732 a.C., o rei da Assíria toma os territórios da Galileia e adjacências, incluindo Zabulon e Neftali. O povo do Reino do Sul teme o avanço assírio, mas o profeta mostra que Javé libertará os oprimidos e trará a paz. O que leva Isaías a essa luminosa esperança é o nascimento do Emanuel (cf. 7,14), que é Ezequias, o filho herdeiro de Acáz. O profeta prevê um chefe sábio, fiel a Deus, duradouro e pacífico; ele perpetuará a dinastia de Davi, estendendo o reinado deste até as regiões agora dominadas pela Assíria e organizando uma sociedade fundada no direito e na justiça. ⁽²¹⁴⁾

Assim, refere-se, como já deduzimos um pouco atrás, a uma outra pessoa, não a Jesus; trata-se do filho de Acáz chamado Ezequias.

Ao citar Isaías (9,1), não houve nenhuma preocupação em se analisar o contexto da frase, pois fazer isso é fundamental para o entendimento dela. Assim, vamos complementar com os versículos de 2 a 6. Só que agora, recorreremos à *Bíblia Sagrada - Barsa*, cujos versículos correspondentes são os

números 3 a 7, por termos nela uma narrativa mais clara dos fatos ocorridos naquele momento histórico. Vamos à narrativa:

*“Multiplicaste a gente, não aumentaste a alegria. Eles se alegrarão quando tu lhes apareceres, bem como os que se alegram no tempo da messe, bem como exultam os vencedores com a presa que tomaram, quando repartem os despojos. Porque tu quebraste o jugo do peso que o oprimia, e a vara que lhe rasgava as espáduas, e o ceptro do exator, como o fizeste na jornada de Madian. Porque todo o violento saque feito com tumulto e a vestidura manchada de sangue, será entregue à queima, e ficará sendo o pasto do fogo. Porquanto já **UM PEQUENO** se acha **NASCIDO** para nós, e um filho nos foi dado a nós, e foi posto o principado sobre o seu ombro: e o nome com que se apelide será admirável, conselheiro, Deus forte, pai do futuro século, príncipe da paz. O seu império se estenderá cada vez mais, e a paz não terá fim: assentar-se-á sobre o trono de Davi, e sobre o seu reino: para firmar e fortalecer em juízo e justiça, desde então e para sempre. Fará isso o zelo do Senhor dos exércitos.”* ⁽²¹⁵⁾ (grifo do original)

Chamamos a sua atenção, caro leitor, para a expressão **“porquanto já um pequeno se acha**

nascido”, que evidencia tudo o que dissemos anteriormente, no que se refere ao fato de que essa passagem não diz respeito mesmo a Jesus, porém a uma outra pessoa, já nascida na época, conforme a narração. Ora, se já se achava nascida, não se trata de profecia, mas, sim, de confirmação de um fato já ocorrido.

Com relação aos títulos: “*admirável conselheiro, Deus forte, **Pai do futuro século, Príncipe da Paz***”, encontramos, na **Bíblia Sagrada - Vozes**, a seguinte explicação:

Os quatro títulos aqui empregados imitam o protocolo egípcio lido durante a coroação do novo Faraó. Trata-se, pois, de um rei ideal que é aqui anunciado. O texto refere-se, provavelmente, ainda ao mesmo Emanuel prometido em Is 7,14. ⁽²¹⁶⁾

Explicação que vem também reforçar que não se trata de Jesus. Mesmo porque a expressão “*Pai do futuro século*” demonstra, claramente, que se refere ao século imediatamente seguinte àquele em que foi feita a profecia.

16) Mateus 8,16-17: “À tarde, levaram a Jesus muitas pessoas que estavam possuídas pelo demônio. Jesus, com a sua palavra, expulsou os espíritos e curou todos os doentes, para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías: ‘Ele tomou as nossas enfermidades e carregou as nossas doenças’.”

Profecia: **Isaías 53,4**: “Todavia, eram as nossas doenças que ele carregava, eram as nossas dores que ele levava em suas costas...”

Os versículos compreendidos entre Isaías 52,13–53,12, ou seja, do versículo 13 do capítulo 52 ao versículo 12 do capítulo 53, em **A Bíblia Anotada**, são explicados da seguinte forma:

[...] **Estes versículos apresentam o Servo sofrendo vicariamente pelos pecados dos homens.** A interpretação judaica tradicional entende a passagem como uma referência ao Messias, como, é claro, fizeram os primeiros cristãos, que criam ser Jesus o referido Messias (At. 8,35). **Não foi senão no século XII que surgiu a opinião de que o Servo aqui se refere à nação de Israel, opinião que se tornou dominante no Judaísmo.** O Servo, todavia, é distinto do “meu povo” (53,8), e é uma vítima inocente,

algo que não se podia dizer da nação (53,9).
[...]. ⁽²¹⁷⁾

O interessante é que querem, de todas as maneiras, ainda que seja necessário desvirtuar o teor do texto para aplicá-lo a Jesus, quando, em verdade, se refere especificamente à nação de Israel.

Na ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, em Introdução ao livro Isaías, ainda encontramos:

Os capítulos 40-55 foram escritos por profeta anônimo, na época do exílio na Babilônia, apresentando uma mensagem de esperança e consolação. Esse profeta é comumente **chamado Segundo Isaías**. O fim do exílio é visto como um novo êxodo e, como no primeiro, Javé será o condutor e a garantia dessa nova libertação. **O povo de Deus, convertido, mas oprimido, é denominado “Servo de Javé”**. [...]. ⁽²¹⁸⁾

Acreditamos que a afirmação de serem *“escritos por um profeta anônimo”* carece de prova contundente, no máximo o que se poderia dizer é *“um escritor anônimo”*.

Veja que até divergem quanto à questão da palavra *“Servo”*. Essa divergência se torna ainda

mais inexplicável, pois ambas as Bíblias que foram consultadas, segundo dizem, são a “*palavra de Deus*” e de “*tradução diretamente dos originais*”.

Essa informação também a podemos confirmar em Bart D. Ehrman, que, em ***O Problema Com Deus*** (2008), disse:

Há mais de cem anos, os estudiosos se deram conta de que os capítulos 40 a 55 do livro de Isaías não poderiam ter sido escritos pelo mesmo autor responsável pelos primeiros 39 capítulos (ou a maior parte deles). Os primeiros capítulos pressupõem uma situação na qual a Assíria está prestes a atacar Judá – ou seja, foram escritos no século VIII a.C. **Os capítulos 40 a 55, por outro lado, pressupõem uma situação em que o reino do sul tinha sido destruído e seu povo, levado para o exílio – ou seja, meados do século VI a.C.** Talvez porque os dois livros têm temas proféticos semelhantes, alguém **posteriormente os somou em um único rolo, acrescentando ainda os capítulos 56 a 66, de um profeta ainda mais recente** (o Terceiro Isaías), que escreveu em um terceiro contexto. ⁽²¹⁹⁾

Já que falamos em Servo, e como esse termo será utilizado outras vezes, vamos retornar a uma

explicação que citamos da **Bíblia Sagrada - Vozes**, para destacar este trecho a respeito do livro de Isaías:

Merecem destaque os “Cânticos do Servo de Deus” (42,1-4; 49,1-6; 50,4-9a; 52,13-53,12). Neles se descreve a vocação do Servo, sua missão de pregador, sua função mediadora da salvação para os homens e, especialmente, o caráter expiatório de seus sofrimentos e de sua morte. **O Servo às vezes parece ser Israel como povo, ou enquanto elite; outras vezes um indivíduo, talvez o profeta dos poemas, o rei Ciro, o rei Joaquim ou outro personagem qualquer.** ⁽²²⁰⁾

Bom; aqui assumem não saberem exatamente a que se refere a palavra Servo; mas, apesar disso, continuam: *“Seja como for, o Novo Testamento viu no Servo sofredor o tipo por excelência dos sofrimentos e da morte redentora de Cristo”*.

Ora, ver *“ser um tipo”* não quer dizer que a profecia seja exatamente a respeito de Jesus. E mais: o Novo Testamento não vê nada; quem viu foram alguns dos autores do Novo Testamento ou, quem sabe, foram colocadas umas palavrinhas aqui, outras

ali, como sendo desses autores, conforme o interesse teológico de alguns.

Convém destacar que, nessa explicação, sequer o nome de Jesus teve estabelecida alguma relação com a vinda do Messias.

Vejamos, em ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*** (1997), o que diz Pepe Rodríguez a respeito do “Servo de lavé”:

[...] No texto conhecido como o Canto do Servo de lavé (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13; 53,12), que deve ser lido **no contexto do exílio e do cativo a que foi submetido o povo hebreu, o sacrifício expiatório dos sofrimentos do Servo (personificação da comunidade exilada e, portanto, do verdadeiro povo de Israel) é apresentado como tendo sido aceito por lavé**. Foi a maneira encontrada pela elite sacerdotal de assegurar a “salvação” de todo o povo, apesar de este nada ter feito para a merecer – “o Justo, meu Servo, muitos há-de justificar-se” (Is 53,11), ele “será a Aliança dos homens, a luz das nações” (s 42,6).

Apesar de não haver qualquer relação entre estes textos do Velho Testamento e a história de Jesus, os cristãos transformá-lo-

ão num pilar básico da sua fé, ao lê-los com a confirmação do “varão de dores” (Is 53,3) e o anúncio do papel do messias sofredor desempenhado pelo nazareno como a sua paixão e a sua morte. **Ao tornar profético o relato de Isaías, extraviando conscientemente o seu verdadeiro sentido, a Igreja tentou conferir um sentido triunfante, glorioso e divino à execução de Jesus** que, de outro modo, teria sido apenas um fracasso puro e simples. ⁽²²¹⁾

Não resta dúvida que o servo é uma referência ao povo de Israel, nada tem a ver com Jesus, a não ser na mente dos dogmáticos.

Quanto a Ciro, que sabemos ter sido o rei da Pérsia, podemos ver que, em Isaías 44,28, ele é colocado como pastor do rebanho de Deus, e mais especificamente em Isaías 45,1 está como ungido (messias) de Deus que, para melhor destaque, grifamos:

*“Eis aqui o que diz o Senhor **a Ciro meu cristo**, a quem tomei pela destra para lhe sujeitar ante a sua face as gentes, e fazer voltar as costas aos reis, e abrir diante dele as portas, e estas mesmas portas não se fecharão.”* ⁽²²²⁾

Exclusivamente quanto ao capítulo 53 do livro de Isaías, que foi objeto de várias citações, para as quais também servem essas explicações que estamos colocando aqui.

Esse mesmo episódio se encontra narrado em Marcos (1,32-34) e Lucas (4,40-41), entretanto não é mencionada nenhuma profecia que estaria se cumprindo, provando, portanto, a intenção de Mateus em ligar Jesus a alguma coisa do Antigo Testamento.

17) Mateus 12,15-21: *“Jesus soube disso, e foi embora desse lugar. Numerosas multidões o seguiram, e ele curou a todos. Jesus ordenou que não dissessem quem ele era. Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: ‘Eis aqui o meu servo, que escolhi; o meu amado, no qual minha alma se compraz. Colocarei sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará o julgamento às nações. Não discutirá, nem gritará, e ninguém ouvirá a sua voz nas praças. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará o pavio que ainda fuma, até que leve o julgamento à vitória. E em seu nome as nações depositarão a sua esperança’.”*

Profecia: **Isaías 42,1-4**: *“Vejam o meu servo, a quem eu sustento: ele é o meu escolhido, nele tenho o meu agrado. Eu coloquei sobre ele o meu espírito, para que promova o direito entre as nações. Ele não gritará nem clamará, nem fará ouvir a sua voz na praça. Não quebrará a cana que já está rachada, nem apagará o pavio que está para se apagar. Promoverá fielmente o direito: não desanimará, nem se abaterá, até implantar o direito na terra e a lei que as ilhas esperam.”*

Muitos dos leitores da Bíblia se prendem à expressão *“meu servo”*, como aplicação exclusiva a Jesus; entretanto podemos ver que em vários casos ela faz referência ao povo de Israel. Entretanto, não será difícil constatar que vários personagens bíblicos foram também chamados de *“meu servo”* como, por exemplo: Abraão (Gênesis 26,24), Moisés (Números 12,7), Caleb (Números 14,24), Davi (2 Samuel 3,18), Naamã (2 Reis 5,6), Eliacim (Isaías 22,20), Nabucodonosor, rei da Babilônia (Jeremias 25,9), Zorobabel (Ageu 2,23), Jacó (Ezequiel 37,25) e, finalmente, Jó (Jó 1,8). Notemos ainda que a expressão *“meu servo”*, conforme já falamos, também é atribuída ao próprio povo de Israel.

Na **Bíblia Sagrada - Pastoral**, em uma nota sobre essa passagem explicam:

É o primeiro “cântico do Servo de Javé”. Quem é esse Servo? **De início, provavelmente, uma pessoa; depois essa pessoa foi tomada como figura coletiva, sendo aplicado a todo o povo pobre e fiel.** O Servo é a grande novidade que Javé prepara: o missionário escolhido que, graças ao Espírito de Javé, recebe a missão de fazer que surja uma sociedade conforme a justiça e o direito. Ele não submeterá os fracos ao seu domínio, mas o seu agir acabará produzindo uma transformação radical: os cegos enxergarão e os presos serão libertos. Os evangelhos aplicam a Jesus a figura do Servo (cfe. Mt. 3,17 e paralelos; 12,17-21; 17,5). ⁽²²³⁾

Falando-se a respeito do livro de Isaías, além de tudo quanto já colocamos, podemos ainda acrescentar da **Bíblia de Jerusalém**:

No livro estão inseridas quatro peças líricas, os “cânticos do Servo” (42,1-4 [5-9]); 49,1-6; 50,4-9 [10-11]; 52,13-53,12). Eles apresentam um perfeito servo de Iahweh, que reúne o seu povo e é a luz das nações, que prega a verdadeira fé, expia por sua morte os pecados do povo e é glorificado por

Deus. Essas passagens estão incluídas entre as mais estudadas do Antigo Testamento, e não existe acordo nem quanto à sua origem nem quanto ao seu significado. A atribuição dos três primeiros cânticos ao Segundo Isaías é muito verossímil; é possível que o quarto seja obra de um dos seus discípulos. A identificação do Servo é muito discutida. Muitas vezes se tem visto nele uma figura da comunidade de Israel, à qual outras passagens do Segundo Isaías dão, de fato, o título de “servo”. Mas os traços individuais são marcados demais e é por isso que outros exegetas, que formam atualmente a maioria, reconhecem no Servo uma personagem histórica do passado ou do presente; nesta perspectiva, **a opinião mais atraente é a que identifica o Servo com o próprio Segundo Isaías**; o quarto cântico teria sido apresentado após sua morte. Combinaram-se assim as duas interpretações, considerando o Servo como um indivíduo que incorporava os destinos de seu povo. Seja como for, uma interpretação que se limitasse ao passado ou ao presente não explicaria suficiente os textos. O Servo é o mediador da salvação messiânica, que uma parte da tradição judaica dava destas passagens, afora o aspecto sofrimento. [...]. (224)

Apesar de muitas vezes reconhecerem que a expressão o “*Servo*” se aplica ao povo de Israel,

sempre apresentam um “porém”.

Realmente, algumas vezes, é usado para um indivíduo, conforme já demonstramos; entretanto, não se trata de Jesus, mas de alguém da época que viria os libertar. É o que também, em **O Problema Com Deus** (2008), podemos depreender de Bart D. Ehrman que cita o trecho de Isaías 52:13-53:8:

Para compreender o Segundo Isaías é importante reconhecer que **é explicitamente o povo de Israel**, evidentemente aqueles levados para o exílio, **aquele chamado de “meu servo”** (41:8). Com o profeta diz posteriormente, **“Tu és meu servo Israel, aquele em que me glorificarei”** (49:3). A importância disso é que algumas das passagens do Segundo Isaías foram vistas pelos primeiros cristãos como se referindo a nenhum outro além do messias, Jesus, que se acreditava ter sofrido pelos outros, dando a redenção. E de fato é difícil para cristãos familiarizados com o Novo Testamento ler passagens como **Isaías 52:13-53:8** sem pensar em Jesus:

Eis que meu Servo prosperará,
ele se elevará, será exaltado, será posto
nas alturas. (...)

Era desprezado e abandonado pelos
homens,

homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento,

como pessoa de quem todos escondem o rosto;

desprezado, não fazíamos caso nenhum dele.

E, no entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si,

nossas dores que ele carregava.

Mas nós o tínhamos como vítima do castigo,

ferido por Deus e humilhado.

Mas ele foi trespassado por causa de nossas transgressões,

esmagado por causa de nossas iniquidades.

O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele,

sim, por suas feridas fomos curados.

Todos nós como ovelhas, andávamos errantes,

seguindo cada um o seu próprio caminho,

mas o Senhor fez cair sobre ele

a iniquidade de todos nós.

Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca,

como cordeiro conduzido ao matadouro;

como ovelha que permanece muda na presença dos tosquiadores

ele não abriu a boca. (...)

[quem se preocupou] com o fato de ter sido cortado da terra dos vivos?

De ter sido ferido pela transgressão do seu povo?

Vários pontos são importantes para interpretar uma passagem tão poderosa. O primeiro foi o que apresentei em um capítulo anterior: **os profetas de Israel não eram adivinhos com bolas de cristal olhando para o futuro distante (Jesus iria aparecer apenas cinco séculos depois)**; eles estavam levando a palavra de Deus a pessoas que viviam em sua própria época. Além disso, **não há nada na passagem que sugira que o autor está falando sobre um futuro messias**. Para começar, a palavra messias nunca aparece nessa passagem (leia você mesmo o livro inteiro). Ademais, é dito que os sofrimentos deste “servo” estão no passado, não no futuro. À luz desses pontos, é fácil ver porque, **antes do cristianismo, nenhum intérprete judeu considerou que esta passagem indicava como seria o messias ou o que faria. O antigo judaísmo (antes do cristianismo) nunca teve uma ideia de que o messias iria sofrer pelos outros – por isso a enorme maioria de judeus rejeitou a ideia de que Jesus pudesse ser o messias. O**

messias devia ser uma figura de grandeza e poder – por exemplo, alguém como o poderoso rei Davi – que governaria o povo de Deus. E quem foi Jesus? Um criminoso crucificado, exatamente o oposto do que um messias seria. Finalmente, é importante reiterar o ponto fundamental: o autor do Segundo Isaías nos diz explicitamente quem é o “servo” que tinha sofrido; o próprio Israel, especificamente Israel levado para o exílio (41:8; 49:2). [225]

Os cristãos, claro, acabaram passando a pensar que esta passagem estava, sim, se referindo ao seu messias, Jesus. Direi algumas palavras sobre isso em breve. Por hora, a questão é o que o Segundo Isaías poderia ter querido dizer em seu próprio contexto histórico. Se esta passagem se refere a ‘meu servo, Israel’: o que isso tudo significa?

Como os outros profetas, o Segundo Isaías acreditava que o pecado exigia punição. Israel, servo de Deus, exilado na Babilônia, tinha sofrido terrivelmente nas mãos de seus opressores. Esse sofrimento produziu expiação. Assim como um animal sacrificado no Templo produzia expiação do pecado, da mesma forma fizera Israel exilado. Ele tinha sofrido pelas transgressões dos outros. **Usando uma metáfora na qual Israel é identificado como um indivíduo, um “servo do Senhor”**: o Segundo Isaías indica que o povo exilado tinha sofrido de

forma vicária por outros. Assim, a nação podia ser perdoada, retomar à relação certa com Deus e voltar à terra prometida. [²²⁶] Em outras palavras, a lógica dessa passagem está na compreensão clássica do sofrimento, a de que o pecado demanda uma punição e que o sofrimento é fruto da desobediência. (²²⁷)

Aqui se confirma tudo o que foi dito pelos outros exegetas. E queremos chamar a sua atenção, caro leitor, para o que Bart D. Ehrman explica sobre Isaías 52,13-53,8, uma vez que esse trecho bíblico foi mencionado no item 16, servindo, portanto, de complemento ao que ali nós dissemos.

18) Mateus 13,13-15: *“É por isso que eu uso parábolas para falar com eles: assim eles olham e não veem, ouvem e não escutam nem compreendem. Desse modo se cumpre para eles a profecia de Isaías: ‘É certo que vocês ouvirão, porém nada compreenderão. É certo que vocês enxergarão, porém nada verão. Porque o coração desse povo se tornou insensível. Eles são duros de ouvido e fecharam os olhos, para não ver com os olhos, e não ouvir com os ouvidos, não compreender com o coração e não se converter. Assim eles não*

podem ser curados’.”

Profecia: **Isaías 6,8-10**: *“Ouvi, então, a voz do Senhor que dizia: ‘Quem é que vou enviar? Quem irá de nossa parte?’ Eu respondi: ‘Aqui estou. Envia-me!’ Ele me disse: ‘Vá, e diga a esse povo: Escutem com os ouvidos, mas não entendam; olhem com os olhos, mas não compreendam! Torne insensível o coração desse povo, ensurdeça os seus ouvidos, cegue seus olhos, para que ele não veja com os olhos nem ouça com os ouvidos, nem compreenda com o seu coração, nem se converta, de modo que eu não o perdoe’.”*

Essa passagem de Isaías se refere a ele mesmo, no início de sua vocação profética, conforme podemos comprovar com esta explicação, na ***Bíblia de Jerusalém***:

A prontidão de Isaías lembra a fé de Abraão (Gn 12,1-4) e contrasta com as hesitações de Moisés (Ex 4,10-12) e sobretudo de Jeremias (Jr 1,6). A pregação do profeta embaterá na incompreensão de seus ouvidos. Os imperativos aqui usados não devem causar ilusão, equivalem a indicações (cf. 29,9): Deus não quer essa incompreensão, ele a prevê, ela serve aos seus desígnios. Ela desvela o pecado do

coração e precipita o julgamento; comparar com o endurecimento do faraó (Ex 4,21; 7,3 etc.) ⁽²²⁸⁾

Assim, não deveria ter sido tomada à conta de uma profecia.

Em João 12,37-41, o teor da narrativa é bem semelhante a esse de Mateus (13,13-15), razão pela qual não o listaremos quando pesquisarmos no Evangelho Segundo João.

19) Mateus 13,34-35: *“Tudo isso Jesus falava em parábolas às multidões. Nada lhes falava sem usar parábolas, para se cumprir o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca para usar parábolas; vou proclamar coisas escondidas desde a criação do mundo’.”*

Profecia: **Salmo 77,2**: *“Abrirei os lábios, pronunciarei sentenças, desvendarei os mistérios das origens.”*

No Salmo 77 (78), na **A Bíblia Anotada**, se relata:

Asafe recorda a história antiga da nação para advertir as gerações futuras contra a repetição da infidelidade. Ele convida (vv. 1-11) o povo a recordar sua

provação de Deus no deserto (vv. 12-39), sua ingratidão durante o Êxodo (vv. 40-5), e a sua infidelidade durante o período dos juízes (vv. 56-72). ⁽²²⁹⁾

Aqui, encontramos, outra vez, uma aplicação fora do contexto, já que dizem que essa frase se refere a uma profecia. Ora, nem mesmo disso o texto trata.

Vejamos, agora, a explicação dada para os versículos 1 e 2, constante da ***Bíblia Sagrada - Pastoral***:

A história é instrução que ensina o povo a viver. Não é, porém, instrução direta. De fato, os acontecimentos são parábolas, que exigem participação para se captar o sentido delas. Tal sentido faz a história um enigma: é preciso ter a chave da fé para perceber que a história é o processo através do qual Deus age, levando o povo para a liberdade e a vida. ⁽²³⁰⁾

Assim, fica claro que não se trata de uma profecia. A título de curiosidade, vejamos como o versículo 2 é colocado nas Bíblias:

a) **Ave-Maria**: “*Abrirei os lábios, **pronunciarei***”

sentenças, *desvendarei os mistérios das origens.*”;

b) **Pastoral**: *“Vou abrir minha boca em parábolas, vou expor enigmas do passado.”*; e

c) **Vozes**: *“Vou abrir a boca para um provérbio e enunciar enigmas de tempos idos.”*

“Pronunciarei sentenças”, “parábolas” e “provérbio” não são expressões de mesmo sentido, ou seja, sinônimas, uma vez que cada uma tem um sentido próprio.

Em Marcos (4,33-34), encontramos a mesma ocorrência, no entanto, não se faz nenhuma relação com profecia, razão pela qual manteremos nessa lista das profecias de Mateus.

20) Mateus 17,5: *“Pedro ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra, e da nuvem saiu uma voz que dizia: ‘Este é o meu Filho amado, que muito me agrada. Escutem o que ele diz’.”*

Profecia: **Isaías 42,1**: *“Vejam o meu servo, a quem eu sustento: ele é o meu escolhido, nele tenho o meu agrado.”*

Novamente o capítulo 42 de Isaías está sendo usado fora do contexto, embora poucos exegetas considerem essa passagem de Mateus como uma profecia.

Qualquer passagem bíblica que pegarmos e dela tirarmos uma frase isolada do contexto, ela poderá ser aplicada a qualquer situação que for do nosso interesse; não é mesmo?

21) Mateus 21,1-5: “[...] Então Jesus enviou dois discípulos, dizendo: “Vão até o povoado, que está na frente de vocês. E logo vão encontrar uma jumenta amarrada, e um jumentinho com ela. Desamarrem, e tragam os dois para mim. Se alguém lhes falar alguma coisa, vocês dirão: ‘O Senhor precisa deles, mas logo os mandará de volta’. Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta; ‘Digam à filha de Sião: eis que o seu rei está chegando até você. Ele é manso e está montado num jumento, num jumentinho, cria de um animal de carga’.”

Profecia: **Zacarias 9,9**: “Dance de alegria, cidade de Sião; grite de alegria, cidade de Jerusalém, pois agora o seu rei está chegando, justo e vitorioso. Ele é pobre, vem montado num jumento, num jumentinho,

filho de uma jumenta.” (Marcos 11,2; Lucas 19,30 e João 12,14-15)

Em João 14-15 é também citado Zacarias 9,9, nos outros dois Evangelhos nada consta.

A sequência imediata, ou seja, o versículo 10, é que nos dirá a quem se refere essa passagem; vejamos: *“Ele destruirá os carros de guerra de Efraim e os cavalos de Jerusalém; quebrará o arco de guerra. Anunciará paz a todas as nações, e seu domínio irá de mar a mar, do rio Eufrates até os confins da terra”*.

Mas, quem seria esse guerreiro que destruiria os carros de guerra? A nossa resposta é: *“Alexandre Magno é um instrumento de Deus”* ⁽²³¹⁾. Nessa época, ele, à frente do seu exército, marcha pela Síria, depois pela Fenícia, e, finalmente, pela Palestina ⁽²³²⁾.

Assim, pelos acontecimentos, não se trata de profecia a respeito de Jesus. Como já dissemos, e agora reafirmamos, qualquer texto que pegarmos, poderemos aplicar ao que quisermos.

Importante também ressaltar que as coisas são

bem mais complicadas do que aparentam, pois várias traduções bíblicas nos dão conta que do livro de Zacarias somente os capítulos 1-8, escritos por volta de 520-519 a.C., são realmente dele.

Os capítulos 9-14, são de um autor anônimo e o período é bem outro, por volta de 333 a.C. Vejamos, por exemplo, na ***Bíblia Sagrada - Santuário, Bíblia de Jerusalém, Bíblia Sagrada - Pastoral***, respectivamente, como os explicam:

O livro contém duas partes distintas: cc. 1-8, datados de 520-519 e atribuídos a um profeta do regresso do exílio; e **cc. 9-14, não datados e de autor anônimo**. [...].

Esta primeira parte é certamente autêntica. Toda ela está centrada em perspectivas messiânicas. Zacarias, como Ageu, preocupa-se com a reconstrução do Templo e com a restauração nacional e suas exigências de pureza e moralidades. O governador da comunidade é confiado ao Sumo Sacerdote Josué e ao governador Zorobabel (3,1-7; 6,12). [...].

A segunda parte carece de unidade. Já não se fala nem de Zacarias, nem de Josué, nem de Zorobabel, nem da reconstrução do Templo. Nos cc. 9-11 fala-se da salvação do povo escolhido (a terra nova e o Messias em

9,1-10; a restauração de Israel em 9,11-13; os dois pastores em luta escatológica no c. 14. ⁽²³³⁾

A segunda parte (9-14), que aliás começa com um título novo, é completamente diferente. As peças não têm data e **são anônimas**. Já não se fala nem de Zacarias, nem de Josué, nem de Zorobabel, nem da construção do Templo. O estilo é diferente e utiliza com frequência livros anteriores, sobretudo Jr e Ez. O horizonte histórico não é mais o mesmo: Assíria e Egito aparecem como nomes simbólicos de todos os opressores.

Estes capítulos foram, com muita probabilidade, compostos nos últimos decênios do século IV a.C., após a conquista de Alexandre. Apesar dos esforços renovados recentemente para provar sua unidade, **é forçoso admitir que são heterogêneos.** [...]. ⁽²³⁴⁾

A primeira parte do livro, composta dos capítulos 1 a 8, contém os oráculos do profeta Zacarias, contemporâneo de Ageu (520 a.C.). É uma época em que a comunidade judaica procura reconstruir as suas bases de fé e vida social. [...].

A segunda parte, formada dos capítulos 9 a 14, foi escrita no período em que os gregos dominavam a Palestina, depois da grande campanha de Alexandre Magno

(333 a.C.). [...]. (235)

O que fica claro é que a segunda parte (capítulos 9-14) tem um autor anônimo, que fala totalmente fora do contexto dos capítulos anteriores, os da primeira parte (1-8), o que nos leva a aventar a hipótese de ser um acréscimo posterior.

Nos textos bíblicos, a menção ao jumento como montaria de Jesus, pode ser apenas uma imagem e não algo real, porquanto:

a) *“O jumento é a montaria dos chefes (cf. Jz 5,10; 10,4)”* (236);

b) *“antiga montaria dos príncipes (Gn 49,11; Jz 5,10; 10,4; 12,14)”* (237), e

c) *“o jumento era a cavalgadura dos juízes (5,10; 10,4; 12,14)”* (238).

Esse episódio está narrado nos Sinópticos – Mateus, Marcos e Lucas –, porém, existem alguns probleminhas:

a) Em Mateus 21,2, que faz relação com uma profecia, diz que a jumenta estava amarrada, os

outros dois - Marcos e Lucas - afirmam que o jumentinho é que estava amarrado; o lógico, a nosso ver, é mesmo a jumenta estar amarrada, pois o jumentinho não sairá de perto da mãe.

b) Em Marcos 11,2 e Lucas 19,30 se afirma ainda que o jumentinho estava preso, ambos são omissos em relação à jumenta. O trecho que compreende os versículos 4 e 5, no qual o autor de Mateus remete à profecia de Zacarias não existe nos outros dois - Marcos e Lucas.

c) Em Mateus capítulo 21, lemos no versículo 7: *“trouxeram a jumenta e o jumentinho, e sobre eles puseram os seus mantos, e Jesus montou”*, o que dá a impressão de que Jesus montou nos dois animais ao mesmo tempo; mas isso poderá ser apenas problema de redação.

d) Em João 12,14-15, também é citado o episódio, dizendo tratar-se de cumprimento de profecia de Zacarias 9,9; porém, de forma bem resumida. Entretanto, na versão desse autor, Jesus **achou** o jumentinho e não mandou que dois discípulos procurassem pegá-lo em algum lugar.

Então, caro leitor, essa história está muito mal contada, não é mesmo?

22) Mateus 27,6-10: *“Recolhendo as moedas, os chefes dos sacerdotes disseram: ‘É contra a Lei colocá-las no tesouro do Templo, porque é preço de sangue’. Então discutiram em conselho, e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, para aí fazer o cemitério dos estrangeiros. É por isso que esse campo até hoje é chamado de Campo de Sangue. Assim se cumpriu o que tinha dito o profeta Jeremias: ‘Eles pegaram as trinta moedas de prata - preço com que os israelitas o avaliaram - e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, conforme o Senhor me ordenou’.”*

Profecia: Inexistente (Não se encontrará nada igual nem parecido em Jeremias)

Em **A Bíblia Anotada**, encontramos a seguinte explicação para esse fato:

Estas palavras são encontradas em Zc 11:12-13, com alusões a Jr 18:1-4 e 19:1-3. Foram atribuídas a Jeremias pois, no tempo de Jesus, os livros dos profetas eram iniciados com Jeremias, não com Isaías como hoje, e a citação é identificada pelo primeiro livro do volume, e não pelo nome do

livro específico do seu autor. ⁽²³⁹⁾

Vejamos então o que se pode encontrar em Zacarias:

Zacarias 11,12-13: *“Então eu disse: ‘Se estão de acordo, façam o meu pagamento; se não, deixem’. Então eles pesaram o dinheiro do meu pagamento: **trinta siclos de prata**. E Javé me disse: ‘Envie ao fundidor este preço fabuloso com que fui avaliado por eles [...]’.”*

Mas, como explicação para essa passagem de Zacarias, lemos em ***A Bíblia Anotada***:

Por ter o povo rejeitado o ministério do bom pastor, ele [Zacarias] **pediu por seu salário o preço de um simples escravo**. Zacarias representava o papel do Messias futuro. ⁽²⁴⁰⁾

Vejamos a seguinte nota da ***Bíblia de Jerusalém***:

Um governador tem direito a ordenado (cf. Ne 5,15). Aqui o ordenado pago alegoricamente pelas classes dirigentes ao profeta (representando lahweh) é irrisório, o preço de um escravo. Em resumo, zombam de lahweh! Mt. 27,3-10, aplicou os vv. 12-13

a Cristo, do qual o profeta, tomando o lugar de lahweh desprezado, aparece aqui como o “tipo”. ⁽²⁴¹⁾

Todavia, ainda temos que completar essa nota; para isso, vamos à explicação na **Bíblia de Jerusalém** relativa a Mateus:

Om. (omissão): ‘Jeremias’. **Trata-se, de fato, de uma citação livre de Zc 11,12-13, combinada com a ideia da compra de um campo sugerida por Jr 32,6-15.** Isso juntamente com o fato de que Jeremias fala em oleiros (18,2s), que se encontravam na região de Hacéldama (19,1s), explica que todo o texto podia ser-lhe atribuído por aproximação. ⁽²⁴²⁾

Percebemos que a realidade é bem diferente, já que não se trata de uma profecia, mas de um fato ocorrido, conforme se pode também confirmar na **Bíblia Sagrada - Barsa**, em que é dito:

Zacarias falando em nome de Deus pergunta se ainda querem que Ele continue a governá-los, se sim, que Lhe deem o salário devido ao governador. As trinta moedas eram um preço irrisório, mais de zombaria do que de recompensa, pois eram a indenização que a lei estabelecia que

se pagasse ao dono de um escravo que alguém tivesse morto. ⁽²⁴³⁾

Entretanto, chega-se a misturar duas passagens bíblicas para tentar justificar uma suposta profecia.

23) Mateus 27,45: *“Desde o meio-dia até as três horas da tarde houve escuridão sobre toda a Terra.”*

Profecia: **Amós 8,9-10**: *“Nesse dia - oráculo do Senhor Javé - eu farei o sol se esconder ao meio-dia, e em pleno dia escurecerei a terra; mudarei suas festas em funeral e seus cânticos em gemidos. A todos vestirei com roupas de luto e, no lugar da cabeleira, haverá cabeça raspada. Farei disso como o luto por um filho único, e seu fim será como um dia de amargura.”*

Na *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, essa passagem também não é tida como uma profecia; entretanto o tradutor da *Bíblia do Peregrino* a considera como tal.

Transcrevemos da obra ***Quem Matou Jesus?: As Raízes do Anti-semitismo na História Evangélica da Morte de Jesus*** (1995), de John Dominic Crossan, a explicação sobre o que acontecia

no tempo de Amós:

[...] **Na década de 750 A.E.C., esse profeta camponês denunciou o estado próspero da região norte da pátria dos judeus**, durante os quarenta anos do reinado de Jeroboão II. A razão de tal denúncia foi o fato de a aristocracia preferir o comércio à compaixão e o culto litúrgico à justiça social. Em 8,4-6, **Amós refere-se a eles de maneira acusatória:**

Ouçá isto, você que pisa no necessitado,
e traz à ruína o pobre da terra,
dizendo; “Quando estará de volta a lua nova
para que possamos vender o grão;
e o shabat,
para que possamos pôr à venda o trigo?
Faremos um efã (peso) pequeno e uma siclo (moeda) grande,
e praticaremos fraudes com balanças adulteradas,
comprando o pobre com prata e o necessitado com um par de sandálias,
e vendendo os restos do trigo”.

Após estas acusações contra o longo e próspero reinado de Jeroboão II, **Amós alerta que um dia terrível está para acontecer, quando a cólera de Deus será**

transformada em punição, de acordo com Amós 8,9-10, com palavras que correspondem às palavras-chave em itálico nos textos do evangelho:

**Nesse dia, diz o Senhor Deus,
farei o sol desaparecer ao meio-dia,
e farei surgirem trevas na terra em
plena luz.**

Transformarei seus banquetes em lamentos,

e todas as suas canções em prantos;

Trarei farrapos para todos os lombos,

e a nudez para todas as cabeças;

Eu o farei como a lamentação por um filho único,

e o final será como um dia amargo.

Trevas ao meio-dia significava, é claro, um cataclismo cósmico, um mundo virado de cabeça para baixo e pelo avesso, uma catástrofe terrível e presumivelmente iminente. **E, antes que se fosse toda a geração que ouviu as ameaças de Amós, o reino do norte de Israel foi devastado pelo brutal militarismo do império assírio.** Mas, em qualquer caso, meia-noite ao meio dia, quer seja realidade alegada ou possibilidade simbólica, é uma indicação óbvia de desastre. Autores do século I, como Josefo, Plutarco e Plínio, o Velho, afirmam que o mesmo fenômeno acompanhou o

assassinato de Júlio César, em 15 de março de 44 A.E.C.

Por “profecia historicizada” eu quero dizer que **a morte de Jesus, ao meio-dia, não foi acompanhada dessa meia-noite histórica com três horas de duração**, mas que os cristãos, lendo suas Escrituras, encontraram esta antiga descrição da futura punição divina, talvez facilitada pela menção de “um filho único”, na penúltima linha, e **assim criaram aquela narrativa ficcional sobre as trevas ao meio-dia para afirmar que Jesus morreu em cumprimento à profecia.** [...].
(²⁴⁴)

John Dominic Crossan, talvez, poderia ter perguntado: Algum outro povo da Terra registrou escuridão do meio-dia às três horas? Por acaso, esse fenômeno teria sido um eclipse?

c) Evangelho Segundo Lucas

24) Lucas 1,30-33: *“³⁰ O anjo disse: Não tenha medo, Maria, porque você encontrou graça diante de Deus. ³¹ Eis que você vai ficar grávida, terá um filho, e dará a ele o nome de Jesus. ³² Ele será grande, e será chamado Filho do Altíssimo. E o Senhor Deus dará a ele o trono de seu pai Davi, ³³ e ele reinará para sempre sobre os descendentes*

de Jacó. E o seu reino não terá fim.”

Profecias: **Isaías 7,14**: *“Pois saibam que Javé lhes dará um sinal: A jovem concebeu e dará à luz um filho, e o chamará pelo nome de Emanuel.”* (para v. 31) e **2 Samuel 7,1**: *“O rei Davi foi morar no seu palácio e Javé o livrou de todos os inimigos ao redor.”*; **Isaías 9,6**: *“Grande será o seu domínio, e a paz não terá fim sobre o trono de Davi e seu reino, firmado e reforçado com o direito e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo de Javé dos exércitos é quem realizará isso.”* e **Daniel 7,14**: *“Foi-lhe dado poder, glória e reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram. O seu poder é um poder eterno, que nunca lhe será tirado. E o seu reino é tal que jamais será destruído.”* (para v. 32-33)

As profecias aqui citadas foram tomadas da *Bíblia de Jerusalém*.

O versículo 7, do capítulo 14 de Isaías, já foi analisada, sigamos para as outras passagens. Vejamos este trecho da nota na **Bíblia do Peregrino**, que explica 2 Samuel 7:

O ápice na história de Davi não são suas empresas, seu valor militar ou sua clarividência política; o ápice é a promessa

que Deus lhe faz. **Este capítulo é o verdadeiro centro da história de Davi.** Acima de Davi como protagonista, eleva-se como verdadeira protagonista a palavra de Deus, criadora de história. Natã é o seu profeta privilegiado.

O oráculo original foi provavelmente breve, baseado no duplo sentido da palavra casa: edifício e dinastia (também nós dizemos a Casa de Bragança). Davi quer construir para Davi uma casa = templo, o Senhor o recusa, e ao invés promete construir uma casa = dinastia para Davi.

Este oráculo original e conciso produz uma reação viva no povo que o recebe, criando uma corrente histórica, então o povo receptor por sua vez reage diante do oráculo, explicando-o e enriquecendo-o. Sobretudo os profetas fazem ressoar nos seus oráculos o de Natã, **colocando-o numa perspectiva sempre mais rica e tensa rumo ao futuro. Autores do NT o lerão à luz do mistério de Cristo, fixando seu sentido definitivo:** Lc 2,32-33; Hb 1,5.

A ação histórica de comentar não ficou à margem do nosso corpo narrativo, mas penetrou nele, sedimentando suas adições junto ao oráculo primitivo. **Separar agora o oráculo original e as diversas adições, atribuindo a cada qual sua época, é hoje tarefa arriscada que conduz só a hipóteses inseguras.** ⁽²⁴⁵⁾

Mais uma vez estamos diante de um fato relacionado a um personagem bíblico, no caso Davi, que os teólogos querem aplicar a Jesus. Bem sintomática a informação constante nesta frase: “*separar agora o oráculo original e as diversas adições*”, pois, coloca a descoberto toda uma trama para modificar passagens bíblicas visando um fim teológico.

Quanto a Isaías 9,6, a questão é será, de fato, uma profecia? Como vimos em uma explicação da *Bíblia Sagrada - Pastoral* ⁽²⁴⁶⁾, em Isaías 9,6, o profeta se refere a Ezequias, o filho herdeiro de Acaz, portanto, o “*ele perpetuará a dinastia de Davi*” e, por consequência, nada tem a ver com Jesus na condição de descendente desse.

Em ***A História de Israel no Antigo Testamento*** (1960), autoria de Samuel J. Schultz (1914-2005), pode-se, facilmente, corroborar isso:

[...] Em contraste com governantes iníquos, **Isaías desdobra as perspectivas futuras de um piedoso rei que ocuparia o trono de Davi**. Em contraste com o reino temporal de Judá, ele elabora a promessa de um reino universal e perene.

O justo governante é apresentado em Is 7:14 como o Emanuel, que significa “Deus conosco”. ⁽²⁴⁷⁾ Por certo **o ímpio Acaz, que se recusou a pedir um sinal, não compreendeu o significado pleno dessa promessa**, cujo cumprimento não foi fixado quanto ao tempo. Sem dúvida, essa simples promessa pareceu vaga e ambígua para aqueles que ouviram Isaías proferi-las em um período de crise nacional – mui facilmente podem tê-la confundido com o nascimento do filho de Isaías, de nome Rápido-Despojo-Presa-Segura (Maer-Salal-Has-Baz). Embora a terra de Emanuel houvesse de ser invadida pelos assírios (veja Is 8:5-10), para em seguida ser libertada, **a promessa de um livramento futuro ainda maior é assegurada em Is 9:1-7. Isso seria concretizado através do nascimento de um filho que identificado como “Poderoso Deus”**, o qual haveria de estabelecer um governo pacífico que não teria fim. No décimo primeiro capítulo é indicada a sua origem davídica, mas Suas características transcendem ao que é humano. Ele é divino, no exercício de julgamento justo, através da Sua onisciência e onipotência.

O reino será universal. O conhecimento do Senhor prevalecerá por todo o mundo. Os ímpios serão destruídos pela palavra proferida pelo justo governante, e uma retidão absoluta prevalecerá sobre a humanidade. [...]. ⁽²⁴⁸⁾

Confirma-se, portanto, que a preocupação de Isaías está relacionada aos acontecimentos que naquele momento histórico vivia o povo hebreu, portanto, nada para um futuro longínquo como querem nos fazer crer.

E, finalmente, vejamos algumas considerações sobre o livro de Daniel constante de ***O Sinal: o Santo Sudário e o Segredo da Ressurreição***, de Thomas de Wesselow:

A rebelião dos macabeus foi um momento central na história de Israel e **inspirou um livro profético** que viria a ser de importância crucial para a criação do cristianismo: o Livro de Daniel. **Esse texto pseudonímico, que pretende conter as profecias de Daniel, personagem lendário que teria vivido na época do cativo na Babilônia**, constitui um comentário apocalíptico a respeito da luta dos judeus contra Antíoco. [...]. (249)

A afirmação de ser Daniel um personagem lendário, é consequência do aprofundamento de pesquisas.

Quanto à passagem de Daniel 7,14,

tomaremos das explicações constantes na **Bíblia de Jerusalém**, a respeito desse livro:

[...] Os relatos da primeira parte [Caps. 1-6] situam-se na época caldeia, mas certos sinais mostram que o autor está bastante longe dos acontecimentos. **Baltazar é filho de Nabônides e não de Nabucodonosor, como diz o texto, e nunca teve o título de rei. Dario, o Medo, é desconhecido dos historiadores e não há lugar para ele entre o último rei caldeu e Ciro, o Persa, que já havia vencido os medos.** O ambiente neobabilônico é descrito com termos de origem persa; até mesmo os instrumentos da orquestra de Nabucodonosor trazem nomes transcritos do grego. **As datas apresentadas no livro não concordam entre si, nem com a história tal como a conhecemos,** e parecem ter sido postas no início dos capítulos sem grande preocupação com a cronologia. **O autor utilizou tradições, orais ou escritas, que circulavam em sua época.** Os manuscritos do mar Morto contêm fragmentos dum ciclo de Daniel, que tem semelhanças com o livro canônico, em particular uma prece de Nabônides, que recorda Dn 3,31-4,34, em que o nome de Nabucodonosor substitui o de Nabônides, O autor, ou suas fontes, apresentou como herói destas histórias piedosas certo Daniel ou Dan'el, que Ez 14, 14-20 e 28,3 cita como justo e sábio dos tempos antigos e que é

mencionado também nos poemas de Râs Shamra, escritos no século XIV antes da nossa era. ⁽²⁵⁰⁾

Será que é prudente tomar desse livro diante dos problemas que são apresentados acima? As “visões” de Daniel, constantes do capítulos 7 a 12, tem relação direta como o momento histórico no qual vivia o povo hebreu, nada além disso.

Citar passagens desse livro para aplicá-las a Jesus demonstra apenas uma origem teológica dogmática, que distorce tudo para justificar suas crenças.

Acrescentamos também este trecho da Introdução de Daniel constante da ***Bíblia Sagrada - Pastoral***:

O livro de Daniel é um escrito apocalíptico. **Surge no século II a.C., quando comunidade está sendo perseguida e em crise. É a época em que o rei Antíoco IV quer acabar com a cultura, costumes e religião dos judeus**, e por isso persegue quem não se sujeita aos padrões e costumes da cultura grega, que ele procura introduzir. **A finalidade do livro é sustentar a esperança do povo fiel e, ao mesmo tempo, provocar**

a resistência contra os opressores. Para uma correta compreensão deste livro, é importante tê-lo junto com os livros dos Macabeus.

Na primeira parte (Dn 1-6), contam-se histórias passadas sob o domínio dos persas, mostrando como Daniel e seus companheiros resistiram aos poderosos do império e permaneceram fiéis à sua religião; assim foram salvos por Deus.

Na segunda parte (Dn 7-12), em linguagem figurada, própria da apocalíptica, **o autor divide a história em etapas, mostrando o conflito entre as grandes potências. Ressalta que se aproxima a última etapa da história: o Reino de Deus está para ser implantado;** por isso, é preciso ter ânimo e coragem para resistir ao opressor, permanecendo fiel. Nessa luta sem esmorecimentos, há uma profunda convicção de fé: o único poder é o de Deus, e só ele é o dono da história. Todos os outros poderes, por maiores que sejam, podem ser derrubados pela ação daqueles que acreditam ser Deus o único absoluto (Dn 2,31-47).

Este livro, dentro da apocalíptica, preocupa-se com o futuro, mas sua intenção é que no presente haja perseverança, fidelidade e resistência na preservação da própria identidade, sem alienação, apesar de todas as dificuldades. É mesmo para aqueles que morrem nessa luta,

sabendo escolher o caminho da justiça, descortina-se a esperança maior: a ressurreição (Dn 12,1-3).

Os capítulos 13-14 assim como 3,24-90, são apêndices em grego acrescentados ao livro original. Aí, Daniel é apresentado como sábio precoce, com o dom do discernimento. ⁽²⁵¹⁾

Certamente que se o autor de Daniel “preocupa-se com o futuro”, é um futuro próximo dele, no qual viverá para ver Deus colocando o povo judeu vitorioso conta “o rei Antíoco IV quer acabar com a cultura, costumes e religião dos judeus”. Não avança sequer um dia além desse tempo.

25) Lucas 4,16-21: *“Jesus foi à cidade de Nazaré, onde se havia criado. Conforme seu costume, no sábado entrou na sinagoga, e levantou-se para fazer a leitura. Deram-lhe o livro do profeta Isaías. Abrindo o livro, Jesus encontrou a passagem onde está escrito: ‘O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor’. Em seguida Jesus*

fechou o livro, o entregou na mão do ajudante, e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Então Jesus começou a dizer-lhes: 'Hoje se cumpriu essa passagem da Escritura, que vocês acabaram de ouvir.'"

Profecia: **Isaías 61,1-2**: *"O Espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu. Ele me enviou para dar a boa notícia aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos e pôr em liberdade os prisioneiros, para promulgar o ano da graça de Javé, o dia da vingança do nosso Deus, e para consolar todos os aflitos, os aflitos de Sião."*

Em consulta, no Novo Testamento, vemos que dos dois supostos autores de Mateus e de João, somente o primeiro fala desse acontecimento, mas nada menciona a respeito da leitura do livro de Isaías.

O autor de Lucas, compôs suas narrativas por pesquisas ou informações obtidas de outras pessoas e, quem sabe, de textos já existentes, como por exemplo, o de Marcos.

O autor de Marcos age como o de Mateus, ou

seja, registra o episódio sem citar a leitura. Somente Lucas é quem cita essa leitura, o que já nos deixa intrigados se o fato foi real ou não.

No vídeo “**Por que Jesus não leu um trecho de Isaías numa sinagoga? Por que Jesus era analfabeto?**”, parte 2 ⁽²⁵²⁾, de 03/05/2022, a historiadora e pesquisadora Juliana Cavalcanti questiona a existência de uma Sinagoga em Nazaré, que, segundo ela, estava numa área rural.

Mais ainda, Juliana Cavalcanti sugere que também nós mesmos façamos a comparação; mãos na massa, resultou no seguinte quadro, que demonstra a divergência da narrativa.

Isaías 61,1-2	
Em Isaías	Em Lucas
<i>O Espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu. Ele me enviou para dar a boa notícia aos pobres,</i>	<i>O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me</i>
<i>para curar os corações feridos,</i>	

<i>para proclamar a libertação dos escravos</i>	<i>para proclamar a libertação aos presos</i>
	<i>e aos cegos a recuperação da vista;</i>
<i>e pôr em liberdade os prisioneiros,</i>	<i>para libertar os oprimidos, e</i>
<i>para promulgar o ano da graça de Javé, o dia da vingança do nosso Deus</i>	<i>para proclamar um ano de graça do Senhor'</i>
<i>e para consolar todos os aflitos, os aflitos de Sião.</i>	

A questão que se propõe é: Por que a divergência sobre a fala de Isaías? A historiadora Juliana Cavalcanti, no vídeo mencionado, explica o seguinte:

Lucas estava construindo um texto de Isaías, pegando trechos e escrevendo do jeito que lhe interessava. E **projeta isso na boca de Jesus, para projetar Jesus como um mestre, messias**. E não que Jesus está lendo. ⁽²⁵³⁾

As explicações da ***Bíblia de Jerusalém***, sobre

essa passagem de Isaías, podem nos ajudar a entender o texto; vejamos:

O profeta, muito provavelmente **o autor dos caps. 60 e 62**, anuncia que recebeu de Deus uma mensagem de consolação (vv. 1-3): reconstruir-se-á (v. 4); os estrangeiros assegurarão as necessidades materiais de Israel, transformando em povo de sacerdotes e cumulado de glória (vv. 5-7); Deus toma a palavra para estabelecer aliança eterna (vv. 8-9). Os vv. 10-11 são uma ação de graças do profeta que fala em nome de Sião. Este poema repercute os cânticos do Servo (cf. 42,1; 42,7; 49,49, e também 50,4-11, onde quem fala é o Servo, como aqui). ⁽²⁵⁴⁾

Do que concluímos que são citações que se aplicam a Isaías, portanto não se trata de uma profecia. Mas, supondo que Jesus tenha realmente lido essa passagem de Isaías, isso, por si só, não a torna uma profecia.

O que poderia ter ocorrido é que Jesus aplicou à sua missão uma origem divina, afirmando que agia pelo Espírito de Deus, que permanecia sobre ele. Essa é uma certeza que temos. Independentemente de alguma profecia, isso poderia acontecer; mas,

nem sempre, o homem está em plenas condições vibracionais de receber as instruções do plano espiritual, transmitidas à humanidade por vontade do Criador; por isso, muitas vezes as deturpa ou as modifica, conforme sua maneira de pensar.

Com isso não estamos negando o valor inestimável de seus ensinamentos; muito ao contrário, já que achamos que ele é inigualável em tudo o que fez, disse ou exemplificou.

26) Lucas 18,31-34: *“Jesus chamou à parte os Doze, e disse: ‘Vejam: estamos subindo para Jerusalém, e vai se cumprir tudo o que foi escrito pelos profetas a respeito do Filho do Homem. Pois ele será entregue aos pagãos, será caçoado, ultrajado e coberto de cuspidas. Eles vão torturá-lo e matá-lo, e no terceiro dia ele vai ressuscitar.’ Mas, eles não compreenderam nada disso. Essa palavra era obscura para eles, e não compreendiam o que Jesus dizia.*

Profecia: **Salmo 22,1-31:** *“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Apesar de meus gritos, minha prece não te alcança! De dia eu grito, meu Deus, e não me respondes. Grito de noite, e não fazes caso de mim! E tu habitas no santuário, onde Israel te louva!*

Nossos antepassados confiavam em ti; confiavam, e tu os salvavas; gritavam a ti, e ficavam livres, confiavam em ti, e não se desapontaram. Quanto a mim, eu sou verme, e não homem, riso dos homens e desprezo do povo. Todos os que me veem zombam de mim, abrem a boca e balançam a cabeça: 'Ele recorreu a Javé... Pois que Javé o salve! Que o liberte, se é que o ama de fato!' És tu quem me tirou do ventre e me confiou aos peitos da minha mãe. Fui entregue a ti desde o nascimento, desde o ventre materno tu és o meu Deus. Não fiques longe de mim, que a angústia está perto, e não há ninguém para me socorrer. Cercam-me touros numerosos, touros fortes de Basã me rodeiam. Contra mim escancaram a boca os leões que dilaceram e rugem. Estou como água derramada, e meus ossos todos se desconjuntam. Meu coração está como cera, derretendo-se dentro de mim. Minha força secou como argila, e minha língua colou-se ao maxilar. Tu me colocas na poeira da morte. Cães numerosos me rodeiam, e um bando de malfeitores me envolve, furando minhas mãos e meus pés. Posso contar todos os meus ossos. As pessoas me observam e me encaram, entre si repartem minhas vestes, e sorteiam a minha túnica. Tu, porém, Javé, não fiques longe! Força minha, vem socorrer-me

depressa! Salva meu pescoço da espada, e a minha pessoa, das patas do cão! Arranca-me da goela do leão, faze-me triunfar dos chifres do búfalo! Vou contar tua fama aos meus irmãos, vou louvar-te no meio da assembleia: 'Vocês que temem a Javé, louvem a Javé! Glorifique-o, descendência toda de Jacó! Tema-o, descendência toda de Israel!' Sim, porque ele não desprezou, não desdenhou a desgraça do pobre, nem lhe ocultou a sua face: quando gritou por socorro, ele o escutou. De ti vem o meu louvor na grande assembleia. Cumprirei meus votos na presença dos que o temem. Os pobres comerão e ficarão saciados, louvarão a Javé aqueles que o buscam: 'Que o coração de vocês viva para sempre!' Todos os confins da terra se lembrarão, e voltarão para Javé. Todas as famílias das nações se prostrarão na presença dele. Pois a realeza pertence a Javé, é ele quem governa as nações. Diante dele se prostrarão as cinzas da tumba, diante dele se curvarão os que descem ao pó. Javé me fará viver para ele, minha descendência o servirá, falará do Senhor para a geração futura, contará a justiça dele ao povo que vai nascer: tudo o que o Senhor realizou!" (255)

Na *Bíblia Shedd* foi que encontramos a

referência ao Salmo 22 de Davi, com o título de “*Deus ouve o clamor do pobre*”, conforme *Bíblia Sagrada - Pastoral*.

Mateus (20,17-19) e Marcos (10,32-34), quando relatam esse episódio, não estabelecem relação com nenhuma profecia. Entretanto em Oseias 6,1-2 encontramos o seguinte pensamento:

“Vinde, e tornemos para o Senhor, porque Ele despedaçou, e nos sarará, fez a ferida, e a ligará. Depois de dois dias nos dará a vida: ao terceiro dia nos ressuscitará, e viveremos diante dele.” ⁽²⁵⁶⁾

Vejamos o que encontramos na ***Bíblia Sagrada - Vozes*** e em ***A Bíblia Anotada***, a respeito dessa passagem:

a) Para caracterizar a superficial conversão de Israel, o profeta recorre a uma possível fórmula penitencial da época (cf. 1Rs 8,31-53; Jr 3,21-25; Sl 85) ⁽²⁵⁷⁾;

b) Depois de dois dias... terceiro dia. I.e., num curto espaço de tempo (veja Lc 13,32-33; 2Pe 3, 8) ⁽²⁵⁸⁾;

c) A expressão “depois de dois dias”, “no terceiro dia” (cf. Am 1,3: “por três crimes de

Damasco e por quatro”) designa breve lapso de tempo. Desde Tertuliano a tradição cristã aplicou este texto à ressurreição de Cristo no terceiro dia. Mas o NT não o cita jamais; neste contexto é lembrada a estada de Jonas no ventre do peixe (Jn 2,1 = Mt 12,40). Contudo é possível que a menção da ressurreição no terceiro dia “conforme as escrituras” (1Cor 15,4, cf. Lc. 24,16) do querigma primitivo e dos símbolos de fé se refira ao nosso texto interpretado de acordo com as regras exegéticas da época. ⁽²⁵⁹⁾

O que tomam como ressurreição, na verdade, é coisa bem diferente. Observe que até mesmo o significado da expressão “*depois de dois dias... terceiro dia*” diz respeito ao que ocorreria num curto espaço de tempo, não como uma ressurreição ao terceiro dia.

Mais claro isso fica quando pegamos outra versão dessa passagem de Oseias:

“Vinde, e tornemos para o Senhor, porque ele nos despedaçou, e nos sarará; fez a ferida, e ligará. Depois de dois dias nos revigorará; ao terceiro dia levantará, e viveremos diante dele.” ⁽²⁶⁰⁾

Aqui percebemos, nitidamente, não se tratar

de ressurreição, mas de levantar alguém que, após vários castigos, fica quase desfalecido, é revigorado por Deus, num curto espaço de tempo.

O exegeta Geza Vermes, em **Ressurreição: História e Mito** (2008), afirma o seguinte:

[...] É preciso concluir que **as predições de Jesus sobre sua morte e ressurreição e sua referência a profecias bíblicas sobre seu sofrimento e glorificação são inautênticas.** [...]. ⁽²⁶¹⁾

Observar a clareza da afirmação de Geza Vermes: as profecias bíblicas são inautênticas.

27) Lucas 24,25-27: *“Então Jesus disse a eles: ‘Como vocês costumam para entender, e como demoram para acreditar em tudo o que os profetas falaram! Será que o Messias não devia sofrer tudo isso, para entrar na sua glória?’ 27 Então, começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele.”*

Profecias: **Gênesis 3,15:** *“Eu porei inimizade entre você e a mulher, entre a descendência de você e os descendentes*

dela. Estes vão lhe esmagar a cabeça, e você ferirá o calcanhar deles”; **Deuteronômio 18,15**: “Javé seu Deus fará surgir, dentre seus irmãos, um profeta como eu em seu meio, e vocês o ouvirão.”; **Isaías 7,14**: “Pois saibam que Javé lhes dará um sinal: A jovem concebeu e dará à luz um filho, e o chamará pelo nome de Emanuel.”; **Ezequiel 34,23**: “Pois saibam que Javé lhes dará um sinal: A jovem concebeu e dará à luz um filho, e o chamará pelo nome de Emanuel.” e **Miqueias 7,20**: “Conservarás a fidelidade para com Jacó e o amor para com Abraão, conforme juraste a nossos pais, desde os tempos antigos.” ⁽²⁶²⁾ (para o v. 27)

No início desse episódio, o autor de Lucas informa que Jesus apareceu a “dois discípulos [que] iam para **um povoado, chamado Emaús**, distante onze quilômetros de Jerusalém” (Lucas 24,13), entretanto, em Marcos é dito: “enquanto estavam **a caminho do campo**” (Marcos 16,12).

Na *Bíblia Shedd*, em nota, lemos: “**Emaús é desconhecida.**” ⁽²⁶³⁾. Para os tradutores da *Bíblia de Jerusalém* “A identificação deste povoado é **discutida.** [...]” ⁽²⁶⁴⁾ e de acordo com *A Bíblia Anotada* “Emaús: sua **localização é incerta,**

embora ficasse a menos de 11 quilômetros de Jerusalém.” (265)

E, finalmente, em **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 2** (1998), Russell N. Champlin, explica:

“...*Emaús*...”. Permanecem algumas dúvidas com respeito à localização exata e à identidade dessa aldeia, embora tenham sido esboçadas as seguintes opiniões:

1. Josefo alude à existência de uma cidade de Emaús, localizada acerca de sete quilômetros e meio de Jerusalém, e que teria sido selecionada por Vespasiano como local de uma colônia de soldados romanos, após o ano 70 D.C. (Ver *Guerras dos Judeus*, VII. 6.6).

2. Também tem sido identificada com a moderna *Qaloniyyeh*, à base da hipótese que este último nome é corruptela da palavra latina “colônia”.

3. No tempo dos Macabeus, a localidade de *Amwas*, que ficava acerca de vinte e quatro quilômetros distante de Jerusalém, na estrada para Jope, era conhecida pelo nome Emaús, posteriormente tendo recebido o nome de Nicópolis.

4. Também havia uma Emaús na Galileia, que se tornou famosa por causa de suas fontes termais e medicinais. (Ver Josefo,

Antiq. XVIII.2§3). Essa localidade estava situada acerca de pouco mais de quilômetro e meio de Tiberíades. É provável, no entanto, que a Emaús mencionada nesta passagem do evangelho de Lucas ficasse perto da área geral de Jerusalém. ⁽²⁶⁶⁾

Se Emaús existia àquela época, então teríamos um conflito nos relatos, pois, segundo entendemos, ir a um povoado é algo bem diferente de se dirigir ao campo.

As passagens Gênesis 3,15 e Deuteronômio 18,15, nada tem a ver com profecias. Em relação a Isaías 7,14, já comentamos.

Vejamos o que consta na ***Bíblia do Peregrino*** a respeito de Ezequiel:

34,23-24 Reconstituído o rebanho autêntico do Senhor, **chega o momento de nomear o novo pastor. Chamar-se-á Davi, como o primeiro**; não será um a mais na linha dinástica, mas sim, de algum modo, o definitivo. Será um só para todo o rebanho, sem divisão de reinos. **Levará o título de príncipe**, que remonta à época pré-monárquica; e também de “servo do Senhor”, como tantos ilustres colhidos. **Terá lugar especial na aliança renovada.** Deve-se

relacionar esses versículos com 1Sm 7; Is 9,1-6; Jr 23,5s; 30,9s; Os 3,5. Textos que na sua origem, ou em leitura posterior, tiveram sentido messiânico. ⁽²⁶⁷⁾

Trata-se, portanto, de acontecimento passado, quando Davi é ungido rei de Judá, não de uma profecia para o futuro.

Na **Bíblia Sagrada - Ave-Maria**, o trecho Miqueias 7,11-20, tem o título “Soerguimento”, cujos três primeiros versículo têm o seguinte teor:

“Aproxima-se o dia em que se reconstruirão os teus muros, aquele dia em que se ampliarão tuas fronteiras. Nesse dia virão a ti da Assíria e das cidades do Egito, desde o Egito até o rio, de um mar a outro, dum montanha a outra. A terra tornar-se-á um deserto, por causa de seus habitantes: tal será o fruto de suas obras.”
(Miqueias 7,11-13)

Veja, caro leitor, se o que ressaltamos desse trecho se relaciona à realidade daquela época ou se trata de predição para um futuro longínquo?

28) Lucas 24,44-48: *“Jesus disse: ‘São estas as palavras que eu lhes falei, quando ainda*

estava com vocês: é preciso que se cumpra tudo o que está escrito a meu respeito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos.’ Então Jesus abriu a mente deles para entenderem as Escrituras. E continuou: ‘Assim está escrito: ‘O Messias sofrerá e ressuscitará dos mortos no terceiro dia, e no seu nome serão anunciados a conversão e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém’. E vocês são testemunhas disso.’”

Profecias: a) **Gênesis 12,3**: “Abençoarei os que abençoarem você e amaldiçoarei aqueles que o amaldiçoarem. Em você, todas as famílias da terra serão abençoadas.”; **Isaías 49,6.22**: “Ele diz: ‘É muito pouco você tornar-se o meu servo, só para reerguer as tribos de Jacó, só para trazer de volta os sobreviventes de Israel. Faço de você uma luz para as nações, para que a minha salvação chegue até os confins da terra’. Assim diz o Senhor Javé: ‘Olhe! Com a mão eu faço um sinal para as nações, ergo a minha bandeira para os povos e, então, no colo e nos ombros eles trarão os filhos e as filhas que pertencem a você.’”; **Isaías 53,1-12**: “Quem acreditou em nossa mensagem? Para quem foi mostrado o braço de Javé? Ele cresceu como broto na presença de Javé, como raiz em terra seca. Ele não tinha aparência nem beleza para atrair o

nosso olhar, nem simpatia para que pudéssemos apreciá-lo. Desprezado e rejeitado pelos homens, homem do sofrimento e experimentado na dor; como indivíduo de quem a gente esconde o rosto, ele era desprezado e nem tomamos conhecimento dele. Todavia, eram as nossas doenças que ele carregava, eram as nossas dores que ele levava em suas costas. E nós achávamos que ele era um homem castigado, um homem ferido por Deus e humilhado. Mas ele estava sendo transpassado por causa de nossas revoltas, esmagado por nossos crimes. Caiu sobre ele o castigo que nos deixaria quites; e por suas feridas é que veio a cura para nós. Todos nós estávamos perdidos como ovelhas, cada qual se desviava pelo seu próprio caminho, e Javé fez cair sobre ele os crimes de todos nós. Foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; tal como cordeiro, ele foi levado para o matadouro; como ovelha muda diante do tosquiador, ele não abriu a boca. Foi preso, julgado injustamente; e quem se preocupou com a vida dele? Pois foi cortado da terra dos vivos e ferido de morte por causa da revolta do meu povo. A sepultura dele foi colocada junto com a dos ímpios, e seu túmulo junto com o dos ricos, embora nunca tivesse cometido injustiça e nunca a mentira estivesse em sua boca. No

entanto, Javé queria esmagá-lo com o sofrimento: se ele entrega a sua vida em reparação pelos pecados, então conhecerá os seus descendentes, prolongará a sua existência e, por meio dele, o projeto de Javé triunfará. Pelas amarguras suportadas, ele verá a luz e ficará saciado. Pelo seu conhecimento, o meu servo justo devolverá a muitos a verdadeira justiça, pois carregou o crime deles. Por isso eu lhe darei multidões como propriedade, e com os poderosos repartirá o despojo: porque entregou seu pescoço à morte e foi contado entre os pecadores, ele carregou os pecados de muitos e intercedeu pelos pecadores.”;

Daniel 9,22-24: “Ele chegou e falou comigo: ‘Daniel, eu vim dar-lhe uma explicação. Quando você começou a sua súplica, foi pronunciada uma sentença e eu vim lhe contar, porque você é querido. Preste atenção na mensagem e compreenda a visão: setenta semanas foram determinadas para o seu povo e sua cidade santa, para fazer cessar a transgressão, selar o pecado, expiar o crime, para trazer uma justiça perene, até se realizarem a visão e a profecia e ser ungido o lugar santíssimo.’”;

Oseias 6,2: “Em dois dias ele nos fará reviver, e no terceiro dia nos fará levantar, e passaremos a viver na sua presença.”;

e **Miqueias 4,12:** “Nos últimos

dias, acontecerá que o monte da casa de Javé ficará firme no topo das montanhas e se elevará acima das colinas. Para lá correrão os povos e até lá irão numerosas nações, dizendo: ‘Vamos correndo para o monte de Javé, para o Templo do Deus de Jacó; aí aprenderemos seus caminhos, para seguirmos os seus rumos.’ Porque de Sião sairá a lei e de Jerusalém virá a palavra de Javé!’ ⁽²⁶⁸⁾; b) **Salmo 2; Salmo 16; Salmo 22; Salmo 69, Salmo 72 e Salmo 110** (v. 44) ⁽²⁶⁹⁾

Os onze discípulos estavam reunidos em Jerusalém, quando Jesus “se apresentou no meio deles” (Lucas 24,33-36), esse é o contexto dessa passagem de Lucas.

Mas é evidente o malabarismo teológico que usam para achar algo no Antigo Testamento para ligar a Jesus, até trecho de livros sabidamente sem caráter de profecia, Gênesis e Salmos, por exemplo, são mencionados. Quanto aos Salmos, acreditamos ser improdutivo transcrevê-los, apenas informaremos que três são de Davi (16, 22 e 110), um de Salomão (72) e, por fim, um cuja autoria não foi identificada (2).

As duas passagens de Isaías têm como origem um “profeta” anônimo, que utilizava a termo “servo” para designar o povo de Israel, nada além disso.

Para o trecho de Daniel, podemos trazer esta informação constante da **Bíblia de Jerusalém** para a expressão “setenta semanas”:

Trata-se de número perfeito de semanas de anos. O ponto de partida do cálculo **é a data da revelação feita a Jeremias**, cf. v. 25. O término visado é a **restauração de Jerusalém e a volta dos exilados**, que 2Cr 36,22-23 (=Esd 1,1-2) **vê realizados pelo decreto libertador de Ciro em 538.** ⁽²⁷⁰⁾

Nada mais que um fato ocorrido com o povo hebreu, sem a menor possibilidade de aplicá-lo a Jesus. Dogmatismo, não!

Apesar de Lucas 24,44-48 ser mais uma narrativa na qual claramente se vê que ajustam várias supostas profecias, poderemos colocar os argumentos da passagem anterior, já que aqui também é dito sobre ressuscitar ao terceiro dia.

Por tudo o que estamos vendo até aqui, já não temos mais nenhuma certeza de que Jesus tenha

realmente dito qualquer palavra sobre alguma profecia a seu respeito, o que nos leva a supor que, simplesmente, foram utilizadas palavras adequadas, às conveniências dos “donos” da religião, ou às dos tradutores, atribuindo-as ao Mestre.

Aliás, o grupo de especialistas designado de *The Jesus Seminar* ⁽²⁷¹⁾, criado com o objetivo de estudar os Evangelhos, concluiu que somente 16% do que atribuem a Jesus é provável que tenha realmente falado.

d) Evangelho Segundo João

29) João 1,43-45: *“No dia seguinte, Jesus decidiu partir para a Galileia. Encontrou Filipe e disse: ‘Siga-me.’ Filipe era de Betsaida, cidade de André e Pedro. Filipe se encontrou com Natanael e disse: ‘Encontramos aquele de quem Moisés escreveu na Lei e também os profetas: é Jesus de Nazaré, o filho de José.’”*

Profecias: **Gênesis 3,15:** *“Eu porei inimizade entre você e a mulher, entre a descendência de você e os descendentes dela. Estes vão lhe esmagar a cabeça, e você ferirá o calcanhar deles.”*; **Isaías 4,2:**

“Nesse dia, o que Javé fizer brotar será honra e glória, fruto da terra, motivo de orgulho e esplendor para os sobreviventes de Israel.” e Zacarias 6,12: “Nesse dia, o que Javé fizer brotar será honra e glória, fruto da terra, motivo de orgulho e esplendor para os sobreviventes de Israel.” (272)

As passagens citadas como profecias nada têm a ver com o teor de João 1,43-45. É contorcionismo dos teólogos para relacionar Jesus com o Antigo Testamento, porém sem nenhuma base lógica elas caem por si mesmas.

30) João 5,39-40: *“Vocês vivem estudando as Escrituras, pensando que vão encontrar nelas a vida eterna. No entanto, as Escrituras dão testemunho de mim. Mas vocês não querem vir a mim para terem a vida eterna.”*

Profecias: Deuteronômio 18,15: “Javé seu Deus fará surgir, dentre seus irmãos, um profeta como eu em seu meio, e vocês o ouvirão.” e Isaías 8,20: “Comparem com a instrução e o atestado: se o que disserem não estiver de acordo com o que aí está, então não haverá aurora para eles.”

As referências das profecias constam da *Bíblia*

Shedd. A passagem Deuteronômio 18,15 é também citada com relação a João 5,46, Atos 3,17-24 e Atos 7,37-39.

Se tivermos a preocupação de ler todo o contexto de Deuteronômio 18, iniciando, para uma completa elucidação, a partir do versículo nove, indo até o final desse capítulo, veremos que não se trata de um profeta em particular. Informação que podemos confirmar pela nota constante da **Bíblia Sagrada - Ave-Maria:**

Um profeta: esse texto **anuncia a vinda, não de uma determinada pessoa, mas de uma série de profetas**, que falavam, como Moisés, sob o impulso da inspiração. ⁽²⁷³⁾

E, para dirimir quaisquer dúvidas, podemos colocar o final desse texto bíblico:

*“Foi o que você me pediu a Javé seu Deus, no Horeb, no dia da assembleia: 'Não quero continuar ouvindo a voz de Javé meu Deus, nem quero ver mais este fogo terrível, para não morrer'. Javé me disse: 'Eles têm razão: **Do meio dos irmãos deles, eu farei surgir para eles um profeta como você.** Vou colocar minhas palavras em sua boca, e ele*

dirá para eles tudo o que eu lhe mandar. Se alguém não ouvir as minhas palavras, que esse profeta pronunciar em meu nome, eu mesmo pedirei contas a essa pessoa. Contudo, se o profeta tiver a ousadia de dizer em meu nome alguma coisa que eu não tenha mandado, ou se ele falar em nome de outros deuses, tal profeta deverá ser morto'. Talvez você se pergunte: 'Como vamos distinguir se uma palavra não é palavra de Javé?' Se o profeta falar em nome de Javé, mas a palavra não se cumpre e não se realiza, trata-se então de uma palavra que Javé não disse. Tal profeta falou com presunção. Não tenha medo dele." (Deuteronômio 18,16-22)

Assim, não há que se falar em um profeta específico, já que aqui se trata de como distinguir quem é um verdadeiro profeta. Portanto, valendo para todos os profetas posteriores a Moisés, mas não se aplica a uma profecia sobre a vinda de Jesus. Caso se aplicasse a Jesus, a ameaça o atingiria. O que aqui se trata é algo relativo a eles, ou seja, aos daquela época, aos quais Deus já havia avisado que Moisés morreria antes de chegarem à Terra Prometida (Números 27,12-14).

Moisés tinha consciência disso (Deuteronômio

4,22) e, de fato, morreu como anunciado (Deuteronômio 34,5-8). Nessa passagem (Deuteronômio 18), Deus promete alguém para substituí-lo, seria uma pessoa que surgiria “do meio dos irmãos deles”; portanto, não se refere a uma profecia futura, mas relacionada a um evento próximo, logo após a morte de Moisés, para que não ficassem sem um profeta, que, para eles, era quem lhes trazia a vontade de Deus.

O substituto de Moisés foi Josué, seu auxiliar (Deuteronômio 34,9), através do qual Deus passaria a falar ao povo. Josué, que entra na lista dos profetas de Israel como “profetas anteriores”, é o primeiro que aparece, após a morte de Moisés; portanto, só pode ser ele o profeta prometido para substituí-lo.

Quanto à promessa de Deus a Moisés de surgir um “profeta como eu”, ela nos pareceu estranha diante desta passagem:

“Em Israel nunca mais surgiu outro profeta como Moisés, a quem Javé conhecia face a face. Ninguém o igualou em todos os sinais e prodígios que Javé o mandou realizar no Egito contra o Faraó, contra toda a sua corte e contra sua terra. Ninguém se igualou a

Moisés na mão forte e em todos os feitos grandiosos e terríveis que ele realizou aos olhos de todo o Israel.” (Deuteronômio 10-12).

Se tomarmos o caminho da lógica, na frase “nunca mais surgiu outro profeta como Moisés” a palavra “nunca” deve ser entendida como “até hoje”, ou seja, até a época a que o livro Deuteronômio se refere.

Aliás, como já o dissemos alhures, uma profecia só tem algum sentido se o cumprimento dela ocorrer durante o período em que ainda vivem as pessoas às quais ela foi proferida.

Vamos supor, que nós resolvamos doar a um nosso dedicado funcionário uma potente “Ferrari” zero km (²⁷⁴) para que a use todos os dias para ir trabalhar. Mas, os afazeres do dia a dia nos leva a esquecermos disso, e cerca de 20 anos depois ele morre. Então, ao pé do túmulo, onde seu corpo seria depositado, nos lembramos da promessa feita a ele e, resolvemos doar a essa “máquina voadora” a um de seus netos.



Ferrari 296 GT3

Ora, isso é totalmente fora de propósito, pois a nossa intenção era proporcionar uma maior comodidade a ele e não a seu neto. É dentro dessa lógica que não vemos sentido algum em promessas que se cumprirão séculos, ou até milênio depois.

Ademais, se Moisés fala em “*um profeta como eu*”, isso equivale a dizer que seria um profeta igual a ele; entretanto, na Bíblia temos o reconhecimento de que Jesus é superior a Moisés. Quem duvidar é só conferir em Hebreus 3,1-6.

Diante de tudo quanto estamos vendo, a expressão “*as Escrituras dão testemunho de mim*” possivelmente foi “colocada” na boca de Jesus por seus seguidores na intenção deliberada de ligá-lo à tradição sobre a expectativa da vinda do Messias, que os libertaria do jugo estrangeiro.

Em relação a Isaías 8,20, na *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, lemos: “*Versículo do texto corrompido, que não se sabe como traduzir nem a que relacionar.*” ⁽²⁷⁵⁾ Acreditamos não ser necessário acrescentar alguma coisa a mais.

31) João 7,40-44: “*Ouvindo essas palavras,*

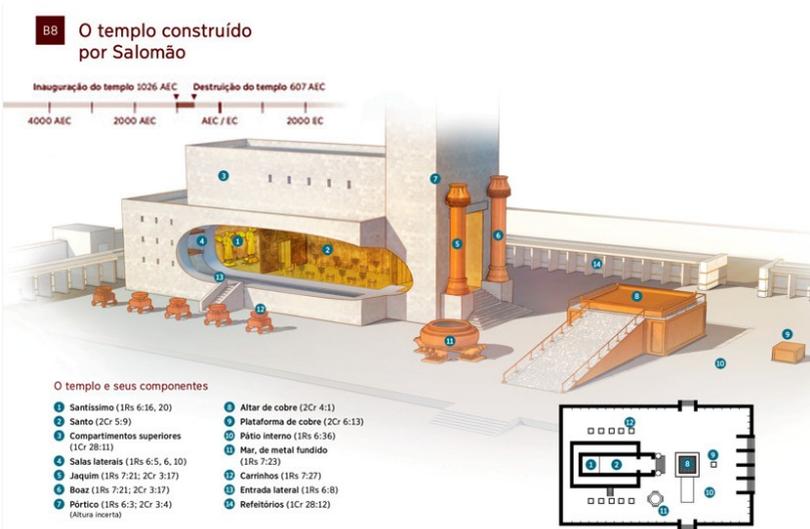
alguns diziam no meio da multidão: 'De fato, este homem é mesmo o Profeta!' Outros diziam: 'Ele é o Messias.' Outros ainda afirmavam: 'Mas o Messias virá da Galileia? A Escritura não diz que o Messias será da descendência de Davi e que virá de Belém, povoado de onde era Davi?' Por isso, houve uma divisão no meio do povo por causa de Jesus. Alguns queriam prendê-lo, mas ninguém pôs as mãos em cima dele."

Profecia: **2 Samuel 7,8-16** ⁽²⁷⁶⁾: "Portanto, diga ao meu servo Davi: Assim diz Javé dos exércitos: Eu tirei você do pastoreio, onde você cuidava das ovelhas, para fazê-lo chefe do meu povo Israel. [...] eu darei a você um grande nome, como o nome dos grandes da terra. [...] Eu livrarei você de todos os seus inimigos. Javé informa que vai fundar uma dinastia para você. E quando esgotar seus dias e você repousar junto a seus antepassados, eu exaltarei a sua descendência depois de você, aquele que vai sair de você. E firmarei a realeza dele. Ele é que vai construir uma casa para o meu nome. E eu estabalecerei o trono real dele para sempre. Serei para ele um pai e ele será um filho para mim. [...] A dinastia e a realeza dele permanecerão firmes para sempre diante de mim; e o seu trono será sólido para sempre."

A quem se refere o profeta Samuel, senão a Salomão, filho de Davi? E o *“firmarei a realeza dele”*, essa predição se cumpriu quando Salomão se tornou o terceiro Rei de Israel, governando esse povo por cerca de quarenta anos ⁽²⁷⁷⁾.

Salomão, que reinou sobre Israel de c. 970 a.C. - 931 a.C., foi quem cumpriu o *“vai construir uma casa para o meu nome”*, quando, entre 967 e 964 a.C. ⁽²⁷⁸⁾, edificou o primeiro Templo de Jerusalém, destruído em 586 a.C. por Nabucodonosor, o Grande, o mais poderoso rei do império babilônico.

Para ilustrar, conseguimos encontrar esta imagem que ilustra o templo construído pelo rei Salomão ⁽²⁷⁹⁾.



Lembramos que o versículo João 7,42, em que lemos: *“A Escritura não diz que o Messias será da descendência de Davi e que **virá de Belém, povoado de onde era Davi?**”*, que sempre referenciam a Miqueias 5,2. Como já dissemos, é a prova bíblica de que Jesus não nasceu em Belém, mas sim em Nazaré.

32) João 12,37-41: *“Embora tivesse feito tantos milagres na presença deles, não acreditavam nele. Assim se cumpria o oráculo do profeta Isaías: Senhor, quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor (Is 53,1)? Aliás, não podiam*

crer, porque outra vez disse Isaías: Ele cegou-lhes os olhos, endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos nem entendam com o coração e se convertam e eu os sare (Is 6,10). Assim se exprimiu Isaías, quando teve a visão de sua glória e dele falou.” (texto Bíblia Sagrada - Ave-Maria)

Profecias: **Isaías 53,1**: “*Quem acreditou em nossa mensagem? Para quem foi mostrado o braço de Javé?*” e **Isaías 6,10**: “*Torne insensível o coração desse povo, ensurdeça os seus ouvidos, cegue seus olhos, para que ele não veja com os olhos nem ouça com os ouvidos, nem compreenda com o seu coração, nem se converta, de modo que eu não o perdoe.*”

Esta passagem é parecida com Mateus 13,13-15, cuja citação da profecia de Isaías é a mesma (6,10), que comentamos mais no início deste estudo. Quanto ao capítulo 53, de Isaías já falamos anteriormente.

33) João 15,23-25: “*Quem me odeia, odeia também a meu Pai. Se eu não tivesse feito no meio deles obras como nenhum outro fez, eles não seriam culpados de pecado. Mas eles viram o que eu fiz, e apesar disso*

odiaram a mim e a meu Pai. Desse modo se realiza o que está escrito na Lei deles: 'Odiaram-me sem motivo'."

Profecias: **Salmo 35,19**: *"Que não se alegrem à minha custa meus inimigos traidores. Que não pisquem os olhos aqueles que me odeiam sem motivo!"* e **Salmo 69,5**: *"Mais que os cabelos da minha cabeça, são os que me odeiam sem motivo. Mais duros que meus ossos, são os que injustamente me atacam. Deveria eu devolver aquilo que não roubei?"*

Existe aqui uma coisa que não condiz com a realidade. Trata-se da expressão *"está escrito na Lei"*, atribuída a Jesus, pois o correto não seria *"na Lei"*, já que, naquele tempo, a palavra *"Lei"* significava a Torá - o Pentateuco de Moisés -, e as profecias citadas não se encontram nela, mas nos Salmos, que faziam parte daquilo que os judeus chamavam de *Ketuvim* ou Escritos ⁽²⁸⁰⁾.

Com referência ao Salmo 35, encontramos em

A Bíblia Anotada:

Neste salmo imprecatório, Davi pede ao Senhor que o livre e traga destruição sobre seus inimigos (vv. 1-10), lamenta o

ódio não justificado de seus inimigos contra ele (vv.11-16) e volta a solicitar a Deus livramento e justiça (vv. 17-28). **É provável que tenha sido escrito numa época em que Davi estava sendo perseguido por Saul**, sendo, em certo sentido, um desenvolvimento de 1Sm 24:15. A impressão não é contra o próprio Saul (pois Davi poupou sua vida), mas contra aqueles que fomentavam o ciúme doentio que Saul sentia de Davi. ⁽²⁸¹⁾

É um fato presente vivido por Davi, não uma previsão para uma ocorrência futura.

Com o Salmo 69, isso não é diferente; senão vejamos o que consta em ***A Bíblia Anotada***:

Este lamento pode ser esboçado da seguinte maneira: **o desespero de Davi durante a perseguição** (vv. 1-12), seu desejo de punição (para seus inimigos) (vv. 13-28), e sua declaração de louvor (vv. 29-36). ⁽²⁸²⁾

Portanto, nenhuma das duas citações é realmente profecia, já que ambas se referem a situações momentâneas, não para o futuro.

34) João 19,28-30: *“Depois disso, sabendo*

que tudo estava realizado, para que se cumprisse a Escritura, Jesus disse: 'Tenho sede'. Havia aí uma jarra cheia de vinagre. Amarraram uma esponja ensopada de vinagre numa vara, e aproximaram a esponja da boca de Jesus. Ele tomou o vinagre e disse: 'Tudo está realizado'. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito."

Profecia: **Salmo 68,22**: "Como alimento me deram fel, e na minha sede me deram vinagre."

Em *A Bíblia Anotada*, como vimos no item 31, explica o Salmo 68 (69) dizendo tratar-se de fatos acontecidos com Davi, dos quais ele reclama, portanto, não se pode tê-lo como se fosse profecia a respeito de Jesus. É puro "delírio", para rimar com o título desse Salmo: *Os Lírios*.

Na ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, v. 14-22, dizem:

Nada podendo fazer, e não tendo ninguém que o defenda, **o salmista recorre a Deus numa espécie de desafio**: que ele dê provas de seu amor e fidelidade. Do v. 22 há alusão em Mateus 27,34.48. ⁽²⁸³⁾

Admite-se, portanto, tratar-se de algo relacionado ao salmista. Quanto a alusão em Mateus 27,48, acrescentamos que também em Marcos 15,36 e Lucas 23,36 se fala do oferecimento de vinagre a Jesus; porém, em nenhum dos três é relatado que ele tenha dito “Tenho Sede” e, muito menos, que isso teria acontecido para o cumprimento de alguma profecia; dessa forma, João está nisso sozinho “da silva”. Acredite nele quem quiser!

35) João 19,33-37: *“E se aproximaram de Jesus. Vendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas, mas um soldado lhe atravessou o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água. E aquele que viu, dá testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro. E ele sabe que diz a verdade, para que também vocês acreditem. Aconteceu isso para se cumprir a Escritura que diz: ‘Não quebraram nenhum osso dele.’ E outra passagem que diz: ‘Olharão para aquele que transpassaram.’”*

Profecias: **Êxodo 12,46:** *“Cada cordeiro deverá ser comido dentro de uma casa; e nenhum pedaço de carne deverá ser levado para fora; e dele não se deverá quebrar nenhum osso.”*; **Salmo 34,21:** *“Javé protege*

*os ossos do justo: nenhum deles será quebrado.” e **Zacarias 12,10**: “[...] Quanto àquele que transpassaram, chorarão por ele como se chora pelo filho único; vão chorá-lo amargamente, como se chora por um primogênito.”*

É incrível, como buscam relacionar determinadas passagens como sendo proféticas, repetimos, quando a realidade é bem outra, ou seja, são fatos do dia a dia e não predição relacionada a algum evento futuro. E mesmo quando relacionada ao futuro, ele estava próximo, não longínquo.

Vejamos, pela enésima vez, mais um exemplo, a passagem Êxodo 12,46. Nós não podemos pegá-lo isolado do seu contexto, pois, agindo assim, desvirtuaremos sua interpretação ou até mesmo “forçando a barra”, para que esse fato se amolde ao que queremos. Portanto, vamos iniciar a partir do versículo 43:

Êxodo 12,43-45: *“Javé disse a Moisés e Aarão: ‘Assim será **o ritual da Páscoa: nenhum estrangeiro comerá dela**. Os escravos que você tiver comprado por dinheiro, poderão comer dela se forem circuncidados. Quem estiver de passagem e os mercenários não*

comerão dela.'”

Agora, sim, é que se segue o versículo 46, já citado.

Como se vê nessa passagem, trata-se de determinações de Deus a respeito de como os judeus deveriam celebrar a Páscoa, com instruções bem específicas a respeito dos cordeiros, que deveriam ser mortos para serem comidos durante a celebração. É em relação a esses cordeiros, que Deus determina que nenhum dos ossos deveria ser quebrado. Fora disso, podemos concluir que são apenas conjecturas pessoais: dos teólogos, dos autores bíblicos, ou dos tradutores.

Quanto ao Salmo 34,21, é uma oração de agradecimento que Davi faz a Deus, por ter ficado livre de Abimelec, que o perseguia, e para se livrar dele Davi, fingiu-se de louco. A respeito dos vv. 12-23, na ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, explicam:

Grande catequese, centrada no temor de Javé. Trata-se de reconhecer que Deus é Deus, e que o homem não é Deus. Em seguida, é preciso empenhar a própria vida na luta pela verdade e justiça, para que todos

possam viver dignamente. Essa é a luta que constrói a paz. Nessa luta Javé toma partido dos justos, ouvindo o seu clamor, libertando-os e protegendo-os. Por outro lado, **Javé se posiciona contra os injustos, que são destruídos pelo próprio mal que produzem.** ⁽²⁸⁴⁾

O que demonstra se tratar de algo relacionado ao próprio salmista Davi.

E em relação a Zacarias 12,10, na **Bíblia Sagrada - Pastoral**, encontramos a seguinte explicação para os versículos de 12,9 a 13,1:

O primeiro ato exigido para a reunificação é reconhecer Javé como único Absoluto (olharão para mim). Em seguida, reconhecer os pecados da idolatria cometidos. **O “transpassado”, aqui, designa o próprio povo que, por seus pecados, sofreu a punição do exílio.** ⁽²⁸⁵⁾

Ficando, portanto, claro que “*transpassado*” é o próprio povo e não uma profecia a respeito de Jesus, fato que já concluímos anteriormente em análise de outra passagem.

e) Atos dos Apóstolos

36) Atos 2,22-31: *“Homens de Israel, escutem estas palavras: Jesus de Nazaré foi um homem que Deus confirmou entre vocês, realizando por meio dele os milagres, prodígios e sinais que vocês bem conhecem. E Deus, com sua vontade e presciência, permitiu que Jesus lhes fosse entregue, e vocês, através de ímpios, o mataram, pregando-o numa cruz. Deus, porém, ressuscitou Jesus, libertando-o das cadeias da morte, porque não era possível que ela o dominasse. De fato, Davi assim falou a respeito de Jesus: ‘Eu via sempre o Senhor diante de mim, porque ele está à minha direita, para que eu não vacile. Por isso, meu coração se alegra, minha língua exulta e minha carne repousa com esperança. Porque não me abandonarás na região dos mortos, nem permitirás que o teu santo conheça a corrupção. Tu me ensinaste os caminhos da vida, e me encherás de alegria na tua presença’. Irmãos, quanto ao patriarca Davi, permitam que eu lhes diga com franqueza: ele morreu, foi sepultado e seu túmulo está entre nós até hoje. Mas, ele era profeta, e sabia que Deus lhe havia jurado solenemente fazer com que um descendente seu lhe sucedesse no trono. Por isso, previu a ressurreição de Cristo e falou: ‘ele não foi abandonado na região dos mortos, e a sua*

carne não conheceu a corrupção’.”

Profecia: **Salmo 15,8-11**: *“Tenho Javé à minha frente sem cessar. Com ele à minha direita, jamais vacilarei. Por isso meu coração se alegra, minhas entranhas exultam, e minha carne repousa em segurança; porque não me abandonarás no túmulo, nem deixarás o teu fiel ver a sepultura. Tu me ensinarás o caminho da vida, cheio de alegria em tua presença, e de delícias à tua direita, para sempre.”*

Em momento algum Davi previu qualquer coisa relacionada a Jesus; em todos os seus salmos, só encontramos expressões que relatam a sua experiência pessoal; ir além disso é tergiversar.

Na ***Bíblia Sagrada - Vozes***, explicam o salmo:

Salmo de confiança, em termos de profissão de fé de quem encontra sua felicidade em viver em união com Deus, por ser ele a fonte única de todo o bem. Daí a simpatia por todos os que são fiéis a seu Deus e a aversão a todos os que se entregam à idolatria. Os ídolos, longe de proporcionarem a felicidade a seus seguidores, são ocasião de grave perversão moral, de práticas cruéis e desumanas. ○

salmista, porém, se sente privilegiado pela graça divina que garante o seu bem-estar e sua felicidade. Por sua adesão incondicional a Deus durante toda a vida, ele espera que esta intimidade espiritual se perpetue além da morte. ⁽²⁸⁶⁾

Nessa explicação fica clara a questão de ser experiência pessoal de Davi e não uma profecia.

Vejamos esta nota constante de **A Bíblia Anotada**:

[...] A linguagem aqui utilizada (denominada típico-profeticamente messiânica) **refere-se inicialmente à experiência do próprio salmista**, mas tem seu cumprimento definitivo exclusivamente em Jesus Cristo (veja também Salmo 22:11-18). Assim **a linguagem hiperbólica de Davi no tocante ao seu livramento da morte, ou mais provavelmente quanto à sua futura ressurreição**, tem pleno cumprimento literal na libertação que Cristo experimentou da morte através da ressurreição, pois somente Cristo não experimentou a corrupção. ⁽²⁸⁷⁾

Embora se reconheça que se trata da experiência de Davi, ainda sim querem atribuí-la como uma predição para o futuro, ligando-a a Jesus.

37) Atos 3,10-24: *“Reconheceram ser o mesmo coxo que se sentava para mendigar à porta Formosa do templo, e encheram-se de espanto e pasmo pelo que lhe tinha acontecido. Como ele se conservava perto de Pedro João, uma multidão de curiosos afluíu a no pórtico chamado Salomão. À vista disso, falou Pedro ao povo: ‘Homens de Israel, por que vos admirais assim? Ou que fitais os olhos em nós, como se por nossa própria virtude ou piedade tivéssemos feito este homem andar? O Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó, Deus de nossos pais glorificou seu servo Jesus, que vós entregastes e negastes perante Pilatos, quando este resolvera soltá-lo. Mas vós renegastes o Santo e o Justo e pedistes que se vos desse um homicida. Matastes o Príncipe da vida, mas Deus o ressuscitou dentre os mortos: disso nós somos testemunhas. Em virtude da fé em seu nome foi que esse mesmo nome consolidou este homem, que vedes e conheceis. Foi a fé em Jesus que lhe deu essa cura perfeita, à vista de todos vós. Agora, irmãos, sei que o fizestes por ignorância, como também os vossos chefes. Deus, porém, assim cumpriu o que já antes anunciaria pela boca de todos os profetas: que o seu Cristo devia padecer. Arrependei-vos, portanto, e convertei-vos para serem apagados os vossos pecados. Virão, assim, da parte do Senhor os tempos de*

refrigério, e ele enviará aquele que vos é destinado: Cristo Jesus. É necessário, porém, que o céu o receba até os tempos da restauração universal, da qual falou Deus outrora pela boca dos seus santos profetas. Já dissera Moisés: O Senhor, nosso Deus, vos suscitará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim: a este ouvireis em tudo o que ele vos disser. Todo aquele que não ouvir esse profeta será exterminado do meio do povo (Dt 18,15.19). Todos os profetas, que têm falado sucessivamente desde Samuel, anunciaram estes dias.” (texto da Bíblia Sagrada - Ave-Maria)

Profecias: 1ª) Sobre o padecimento de Jesus: não especificada; 2ª) **Deuteronômio 18,15.19**: “Javé seu Deus fará surgir, dentre seus irmãos, um profeta como eu em seu meio, e vocês o ouvirão. Se alguém não ouvir as minhas palavras, que esse profeta pronunciar em meu nome, eu mesmo pedirei contas a essa pessoa.”

Como vimos, Deuteronômio 18,15 não diz sobre um profeta em particular (²⁸⁸), o mais certo é sobre alguém que substituiria Moisés, uma vez que já havia sido prevista a sua morte (Números 27,12-14).

38) Atos 8,30-35: *“Filipe correu, ouviu o eunuco ler o profeta Isaías, e perguntou: ‘Você entende o que está lendo?’ O eunuco respondeu: ‘Como posso entender, se ninguém me explica?’ Então convidou Filipe a subir e sentar-se junto a ele. A passagem da Escritura que o eunuco estava lendo era esta: ‘Ele foi levado como ovelha ao matadouro. E como um cordeiro perante o seu tosquiador, ele ficava mudo e não abria a boca. Eles o humilharam e lhe negaram a justiça. Quem poderá contar seus seguidores? Porque eles o arrancaram da terra dos vivos’. Então o eunuco disse a Filipe: ‘Por favor, me explique: de quem o profeta está dizendo isso? Ele fala de si mesmo, ou se refere a outra pessoa?’ Então Filipe foi explicando. E, tomando essa passagem da Escritura como ponto de partida anunciou Jesus ao eunuco.”*

Profecia: **Isaías 53,7-12**: *“Foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; tal como cordeiro, ele foi levado para o matadouro; como ovelha muda diante do tosquiador, ele não abriu a boca. Foi preso, julgado injustamente; e quem se preocupou com a vida dele? Pois foi cortado da terra dos vivos e ferido de morte por causa da revolta do meu povo. A sepultura dele foi colocada junto com a dos ímpios, e seu túmulo junto*

com o dos ricos, embora nunca tivesse cometido injustiça e nunca a mentira estivesse em sua boca. No entanto, Javé queria esmagá-lo com o sofrimento: se ele entrega a sua vida em reparação pelos pecados então conhecerá os seus descendentes, prolongará a sua existência e, por meio dele, o projeto de Javé triunfará. Pelas amarguras suportadas, ele verá a luz e ficará saciado. Pelo seu conhecimento, o meu servo justo devolverá a muitos a verdadeira justiça, pois carregou o crime deles. Por isso eu lhe darei multidões como propriedade, e com os poderosos repartirá o despojo: porque entregou seu pescoço à morte e foi contado entre os pecadores, ele carregou os pecados de muitos e intercedeu pelos pecadores.”

A respeito do capítulo 53 do livro de Isaías já fizemos anteriormente nossos comentários. Não o faremos novamente, para não nos tornarmos mais repetitivos do que o necessário.

39) *Atos 13,22-23: “Após depor Saul da realeza, Deus suscitou para eles o rei Davi, do qual prestou o seguinte testemunho: ‘Encontrei Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração; ele cumprirá todas as minhas vontades’. Conforme havia prometido, Deus*

fez surgir da descendência de Davi um Salvador para Israel, que é Jesus."

Profecia: **Isaías: 11,1-2**: *"Do tronco de Jessé sairá um ramo, um broto nascerá de suas raízes. Sobre ele pousará o espírito de Javé: espírito de sabedoria e inteligência, espírito de conselho e fortaleza, espírito de conhecimento e temor de Javé."* (v. 1 da Bíblia Shedd)

A explicação para Isaías 11,1-9, na **Bíblia Sagrada - Pastoral**, é a seguinte:

Isaías projeta para o reinado de Ezequias o ideal utópico de uma sociedade que chegou à realização plena (cf. 6,13; 7,14 e em nota 8,23b-9,6). Esse reinado se fundará no total espírito de Javé (sete dons), que fará surgir uma sociedade alicerçada na justiça, produzindo paz e harmonia. ⁽²⁸⁹⁾

Mais uma explicação pela qual se pode ver que não é referência a Jesus, mas a Ezequias, filho do rei Acáz. Mas, como, várias vezes dissemos, é notória a intenção de relacionar passagens do Antigo Testamento, erroneamente interpretadas como profecias relacionadas à de Jesus.

40) Atos 13,26-41: *“Irmãos, descendentes de Abraão e não-judeus que adoram a Deus, esta mensagem de salvação foi enviada para nós. Porque os habitantes de Jerusalém e seus chefes não reconheceram a Jesus e, ao condená-lo, cumpriram as profecias que são lidas aos sábados. Embora não encontrassem nenhum motivo para condenar Jesus à morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto. Depois de fazerem tudo o que a Escritura diz a respeito de Jesus, eles o tiraram da cruz e o puseram num túmulo. Mas Deus o ressuscitou dos mortos, e durante muitos dias ele apareceu àqueles que o acompanharam da Galileia para Jerusalém. Agora, eles são testemunhas de Jesus diante do povo. Nós anunciamos a vocês este Evangelho: a promessa que Deus fez aos antepassados, ele a cumpriu plenamente para nós, seus filhos, quando ressuscitou Jesus, como está escrito no segundo Salmo: ‘Você é o meu filho, eu hoje o gerei’. Deus ressuscitou Jesus dos mortos, para que nunca voltasse à corrupção. Isso, ele o disse desta maneira: ‘Cumprirei para vocês a promessa fiel que fiz a Davi’. Por isso diz também em outro lugar: ‘Não permitirás que teu fiel conheça a corrupção’. Ora, tendo cumprido a missão que Deus lhe dera para sua época, Davi morreu, foi para junto de seus pais e conheceu a corrupção. Mas aquele que Deus*

ressuscitou não conheceu a corrupção. Portanto, fiquem sabendo bem, irmãos, que por meio dele é anunciado a vocês o perdão dos pecados. E, por meio dele, todo aquele que acredita é justificado de todas as coisas de que vocês não puderam ser justificados pela Lei de Moisés. Portanto, tenham cuidado para que não aconteça a vocês o que os profetas disseram: 'Olhem, desprezadores, se admirem e desapareçam! Porque nos dias de vocês vou realizar uma coisa que vocês não acreditariam se lhes fosse contada!'

Profecias: **Salmo 2,7**: “Você é o meu filho, eu hoje o gerei.”; **Isaías 55,3**: “Cumprirei para vocês a promessa fiel que fiz a Davi”; **Salmo 15,10**: “Não permitirás que teu fiel conheça a corrupção.” (versículo já mencionado) e **Habacuc 1,5**: “Olhem, desprezadores, se admirem e desapareçam! Porque nos dias de vocês vou realizar uma coisa que vocês não acreditariam se lhes fosse contada!”

A respeito dos Salmos régios, na **Bíblia de Jerusalém**, explicam:

Há certo número de cânticos “régios” espalhados no Saltério e que pertencem a diversos gêneros literários. Há oráculos em favor do rei (Sl 2 e 110), orações pelo rei (Sl 20; 61; 72), uma ação de graças pelo rei (Sl

21), orações do rei (Sl 18; 28; 63; 101), um canto real de procissão (Sl 132), um hino régio (Sl 144). **Seriam poemas antigos, datando da época monárquica e refletindo a linguagem e o cerimonial da corte.** Teriam em vista um rei da época e os Sl 2; 72; 110 podem ter sido salmos de entronização. **O rei é chamado filho adotivo de Deus, seu reino será sem fim, seu poder se estenderá até os confins da terra; fará triunfar a paz e a justiça, será o salvador do povo.** Tais expressões podem parecer extravagantes, mas não vão além do que os povos vizinhos diziam de seu soberano e do que Israel esperava do seu. **Mas em Israel o rei recebe a unção,** que faz dele o vassalo de Iahweh e seu representante na terra. **Ele é o Ungido de Iahweh, em hebraico o “Messias”,** e esta relação religiosa estabelecida com Deus especifica a concepção israelita e a diferencia das do Egito ou da Mesopotâmia, não obstante o uso da fraseologia comum. O “messianismo régio”, que começa com a profecia de Natã (2 Sm 7), exprime-se nos comentários que dão sobre ela os Sl 89 e 132 e especialmente nos Sl 2; 72 e 110. Eles mantinham o povo na esperança das promessas feitas à dinastia de Davi. **Se se define o messianismo como a espera de rei futuro, de um último rei que haveria de trazer a salvação definitiva e que instauraria o reino de Deus sobre a terra, nenhum desses salmos seria**

propriamente “messiânico”. Mas alguns destes antigos cânticos régios, continuando a ser utilizados depois da queda da monarquia e sendo incorporados no Saltério, **talvez com retoques e adições, alimentaram a ideia de Messias individual, descendente de Davi.** Esta esperança estava viva entre os judeus às vésperas do começo da nossa era e os cristãos viram sua realização em Cristo (título que significa Ungido em grego, como Messias em hebraico). ⁽²⁹⁰⁾

Ora, isso também confirma o que dissemos anteriormente a respeito de que sempre esperavam um outro novo Messias, já que aquele que acreditavam ser naquele momento, não correspondia às expectativas que tinham a respeito de um messias libertador e que colocasse o povo judeu em supremacia sobre os demais povos, já que se julgavam como sendo o “povo eleito” de Deus.

Explicam-nos que a expressão “eu hoje te gerei. *É uma referência ao dia da coroação.*” ⁽²⁹¹⁾

Na *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, temos a informação de que Isaías 55 faz parte do contexto “o servo do Senhor” ⁽²⁹²⁾, que é o próprio povo de Israel.

Em relação ao trecho de Habacuc 1,2-2,4,

temos na ***Bíblia Sagrada - Pastoral***:

Habacuc se defronta com o problema da opressão e da violência: em nível tanto internacional como nacional, os fortes oprimem os fracos, e **Deus parece não resolver a questão.** Vários profetas explicavam a situação, mostrando que os inimigos exteriores eram instrumentos com que Deus castigava o pecado do povo. Habacuc rejeita essa explicação, mostrando que também os inimigos externos são opressores. Diante disso, em que situação fica o justo? ⁽²⁹³⁾

E, especificamente, quanto aos versículos 5-11, na ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, lemos:

Conforme alguns profetas anteriores, o invasor é o instrumento de Deus. **O texto descreve o exército de Nabucodonosor conquistando um povo,** e depois indo embora e deixando ruínas atrás de si. Seria essa uma intervenção de Deus? **O profeta nota que o instrumento acaba considerando a si mesmo um deus;** e isso é pior do que a injustiça que reinava antes. Essa resposta não satisfaz a Habacuc. ⁽²⁹⁴⁾

É situação da época em que viveu o profeta Habacuc, nada de previsão para acontecimentos

futuros, conforme o autor de Atos quer que seja.

41) Atos 18,24-28: *“Chegou a Éfeso um judeu chamado Apolo, natural de Alexandria. Era homem eloquente, instruído nas Escrituras. Fora instruído no Caminho do Senhor e, com muito entusiasmo, falava e ensinava com exatidão a respeito de Jesus, embora só conhecesse o batismo de João. Ele começou, então, a falar com muita convicção na sinagoga. [...] Graças à iniciativa divina, a presença de Apolo foi muito útil aos fiéis. De fato, ele rebatia vigorosamente aos judeus em público, demonstrando pelas Escrituras que Jesus é o Messias.”*

Profecia: não especificada.

Ao se afirmar que Apolo *“rebatia vigorosamente aos judeus em público, demonstrando pelas Escrituras que Jesus é o Messias”*, fazendo referência de forma genérica, é por não existir nada no Antigo Testamento (Escrituras) que especificamente diz isso, coisa que o público não versado em textos bíblicos não teria como se opor.

f) Romanos

42) Romanos 1,1-4: *“Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo e escolhido para anunciar o Evangelho de Deus, que por Deus foi prometido através dos seus profetas nas Santas Escrituras. Esse Evangelho se refere ao Filho de Deus que, como homem, foi descendente de Davi, e, segundo o Espírito Santo, foi constituído Filho de Deus com poder, através da ressurreição dos mortos: Jesus Cristo nosso Senhor.”*

Profecia: não especificada

Por mais que insistem em relacionar Jesus a profecias do Antigo Testamento, não conseguem convencer a nós, por tudo quanto temos levantado nessa pesquisa.

43) Romanos 10,9-11: *“Pois se você confessa com a sua boca que Jesus é o Senhor, e acredita com seu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, você será salvo. É acreditando de coração que se obtém a justiça, e é confessando com a boca que se chega à salvação. De fato, a Escritura diz: ‘Todo aquele que acredita nele, não será confundido.’”*

Profecia: **Isaías 28,14-16:** *“Escutem a palavra de Javé, homens arrogantes,*

governantes desse povo que está na cidade de Jerusalém. Vocês dizem: 'Fizemos aliança com a morte, com a morada dos mortos fizemos um acordo: quando o flagelo destruidor passar, não nos vai atingir, pois temos um abrigo na falsidade, nós nos escondemos debaixo da mentira.' Por isso, assim diz o Senhor Javé: Eu vou assentar no monte Sião uma pedra, pedra escolhida, angular, preciosa e bem firmada; quem nela confiar, não será abalado."

Lemos na **Bíblia Sagrada - Pastoral**, a seguinte explicação para Isaías 28,14-22, portanto, abrangendo o v. 16 citado:

Diante do perigo de uma invasão assíria, os israelitas fizeram aliança com o Egito (= "morte": os egípcios cultuavam o mundo dos mortos). **O profeta, porém, vê nessa aliança uma ilusão e uma farsa, pois um pacto com a falsidade não poderá dar segurança a ninguém.** Diante da insistência dos governantes em se apoiar no Egito, **Isaías compara a Assíria com o flagelo do destruidor**, que outrora passou e destruiu os egípcios, para proteger os hebreus (cf. Ex 12,13). Mas agora, **esse flagelo destruirá também os israelitas.** Somente apoiando-se em Deus e seguindo seu projeto, é que o povo encontrará forças para resistir às opressões. ⁽²⁹⁵⁾

Entendemos que, pelo contexto, a “profecia” de Isaías se aplicaria ao povo hebreu daquela época, e não numa época futura.

Em Jerusalém, no monte Sião, foi erguido o templo, que era considerado a morada de Deus (Salmo 75,3). Em Deuteronômio 32,4 diz-se que Deus é a rocha; assim, isso leva para não ser uma profecia a respeito de Jesus.

44) Romanos 11,26-27: *“Então, todo o Israel será salvo, como diz a Escritura: ‘De Sião sairá o libertador, ele vai tirar as impiedades de Jacó; essa será a minha aliança com eles, quando eu perdoar os seus pecados.’”*

Profecias: **Isaías 59,20-21:** *“Mas de Sião virá um redentor, a fim de agastar os crimes cometidos, contra Jacó - oráculo de Javé. Da minha parte, esta é a minha aliança com eles, diz Javé: O meu Espírito está sobre você, e as minhas palavras, que eu coloquei em sua boca, jamais se afastarão dela, nem da boca de seus filhos, nem da boca de seus netos, desde agora e para sempre, diz Javé.”* e **Isaías 27,9:** *“Pois é assim que a culpa de Jacó será apagada; será esse o fruto por ele se agastar do seu pecado, quando ele*

reduziu todas as pedras do altar a pedras de cal que se transformaram em pó, quando não mais erguer postes sagrados e altares de incenso.”

Na **Bíblia Sagrada - Vozes**, as explicações para o capítulo 59, versículos 1-21, são dadas da seguinte maneira:

Aqui temos uma espécie de liturgia penitencial (cf. Jl 1-2; Jr 36) onde os temas do pecado e seu castigo se sucedem e alternam. Na situação difícil dos primeiros decênios do pós-exílio o povo tem a impressão que a Deus falta poder e vontade para trazer tempos melhores (v. 1). Mas como em 50,1-2 também aqui **o profeta responde que a salvação demora por causa dos pecados do povo contra Deus e contra o próximo.** ⁽²⁹⁶⁾

A explicação é suficiente para se chegar à conclusão de que não se trata de uma profecia, mas de liturgia penitencial. E, novamente, a título de curiosidade, temos a informação de que o versículo 21 é *“prosaico e obscuro, parece um acréscimo”* ⁽²⁹⁷⁾. Será preciso dizer mais alguma coisa?

Na **Bíblia Sagrada - Pastoral** e **Bíblia de**

Jerusalém, encontramos, respectivamente, explicações semelhantes para a passagem Isaías 27,6-9:

Deus corrige os erros do seu povo, e muito mais os erros de seus inimigos, pois seu povo conhece seu projeto, enquanto os inimigos o desconhecem. Todavia, se a comunidade abandona os ídolos, Deus lhe envia o perdão e a renovação da vida. (298)

A interpretação deste passo é embaraçada pela aparente desordem e pelo estado corrompido do texto. Parece que os vv. 7-8.10-11 dizem respeito ao castigo dos opressores de Israel, identificados com a “cidade fortificada” deste apocalipse (v. 10) Os vv. 6 e 9, que são uma promessa a Israel, cuja iniquidade está sendo expiada, poderiam estar preparando o oráculo de 12-13. (299)

Donde podemos concluir que, também aqui, nada há de se referir a uma profecia.

45) Romanos 15,3-4: *“Cristo não procurou agradar a si mesmo; ao contrário, como diz a Escritura: ‘Os insultos daqueles que te insultam caíram sobre mim’. Ora, tudo isso que foi escrito antes de nós foi escrito para a*

nossa instrução, para que, em virtude da perseverança e consolação que as Escrituras nos dão, conservemos a esperança.”

Profecia: **Salmo 68,10**: *“Porque o zelo pela tua casa me devora, e as afrontas com que te afrontam recaem sobre mim.”*

Já foi explicado em João 19,28-30: que o Salmo 68 (69) trata de experiências de Davi; não é profecia.

O tradutor da *Bíblia Shedd*, explicando o Salmo 68 (69), vv. 7-12, diz: *“Os sofrimentos pelos quais Davi passou foram provocados não pelo pecado, mas pela dedicação a Deus e à Sua casa (7 e 9).”* ⁽³⁰⁰⁾ Confirma, portanto, o que estamos dizendo a respeito desse salmo.

g) 1ª Coríntios

46) *1ª Coríntios 15,1-5: “Irmãos, lembro a vocês o Evangelho que lhes anunciei, que vocês receberam e no qual permanecem firmes. É pelo Evangelho que vocês serão salvos, contanto que o guardem do modo como eu lhes anunciei; do contrário, vocês terão acreditado em vão. Por primeiro, eu lhes transmiti aquilo que eu mesmo recebi, isto é: Cristo morreu por nossos pecados,*

conforme as Escrituras; ele foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras; apareceu a Pedro e depois aos Doze.”

Profecias: Isaías 53,5-12: *“Mas ele estava sendo transpassado por causa de nossas revoltas, esmagado por nossos crimes. Caiu sobre ele o castigo que nos deixaria quites; e por suas feridas é que veio a cura para nós. Todos nós estávamos perdidos como ovelhas, cada qual se desviava pelo seu próprio caminho, e Javé fez cair sobre ele os crimes de todos nós. Foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; tal como cordeiro, ele foi levado para o matadouro; como ovelha muda diante do tosquiador, ele não abriu a boca. Foi preso, julgado injustamente; e quem se preocupou com a vida dele? Pois foi cortado da terra dos vivos e ferido de morte por causa da revolta do meu povo. A sepultura dele foi colocada junto com a dos ímpios, e seu túmulo junto com o dos ricos, embora nunca tivesse cometido injustiça e nunca a mentira estivesse em sua boca. No entanto, Javé queria esmagá-lo com o sofrimento: se ele entrega a sua vida em reparação pelos pecados, então conhecerá os seus descendentes, prolongará a sua existência e, por meio dele, o projeto de Javé triunfará.*

*Pelas amarguras suportadas, ele verá a luz e ficará saciado. Pelo seu conhecimento, o meu servo justo devolverá a muitos a verdadeira justiça, pois carregou o crime deles. Por isso eu lhe darei multidões como propriedade, e com os poderosos repartirá o despojo: porque entregou seu pescoço à morte e foi contado entre os pecadores, ele carregou os pecados de muitos e intercedeu pelos pecadores.” e **Salmo 16,8-10**: “Tenho Javé à minha frente sem cessar. Com ele à minha direita, jamais vacilarei. Por isso meu coração se alegra, minhas entranhas exultam, e minha carne repousa em segurança; porque não me abandonarás no túmulo, nem deixarás o teu fiel ver a sepultura. Tu me ensinarás o caminho da vida, cheio de alegria em tua presença, e de delícias à tua direita, para sempre.” (301)*

Quanto a Isaías, esse trecho já foi mencionado anteriormente, assim os nossos argumentos ou explicações lá estarão.

O Salmo é de autoria de Davi, e, na *Bíblia Sagrada - Pastoral*, tem o título “A herança da vida”, da qual transcrevemos: “Sl 16: *Oração de confiança, onde se renova a entrega total a Deus, tanto do indivíduo como da comunidade*” (302). Certamente,

que isso nada tem a ver com profecia a respeito de Jesus.

h) 1ª Carta de Pedro

47) 1 Pedro 2,4-8: *“Aproximem-se do Senhor, a pedra viva rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus. Do mesmo modo, vocês também, como pedras vivas, vão entrando na construção do templo espiritual, e formando um sacerdócio santo, destinado a oferecer sacrifícios espirituais que Deus aceita por meio de Jesus Cristo. De fato, nas Escrituras se lê: ‘Eis que ponho em Sião uma pedra angular, escolhida e preciosa. Quem nela acreditar não ficará confundido’. Isto é: para vocês que acreditam, ela será tesouro precioso; mas, para os que não acreditam, a pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se a pedra angular, uma pedra de tropeço e uma rocha que faz cair. Eles tropeçam porque não acreditam na Palavra, pois foram para isso destinados.”*

Profecias: **Isaías 28,16**: *“Por isso, assim diz o Senhor Javé: Eu vou assentar no monte Sião uma pedra, pedra escolhida, angular, preciosa e bem firmada; quem nela confiar, não será abalado.”* (v. 6); **Salmo 117,22**: *“A*

*pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular.” e **Isaías 8,14**: “Ele será uma armadilha, uma pedra de tropeço, um obstáculo que derruba para as duas casas de Israel; um laço e uma armadilha para os habitantes de Jerusalém.” (v. 7).*

Em Isaías 28, temos “*Profecias acerca de Judá e Israel (28-33)*” ⁽³⁰³⁾, os versículos 7 a 22, relacionam-se a “*Contra a aliança Egípcia*” ⁽³⁰⁴⁾, portanto, nada do contexto diz respeito a Jesus.

Em Mateus 21,42, comentamos o Salmo 117,22-23; por isso não o faremos aqui; resta-nos, ainda a passagem de Isaías 8,14, para o qual, na ***Bíblia Sagrada - Santuário***, encontramos a seguinte explicação:

Deus é muitas vezes chamado no AT “rocha” e “pedra” com sentido salvífico: esperança total. No caso, ao contrário, será pedra e rocha que se precipita contra Israel e Judá. ⁽³⁰⁵⁾

Com isso temos a confirmação do que estamos concluindo a respeito do assunto.

Ao que parece a preocupação de relacionar

Jesus com as Escrituras iniciou-se com Paulo. Por pregar aos gentios, ele fazia de tudo para demonstrar-lhes que Jesus era o Messias previsto pelos profetas, talvez objetivando que, diante desse argumento, se convencesse que o Deus de Paulo estava agindo a favor da humanidade, enquanto, que os outros deuses não se comportavam da mesma forma. Com essa linha de raciocínio, fatalmente, iriam considerá-lo como o Deus verdadeiro.

Vejamos algumas passagens nas quais fica claro esse comportamento de Paulo de Tarso:

a) Atos 17,1-4: *“Passando por Anfípolis e Apolônia, Paulo e Silas chegaram a Tessalônica, onde os judeus tinham uma sinagoga. **Conforme seu costume, Paulo foi procurá-los e, por três sábados seguidos, discutiu com eles. Partindo das Escrituras, explicava e demonstrava para eles que o Messias devia morrer e ressuscitar dos mortos. E acrescentava: 'O Messias é este Jesus que eu anuncio a vocês'. Alguns judeus se convenceram disso e se uniram a Paulo e Silas, assim como bom número de gregos que adoravam o Deus único, e não poucas mulheres da alta sociedade.”*** (algo bem

semelhante ele disse em 1 Coríntios 15,3-4);

b) Atos 26,19-23: *“E eu [Paulo], rei Agripa, não me rebelei contra essa visão celeste. Ao contrário: vivendo da maneira que corresponde a essa conversão, eu anunciei o arrependimento e a conversão a Deus, primeiro aos habitantes de Damasco, aos de Jerusalém e de toda a Judeia, e depois aos pagãos. É por isso que os judeus me agarraram e tentaram matar-me. Mas, com a proteção de Deus, eu continuo até hoje dando testemunho diante de pequenos e grandes. Não prego nada mais do que os Profetas e Moisés disseram que havia de acontecer, isto é, que o **Messias devia sofrer e que, ressuscitado por primeiro dentre os mortos**, ele devia anunciar a luz ao povo e aos pagãos.”*, e

c) Atos 28,23-25: *“Então marcaram um dia e foram com mais gente para se encontrar com ele no seu alojamento. Desde o amanhecer até à tarde, **Paulo fez uma exposição baseada na Lei de Moisés e nos Profetas**, dando testemunho do Reino de Deus e procurando **convencê-los a respeito de Jesus**. Alguns aceitaram o que ele dizia, mas outros não quiseram acreditar. Houve, assim, discordância entre eles. [...].”*

O judeu chamado Apolo, natural de Alexandria,

homem eloquente, instruído nas Escrituras, como vimos, também agiu assim: “[...] a presença de **Apolo** foi muito útil aos fiéis. De fato, ele **rebatia vigorosamente aos judeus em público, demonstrando pelas Escrituras que Jesus é o Messias.**” (Atos 18,27-28)

A forte ação de Paulo, no cristianismo primitivo, fica evidente, quando se vê que, no Novo Testamento, há mais cartas atribuídas a ele, cerca de treze, do que os relatos sobre a vida e obra de Jesus, cujo número não passa de quatro.

Modernamente tem-se questionado a autoria de seis cartas como sendo de Paulo; é bom que se saiba disso.

O precursor do Messias

De Atos dos Apóstolos, tradicionalmente considerado como sendo de autoria do mesmo autor do Evangelho Segundo Lucas, destacamos o seguinte versículo:

*“E **João, o precursor**, havia preparado a chegada de Jesus, pregando a todo o povo de Israel um batismo de arrependimento.”* (Atos 13,4)

Vejamos algumas passagens relativa a João Batista, para tecer nossos comentários.

Marcos 1,1-3: *“Começo da Boa Notícia de Jesus, o Messias, o Filho de Deus. **Está escrito no livro do profeta Isaías**: ‘Eis que eu envio o meu mensageiro na tua frente, para preparar o teu caminho. Esta é a voz daquele que grita no deserto: Preparem o caminho do Senhor, endireitem suas estradas!’”* (Mateus 3,1-3 e Lucas 3,3-4)

Em Mateus e Lucas, a fala de Isaías é somente o trecho: *“Esta é a voz daquele que grita no deserto:*

preparem o caminho do Senhor, endireitem suas estradas.”, que se lê em Isaías 40,3. No que estão corretos os seus autores, sejam eles lá quem forem.

A primeira frase, ou seja, “*Eis que eu envio o meu mensageiro na tua frente, para preparar o teu caminho.*” não foi dita por Isaías, mas, sim, pelo profeta Malaquias.

Inclusive, todos os estudiosos do Novo Testamento sabem que há registro de que Jesus indiretamente menciona Malaquias quando ele faz uma singular referência a João Batista.

É importante trazermos esta passagem para análise:

Mateus 11,7-15: “*Os discípulos de João partiram, e **Jesus começou a falar às multidões a respeito de João**: ‘O que é que vocês foram ver no deserto? [...] Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. **É de João que a Escritura diz: ‘Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti’.** [...] E se vocês o quiserem aceitar, **João é Elias que devia vir.** Quem tem ouvidos,*

ouça.” (Lucas 7,24-28)

Profecia: **Malaquias 3,1.23**: “Vou mandar o meu mensageiro para preparar o meu caminho. E imediatamente virá ao seu Templo o Senhor que buscais, o anjo da aliança que desejais. Ei-lo que vem - diz o Senhor dos exércitos. **Vou mandar-vos o profeta Elias, antes que venha o grande e temível dia do Senhor.**” (Bíblia Sagrada - Ave-Maria)

O que se deve entender por “temível dia do Senhor”, também designado de “terrível dia do Senhor” ou simplesmente “dia do Senhor”? Tem algo a ver com os profetas Ezequiel e Sofonias, leiamos os seguintes trechos:

Ezequiel 30,1-4: “A palavra do Senhor foi-me dirigida nestes termos: ‘Filho do homem, profetiza o seguinte: Eis o que diz o Senhor JAVÉ: Soltai gritos: Ah! Que dia! Porque está próximo o dia, está próximo **o dia do Senhor**, dia carregado de nuvens, dia marcado para as nações. **Sobre o Egito vai abater-se a espada, sobre a Etiópia vai reinar o terror**, quando os mortos tombarem no Egito, quando se arrebatarem as riquezas da terra, e forem destruídos os seus fundamentos.” (Bíblia

Sagrada - Ave-Maria)

Sofonias 1,14-18: *“Eis que se aproxima o **grande dia do Senhor!** Ele se aproxima rapidamente. Terrível é o ruído que faz o dia do Senhor; o mais forte soltará gritos de amargura nesse dia. **Esse dia será um dia de ira, dia de angústia e de aflição, dia de ruína e de devastação; dia de trevas e escuridão, dia de nuvens e de névoas espessas, dia de trombeta e de alarme, contra as cidades fortes e as torres elevadas. Mergulharei os homens na aflição, e eles andarão como cegos porque pecaram contra o Senhor. Seu sangue será derramado como o pó, e suas entranhas como o lixo. Nem sua prata nem seu ouro poderão salvá-los no **dia da cólera do Senhor.** Toda a terra será devorada pelo fogo de seu zelo, porque ele aniquilará de repente toda a população da terra.”*** (Bíblia Sagrada - Ave-Maria)

Significava, portanto, que o povo judeu seria libertado e os dominadores veriam a “cólera” de Deus, era, como se percebe, uma libertação de viés político, enquanto que Jesus veio para um livramento espiritual.

Caso Jesus tenha realmente dito isso, julgamos, que essa seria a única passagem bíblica a qual se

poderia atribuir uma profecia a seu respeito, mas, como se pode ver, ela é indireta, pois, na verdade, o personagem a que se refere é Elias.

Opinião de Allan Kardec a respeito de predições

No livro *Concepção Existencial de Deus* (1981), o jornalista José Herculano Pires (1914-1979), explicando sobre certos ajustes nos textos bíblicos, disse:

A mística judaica projetou-se em cheio na mística cristã medieval contrariando os ensinamentos e o exemplo de Jesus, que preferiu viver com o povo a isolar-se nos templos **para cultivar a vaidade e a pureza mentirosa dos clérigos**. Em Jerusalém e em toda a Palestina ele era conhecido como filho do carpinteiro José e sua esposa Maria de Nazaré. Mas **a fantasia natural dos homens formados numa cultura mitológica**, onde a realidade era o mito e não o real, o transformou no **mito de um Messias nascido de uma virgem**, segundo sistema mitológico em voga, como mostra Saint-Yves em seu livro *As Virgens Mães*. Além disso, **o menino nascido em Nazaré**, nas condições normais dos filhos de famílias pobres da época, **passou a ser considerado como natural de Belém, na linhagem de David, para enquadrar-se nas exigências**

proféticas, como Renan no século passado e Charles Guignebert em nosso século demonstraram de maneira incontestável. A superstição do sobrenatural e o conceito negativo de sexo **chegaram a modificar a data do recenseamento determinado por César Augusto, para arranjar uma justificativa supostamente histórica para o nascimento mitológico em Belém.** Que interesse teriam os romanos, que faziam recenseamento para saber onde cobrar os impostos, em deslocar famílias judias de suas cidades para atender a um capricho de genealogia dos judeus? A mentalidade mitológica era alegórica, apegada aos símbolos, aos mitos. **Essas deturpações não foram certamente intencionais, mas forçadas pela necessidade imaginária de enquadrar Jesus nas profecias judaicas.** Não obstante esse esforço dos evangelistas, de que Paulo não participou, os judeus ortodoxos, que conheciam bem a história real de Jesus, rejeitaram o Messias. Paulo jamais se referiu ao nascimento virginal de Jesus em Belém. Isso nada significava para ele, que se interessava pelos ensinamentos do Mestre e não pelo ajustamento de sua figura às predições bíblicas. Apesar de sua formação judaica, e dos fundos resíduos do moralismo judeu que aparece em suas epístolas, era um homem de cultura universalista e soube superar esses pormenores ingênuos. ⁽³⁰⁶⁾

Sim, essa preocupação em “*enquadrar Jesus nas profecias judaicas*” foi a realidade que constamos ao longo dessa pesquisa.

Não podemos deixar de registrar que a ideia generalizada entre os cristãos em relação a existência de inúmeras profecias a respeito de Jesus, atingiu até mesmo Allan Kardec (1804-1869), que, conforme o nosso entendimento, não ficou imune a ela.

Em **O Livro dos Espíritos**, o Codificador indaga aos Espíritos superiores:

624. *Qual o caráter do verdadeiro profeta?*

“O verdadeiro profeta é um homem de bem, inspirado por Deus. Podeis reconhecê-lo pelas suas palavras e pelos seus atos. Deus não pode servir-se da boca do mentiroso para ensinar a verdade.” ⁽³⁰⁷⁾
(*itálico do original*)

Portanto, a crença na existência de profetas é uma realidade no Espiritismo, apenas os vemos como médiuns, que são inspirados por Espíritos superiores encarregados por Deus com a missão de revelar aos homens tudo que julga ser necessário à

sua evolução.

De **O Livro dos Médiuns**, capítulo “XVI – Médiuns especiais”, tópico “Quadro sinótico das diferentes espécies de médiuns”, item 190, destacamos:

Médiuns proféticos – Variedade dos médiuns inspirados ou de pressentimentos. **Recebem, com a permissão de Deus e com mais exatidão do que os médiuns de pressentimentos, a revelação das coisas futuras de interesse geral.** Estão encarregados de transmiti-las aos homens, em benefício da instrução destes. ⁽³⁰⁸⁾ (itálico do original)

Então, poderemos considerar todos os profetas citados na Bíblia como médiuns proféticos. Vê-se, portanto, que Allan Kardec não nega a possibilidade de certas pessoas terem esse “dom de predição”.

Na obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, no capítulo “I – Não vim destruir a Lei”, item 4 do tópico “O Cristo”, o Codificador disse:

Mas o papel de **Jesus** não foi o de um simples legislador moralista, sem outra autoridade que a sua palavra. **Ele veio dar**

cumprimento às profecias que haviam anunciado o seu advento. Sua autoridade decorria da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina. [...]. ⁽³⁰⁹⁾

Além do que Allan Kardec afirma, se percorremos todas obras que publicara, em nenhum de seus argumentos, ele fez ligação de episódios da vida de Jesus ao cumprimento de supostas profecias constantes da Bíblia ou as originadas da tradição teológica. Como veremos, há algumas referências a predições, mas sobre outras situações que nada têm a ver com o Nazareno.

No item 4, do tópico “Missão dos profetas”, do capítulo “XXI – Haverá falsos cristos e falsos profetas” do ***Evangelho Segundo o Espiritismo***, Allan Kardec explica:

4. Atribui-se comumente aos profetas o dom de revelar o futuro, de sorte que as palavras *profecia* e *predição* se tornaram sinônimas. **No sentido evangélico**, a palavra profeta tem mais ampla significação. **Diz-se de todo enviado de Deus com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas e os mistérios da vida espiritual.** Portanto, um homem pode ser profeta, sem fazer predições. Aquela era a

ideia dos judeus, ao tempo de Jesus. Foi por isso que, quando o levaram à presença do sumo sacerdote Caifás, os escribas e os anciãos, reunidos, lhe cuspiram no rosto, lhe deram socos e bofetadas, dizendo: “Cristo, profetiza para nós e dize quem foi que te bateu”. **Entretanto, deu-se o caso de haver profetas que tiveram a presciência do futuro, quer por intuição, quer por revelação providencial, a fim de transmitirem avisos aos homens.** Tendo-se realizados os acontecimentos preditos, o dom de predizer o futuro foi considerado como um dos atributos da qualidade de profeta. ⁽³¹⁰⁾
(itálico do original)

Todos aqueles que, em nome de Deus, tem “*a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas e os mistérios da vida espiritual*” Allan Kardec considerava como sendo profetas.

Admite que alguns podem ter capacidade de “*presciência do futuro... a fim de transmitirem avisos aos homens*”, embora não tenha estabelecido algum limite no tempo. Como dissemos, não vemos lógica alguma em fazer predições para um futuro longínquo, quando todos os que as ouvirem já estarão mortos.

Em **A Gênese**, capítulo “I - Caráter da revelação espírita”, itens 7 e 9, lemos:

7. No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode descobrir por si mesmo, nem com o auxílio dos sentidos; e **esse conhecimento lhe é dado por Deus ou por seus mensageiros**, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens predispostos, **designados sob o nome de profetas ou *messias***, isto é, *enviados* ou missionários, incumbidos de transmiti-la aos homens. [...].

9. Haverá revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousaríamos resolver, nem afirmativamente nem negativamente, de maneira absoluta. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá dele prova certa. **O que parece certo é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se impregnam do seu pensamento e podem transmiti-lo.** Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e ao grau de saber a que chegaram, esses podem tirar de seus próprios conhecimentos as instruções que ministram, **ou recebê-las de Espíritos mais elevados, mesmo dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome deste, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus.**

As comunicações deste gênero nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritas e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções **podem ser transmitidas por diversos meios**: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela vidência dos Espíritos instrutores, nas visões e aparições, quer em sonho, quer em estado de vigília, **como se vê tantas vezes na Bíblia e nos livros sagrados de todos os povos**. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que a maioria dos reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes, o que não significa que todos os médiuns sejam reveladores, nem, ainda menos, intermediários diretos da Divindade ou dos seus mensageiros. ⁽³¹¹⁾

Embora tenha dito que Deus poderia transmitir revelações diretamente aos homens, desenvolve seu argumento no sentido de isso ocorrer em relação a Espíritos puros, por estarem “*mais próximos de Deus pela perfeição [em razão disso] se impregnam do seu pensamento e podem transmiti-lo*”.

Apresenta-nos algo que vemos ser uma realidade desde a antiguidade, os “*Espíritos mais elevados,... falando em nome de Deus, têm sido às*

vezes tomados pelo próprio Deus". Os textos bíblicos, por exemplo, são uma prova incontestante disso.

Na **Revista Espírita 1863**, mês de novembro, do tópico "Dissertações espíritas", destacamos a mensagem "O verdadeiro espírito das tradições", assinada por Santo Agostinho, da qual transcrevemos os dois parágrafos iniciais:

Abri as Escrituras sagradas, e nela encontrareis, a cada página, predições ou alegorias incompreensíveis para quem não está ao corrente das revelações novas, e que, para a maioria, foi interpretada pelos seus comentaristas de maneira conforme à sua opinião e, muito frequentemente, ao seu interesse. Mas tomando por guia a ciência que começastes a adquirir, sabereis descobrir facilmente o sentido oculto que elas encerram.

Os antigos profetas eram todos inspirados por Espíritos elevados que não lhes davam, em suas revelações, senão ensinamentos de natureza a serem compreendidos pelas inteligências de elite e cujo senso não estivesse em oposição muito patente com o estado dos conhecimentos e dos preconceitos daqueles tempos. Seria preciso que fosse possível interpretá-los de maneira apropriada

à inteligência das massas, para que estas não os rejeitassem, como não teriam deixado de fazê-lo, se essas predições estivessem em oposição muito formal com as ideias gerais. ⁽³¹²⁾

É preciso entender a didática dos Espíritos. Através dos profetas, na atualidade, designados de médiuns, eles somente revelam coisas compatíveis com o nível de conhecimento dos seus interlocutores ou destinatários.

Para nós, fica evidente que Deus jamais desempara os homens, ao ordenar que os Espíritos lhes instruam ou revelem o que é preciso para sua evolução moral e espiritual. Espíritos esses, como vimos, confundidos, muitas vezes, como sendo o próprio Deus.

Todas essas transcrições provam que o Espiritismo aceita perfeitamente a possibilidade de pessoas serem profetas, que alguns além de trazer orientações de fundo moral, conseguem prever coisas que acontecerão no futuro. Na linguagem espírita, eles nada mais são que os indivíduos que designamos de médiuns.

Mas particularmente, levando-se em conta o que encontramos nessa pesquisa, não vemos como aceitar que o Espiritismo seja o cumprimento da profecia de Joel, aliás, de nenhuma outra. Somente os Espíritos puros conhecem a verdade e não estão mais ligados à crenças existentes, por verossímil que elas nos pareçam.

Em **Obras Póstumas**, livro publicado após a morte de Allan Kardec, no tópico “§ VII – *Predição dos Profetas, com relação a Jesus*”, constante do capítulo “Estudo sobre a natureza do Cristo”, vamos encontrar a menção a algumas profecias, que numeraremos visando facilitar uma possível comparação da parte de leitores:

Além das afirmações de Jesus e da opinião dos apóstolos, **há um testemunho** cujo valor os crentes mais ortodoxos não poderiam contestar, pois que o apontam constantemente como artigo de fé: é o do próprio Deus, isto é, o **dos profetas falando por inspiração e anunciando a vinda do Messias**. Ora, **aqui vão as passagens da Bíblia consideradas como predição desse grande acontecimento**.

[01] “Eu o vejo, porém não agora; olho-o, porém não de perto; uma estrela proveio de

Jacob e um cetro se elevou de Israel e traspassará os chefes de Moab e destruirá todos os filhos de Seth.” (*Números*, 24:17.)

[02] “Eu lhes suscitarei um profeta, como tu, dentre seus irmãos e porei na sua boca as minhas palavras e *ele dirá o que eu lhe houver ordenado*. E dar-se-á que àquele que não escutar as palavras *que ele houver dito em meu nome*, a esse pedirei contas.” (*Deuteronômio*, 18:18 e 19.)

[03] “Acontecerá, pois, quando chegarem os dias de te ires com teus pais, que farei levantar-se a tua posteridade depois de ti, *um de teus filhos*, e estabecerei o seu reino. Ele me construirá uma casa e eu firmarei o seu trono para sempre. *Ser-lhe-ei pai e ele me será filho* e dele não retirarei a minha misericórdia, como a retirei daquele que foi antes de ti, e o estabecerei na minha casa e no meu reino para sempre e seu trono se afirmará para sempre.” (*Paralipômenos*, 17:11 a 14.)

[04] “Eis por que o Senhor mesmo vos dará um sinal: uma virgem ficará grávida e parirá um filho e ele se chamará Emmanuel.” (*Isaías*, 7:14.)

[05] “Pois o menino nos nasceu, o Filho nos foi dado e o império foi posto sobre seus ombros e chamar-se-lhe-á, seu nome, o Admirável, o Conselheiro, o Deus forte, o Poderoso, o Pai da Eternidade, o Príncipe da paz.” (*Isaías*, 9:5.)

[06] “Aqui está meu servidor, eu o

sustentarei; *é meu eleito, minha alma pôs nele sua afeição; nele pus o meu Espírito; ele exercerá a justiça entre as nações.*

[07] “Ele absolutamente não se retirará, nem se precipitará, até que eu haja estabelecido a justiça na terra e os seres se submeterão à sua lei.” (*Isaías*, 42:1 a 4.)

[08] “Ele gozará do trabalho de sua alma e dele se fartará; e meu servo justo a muitos justificará, pelo conhecimento que terão dele e ele próprio lhes arrebatará as iniquidades.” (*Isaías*, 53:11.)

[09] “Rejubila-te ao extremo, filha de Sião; solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém! Eis que o teu rei a ti virá, justo e salvador humilde e montado num jumento, sobre o potro de uma jumenta. E eu farei desaparecer os carros de guerra de Efraim e os cavalos de Jerusalém e o arco do combate também desaparecerá e o rei falará de paz às nações. E sua dominação se estenderá de um mar a outro mar e do rio aos extremos da terra.” (*Zacarias*, 9:9 e 10.)

[10] “E ele (o Cristo) se manterá e governará pela força do Eterno e com a magnificência do nome do *Eterno seu Deus*. E eles voltarão e agora ele será glorificado até às extremidades da terra e será ele quem fará a paz.” (*Miqueias*, 5:4.)

A distinção entre Deus e seu futuro enviado se acha aí caracterizada do modo mais formal. Deus o designa por *seu servidor*, conseqüentemente por seu subordinado.

Nada há, em suas palavras, que implique a ideia de igualdade de poder, nem de consubstancialidade entre os dois seres. Ter-se-ia Deus enganado e teriam visto com mais exatidão do que ele os homens que vieram *três séculos* depois de Jesus-Cristo? Tal parece ser a pretensão deles. ⁽³¹³⁾ (itálico do original)

A nossa impressão é que ao dizer “as passagens da Bíblia **consideradas** como predição desse grande acontecimento” o Codificador não estava apoiando a veracidade dessa lista de predições, apenas citou os trechos bíblicos que são vistos como tais.

Um detalhe é que nas fontes que usamos para analisar, não há nenhuma referência a Números 24,17 [01] e Miqueias 5,4 [10], mas todas as outras mencionadas por Allan Kardec foram comentadas por nós.

E, para finalizar, julgamos de grande utilidade trazer este trecho do livro **Cristianismo e Espiritismo** (1898), de autoria de Léon Denis (1846-1927):

Se os Evangelhos são aceitáveis em

muitos pontos, é, todavia, necessário submeter o seu conjunto à inspeção do raciocínio. Todas as palavras, todos fatos que neles estão consignados não poderiam ser atribuídos ao Cristo.

Através dos tempos que separam a morte de Jesus da redação definitiva dos Evangelhos, **muitos pensamentos sublimes foram esquecidos, muitos fatos contestáveis aceitos como reais, muitos preceitos, mal interpretados desnaturaram o ensino primitivo. Para servir às conveniências de uma causa,** foram decotados os mais belos, os mais opulentos ramos dessa árvore de vida. Sufocaram, antes do seu desabrochar, os fortalecedores princípios que teriam conduzido os povos à verdadeira crença, à que eles hoje em dia ainda procuram. ⁽³¹⁴⁾

Sim, infelizmente, desde os primórdios do cristianismo, muita coisa pode ter sido ajustada à conveniência teológica. Algo que somente pesquisadores percebem, os “letores” de Bíblia, nada veem, pois ler é uma coisa, porém entender é bem outra.

Predições de Joel e João que Allan Kardec viu se cumprir com o Espiritismo

Em **Obras Póstumas**, temos o artigo “Primeira revelação da minha missão” no qual o prof. Denisard Hippolyte Léon Rivail, informa que, na data de 30 de abril de 1856, participava da sessão na residência do Sr. Roustan, quando a médium Srta. Japhet, através da cesta de bico, escreve uma mensagem, na qual ele é informado de sua missão, destacamos este trecho:

[...] Deixará de haver religião e uma se fará necessária, mas verdadeira, grande, bela e digna do Criador... Os seus primeiros alicerces já foram colocados... Quanto a ti, **Rivail, a tua missão é aí.** (Livre, a cesta se voltou rapidamente para o meu lado, como o teria feito uma pessoa que me apontasse o dedo. [...]). ⁽³¹⁵⁾

Portanto, se a missão do prof. Denisard H. L. Rivail foi a de trazer uma religião “*verdadeira, grande, bela e digna do Criador*”, só poderia ser pelo

motivo dele ter uma religiosidade elevada, por acreditar “*na religião natural, aquela encontrada no coração e na harmonia da natureza*” (316).

Quando lermos as suas obras, com as quais define o arcabouço do Espiritismo, parece-nos que ele conhecia a Bíblia além dos que designaríamos de crentes comuns. E, em **A Gênese**, no capítulo “IV – O papel da Ciência na Gênese”, no primeiro parágrafo do item 6, poderemos ver a sua opinião sobre ela:

A Bíblia, evidentemente, encerra fatos que a razão, desenvolvida pela Ciência, não poderia hoje aceitar e outros que parecem estranhos e repelentes, porque resultam de costumes que já não são os nossos. Mas, a par disso, haveria parcialidade em não se reconhecer que ela contém grandes e belas coisas. A alegoria ocupa ali considerável espaço, ocultando sob o seu véu sublimes verdades, que se tornam claras desde que se desça ao âmago do pensamento, pois logo o absurdo desaparece. (317)

E, especificamente, quando ao Espiritismo, como veremos, Allan Kardec o terá como

cumprimento de profecia constante no Evangelho Segundo João. Não podemos afirmar com certeza, pois isso poderia ter acontecido porque os Espíritos superiores lhe disseram.

Luís de França, por exemplo, na mensagem intitulada “Comunicação providencial dos Espíritos”, publicada no tópico “Dissertações espíritas”, da **Revista Espírita 1867**, mês de fevereiro, no último parágrafo, fala algo nesse sentido:

Agradecei, pois, ao Senhor, e saudai com alegria **o advento do Espiritismo, uma vez que é o cumprimento das profecias**, o sinal brilhante da bondade do Pai de misericórdia, e para vós uma nova chamada a esse desligamento da matéria, tão desejado, uma vez que só ele pode vos proporcionar a verdadeira felicidade. ⁽³¹⁸⁾

Em alguns momentos, veremos o Codificador citar especificamente uma passagem bíblica, vista por ele, como sendo uma profecia. Recorreremos novamente à obra **A Gênese**, da qual destacamos o item 45, inserido no capítulo “I - Caráter da revelação Espírita”:

45. A primeira **revelação** teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, mas **a terceira** não tem indivíduo algum a personificá-la. As duas primeiras foram individuais, **a terceira foi coletiva**; aí está um caráter essencial de grande importância. Ela **é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma**; ninguém, por conseguinte, pode arrogar-se como seu profeta exclusivo. Foi espalhada simultaneamente por sobre toda a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, **conforme esta predição registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei do meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão.” (Atos, 2:17 e 18.)** Ela não proveio de nenhum culto especial, a fim de servir um dia a todos de ponto de ligação. ⁽³¹⁹⁾

Portanto, temos aqui Allan Kardec citando a predição de Joel, como sendo cumprida na época em que os Espíritos superiores, sobre a direção de Jesus, trouxeram-lhe a revelação espírita.

A profecia de Joel acima relaciona está em 3,1-5 (2,28-29, em várias traduções ³²⁰), justamente a

que foi citada em Atos dos Apóstolos, não só nesse capítulo de **A Gênese**, mas também no “XVII – Predições do Evangelho”, tópico “Vossos filhos e vossas filhas profetizarão”, se faz menção a ela:

59. Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei do meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão. – Nesses dias, derramarei do meu espírito sobre os meus servidores e servidoras e eles profetizarão. (Atos, 2:17 e 18; **Joel, 2:28 e 29.**)

60. Se considerarmos o estado atual do mundo físico e do mundo moral, as tendências, aspirações e pressentimentos das massas, a decadência das velhas ideias que em vão se debatem há um século contra as ideias novas, **não poderemos duvidar de que uma nova ordem de coisas se prepara e que o mundo velho chega a seu termo.**

Se, agora, levando em conta a forma alegórica de alguns quadros e perscrutando o sentido profundo das **palavras de Jesus**, compararmos a situação atual com os tempos descritos pelo Mestre, como assinaladores da era da renovação, **não poderemos deixar de convir em que muitas das suas predições estão presentemente se realizando**, e daí a conclusão de que **atingimos os tempos anunciados**, o que confirmam, em todos os

pontos do globo, os Espíritos que se manifestam.

61. Como vimos (cap. I, item 32), coincidindo com outras circunstâncias, **o advento do Espiritismo realiza uma das mais importantes predições de Jesus**, pela influência que ele forçosamente deve exercer sobre as ideias. **Ele se encontra, além disso, claramente anunciado nos Atos dos Apóstolos**: “Nos últimos tempos”, diz o Senhor, “derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e filhas profetizarão”.

É a predição inequívoca da vulgarização da mediunidade, que presentemente se revela em indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições; por conseguinte, **a predição da manifestação universal dos Espíritos**, porquanto, sem os Espíritos, não haveria médiuns. Isso, conforme está dito, acontecerá nos últimos tempos; ora, visto que não chegamos ao fim do mundo, mas, ao contrário, à época da sua regeneração, **devemos entender aquelas palavras como indicativas dos últimos tempos do mundo moral que chega a seu termo.** (*O evangelho segundo o espiritismo*, cap. XXI.)
(³²¹)

Aqui o Codificador, além de reforçar que o Espiritismo é a realização da predição de Jesus,

desenvolve mais os seus argumentos a respeito da profecia de Joel ter sido cumprida quando da revelação espírita.

Antes de vermos o teor da suposta profecia, seria bom trazermos alguma coisa a respeito do profeta Joel. Para isso, tomaremos como base as explicações destas três Bíblias:

1ª) **Bíblia de Jerusalém:**

O livro de Joel divide-se naturalmente em duas partes. Na primeira, **uma invasão de gafanhotos, que assola Judá**, provoca uma liturgia de luto e súplica; **lahweh responde prometendo o fim da praga e a volta da abundância** (1,2-2,27). A segunda parte descreve em **estilo apocalíptico o julgamento das nações e a vitória definitiva de lahweh e de Israel** (3-4). A unidade entre as duas partes é assegurada pela referência do **Dia de lahweh**, que é propriamente o tema dos cap. 3-4, mas que aparece já em 1,15; 2,1-2.10-11. **Os gafanhotos são o exército de lahweh, lançado para executar seu julgamento, um Dia de lahweh, do qual a pessoa pode ser salva pela penitência e pela oração; a praga torna-se o tipo do grande julgamento final, o Dia de lahweh, que inaugurará os tempos escatológicos.** Não há razão para distinguir dois autores nem

duas épocas de composição. Ainda recentemente se defendeu uma data no fim da época monárquica. A maioria dos exegetas opta pelo período pós-exílio, pelos seguintes motivos: ausência de referência a um rei, alusões ao Exílio, mas também ao Templo reconstruído, contados com o Deuteronômio e os profetas posteriores, Ezequiel, Sofonias, Malaquias, Abdias, citado em 3,5. O livro teria sido composto cerca do ano 400 a.C.

São evidentes suas relações com o culto. **Os cap. 1-2 têm o caráter duma liturgia penitencial, que se encerra com a promessa profética do perdão divino.** Portanto, Joel foi considerado como um profeta cultural, ligado ao serviço do Templo. Entretanto, estes traços podem se explicar pela imitação literária de formas litúrgicas. **O opúsculo não é o resumo duma pregação feita no Templo: é uma composição escrita, feita para ser lida.** Situa-se no final da corrente profética.

A efusão do espírito profético sobre todo o povo de Deus na era escatológica (3,1-5) responde ao anseio de Moisés em Nm 11.29. O Novo Testamento considera que este anúncio se realizou quando veio o Espírito sobre os apóstolos de Cristo, e são Pedro citará toda esta passagem: At 2,16-21; Joel é o profeta do Pentecostes. ⁽³²²⁾

2ª) **Bíblia Sagrada – Pastoral**

Nada sabemos do tempo em que viveu o profeta Joel. Por isso, **torna-se difícil a interpretação do que ele escreveu.** Podemos dividir o livro em duas partes: Na primeira os dois primeiros capítulos narram uma terrível invasão de gafanhotos que devasta a plantação do país. **Diante disso, Joel pede a participação de todos (profetas, sacerdotes e povo), numa grande manifestação de penitência e jejum, para suplicar a Deus que afaste a catástrofe.** Deus mostra a sua misericórdia e anuncia a libertação da praga e as bênçãos para uma nova plantação. Como o profeta compara esses gafanhotos a um exército, talvez se possa pensar que ele esteja falando de uma invasão inimiga. Na segunda parte, **os capítulos terceiro e quarto descrevem o julgamento de Deus sobre as nações e a vitória final.**

Parece que a primeira parte não tem nada a ver com a segunda. Mas, uma expressão une o livro todo: **o Dia de Javé, isto é, o Juízo final.** Então, o que na primeira parte eram gafanhotos ou exército inimigo, na segunda se transforma em exército de Deus; a praga se torna apenas uma comparação para exemplificar **o Grande Dia em que a humanidade prestará contas a Deus.** Assim como afastou ele os gafanhotos, também a misericórdia de Deus, alcançada pela penitência e jejum, **transforma o julgamento em dia de libertação e salvação:** arrasada a plantação, ela surge

nova e viçosa. Desse modo, **uma praga de gafanhotos observada atentamente serviu para que Joel anunciasse o Juízo final.**

Deste profeta, o trecho mais conhecido é 3,1-5. **Esses versículos são citados no discurso que Pedro fez no dia de Pentecostes** (cf. At 2,17-21). Por isso, Joel é também chamado o profeta de Pentecostes. (323)

3ª) *Bíblia Sagrada – Santuário*

O livro do profeta Joel é um belo poema homilético e apocalíptico. **Partindo de um acontecimento trágico da vida palestinese, prega a conversão e o arrependimento**, anunciando a realização do Dia do Senhor. Dentro de uma mundividência profética, **os azares são sempre castigo de pecados cometidos. Mas se o povo se arrepender e voltar para o seu Deus, este cheio de misericórdia e compaixão não só lhe perdoará**, mas ainda o encherá de felicidade paradisíaca, enquanto as nações que dele abusaram sofrerão um juízo implacável.

Um dos pontos característicos deste profeta é a difusão do espírito de Javé sobre toda a carne, isto é, sobre todas as classes de pessoas, incluídos os próprios escravos (Jl 3,1ss.). Geralmente, o espírito ou energia carismática de Javé só era concedido a grandes personagens. Virão dias em que todos profetizarão. A Igreja apostólica viu isto

realizado em si mesma (At 2,16ss.).

Os estudiosos não estão de acordo quanto à época em que Joel teria vivido. Uns pensam que se trata de um profeta anterior ao Exílio. Outros colocam-no depois. Assim é difícil desenhar o seu ambiente histórico. ⁽³²⁴⁾

Joel vê na *“terrível invasão de gafanhotos que devasta a plantação do país”* Joel pensava, naquele tempo, acontecia o designado de *“Dia de lahweh”*, ou seja, *“o julgamento de Deus sobre as nações a vitória final”*. O profeta clama a todos a fazer uma *“grande manifestação de penitência e jejum, para suplicar a Deus que afaste a catástrofe”*.

Da ***Bíblia de Jerusalém***, tomaremos a citada profecia de Joel, cuja narrativa para melhor compreensão, dividiremos em dois segmentos:

1. Efusão do Espírito (a)

“Depois disto, derramarei o meu espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos anciãos terão sonhos, vossos jovens terão visões. Até sobre os escravos e sobre as escravas, naqueles dias, derramarei o meu espírito (b).” (Joel 3,1-2)

*“Porei sinais (c) nos céus e na terra, sangue, fogo e colunas de fumaça' **O sol se transformará em trevas, a lua em sangue, antes que chegue o dia de lahweh, grande e terrível!** Então, todo aquele que invocar o nome de lahweh, será salvo. Porque no monte Sião e em Jerusalém haverá ilesos – como lahweh falou –, entre os sobreviventes que lahweh chama.”* (Joel 3,3-5)

“Depois disto” em relação ao quê? Após a penitência, Deus faz tudo voltar ao normal é a partir daí que *“derramarei o meu espírito sobre toda carne”*, como consequência *“vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos anciãos terão sonhos, vossos jovens terão visões”*.

Portanto, segundo entendemos, não há predição alguma para que isso viesse a ocorrer num futuro longínquo, por se tratar de um evento daquela época.

Nas visões escatológicas, sempre narrar-se-á fenômenos sobrenaturais, tais como os citados no versículo 4: *“O sol se transformará em trevas, a lua em sangue antes que chegue o dia de lahweh, grande e terrível!”*

Coincidência ou não, vejamos o que ocorreu quando da morte de Jesus:

Mateus 27,45-53: “**Desde o meio-dia até as três horas da tarde houve escuridão sobre toda a terra.** Pelas três horas da tarde Jesus deu um forte grito: ‘Eli, Eli, lamá sabactâni?’, [...] Então Jesus deu outra vez um forte grito, e entregou o espírito. **Imediatamente a cortina do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo; a terra tremeu, e as pedras se partiram. Os túmulos se abriram e muitos santos falecidos ressuscitaram.** Saindo dos túmulos depois da ressurreição de Jesus, apareceram na Cidade Santa, e foram vistos por muitas pessoas.”

Lucas 23,44-46: “**Já era mais ou menos meio-dia, e uma escuridão cobriu toda a região até às três horas da tarde, pois o sol parou de brilhar. A cortina do santuário rasgou-se pelo meio.** Então Jesus deu um forte grito: ‘Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito.’ Dizendo isso, expirou.”

Retornando ao trecho de Joel 3,1-5, para o qual os tradutores da **Bíblia de Jerusalém** apresentam as seguintes explicações:

(a) **O oráculo dos vv. 1-3, cuja realização os vv. 4-5 situam no Dia de lahweh, anuncia para esse dia a efusão universal do Espírito (cf. Ez 36,27+). O discurso de Pedro (At 2,16-21+), mostra no milagre de Pentecostes as primícias desse dom do Espírito.**

(b) **O Espírito de Deus é derramado sobre todos, sem distinção de classes, conforme o desejo de Moisés (Nm 11,29). Este é, ao mesmo tempo, o espírito de profecia, caracterizado aqui pelos sonhos e pelas visões (cf. Nm 12,6), e a causa da renovação interior (cf. Ez 11,19-20; 36,26-27).**

(c) **Anunciadores do juízo final, no Dia de lahweh (cf. 1,15; 2,1-2.10; Am 8,9+). ⁽³²⁵⁾**

Transcrevemos da ***Bíblia do Peregrino*** a nota explicativa para Joel 3,1-2:

Estes versículos devem ser lidos sobre o pano de fundo de Nm 11, sobretudo da resposta de Moisés aos ciúmes mesquinhos de Josué: “Oxalá todo o povo do Senhor fosse profeta e recebesse o espírito do Senhor!” (v. 29); também levando em conta Dt 18,15. O profeta anuncia como futuro o cumprimento do desejo de Moisés, anulando explicitamente qualquer discriminação de idade, classe social, gênero. E com a expressão literal “toda carne”, abre sem limites a sua profecia. Por

isso será recolhida por At 2.

Aqui se anuncia a restauração do povo pelo espírito, e em 4,18s a restauração da terra pela água: os dois elementos como em Ez 37 e 47. ⁽³²⁶⁾

É oportuno transcrevemos o trecho Joel 4,1-3, por se tratar da sequência imediata de Joel 3,1-4, que, na **Bíblia de Jerusalém**, tem o título “O julgamento dos povos”, com este teor:

Joel 4,1-3: *“Pois, eis que, naqueles dias e naquele tempo, **quando eu mudar o destino de Judá e de Jerusalém, reunirei todas as nações**, e as farei descer ao vale de Josafá, ali **entrarei em processo contra elas, por causa de Israel, meu povo e minha herança**, porque o dispersaram entre as nações e repartiram a minha terra. Lançaram sorte sobre o meu povo, trocaram jovens por prostitutas, venderam donzelas por vinho e beberam.”* ⁽³²⁷⁾

Joel situa o acontecimento para “*naqueles dias e naquele tempo, quando eu mudar o destino de Judá e de Jerusalém, reunirei todas as nações*”, que, certamente, se aplica a um tempo próximo do profeta, não para um futuro longínquo.

A expressão “o dia de lahweh”, tem a seguinte explicação na **Bíblia Sagrada - Ave-Maria**:

O dia do Senhor: termo corrente para designar a **manifestação de Deus por** meio de catástrofes ou de guerras interpretadas como **juízos divinos**. Serve algumas vezes para designar o **juízo solene do fim do mundo**. ⁽³²⁸⁾

Se prestarmos a atenção em tudo isso que foi colocado, veremos que a passagem de Joel não foi uma profecia para evento que deveria acontecer em um futuro longínquo. Entendemos que, esse trecho de Joel, segue o padrão de ser predição para algo que aconteceria em breve, em relação ao público ao qual se dirigiu.

Por outro lado, essa predição apresenta dois cumprimentos distintos, por mais estranho que isso possa parecer:

1º) No Novo Testamento, em *Atos dos Apóstolos*, é citada para justificar o falar em línguas, por ação do Espírito Santo, fenômeno esse que passou a ser designado apenas de “Pentecostes” (Atos 2,1-21);

2º) Na Codificação Espírita, em *A Gênese* (Cap. I, item 45 e Cap. XVII, itens 60 e 61) é vista como sendo “*a predição inequívoca da vulgarização da mediunidade*”.

Sinceramente, em nossa modesta opinião, nenhum desses dois cumprimentos faz sentido.

Vejam os como Allan Kardec interpretou a profecia de Jesus a respeito da vinda do Consolador, constante somente no Evangelho de João, é oportuno deixar isso bem claro.

Em ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, capítulo “VI - O Cristo Consolador”, no tópico “Consolador Prometido”, lemos:

3. Se me amais, guardai os meus mandamentos; e Eu rogarei a meu Pai e Ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê e absolutamente não o conhece. Mas quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. Mas o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito. (**João, 14:15 a 17 e 26.**)

4. **Jesus promete outro Consolador: o *Espírito de Verdade***, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para o compreender, Consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para relembrar o que o Cristo havia dito. **Se, portanto, o Espírito de Verdade devia vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não dissera tudo**; se ele vem relembrar o que o Cristo disse, é que o seu ensino foi esquecido ou mal compreendido.

O Espiritismo vem no tempo previsto cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da Lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que o Cristo só disse por parábolas. Disse o Cristo: “Ouçam os que têm ouvidos para ouvir”. **O Espiritismo** vem abrir os olhos e os ouvidos, porque fala sem figuras e sem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. **Vem, finalmente, trazer a suprema consolação aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.**

Disse o Cristo: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”. Mas como pode a criatura sentir-se feliz, se não sabe por que sofre? **O Espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, em que o homem expia o seu passado.** Mostra

o objetivo dos sofrimentos como crises salutares que levam à cura e como meio de depuração que garante a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu sofrer e acha justo o sofrimento. Sabe que esse sofrimento lhe auxilia o adiantamento e o aceita sem murmurar, como o operário aceita o trabalho que lhe assegurará o salário. **O Espiritismo lhe dá fé inabalável no futuro** e a dúvida pungente não mais se apossa de sua alma. Fazendo-o ver as coisas do alto, a importância das vicissitudes terrenas se perde no vasto e esplêndido horizonte que o Espiritismo descortina, e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até o fim do caminho.

Assim, **o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido**: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba de onde vem, para onde vai e por que está na Terra; um chamamento aos verdadeiros princípios da Lei de Deus e consolação pela fé e pela esperança. ⁽³²⁹⁾

Allan Kardec desenvolverá esse mesmo argumento, que atribui ao Espiritismo o cumprimento da predição de Jesus a respeito do envio do Consolador, em duas outras oportunidades ⁽³³⁰⁾.

Não raras vezes, adeptos das correntes cristãs

tradicionais apresentam a profecia sobre o envio do Consolador, como tendo ocorrida no fenômeno do “Pentecostes”, que Pedro justifica como sendo o cumprimento da profecia de Joel.

Em o “Vocabulário de termos bíblicos”, da ***Bíblia Sagrada - Vozes***, lemos:

FESTA DAS SEMANAS. Festa celebrada após a colheita do trigo. É chamada “das semanas” porque se fazia sete semanas após a festa dos Ázimos (Nm 28,26). **É conhecida também sob o nome de “festa da Colheita”** (Ex 23,16) ou “festa das Primícias” da colheita do trigo (34,22). **Mais tarde recebeu o nome de Pentecostes** (Tb 2,1; 2Mc 12,31s; At 2,1), porque se celebrava cinquenta dias depois da oferta do primeiro feixe de espigas de cevada (Lv 23,9-14).

Sendo de origem agrária, Pentecostes é uma festa alegre. Nela o israelita agradecia a Deus pela colheita do trigo, oferecendo-lhe as primícias (primeiros frutos) do que foi semeado nos campos (Ex 23,16; 34,22). **Na época pós-exílica começou a ser celebrada nesta festa a promulgação da Lei de Moisés** (Lv 23,15-21 e nota). **Na festa de Pentecostes, após a morte de Jesus, a comunidade cristã, reunida no Cenáculo, recebeu o dom do Espírito Santo** (At 2,14). [...]. ⁽³³¹⁾

Certamente, que, dentro dos princípios do Espiritismo, o “falar em línguas” é um fenômeno mediúnico, não há dúvida alguma para seus adeptos.

Os médiuns que possuem esse tipo de mediunidade Allan Kardec os definiu como: “Médiuns políglotas - *Os que têm a faculdade de falar ou escrever em línguas que lhes são desconhecidas. Muito raros.*” (332)

Percebemos que a tentativa de relacionar o envio do Consolador como tendo se cumprido em Pentecostes, já vem de longa data, diante desta explicação do Codificador constante de **A Gênese**, capítulo “XVIII - Predições do Evangelho”, tópico “Anunciação do Consolador”:

42. Se disserem que essa promessa se cumpriu no dia de Pentecostes, por meio da descida do Espírito Santo, poder-se-á responder que o Espírito Santo os inspirou, que lhes abriu a inteligência, que desenvolveu neles as aptidões mediúnicas destinadas a facilitar-lhes a missão, porém que nada lhes ensinou além daquilo que Jesus já ensinara, porque, no que deixaram, não se encontra o menor vestígio de um ensinamento especial. O Espírito Santo, pois, não realizou o que

Jesus anunciara do Consolador; a não ser assim, os apóstolos teriam elucidado, quando ainda eram vivos, tudo o que permaneceu obscuro no Evangelho, até o dia de hoje, e sua interpretação contraditória deu origem às inúmeras seitas que dividiram o Cristianismo desde os primeiros séculos. ⁽³³³⁾

O que temos na atualidade a respeito do Evangelho Segundo João, que serve de base à profecia, é que ele não foi escrito por quem dizem ser o seu autor.

Por outro lado, como foi o último dos Evangelhos a ser escrito e por volta dos anos 90, quem foi o seu verdadeiro autor, apenas o escreveu “por histórias que ouviu sobre Jesus”, não foi testemunha ocular como nos querem fazer crer.

Aliás, nenhum dos supostos autores também foram, conforme no início informamos. E novamente recomendados nosso ebook ***Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam Seus Autores?*** ⁽³³⁴⁾.

É bom que fique claro que consideramos o Espiritismo como uma doutrina consoladora, por “matar” a morte, por “extinguir” o inferno e, por

“provar” que podemos nos comunicar com os parentes e amigos que nos antecederam na partida para o além-túmulo, uma vez que o amor que nos liga a eles é eterno, nunca se acaba.

Conclusão

O que percebemos, nessa análise das profecias, é que os hebreus, após a experiência de serem libertados da escravidão no Egito, e como se consideravam o “povo eleito”, viviam numa eterna “lua de mel” com Deus, supondo que todas as vezes que fossem subjugados por outros povos, Ele os libertariam novamente como já tinha feito através de Moisés.

Dentro desse pensamento, sempre que se viam subjugados, esperavam um novo Messias libertador para fazer o que Moisés fez, até mesmo porque, segundo acreditavam, Deus teria prometido que faria surgir do meio do povo um profeta como ele.

Só que essa promessa não se referia a um profeta específico, mas a todos os profetas que falavam em nome de Deus. Apesar disso, os teólogos preferiram atribuir tal predição a Jesus.

Como vimos, do livro de Isaías são citadas 26 passagens, que representam 37,7% das 69 tidas como predições. O fato é ele composto de várias coletâneas que também não se sabe quem realmente foram os seus autores; e mesmo assim, nos aparecem os teólogos com coragem de afirmar que é “*inspirado por Deus*”.

Consultamos no **Google** a expressão “hermenêutica bíblica”, eis o resultado, em que foi utilizada a “IA Generativa”:

A hermenêutica bíblica é a disciplina acadêmica que estuda os princípios de interpretação da Bíblia. O objetivo é compreender o sentido das palavras de Deus, de forma a aplicar a Palavra de Deus na vida diária.

A hermenêutica bíblica é importante para evitar que a interpretação da Bíblia seja influenciada por ideias pessoais.

Alguns princípios da hermenêutica bíblica são:

- * Considerar a intenção original do autor;
- * Comparar o texto bíblico com outros textos bíblicos;
- * Considerar o contexto histórico, gramatical e lógico do texto;

* Considerar a continuidade da Revelação Divina e da história da salvação.

A hermenêutica bíblica é um tema polêmico e que suscita debates no campo eclesiástico e acadêmico.

Devemos ter muito cuidado nas explicações que sustentam a utilização da hermenêutica bíblica, pois, em sua grande maioria, elas estão contaminadas pelo viés teológico da corrente religiosa que o comentador abraça.

Devemos ter o maior cuidado com as obras e artigos que lemos, pois muitas vezes o teor deles é “adaptado” à conveniência teológica. Um bom exemplo disso poderemos encontrar neste trecho no capítulo 4 do “Livro décimo oitavo” da obra ***História dos Hebreus***, de autoria de historiador Flávio Josefo (37-103 d.C.):

772. Nesse mesmo tempo, apareceu JESUS, que era um homem sábio, **se é que podemos considerá-lo simplesmente um homem, tão admiráveis eram as suas obras**. Ele ensinava os que tinham prazer em ser instruídos na verdade e foi seguido não somente por muito judeus, mas também por muitos gentios. **Ele era o CRISTO**. Os mais

ilustres dentre os de nossa nação acusaram-no perante Pilatos, e este ordenou que o crucificassem. **Os que o haviam amado durante a sua vida não o abandonaram depois da morte. Ele lhes apareceu ressuscitado e vivo no terceiro dia, como os santos profetas haviam predito, dizendo também que ele faria muitos outros milagres.** É dele que **os cristãos**, os quais vemos ainda hoje, tiraram o seu nome. ⁽³³⁵⁾ (caixa alta do original)

O que negritamos são coisas que não se encaixam no relato de Flávio Josefo, um fariseu ortodoxo que jamaisalaria de Jesus com um “sotaque” tão cristão assim.

Destaque para esta frase *“Ele lhes apareceu ressuscitado e vivo no terceiro dia, como os santos profetas haviam predito...”*, ela tem ou não cheiro de “sacristia”? Se fosse dele, certamente, teria se tornado um cristão, mas não há registro histórico que isso tenha acontecido com ele.

E para finalizar, queremos dizer que há muito tempo estávamos pensando em fazer essa pesquisa; chegamos a fazer o levantamento das profecias, pesquisamos na Internet para saber o que as outras

correntes religiosas falavam sobre isso.

Nessa busca, nos norteamos com a premissa de que não há texto que não deva ser analisado, pois, como *“não existe nada de oculto que não venha a ser conhecido”* (Mateus 10,26) a verdade aparecerá.

Quando a verdade aparecer os que advogam teses contrárias ficarão *“num mato sem cachorro”*, conforme o dito popular. Não terão nada em que se apoiar e ruirão por falta de base sólida. Assim, aos que ainda querem manter o povo na ignorância, que aguardem, pois seu dia chegará. É o que *“profetizamos”*.

Alguém poderá objetar, dizendo que Jesus, em várias oportunidades, disse que estava cumprindo as profecias. Longe de nós contestarmos o que Jesus disse; entretanto, agora, ao final dessa pesquisa, por não ter encontrado nenhuma profecia sobre ele, ficamos com plena convicção de que é bem provável que lhe atribuíram certas palavras. Nada mais que isso.

E estamos com o Mahatma Gandhi (1869-

1948), quando disse: ***“Se toda a literatura espiritual da humanidade perecesse, e só se salvasse o Sermão da Montanha, nada estaria perdido.”*** ⁽³³⁶⁾

E, coincidência ou não, no Sermão da Montanha (Mateus 5, 6 e 7) não existe nenhuma profecia a respeito de Jesus.

Creemos que o valor dos ensinamentos de Jesus está no sentido profundo e altamente moral; não por ter ele vindo cumprir profecias.

Não poderemos negar o fato de que ele foi um enviado de Deus, como muitos outros também o foram, quer tenham sido profetas ou não. O que faz ele diferente dos outros é que ele foi o maior de todos.

Mas, apesar disso, ele diz: *“Quem crê em mim fará as obras que faço e fará até maiores do que elas”* (João 14,12); o que deixa claro que, para ele, todos nós somos iguais e podemos fazer as mesmas coisas, já que temos a mesma origem: Deus.

Agora, como reflexão final, colocaremos o complemento do pensamento do Espírito que se

identificou como Erasto, registrado em ***O Livro dos Médiuns***:

Vale mais repelir dez verdades do que admitir uma só mentira, uma só falsa teoria. Com efeito, sobre essa teoria poderíeis edificar todo um sistema que desabaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento construído sobre areia movediça, [...]. ⁽³³⁷⁾

Destacamos: “*Vale mais repelir dez verdades do que admitir uma só mentira, uma só falsa teoria*”; quem segue esse conselho ficará livre de dissabores no amanhã.

Referências bibliográficas

- A Bíblia Anotada**, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- A Bíblia Tradução Ecumênica - TEB**, 1ª edição, São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 1996.
- Bíblia de Jerusalém**, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia de Jerusalém**, nova edição, revista. 3ª imp. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- Bíblia do Peregrino**, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia King James 1611**, 5ª edição. Niterói (RJ): BV Books, 2020.
- Bíblia Sagrada**, 14ª imp. São Paulo: Sociedade Bíblia Católica Internacional e Paulus, 1995.
- Bíblia Sagrada**, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada**, 3ª edição, São Paulo: Paulinas, 1977.
- Bíblia Sagrada**, 5ª edição, Aparecida (SP): Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada**, 68ª edição, São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada**, 8ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada**, 9ª edição, São Paulo: Paulinas, 1957.

- Bíblia Sagrada**, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada**, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada**, NTLH, s/ed. Barueri (SP): SBB, 2000.
- Bíblia Sagrada**, Edição Revista e corrigida, Brasília: SBB, 1969.
- Bíblia Sagrada**, s/ed. São Paulo: SBTB, 1994.
- Bíblia Shedd**, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.
- Bíblia Textual**, 1ª edição. Niterói (RJ): BV Books, 2010.
- Bíblia Thompson**, Edição contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 2007.
- Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das**. Cesário Lange (SP): STVBT, 1986.
- Novo Testamento**, s/d, São Paulo: Loyola, 1982.
- ALPRIM, A. **Os Magos de Jesus**. in: *Revista Vida e Obra de Jesus Cristo*, nº 3, p. 38-40.
- ARANTES, J. T. **O desafio de entender Jesus**. In: *Revista Galileu Especial nº 2 – Jesus e os mistérios que a Bíblia não explica*. Rio de Janeiro: Editora Globo, julho/2003, p. 12-21.
- ARIAS, J. **Jesus Esse Grande Desconhecido**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ARMSTRONG, K. **A Bíblia: Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- ASLAN, R. **Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

- BARRERA, J. T. **A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.
- BORG, M. J. e CROSSAN, J. D. **A Última Semana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- BREUIL, P. D. **Zoroastro: Religião e Filosofia**. São Paulo: IBRASA, 1987.
- CAMPBELL, J. **As Máscaras de Deus - Mitologia Oriental**. São Paulo: Palas Athane, 1995.
- CARPENTER, E. **Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados**. São Paulo: Tahyu, 2008.
- CASSANO, R. R. **O Paralelismo Com Osíris: Sugestões do Imaginário Cristão em Artefatos Egípcios Antigos**, p. 29-36, in. KENYON, J. D. (org). *O Que a Bíblia Não nos Contou: a História Secreta Sobre as Heresias da Religião Oriental*. São Paulo: Pensamento, 2008, p. 29-36.
- CAVALCANTE, R. **Quem foi Jesus?** In *Revista Superinteressante*, Edição 183. São Paulo: Editora Abril, dezembro 2002, p. 40-49.
- CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 6**. São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1995.
- CHAMPLIN, R. N. **O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 5**. São Paulo: Hagnos, 2001.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1**. São Paulo: Hagnos, 2002.

- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 2.** São Paulo: Hagnos, 2005.
- CROSSAN, J. D. **Quem Matou Jesus?: As Raízes do Anti-semitismo na História Evangélica da Morte de Jesus.** Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- DENIS, L. **Cristianismo e Espiritismo.** Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- EHRMAN, B. D. **Como Jesus se Tornou Deus.** São Paulo: LeYa, 2014.
- EHRMAN, B. D. **Evangelhos Perdidos.** Rio de Janeiro: Record, 2008.
- EHRMAN, B. D. **O Problema com Deus.** Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- EHRMAN, B. D. **Pedro, Paulo e Maria Madalena.** Rio de Janeiro: Record, 2008.
- EHRMAN, B. D. **Quem escreveu a Bíblia? Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são.** Rio de Janeiro: Agir, 2013.
- EHRMAN, B. D. **Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?: Mais Revelações Inéditas Sobre as Contradições da Bíblia.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
- GAADER, J., HELLERN, V. e NOTAKER, H. **O Livro das Religiões.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HARPUR, T. **O Cristo dos Pagãos: a Sabedoria Antiga e o Significado Espiritual da Bíblia e da História de Jesus.** São Paulo: Pensamento, 2008.
- HARRIS, S. **A Morte da Fé: Religião, Terror e o Futuro da Razão.** São Paulo: Cia das Letras, 2009.

- JOHNSON, P. ***História do Cristianismo***. Rio de Janeiro: IMAGO, 2001.
- JOSEFO, F. ***História dos Hebreus***. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- KARDEC, A. ***A Gênese***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Céu e o Inferno***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Livro dos Médiuns***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Obras Póstumas***. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1863***. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1867***. Araras (SP): IDE, 1999.
- KENYON, J. D. (org). ***O Que a Bíblia Não nos Contou: a História Secreta Sobre as Heresias da Religião Oriental***. São Paulo: Pensamento, 2008.
- KRAMER, S. N. ***Mesopotâmia, o Berço da Civilização***. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- KÜNG, H. ***Religiões do Mundo - Em Busca dos Pontos Comuns***. Campinas (SP): Verus, 2004.
- LENTSMAN, J. A. ***A Origem do Cristianismo***. São Paulo: Fulgor, 1963.

- LETERRE, A. **Jesus e sua doutrina: a distinção entre o cristianismo e catolicismo: um estudo que remonta há mais de 8.600**. São Paulo: Madras, 2004.
- MONLOUBOU, L. e DU BUIT, F. M. **Dicionário Bíblico Universal**. Petrópolis (RJ): Vozes; Aparecida (SP): Santuário, 1996.
- PAGELS, E. **Além de Toda Crença: o Evangelho Desconhecido de Tomé**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- PASTORINO, C. T. **Sabedoria do Evangelho. Vol. 1**. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964a.
- PIRES, J. H. **Concepção Existencial de Deus**. São Paulo: Paideia, 2003.
- PRIEUR, J. **Allan Kardec e Sua Época**. Bragança Paulista (SP): Lachâtre, 2015.
- RODRÍGUEZ, P. **Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada**. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- ROHDEN, H. **Mahatma Gandhi: O Apóstolo da Não-violência**. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- SCHULTZ, S. J. **A História de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- SILVA, S. C. **Analisando as Traduções Bíblicas**. João Pessoa: Ideia, 2001.
- TABOR, J. D. **A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VERMES, G. **A Religião de Jesus, o Judeu**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

VERMES, G. **Natividade**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VERMES, G. **O Autêntico Evangelho de Jesus**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

VERMES, G. **Ressurreição: História e Mitos**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

WESSELOW, T. **O Sinal: o Santo Sudário e o Segredo da Ressurreição**. São Paulo: Paralela, 2012.

WILSON, A. N. **Jesus, o Maior Homem do Mundo**. São Paulo: Prestígio, 2007.

Periódicos:

Revista das Religiões. *Coleção Grandes Heróis Bíblicos. I – Profetas*. Edição 01. São Paulo: Editora Abril, s/d.

Revista Galileu Especial, nº 2, Cristianismo: Jesus e os mistérios que a Bíblia não explica. Rio de Janeiro: Editora Globo, julho/2003.

Revista Superinteressante, Edição 183. São Paulo: Editora Abril, dezembro 2002.

Revista Vida e Obra de Jesus Cristo, nº 3, São Paulo: Mythos Editora, s/d.

Internet:

Capa: <https://history.churchofjesuschrist.org/exhibit/harry-anderson-legacy-in-the-making?lang=eng#mv20>.

Acesso em: 09 fev. 2023.

- BÍBLIA (PROTESTANTE), *Livros do Antigo e do Novo Testamento*, disponível em: <https://i.pinimg.com/564x/24/b2/46/24b246a06f75d5ccb0e3b563f3ba5f14.jpg>. Acesso em: 28 set. 2023.
- BEKHARD, J. *A obscura religião antiga que influencia o mundo até hoje*, disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cjeg123w0q2o>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- BRASIL ESCOLA, *Alexandre Magno*, disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/historia/alexandre-magno.htm>. Acesso em: 12 mar. 2023.
- CASTRO, U. *Cristianismo: Uma História de Plágio e Profecias Arbitrárias*, disponível em: <http://www.ubiratan.hpg.ig.com.br/artigo-historiacristianismo.htm>. Acesso em: 14/ dez. 2004.
- CAVALCANTI, J. *Jesus Veio Para Cumprir o Antigo Testamento? – Alguns Apontamentos Sobre o Nascimento de Jesus*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fiMrBE5hv48>. Acesso em: 13 fev. 2024.
- CAVALCANTI, J. *Por que Jesus não leu um trecho de Isaías numa sinagoga? Por que Jesus era analfabeto?*, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9QE_uAqTauU. Acesso em: 11 ago. 2022.
- DEFENDENDO A FÉ CRISTÃ, *Profecias Messiânicas Cumpridas por Cristo*: <https://defendendoafecrista.wordpress.com/2015/08/13/mais-de-300-profecias-messianicas-cumpridas-em-jesus-cristo/> Acesso em: 09 fev. 2023.
- Galileia e Judeia: https://4.bp.blogspot.com/_RiR5U6HB8XY/TPUtWUtFQal/AAAAAAAAA3g/7vrZNzNQdR4/s1600/palestina2.jpg. Acesso em: 20 set. 2023.

- JUNIOR MARTINS, PR *Profecias Messiânicas Cumpridas*, disponível em: https://prjuniormartins.com.br/wp-content/uploads/2020/12/aula_04a_-_complemento_-_profecias.pdf. Acesso em: 14 fev. 2023.
- JW (site). *O Templo Construído por Salomão*, disponível em https://assetsnffrgf-a.akamaihd.net/assets/m/1001061228/T/art/1001061228_T_sub_lg.jpg. Acesso em: 09 fev. 2023.
- MATTHIES, J. *A origem da Bíblia Hebraica / Antigo Testamento*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wSofYeNzRQs>. Acesso em: 05 fev. 2025.
- MIAMI IMPORTS, *Ferrari 296 GTS*, disponível em: https://miamiimports.com.br/wp-content/uploads/2024/04/Ferrari-296-GTS-Rosso-Corsa_frente-direita.jpg. Acesso em: 21 jan. 2025.
- MICHAELIS (Dic. Online), *Septuaginta*, disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/septuaginta/>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *A Morte de Jesus Foi Para Remissão de Pecados?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/a-morte-de-jesus-foi-para-remissao-dos-pecados-ebook>. Acesso em: 06 set. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *A Traição de Judas, Uma História Mal Contada*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/a-traicao-de-judas-uma-historia-mal-contada>. Acesso em: 06 set. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Inspiração dos Textos Sagrados*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/inspiracao-dos-textos-sagrados>. Acesso em: 06 set. 2024.

- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Isaías Previu Algo a Respeito de Jesus?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/isaias-previu-algo-a-respeito-de-jesus-ebook>. Acesso em: 06 set. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Jesus de Belém ou de Nazaré?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/jesus-de-belem-ou-de-nazare-ebook>. Acesso em: 06 set. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Nascido de Uma Virgem*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/nascido-de-uma-virgem-ebook>. Acesso em: 06 set. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores-ebook>. Acesso em: 06 set. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Profecias por Ilações Teológicas*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/profecias-por-ilacoes-teologicas>. Acesso em: 06 set. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Toda Escritura é Mesmo Inspirada?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/toda-escritura-e-mesmo-inspirada-ebook>. Acesso em: 06 set. 2024.
- SOLA SCRIPTURA, *Profecias Messiânicas Cumpridas – Mais de 300 Profecias das Escrituras Hebraicas Revelam Jesus como o Messias*, disponível em: <http://solascriptura-tt.org/Cristologia/ProfMessianicasCumpridas-Biblicist.htm>. Acesso em: 15 jan. 2018.
- WESTAR INSTITUTE, *The Jesus Seminar*, disponível em: <https://www.westarinstitute.org/projects/the-jesus-seminar/>. Acesso em: 25 ago. 2006.
- WIKIPÉDIA, *Bart D. Ehrman*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bart_D._Ehrman. Acesso em: 30 jan. 2025.

WIKIPÉDIA, *Destruição de Jerusalém*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Destruir%C3%A7%C3%A3o_de_Jerusal%C3%A9m. Acesso em: 04 out. 2023.

WIKIPÉDIA, *Salmos - Origens*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Livro_de_Salmos. Acesso em: 26 ago. 2023.

WIKIPÉDIA, *Salmos - Salmos proféticos*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Livro_de_Salmos. Acesso em: 26 ago. 2023.

WIKIPÉDIA, *Salomão*, disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Salom%C3%A3o>. Acesso em: 09 jan. 2023.

Apêndice: Bíblia Thompson - Profecias

Profecias e seu cumprimento, ordenadas cronologicamente ⁽³³⁸⁾:

Ord	Profecias	Cumprimento
01	Gn 3:15 E porei inimizade entre ti e a mulher, e ente a tua descendência e o seu descendente, este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar	Seria a “semente de uma mulher” Gl 4:4 Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei (Lc 2:7; Ap 12:5)
02	Gn 18:18 Visto que Abraão certamente vira a ser uma grande e poderosa nação, e nele serão benditas todas as nações da terra? (Gn 12:3)	Seria descendente de Abraão At 3:25 Vos sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus fez com vossos pais, dizendo a Abraão Na tua descendência serão benditos todos os povos da terra (Mt 1:1; Lc 3:34)
03	Gn 17:19 Deus lhe respondeu. Na verdade, Sara tua mulher, te dar a um filho, e lhe porás o nome de saque, com ele estabelecerei a minha aliança, aliança perpétua para a sua descendência depois dele.	Seria descendente de Isaque Mt 1:2 Abraão gerou a Isaque, Isaque gerou a Jacó, Jacó gerou a Judá e a seus irmãos (Lc 3:34)
04	Nm 24:17 Vê-lo-ei, mas não agora, con-	Seria descendente de Jacó Lc 3:34 Filho de Jacó, filho de Isaque,

	templá-lo-ei mas não de perto. Uma estrela procederá de Jacó, e de Israel subirá um cetro que quebrará as tēmporas de Moabe, e destruirá todos os fi-lhos de Sete. (Gn 28:14)		filho de Abraão, fi-lho de Terá, filho de Naor (Mt 1:2)
05	Gn 49:10 O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de autoridade de entre seus pés, até que venha Siló, e a ele obedecerão os povos	Descenderia da tribo de Judá	Lc 3:33 Filho de Aminadabe, filho de Admim, filho de Arni, filho de Esrom, filho de Fares, filho de Judá (Mt 1:2-3)
06	Is 9:7 Do aumento do seu governo e paz não haverá fim. Reinará sobre o trono de Davi e sobre seu reino, para o estabelecer e o fortificar em retidão e justiça, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isto (Is 11:1-5; 25 7.13)	Seria o herdeiro do trono de Davi	Mt 1:1 Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão. (Mt 1:6)
07	Mq 5:2 Mas tu, Belém Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti me sairá aquele que na de reinar em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade.	Seu lugar de nascimento	Mt 2:1 Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia no tempo do rei Herodes, vieram uns magos do Oriente a Jerusalém (Lc 2:4-7)
08	Dn 9:25 Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para	A época de seu nascimento	Lc 2:1-2 Naqueles dias saiu um decreto da parte de César Augusto,

	edificar Jerusalém, até o Ungido, o Príncipe, sete semanas, e sessenta e duas semanas. As praças e as tranqueiras se reedificarão, mas em tempos angustiosos.		ordenando o recenseamento de todo o mundo habitado. Este primeiro recenseamento foi feito sendo Quirino governador de Síria. (Lc 2:3-7)
09	Is 7:14 Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: A virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel.	Nasceria de uma virgem	Mt 1:18 Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes que coabitassem, achou-se grávida pelo Espírito Santo. (Lc 1:26-35)
10	Jr 31:15 Assim diz o Senhor: Ouviu-se um clamor em Ramá, lamentação e choro amargo: Raquel chora a seus filhos, e não se deixa consolar por eles, porque já não existem	A matança dos meninos	Mt 2:16 Então Herodes, vendo-se iludido pelos magos, irritou-se muito e mandou matar a todos os meninos de Belém, e de todos os seus arredores de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquirira dos magos. (Mt 2:17-18)
11	Os 11:1 Quando Israel era menino, eu o amei, e do Egito chamei a meu filho.	A fuga para o Egito	Mt 2:14 Levantando-se ele, tomou de noite o menino e sua mãe, e foi para o Egito. (Mt 2:15)
12	Is 9:1-2 Mas para os que estavam aflitos não haverá mais obscuridade. No passado ele envileceu a terra de Zebulom, e a terra	Seu ministério na Galileia	Mt 4:12-16 Quando Jesus ouviu que Jolo estava preso, voltou para a Galileia. Deixando Nazaré, foi morar em Cafar-

	<p>de Naftali, mas nos últimos a enobreceu junto ao caminho do mar, além do Jordão, a Galileia das nações. O povo que andava em trevas viu uma grande luz, sobre os que habitavam na região da sombra da morte resplandeceu a luz.</p>		<p>naum, cidade situada à beira do mar, na região de Zebulom e Naftali; para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías. Terra de Zebulom, terra de Naftali, caminho do mar, além do Jordão, Galileia dos gentios o povo que estava em trevas viu grande luz, e aos que estavam na região e sombra da morte, raiou-lhes a luz.</p>
13	<p>Dt 18:15 O Senhor teu Deus te suscitará um profeta como eu, do meio de ti, de teus irmãos. A ele ouvirás.</p>	<p>Como profeta</p>	<p>Jo 6:14 Vendo os homens o milagre que Jesus fizera, disseram: Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo. (Jo 1:45; At 3:19-26)</p>
14	<p>Sl 110:4 Jurou o Senhor e não se arrepende Tu és sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque</p>	<p>Seria sacerdote, como Melquisedeque</p>	<p>Hb 6:20 Aonde Jesus, como precursor, entrou por nós, feito sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque. (Hb 5:5-6; 7:15-17)</p>
15	<p>Is 53:3 Era desprezado, e o mais indigno entre os homens, homem de dores, e experimentado no sofrimento. Como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizemos dele caso al-</p>	<p>O desprezo por parte dos judeus</p>	<p>Jo 1:11 Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. (Jo 5:43; Lc 4:29; 17:25, 23:18)</p>

	gum. (Sl 2:2)		
16	Is 11:2 Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de inteligência, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor. (Sl 45:7; Is 11:3-4)	Algumas de suas características	Lc 2:52 E crescia Jesus em sabedoria, em estatura e em graça para com Deus e os homens. (Lc 4:18)
17	Zc 9:9 Alegra-te muito, ó filha de Sião! Exulta, ó filha de Jerusalém! Vê! O teu rei virá a ti, justo e Salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, filho de jumenta. (Is 62:11)	Sua entrada triunfal	Jo 12:13-14 Tomaram ramos de palmeiras, e saíram ao seu encontro, gritando: Hosana! Bendito é aquele que vem em nome do Senhor! Bendito é o rei de Israel! Jesus encontrou um jumentinho, e montou nele, como está escrito. (Mt 21:1-11; Jo 12:12)
18	Sl 41:9 Até o meu próprio amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar	Seria traído por um amigo	Mc 14:10 Então Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os principais sacerdotes, para lhes entregar Jesus. (Mt 26:14-16; Mc 14:43-45)
19	Zc 11:12 Eu lhes disse Se parece bem aos vossos olhos, dai-me o que me é devido, se não, deixai-me o Pesaram, pois, o meu salário, trinta moedas de prata. (Zc 11:13)	Seria vendido por trinta moedas de prata	Mt 26:15 E disse: Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei? E pagaram-lhe trinta moedas de prata (Mt 27:3-10)

20	Zc 11:13 E o Senhor me disse: Arroja isso ao oleiro, asse belo preço em que fui avaliado por eles. Tomei as trinta moedas de prata, e as arrojé ao oleiro na casa do Senhor.	O dinheiro seria devolvido para comprar o campo de um oleiro	Mt 27:6-7 E os príncipes dos sacerdotes, tomando as moedas de prata, disseram: Não é lícito colocá-las no cofre das ofertas, pois é preço de sangue. Depois de deliberarem, compraram com elas o campo do oleiro, para sepultura dos estrangeiros (Mt 27:3-5, 8-10)
21	Sl 109:7-8 Quando for julgado, saia condenado, e em pecado se lhe tome a sua oração. Sejam poucos os seus dias, outro tome o seu ofício.	O lugar de Judas devia ser ocupado por outro	At 1:18-20 Ora, este adquiriu um campo com a recompensa da iniquidade, e, precipitando-se, rompeu-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram. E todos os que habitam em Jerusalém ficaram sabendo do acontecido, de maneira que na sua própria língua esse campo se chama acéldama, isto é, Campo de Sangue. Pois no livro dos Salmos está escrito: Fique deserta a sua habitação, e não haja quem nela habite, e tome outro a sua liderança. (At 1:16-17)
22	Sl 27:12 Não me entregues à vontade dos meus adversários, pois	Testemunhas falsas o acusariam	Mt 26:60-61 E não acharam, apesar de se terem apresentado muitas teste-

	<p>contra mim se levantaram falsas testemunhas, respirando violência. (Sl 35:11)</p>		<p>munhas falsas. Mas, por fim, chegaram duas, afirmando: Es-te disse: Eu posso derrubar o templo de Deus, e reedifi-cá-lo em três dias.</p>
23	<p>Is 53:7 Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu sua boca, como cordeiro foi levado ao matadouro, como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca. (Sl 38:13-14)</p>	<p>Permaneceria em silêncio quando acusado</p>	<p>Mt 26:62-63 E, levantando-se o sumo sacerdote, perguntou a Jesus: Nada respondes ao que estes depõem contra ti? Jesus, porém, guardou silêncio. E o sumo sacerdote lhe disse: Conjurote pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus (Mt 27:12-14)</p>
24	<p>Is 50:6 As minhas costas dei aos que me feriam, minhas faces aos que me arrancavam os cabelos não escondi a minha face dos que me afrontavam, e me cuspiam</p>	<p>Seria golpeado e cuspidos</p>	<p>Mc 14:65 Então alguns começaram a cuspir nele, a cobri-lhe o rosto, a dar-lhe murros, e a dizer-lhe Profetiza! E os guardas o levaram, e davam-lhe bofetadas. (Mc 15:17; Jo 19:1-3, 18:22)</p>
25	<p>Sl 69:4 Aqueles que me odeiam sem causa são mais do que os cabelos da minha cabeça, aqueles que procuram destruir-me, que me atacam com mentiras, são poderosos. Tenho de</p>	<p>Seria odiado sem motivo</p>	<p>Jo 15:23-25 Aquele que me odeia, odeia também a meu Pai. Se eu não tivesse feito entre eles o que nenhum outro fez, não teriam pecado. Mas agora viram, e odiaram a mim e a meu Pai.</p>

	restituir o que não furtei. (Sl 109:3-5)		Mas é para que se cumpra a palavra que está escrita na sua lei: Odiaram-me sem motivo.
26	Is 53:4-5 Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si contudo, nós o consideramos como aflito, endo de Deus, e oprimido. Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele pelas suas pisaduras fomos sarados. (Is 50:6, 12)	Sofreria em substituição a nós	Mt 8:16-17 Chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados, e ele com a sua palavra expulsou deles os espíritos e curou a todos os enfermos Isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías. Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças. (Rm 4:25, 1Co 15:3)
27	Is 53:12 Pelo que lhe darei uma porção entre os poderosos, e com os fortes repartirá ele o despojo, porque derramou a sua alma na morte, e foi conta do com os transgressores. Pois ele levou sobre si pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu	Seria crucificado com pecadores	Mt 27:38 E foram crucificados com ele dois assaltantes, um à direita e outro à esquerda. (Mc 15:27-28: Lc 23:33)
28	Sl 22:16 Cães me rodearam; o ajuntamento de malfeitores me cercou, trespassaram-me as mãos os pés (Zc 12:10)	Suas mãos e pés seriam trespassados	Jo 20:27 Então disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo, vê as minhas mãos. Chega a tua mão, e põe-na no meu lado. Não sejas incrédulo, mas crente (Jo 19:37,

			20:25-26)
29	SI 22:6-8 Mas eu sou verme, e não homem, opróbrio dos homens e desprezado do povo. Todos os que me veem zombam de mim; estendem os lábios e meneiam a cabeça, dizendo, Confiou no Senhor, que o livre. Livre-o, pois nele tem prazer.	Seria escarnecido e insultado	Mt 27:39-40 Os que passavam, blasfemavam dele meneando a cabeça, e dizendo: Tu, que destróis templo, e em três dias o reedificas, salva-te a ti mesmo! Se és Filho de Deus, desce da cruz. (M 27:41-44; Mc 15:29-32)
30	SI 69:21 Deram-me fel por alimento, e na minha sede me deram a beber vinagre	Dariam a ele fel e vinagre	Jo 19:29 Estava ali um vaso cheio de vinagre Embeberam de vinagre uma esponja, colocaram numa vara de hissope e chegaram-na à sua boca (Mt 27:34, 48)
31	SI 22:8 Confiou no Senhor, que o livre. Livre-o, pois nele tem prazer.	Ouviria palavras proféticas com zombaria	Mt 27:43 Confiou em Deus. Livre-o agora, se de fato o ama, pois disse: Sou Filho de Deus.
32	SI 109:4 Em paga da minha amizade me acusam, mas eu sou um homem de oração. (Is 53:12)	Oraria por seus inimigos	Lc 23:34 Jesus, porém, dizia: Pai, perdoa-lhes pois não sabem o que fazem. Repartindo as vestes dele, lançaram sortes.
33	Zc 12:10 E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o Espírito de graça e de súplicas. Olharão para mim, a quem trespassaram, e o	Seu lado seria trespassado	Jo 19:34 Contudo, um dos soldados trespassou lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água.

	prantearão como quem pranteia por seu filho único, e chorarão amargamente por ele, como se chora pelo primogênito.		
34	SI 22:18 Repartem entre si as minhas vestes, e lançam sortes sobre a minha túnica.	Os soldados lançariam sortes sobre suas roupas	Mc 15:24 E eles o crucificaram. Repartindo entre si as vestes dele, lançaram sorte, para ver o que cada um levaria. (Jo 19:24)
35	SI 34:20 Ele lhe preserva todos os seus ossos; nem sequer um deles será quebrado, (Ex 12:46)	Seus ossos não seriam quebrados	Jo 19:33 Mas chegando-se a Jesus, e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas.
36	Is 53:9 Deram-lhe sepultura com os ímpios, e com o rico na sua morte, embora nunca tivesse cometido injustiça, nem houvesse engano na sua boca	Seria sepultado com ricos	Mt 27:57-60 Chegada a tarde, veio um homem rico de Arimateia, chamado José, que também era discípulo de Jesus. Este foi ter com Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus. Então Pilatos mandou que lhe fosse entregue. E José, tomando o corpo, envolveu-o num pano limpo de linho, e o depositou no seu sepulcro novo, que havia aberto na rocha. Rolou uma grande pedra para a entrada do sepulcro, e se retirou.

37	Sl 16:10 Porque não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção. (Mt 16:21)	Sua ressurreição	Mt 28:9 De repente Jesus lhes sal ao encontro, dizendo: Eu vos saúdo. E elas, chegando, abraçaram os seus pés, e o adoraram. (Lc 24:36-48)
38	Sl 68:18 Quando subiste ao alto, levaste cativo o cativo; recebeste dons dos homens, e até dos rebeldes, para que o Senhor Deus habitasse entre eles.	Sua ascensão	Lc 24:50-51 Então Jesus os levou para Betânia e levantando as mãos, os abençoou. Abençoando-os ele, apartou-se deles e foi elevado ao céu. (At 1:9)

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II, 2) Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de*

Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 16) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 17) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 18) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 19) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 20) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 21) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 22) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 23) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 24) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 25) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 26) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 27) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 28) Haveria Fetus Sem Espírito?; 29) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; e 30) Herculano Pires diante da Revista Espírita.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 BÍBLIA (PROTESTANTE), *Livros do Antigo e do Novo Testamento*, disponível em:
<https://i.pinimg.com/564x/24/b2/46/24b246a06f75d5ccb0e3b563f3ba5f14.jpg>
- 2 *Dicionário Barsa*, p. 176.
- 3 WIKIPÉDIA, *Bart D. Ehrman*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Bart_D._Ehrman
- 4 Nota da Transcrição: Ver John J. Collins, *The Scepter and the Star: The Messiahs of the Dead Sea Scrolls and Other Ancient Literature* (Nova York: Doubleday, 1995).
- 5 EHRMAN, *Quem Escreveu a Bíblia? Por que os Autores da Bíblia não são quem pensamos que são*, p. 147-149.
- 6 GAADER, HELLERN e NOTAKER, *O Livro das Religiões*, p. 111.
- 7 BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 287.
- 8 WIKIPÉDIA, *Destruição de Jerusalém*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Destrui%C3%A7%C3%A3o_d_e_Jerusal%C3%A9m
- 9 MATTHIES, *A origem da Bíblia Hebraica / Antigo Testamento*, disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=wSofYeNzRQs>
- 10 *Dicionário Prático Barsa*, p. 221.
- 11 EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 134.
- 12 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 946.
- 13 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1236-1237.
- 14 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1231-1232.
- 15 Há 13 passagens do NT com mais de uma referência no AT como profecia: 08) uma; 24) três; 27) quatro; 28) onze; 29) duas; 30) uma; 32) uma; 33) uma; 35) duas; 40) três; 44) uma, 46) uma e 47) duas; ao todo são 33 passagens a acrescentar, embora tenha algumas repetições. Então temos 80 ocorrências (47+33), acrescentando-se a elas uma não existente em 36),

chegaremos ao total de 81 ocorrências.

- 16 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1235-1236.
- 17 BARRERA, A *Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 277.
- 18 LENTSMAN, A *Origem do Cristianismo*, p. 38.
- 19 SILVA NETO SOBRINHO, *Inspiração dos Textos Sagrados*, link: <https://paulosnetos.net/article/inspiracao-dos-textos-sagrados>
- 20 *Dicionário Prático Barsa*, p. 243.
- 21 WIKIPÉDIA, *Salmos - Origens*: A autoria da maioria dos salmos é atribuída ao rei Davi, o qual teria escrito pelo menos 74 poemas[5]. Asafe é considerado o autor de 12 salmos. Os filhos de Corá escreveram em torno de nove salmos e o rei Salomão ao menos dois. Hemã, com os filhos de Corá, bem como Etã e Moisés, escreveram no mínimo um cada. Todavia, 51 salmos seriam tidos de autoria desconhecida. (fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Livro_de_Salmos)
- 22 *Dicionário Prático Barsa*, p. 243.
- 23 CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 6*, p. 55.
- 24 *Bíblia Sagrada - Santuário*, p. 775.
- 25 *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 30.
- 26 *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 666.
- 27 *Bíblia de Jerusalém*, p. 858.
- 28 WIKIPÉDIA, *Salmos - Salmos proféticos*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Livro_de_Salmos
- 29 *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 889-890.
- 30 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1238-1239.
- 31 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 950-951.
- 32 *Revista das Religiões. Coleção Grandes Heróis Bíblicos. I - Profetas*. Edição 01, p. 32-34.

- ³³ EHRMAN, *Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?: Mais Revelações Inéditas Sobre as Contradições da Bíblia*, p. 246-251.
- ³⁴ 1) SOLA SCRIPTURA, *Profecias Messiânicas Cumpridas – Mais de 300 Profecias das Escrituras Hebraicas Revelam Jesus como o Messias*, disponível em: <http://solascriptura-tt.org/Cristologia/ProfMessianicasCumpridas-Biblicist.htm>; e 2) DEFENDENDO A FÉ CRISTÃ, *Profecias Messiânicas Cumpridas por Cristo*: <https://defendendoafecrista.wordpress.com/2015/08/13/mais-de-300-profecias-messianicas-cumpridas-em-jesus-cristo/>
- ³⁵ JUNIOR MARTINS, PR *Profecias Messiânicas Cumpridas*, disponível em: https://prjuniormartins.com.br/wp-content/uploads/2020/12/aula_04a_-_complemento_-_profecias.pdf
- ³⁶ Em *O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – Vol. 5*, Russell R. Champlin, também publica essa lista à p. 3689.
- ³⁷ SILVA NETO SOBRINHO, *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?*, link: <https://paulosnetos.net/article/os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores-ebook>
- ³⁸ VERMES, *A Religião de Jesus, o Judeu*, p. 62.
- ³⁹ EHRMAN, *Evangelhos Perdidos*, 2008, p. 180.
- ⁴⁰ VERMES, *O Autêntico Evangelho de Jesus*, p. 437-438.
- ⁴¹ EHRMAN, *O Problema com Deus*, p. 36-37.
- ⁴² EHRMAN, *O Problema com Deus*, p. 49.
- ⁴³ EHRMAN, *O Problema com Deus*, p. 53.
- ⁴⁴ JOHNSON, *História do Cristianismo*, p. 39.
- ⁴⁵ Nota da Tradução (N.T.): A autoria da primeira epístola aos tessalonicenses é discutida; talvez ela não tenha sido escrita por Paulo.
- ⁴⁶ ARMSTRONG, *A Bíblia: uma biografia*, p. 63-64.

- 47 SILVA NETO SOBRINHO, *Toda Escritura é Mesmo Inspirada?*, link: <https://paulosnetos.net/article/toda-escritura-e-mesmo-inspirada-ebook>
- 48 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 68.
- 49 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 182.
- 50 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 188.
- 51 N.T.: Is. 42.1, 4; 45.21; Jon. 3.10; 4.2; Ez. 18.23. Cf. *Zaratustra, op. cit.*
- 52 BREUIL, *Zoroastro: Religião e Filosofia*, p. 94-95.
- 53 BREUIL, *Zoroastro: Religião e Filosofia*, p. 106-107.
- 54 BEKHARD, *A obscura religião antiga que influencia o mundo até hoje*, disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cjeg123w0q2o>
- 55 KÜNG, *Religiões do Mundo - Em Busca dos Pontos Comuns*, orelha contracapa.
- 56 KÜNG, *Religiões do Mundo - Em Busca dos Pontos Comuns*, p. 194.
- 57 ARANTES, *O desafio de entender Jesus*. In: *Revista Galileu Especial nº 2 - Jesus e os mistérios que a Bíblia não explica*, p. 16.
- 58 BORG e CROSSAN, *A Última Semana*, p. 185-186.
- 59 CAVALCANTI, *Jesus Veio Para Cumprir o Antigo Testamento? - Alguns Apontamentos Sobre o Nascimento de Jesus*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fIMrBE5hv48>
- 60 HARPUR, *O Cristo dos Pagãos: a Sabedoria Antiga e o Significado Espiritual da Bíblia e da História de Jesus*, p. 167.

- ⁶¹ CASTRO, *Cristianismo: Uma História de Plágio e Profecias Arbitrárias*, disponível em: <http://www.ubiratan.hpg.ig.com.br/artigo-historiacristianismo.htm>, link não funciona mais, a cópia em “doc” que temos, é datada de 14/12/2004.
- ⁶² EHRMAN, *Pedro, Paulo e Maria Madalena*, p. 292-293.
- ⁶³ SILVA NETO SOBRINHO, *Profecias por Ilações Teológicas*, link: <https://paulosnetos.net/article/profecias-por-ilacoes-teologicas>
- ⁶⁴ *Bíblia Sagrada – Santuário*, p. 1807.
- ⁶⁵ BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 287.
- ⁶⁶ *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 1333.
- ⁶⁷ *Bíblia do Peregrino*, p. 1772.
- ⁶⁸ *Bíblia Sagrada – Vozes*, p. 889-890 e *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 947.
- ⁶⁹ *Bíblia Sagrada – Barsa*, p. 476.
- ⁷⁰ *Bíblia Sagrada – Vozes*, p. 737-738.
- ⁷¹ SILVA NETO SOBRINHO, *A Traição de Judas, Uma História Mal Contada*, link: <https://paulosnetos.net/article/a-traicao-de-judas-uma-historia-mal-contada>
- ⁷² CROSSAN, *Quem Matou Jesus?: As Raízes do Antisemitismo na História Evangélica da Morte de Jesus*, p. 93.
- ⁷³ CROSSAN, *Quem Matou Jesus?: As Raízes do Antisemitismo na História Evangélica da Morte de Jesus*, p. 93-94.
- ⁷⁴ *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 1225.
- ⁷⁵ *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 1225.
- ⁷⁶ *Bíblia Shedd*, Marcos 14,50, p. 1415
- ⁷⁷ *Bíblia de Jerusalém*, p. 956.
- ⁷⁸ *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 1320.

⁷⁹ *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 679.

⁸⁰ N.T.: Não vamos reproduzir todos os textos do Velho Testamento que supostamente *profetizam* as correspondentes passagens dos Evangelhos; ver-nos-íamos obrigados a transcrever o contexto de cada um deles, o que seria tão incômodo quão absurdo. Não deixamos, no entanto, de recomendar a quem tiver dúvidas sobre o que afirmamos que pegue numa Bíblia e proceda por si às referidas comparações e verá com os seus próprios olhos como foi desavergonhada e infantil a fabricação de *profecias* bíblicas relativas à paixão de Jesus.

⁸¹ N.T.: Neste passo, não nos servimos do texto da Bíblia católica de Nácar-Colunga, que utilizamos em todo este livro, por estar escandalosamente mal traduzido. A versão que apresenta é a seguinte: “Quando alguém cometeu um crime digno de morte, que seja morto pendurado num madeiro, e o seu cadáver não ficará no madeiro durante a noite, não deixareis de o enterrar no próprio dia, porque o enforcado é maldição de Deus, e não há-de manchar a terra que lavé, teu Deus, te deu em herança”; a palavra “enforcado”, com que se pretende criar uma distância entre este passo e o tipo de morte que sofreu Jesus, não só aparece em nenhuma tradução objectiva da Bíblia (seja ela católica ou independente) como, inclusivamente, está ausente de outras versões absolutamente católicas. É o caso, por exemplo, da que nos servimos neste passo (Cf. *Sagrada Bíblia*, traduzida por Félix Torres e Severiano del Páramo, Apostolado de la Prensa, Madrid, 1928, p. 349).

⁸² N.T.: Como o leitor poderá constatar por si próprio, é muito fácil encontrar *profecias* na Bíblia. Experimente fazer o que nós mesmos fizemos: ao abrirmos a Bíblia ao acaso, saíram-nos as páginas 704-705; quando começámos a ler, deparamos com este versículo: “Mesmo que se forme contra mim um exército, o meu coração manter-se-á firme. Mesmo que parta em guerra contra mim, não deixarei, mesmo então, de continuar tranquilo” (Sl 27, 3). A uma primeira leitura, é evidente

que se trata de uma *profecia* claríssima de “Rambo” – especialmente do seu filme *O Encurralado*; ou talvez de um filme de James Bond; ou, melhor ainda, do líder sectário David Koresh, mortalmente cercado pelas forças especiais do FBI, no seu rancho de Waco; mas também pode estar a referir-se ao cerco final de *Che Guevara* em La Higuera pelo exército boliviano; ou, talvez seja uma descrição perfeita do comportamento do valente e honesto monsenhor Oscar Romero, assassinado em El Salvador; ou ainda pode estar a *profetizar* a detenção de Jesus de Nazaré por toda uma coorte do exército romano; ou, talvez...

- ⁸³ RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 192-194.
- ⁸⁴ *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 1343.
- ⁸⁵ *Bíblia Sagrada – Vozes*, p. 941.
- ⁸⁶ *A Bíblia Tradução Ecumênica*, p. 493.
- ⁸⁷ SILVA NETO SOBRINHO, *A Morte de Jesus Foi Para Remissão de Pecados?*, link: <https://paulosnetos.net/article/a-morte-de-jesus-foi-para-remissao-dos-pecados-ebook>
- ⁸⁸ WESTAR INSTITUTE, *The Jesus Seminar*, disponível em: <https://www.westarinstitute.org/projects/the-jesus-seminar/>
- ⁸⁹ CROSSAN, *Quem Matou Jesus?: As Raízes do Anti-semitismo na História Evangélica da Morte de Jesus*, p. 159.
- ⁹⁰ CROSSAN, *Quem Matou Jesus?: As Raízes do Anti-semitismo na História Evangélica da Morte de Jesus*, p. 163.
- ⁹¹ ASLAN, *Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré*, p. 21.
- ⁹² *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 959.
- ⁹³ *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 1035.
- ⁹⁴ *Bíblia Sagrada – Vozes*, p. 981.

- ⁹⁵ *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 1067.
- ⁹⁶ *Bíblia do Peregrino*, p. 1905.
- ⁹⁷ *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 1346.
- ⁹⁸ *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 1350.
- ⁹⁹ TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 64.
- ¹⁰⁰ VERMES, *Natividade*, p. 37.
- ¹⁰¹ *Bíblia Paulinas*, 1957, p. 1178.
- ¹⁰² DANNEMANN, Autoria da frase “*A emenda saiu pior que o soneto*”, disponível em:
<http://fernandod.com.br/press.php?texto=793>
- ¹⁰³ VERMES, *Natividade*, p. 40-42.
- ¹⁰⁴ LENTSMAN, *A Origem do Cristianismo*, p. 174-175.
- ¹⁰⁵ PAGELS, *Além de Toda Crença: o Evangelho Desconhecido de Tomé*, p. 114.
- ¹⁰⁶ N.T.: Mateus 13:31-50.
- ¹⁰⁷ N.T.: Mateus 5:17.
- ¹⁰⁸ N.T.: Mateus 5:11; 10:17-23.
- ¹⁰⁹ N.T.: Mateus 24:9-12.
- ¹¹⁰ N.T.: Gênesis 16:11; Juízes 13:3-5; Gênesis 17:15-21.
- ¹¹¹ N.T.: Mateus 8:17; Isaías 53,4.
- ¹¹² N.T.: Mateus 5:1.
- ¹¹³ N.T.: Mateus 5:19.
- ¹¹⁴ N.T.: Mateus 5:21-39.
- ¹¹⁵ N.T.: Mateus 5:38-48.
- ¹¹⁶ N.T.: Mateus 9:13; Oseias 6:6 cf. Aboth de Rabba Natham 1.4.11a.
- ¹¹⁷ N.T.: Mateus 7:12 cf. B. Shabbat 31a.
- ¹¹⁸ N.T.: Mateus 12:16, 41, 42.

- 119 N.T.: M. Pirke Avoth 3:3, in C.C. Montefiore e H. Lowe (orgs), *A Rebbinic Anthology*, Nova York, 1974, p. 23.
- 120 N.T.: Mateus 18:20; Galambush, *Reluctant Parting*, p. 67-68.
- 121 ARMSTRONG, *A Bíblia: Uma Biografia*, p. 73-74.
- 122 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 955.
- 123 N.T.: Quanto a discussões representativas sobre este texto, identificando-o com o Messias, veja Burnes e Kissane, no seu comentário sobre essa referência. Cf. também Allis, **op. cit.**, pág. 12, e E. J. Young, **Studies in Isaiah** (Londres: Tyndale Press, 1954), págs. 143-198.
- 124 SCHULTZ, *A História de Israel no Antigo Testamento*, p. 292-293.
- 125 MONLOUBOU, DU BUIT, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 226.
- 126 EHRMAN, *Como Jesus se Tornou Deus*, p. 324.
- 127 *A Bíblia Anotada*, p. 859.
- 128 *A Bíblia Anotada*, p. 859.
- 129 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1265.
- 130 LETERRE, *Jesus e sua doutrina: a distinção entre o cristianismo e catolicismo: um estudo que remonta há mais de 8.600*, p. 29.
- 131 *Septuaginta*: BIBL [com inicial maiúscula] Tradução dos livros canônicos da Bíblia hebraica para o grego, que apresentava grandes diferenças em relação ao texto original, para que fosse aceita pelos judeus do Egito no final dos séculos III e II a.C. Seu título, LXX, teria como origem os 72 sábios eruditos que, supostamente, foram responsáveis por esse documento; versão dos setenta. (*MICHAELIS - Dicionário Online*)
- 132 N.T.: O termo *neânis*, segundo pudemos deduzir, significa solteira.
- 133 BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 369.

- ¹³⁴ BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 621.
- ¹³⁵ BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 398.
- ¹³⁶ PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho - Vol. 1*, p. 55.
- ¹³⁷ ASLAN, *Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré*, p. 61.
- ¹³⁸ LENTSMAN, *A Origem do Cristianismo*, p. 175.
- ¹³⁹ N.T.: Todas as traduções da Bíblia foram feitas por mim, exceto se indicado de outra forma. Empreguei itálico para enfatizar determinadas partes.
- ¹⁴⁰ N.T.: Na maioria das traduções Bíblicas esse nome é grafado como Acaz.
- ¹⁴¹ TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 60.
- ¹⁴² TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 336.
- ¹⁴³ N.T.: Isaías 7:14. Essa é uma tradução literal do versículo, não segue a versão tradicional da Bíblia de Jerusalém.
- ¹⁴⁴ N.T.: Isaías 9:1.
- ¹⁴⁵ N.T.: Isaías 9:5-7.
- ¹⁴⁶ ARMSTRONG, *A Bíblia: Uma Biografia*, p. 25.
- ¹⁴⁷ N.T.: Ver B. M. Metzger e M. D. Coogan (eds), *The Oxford companion to the Bible* (Oxford: Oxford Univ. Press, 1993), pp. 789-90, e A. N. Wilson, *Jesus: A live* (Nova York: W. W. Norton, 1992), p. 79. Já foram observados muitos outros pares de citações entre o Velho e o Novo Testamentos que não sustentam: Mat 2,3-5 e Miq. 5,2; Mat. 2,16-18 e Jer. 31,15/Gên. 35,19; Mat. 8,18 e Isa. 53,4; Mat. 12,18 e Isa. 42,1-4; Mat. 13,53 e Sal. 78,2; Mat. 21,5 e Zac. 9,9/Isa.62,11. Mat. 27,9-10 afirma cumprir uma profecia que atribui erroneamente a Jeremias, quando, na realidade, aparece em Zacarias 11,12 - eis aí mais evidências de que "A Bíblia não erra".

- ¹⁴⁸ N.T.: Era considerável o estigma ligado à ilegitimidade entre os judeus no século I d.C. Ver S. Mitchell, *The gospel according to Jesus* (Nova York: HarperColins, 1991).
- ¹⁴⁹ N.T.: Ver *ibid.*, p. 78, e J. Pelikan, *Jesus through the centuries* (Nova York: Haper and Row, 1987), p. 80.
- ¹⁵⁰ HARRIS, *A Morte da Fé: Religião, Terror e o Futuro da Razão*, p. 109.
- ¹⁵¹ HARRIS, *A Morte da Fé: Religião, Terror e o Futuro da Razão*, p. 204.
- ¹⁵² VERMES, *Natividade*, p. 74-79.
- ¹⁵³ TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 76.
- ¹⁵⁴ N.T.: Essa é a chamada visão elvídica, em homenagem a Elvídio, um escritor cristão do século IV, que Jerônimo procura refutar. Eusébio, o historiador da igreja do século IV, cita regularmente fontes antigas e refere-se a irmãos de Jesus “segundo a carne”, certamente concebendo-os como filhos de Maria e José. Consulte Eusébio, *Churc History* 2.23;3.19.
- ¹⁵⁵ TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 90.
- ¹⁵⁶ TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 340.
- ¹⁵⁷ N.T.: Tertuliano, *De Spectaculis* 30.
- ¹⁵⁸ N.T.: *Book of the Resurrection of Christ by Bartholomew the Apostle* 1.6-7.
- ¹⁵⁹ TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 250-251.
- ¹⁶⁰ CARPENTER, *Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados*, p. 108.
- ¹⁶¹ ARIAS, *Jesus Esse Grande Desconhecido*, p. 111-112,
- ¹⁶² N.T.: Ver F. Nork, *Der Mystagog*, Leipzig.

- ¹⁶³ N.T.: Isso foi dito por seus discípulos (ver *Pagan Christs*, de Robertson, p. 338).
- ¹⁶⁴ N.T.: Vide Plutarco em *Ísis e Osíris*.
- ¹⁶⁵ N.T.: *Ancient Art and Ritual*, de Jane E. Harrison, cap. I.
- ¹⁶⁶ N.T.: Vide Ezequiel 8:14.
- ¹⁶⁷ N.T.: Uma descoloração causada pela terra vermelha que escorre das montanhas com a chuva que foi observada por viajantes modernos. Para obter a história completa de Adônis e de Attis, leia *Golden Bough*, de Frazer, parte IV.
- ¹⁶⁸ N.T.: Cox, *Myths of the Aryan Nations*, p. 107.
- ¹⁶⁹ N.T.: *Bhagavat Gita*, capítulo XI.
- ¹⁷⁰ N.T.: *I Apol.*, capítulo 66.
- ¹⁷¹ N.T.: *De Praescriptione Hereticorum*, c. 40; *De Bapt.* c. 3; *De Corona*, c. 15.
- ¹⁷² N.T.: Para referência desses dois exemplos ver *Pagan Christs*, de J. M. Robertson, pp. 321 e 322.A
- ¹⁷³ N.T.: O signo zodiacal de Capricórnio ver *infra* (cap. III).
- ¹⁷⁴ N.T.: Veja *Encycl. Brit.* art. "Chronology".
- ¹⁷⁵ N.T.: "No entanto, existe uma dificuldade em aceitar o dia 25 de dezembro como a data verdadeira do nascimento de Cristo, uma vez que dezembro é o mês com maior incidência de chuva na Judeia, quando os rebanhos e os pastores não poderiam estar à noite nos campos de Belém". *Encycl. Brit.* art. "Christmas Day". De acordo com a *Hastings's Encyclopaedia*, art. "Christmas", "Usener diz que a festa do nascimento era feita originalmente no dia 6 de janeiro (a Epifânia), mas no ano de 353-4 o papa Libério a mudou para o dia 25 de dezembro... mas não há evidências de festas para celebrar a data antes do século IV a.C." Apenas em 534 d.C. o Natal e a Epifânia passaram a ser considerados *dies non*.

- 176 CARPENTER, *Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados*, p. 15-19.
- 177 CARPENTER, *Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados*, p. 35-36,
- 178 N.T.: Baring Gould, em seu livro *Orig. Relig. Beliej*, l. 401, diz: “Entre os Hindus antigos, Soma era uma divindade; ele é chamado de Provedor da Vida e da Saúde... **Encarnou entre os homens, foi pego por eles, morto e triturado em um almofariz** (aparentemente um deus de cereal e vinho). Mas ele ressuscitou das chamas e subiu ao céu para ser ‘Benfeitor do Mundo’ e o ‘Mediador entre Deus e o homem’. Por meio da comunhão com ele em seu sacrifício, o homem (que partilhava desse deus) tem uma confirmação de imortalidade, pois com esse sacramento obtém união com sua divindade”.
- 179 N.T.: Ver uma considerável lista no livro de Doane, *Bible Myths*, cap. XX.
- 180 N.T.: *Hist. Sanskrit Literature*, p. 80.
- 181 N.T.: Ver o livro de Kingsborough, *Mexican Antiquities*, vol. VI.
- 182 N.T.: Ver *Apologia*, de Tertúlio, c. 16; *Ad acciones*, c. XII.
- 183 N.T.: Cap. IX, V. 16.
- 184 N.T.: *Primitive Folk*, cap. VI.
- 185 CARPENTER, *Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados*, p. 89-91.
- 186 N.T.: Mateus 16:23; *Mahāparinibbna-Sūta* 61.
- 187 CAMPBELL, *As Máscaras de Deus – Mitologia Oriental*, p. 203-205.
- 188 CASSANO, *O Paralelismo Com Osíris: Sugestões do Imaginário Cristão em Artefatos Egípcios Antigos*, p. 29-36.
- 189 KRAMER, *Mesopotâmia, o Berço da Civilização*, p. 169.

- ¹⁹⁰ SILVA NETO SOBRINHO, *Nascido de Uma Virgem*, link: <https://paulosnetos.net/article/nascido-de-uma-virgem-ebook>
- ¹⁹¹ *Bíblia do Peregrino*, p. 2320.
- ¹⁹² *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, p. 1135.
- ¹⁹³ *Bíblia Shedd*, p. 1329.
- ¹⁹⁴ *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 747.
- ¹⁹⁵ *Bíblia Sagrada – Vozes*, p. 709.
- ¹⁹⁶ CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – Vol. 1*, p. 277.
- ¹⁹⁷ VERMES, *Natividade*, p. 19.
- ¹⁹⁸ ALPRIM, *Os Magos de Jesus*. in. *Revista Vida e Obra de Jesus Cristo*, nº 3, p. 38-40.
- ¹⁹⁹ LENTSMAN, *A Origem do Cristianismo*, p. 175-177.
- ²⁰⁰ SILVA NETO SOBRINHO, *Jesus de Belém ou de Nazaré?*, link: <https://paulosnetos.net/article/jesus-de-belem-ou-de-nazare-ebook>
- ²⁰¹ ASLAN, *Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré*, p. 58.
- ²⁰² TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 336.
- ²⁰³ CAVALCANTE, *Quem foi Jesus?*, p. 43.
- ²⁰⁴ GALILEIA e JUDEIA, disponível em: https://4.bp.blogspot.com/_RiR5U6HB8XY/TPUtWUtFQaI/AAAAAAAAA3g/7vrZNzNQdR4/s1600/palestina2.jpg
- ²⁰⁵ N.T.: João, 7:42.
- ²⁰⁶ WILSON, *Jesus, o Maior Homem do Mundo*, p. 99.
- ²⁰⁷ *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 1173.
- ²⁰⁸ ASLAN, *Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré*, p. 58.

- ²⁰⁹ *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 1078.
- ²¹⁰ TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 103-104.
- ²¹¹ ASLAN, *Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré*, p. 56-57.
- ²¹² VERMES, *Natividade*, p. 141.
- ²¹³ ASLAN, *Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré*, p. 51-52.
- ²¹⁴ *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 957.
- ²¹⁵ *Bíblia Sagrada - Barsa*, p. 581.
- ²¹⁶ *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 898.
- ²¹⁷ *A Bíblia Anotada*, p. 905.
- ²¹⁸ *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 947.
- ²¹⁹ EHRMAN, *O Problema com Deus*, p. 72.
- ²²⁰ *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 890.
- ²²¹ RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 191.
- ²²² Texto da *Bíblia Sagrada - Barsa*.
- ²²³ *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 985-986.
- ²²⁴ *Bíblia de Jerusalém*, p. 1239.
- ²²⁵ N.T.: Alguns estudiosos consideram o “servo” como um indivíduo (não a nação, ou parte da nação de Israel), uma espécie de representante do povo como um todo. Se essa visão fosse partilhada também pelos antigos leitores, isso levaria naturalmente à compreensão dos cristãos de que o indivíduo não era outro que não seu messias, Jesus. Ver a próxima nota.
- ²²⁶ N.T.: Para outras interpretações do “servo sofredor”, ver qualquer bom comentário sobre 2 Isaiás, como Richard J. Clifford. *Fair Spoken and Persuading: An Interpretation of Second Isaiah*. Nova York: Paulist, 1984, ou Christopher Seitz: ‘The Book of Isaiah 40-66’, em *The New*

- Interpreter's Bible*, organizada por Leander Keck. Nashville: Abingdom, 2001, vol. 6, p. 307-551.
- 227 EHRMAN, *O Problema com Deus*, 2008, p. 74-76.
- 228 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1263-1264.
- 229 *A Bíblia Anotada*, p. 746.
- 230 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 754.
- 231 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1222.
- 232 BRASIL ESCOLA, *Alexandre Magno*, disponível em: <https://monografias.brasile scola.uol.com.br/historia/alexandre-magno.htm>
- 233 *Bíblia Sagrada - Santuário*, p. 1409.
- 234 *Bíblia de Jerusalém - 1987*, p. 1354.
- 235 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1216.
- 236 *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 277.
- 237 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1675.
- 238 *Bíblia do Peregrino*, p. 2296.
- 239 *A Bíblia Anotada*, p. 1229.
- 240 *A Bíblia Anotada*, p. 1165.
- 241 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1678.
- 242 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1754.
- 243 *Bíblia Sagrada - Barsa*, p. 769.
- 244 CROSSAN, *Quem Matou Jesus?: As Raízes do Antisemitismo na História Evangélica da Morte de Jesus*, p. 15-16.
- 245 *Bíblia do Peregrino*, p. 562.
- 246 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 957.
- 247 N.T.: Quanto a discussões representativas sobre este texto, identificando-o com o Messias, veja Burnes e Kissane, no seu comentário sobre essa referência. Cf. também Allis, **op. cit.**, pág. 12, e E. J. Young, **Studies in Isaiah** (Londres: Tyndale Press, 1954), págs. 143-198.

- ²⁴⁸ SCHULTZ, *A História de Israel no Antigo Testamento*, p. 292-293.
- ²⁴⁹ WESSELOW, *O Sinal: o Santo Sudário e o Segredo da Ressurreição*, p. 54.
- ²⁵⁰ *Bíblia de Jerusalém*, p. 1245.
- ²⁵¹ *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1143.
- ²⁵² CAVALCANTI, *Por que Jesus não leu um trecho de Isaías numa sinagoga? Por que Jesus era analfabeto?*, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9QE_uAqTauU
- ²⁵³ CAVALCANTI, *Por que Jesus não leu um trecho de Isaías numa sinagoga? Por que Jesus era analfabeto?*, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9QE_uAqTauU
- ²⁵⁴ *Bíblia de Jerusalém*, p. 1352.
- ²⁵⁵ *Bíblia Shedd*, Lucas 18,27, p. 1465.
- ²⁵⁶ Texto da Bíblia Sagrada - SBB.
- ²⁵⁷ *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 1117.
- ²⁵⁸ *A Bíblia Anotada*, p. 1101.
- ²⁵⁹ *Bíblia de Jerusalém*, p. 1591.
- ²⁶⁰ *A Bíblia Anotada*, p. 1101.
- ²⁶¹ VERMES, *Ressurreição: História e Mito*, p. 102.
- ²⁶² *Bíblia Shedd*, Lucas 24,27, p. 1480.
- ²⁶³ *Bíblia Shedd*, p. 1479.
- ²⁶⁴ *Bíblia de Jerusalém*, p. 1833.
- ²⁶⁵ *A Bíblia Anotada*, p. 1315.
- ²⁶⁶ CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 2*, p. 238.
- ²⁶⁷ *Bíblia do Peregrino*, p. 2101-2102.

- ²⁶⁸ *Bíblia Shedd* (Daniel 9,24, foi preciso iniciar a partir do versículo 22 e Miqueias 4,2, incluímos o versículo 1), p. 1481.
- ²⁶⁹ *A Bíblia Anotada* (Referências para o versículo 44), p. 1316.
- ²⁷⁰ *Bíblia de Jerusalém*, p. 1573.
- ²⁷¹ WESTAR INSTITUTE, *The Jesus Seminar*, disponível em: <https://www.westarinstitute.org/projects/the-jesus-seminar/>
- ²⁷² *Bíblia Shedd*, João 1,45, p. 1485.
- ²⁷³ *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 234.
- ²⁷⁴ MIAMI IMPORTS, *Ferrari 296 GTS*, disponível em: https://miamiimports.com.br/wp-content/uploads/2024/04/Ferrari-296-GTS-Rosso-Corsa_frente-direita.jpg
- ²⁷⁵ *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 950.
- ²⁷⁶ Na *Bíblia Anotada*, p. 1332 é citado só 2Sm 7,12, ampliamos o trecho para melhor entendimento.
- ²⁷⁷ WIKIPÉDIA, *Salomão*, disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Salom%C3%A3o>
- ²⁷⁸ *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 1538.
- ²⁷⁹ JW (site). *O Templo construído por Salomão*, disponível em https://assetsnffrgf-a.akamaihd.net/assets/m/1001061228/T/art/1001061228_T_sub_lg.jpg
- ²⁸⁰ SILVA, *Analisando as Traduções Bíblicas*, p. 36.
- ²⁸¹ *A Bíblia Anotada*, p. 717.
- ²⁸² *A Bíblia Anotada*, p. 739.
- ²⁸³ *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 744.
- ²⁸⁴ *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 704-705.
- ²⁸⁵ *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1225.
- ²⁸⁶ *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 675.

- 287 *A Bíblia Anotada*, p. 705.
- 288 *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 234.
- 289 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 959.
- 290 *Bíblia de Jerusalém*, p. 860.
- 291 *A Bíblia Anotada*, p. 697.
- 292 *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 37.
- 293 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1205-1206.
- 294 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1206.
- 295 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 972.
- 296 *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 946.
- 297 *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 1021.
- 298 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 971.
- 299 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1293.
- 300 *Bíblia Shedd*, p. 834-835.
- 301 *Bíblia Shedd*, 1ª Coríntios 15,3.4, p. 1625.
- 302 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 684.
- 303 *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 972.
- 304 *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 973.
- 305 *Bíblia Sagrada - Santuário*, p. 1052.
- 306 PIRES, *Concepção Existencial de Deus*, p. 62-63.
- 307 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 285.
- 308 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 194.
- 309 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 39.
- 310 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 266.
- 311 KARDEC, *A Gênese*, p. 18-19.
- 312 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 355-356.
- 313 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 162-163.
- 314 DENIS, *Cristianismo e Espiritismo*, p. 33.

- ³¹⁵ KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 308.
- ³¹⁶ PRIEUR, *Allan Kardec e Sua Época*, p. 24.
- ³¹⁷ KARDEC, *A Gênese*, p. 75.
- ³¹⁸ KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 59.
- ³¹⁹ KARDEC, *A Gênese*, p. 33-34.
- ³²⁰ *Bíblia Sagrada - Paulinas 1957; Bíblia Sagrada - Paulinas 1977; Bíblia Sagrada - Paulinas 1980; Bíblia Sagrada - Barsa; Bíblia Textual; Bíblia Sagrada - SBTB, Bíblia Sagrada - NTLH; Bíblia Sagrada - SBB; Bíblia King James 1611; Bíblia Thompson; Bíblia Shedd e Tradução do Novo Mundo.*
- ³²¹ KARDEC, *A Gênese*, p. 338. Em *A Gênese*, capítulo “I - Caráter da revelação Espírita”, item 46, também é citada a passagem Atos 2,17, p. 33-34; em *O Céu e o Inferno*, no “Prefácio”, também temos nova citação, p. 12-13.
- ³²² *Bíblia de Jerusalém*, p. 1252.
- ³²³ *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1176.
- ³²⁴ *Bíblia Sagrada - Santuário*, p. 1358.
- ³²⁵ *Bíblia de Jerusalém*, p. 1609.
- ³²⁶ *Bíblia do Peregrino*, p. 2201-2202.
- ³²⁷ *Bíblia de Jerusalém*, p. 1609-1610.
- ³²⁸ *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 1226.
- ³²⁹ KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 100-101.
- ³³⁰ KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XXIII - Estranha moral, tópico “Não vim trazer a paz, mas a divisão”, itens 16 e 17, p. 288-289; KARDEC, *A Gênese*, cap. XVII - Predições do Evangelho, tópico “Anunciação do Consolador”, itens 35 a 41, p. 329-332.
- ³³¹ *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 1523.
- ³³² KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XVI, item 191, p. 196.
- ³³³ KARDEC, *A Gênese*, p. 331-332.

- ³³⁴ SILVA NETO SOBRINHO, *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-os-seus-autores-ebook>
- ³³⁵ JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 418.
- ³³⁶ ROHDEN, *Mahatma Gandhi: O Apóstolo da Não-violência*, p. 38.
- ³³⁷ KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 265-266.
- ³³⁸ *Bíblia Thompson*, p. 1441-1444.